Δ. 53.905

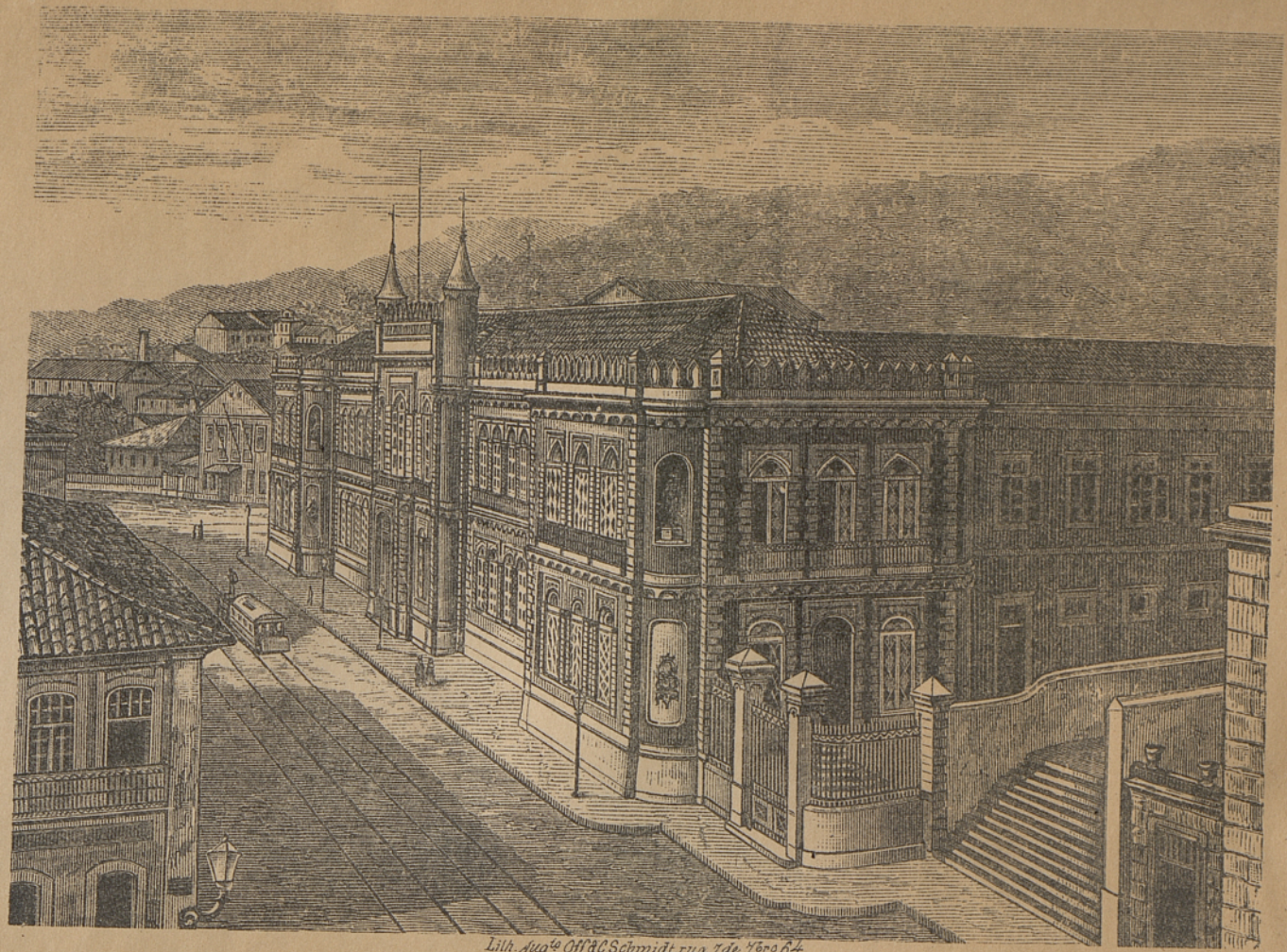
à Ferdinand Denis

à Paris

Δ 53905

53905

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO-1879.-



Lith. Aug.to Off.a C. Schmidt, rua 1 de Março 64.

no

EDIFICIO DA TYPOGRAPHIA NACIONAL.

REVISTA

DA

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

NO

Rio de Janeiro

EM

1879

FUNDADA PELO

Dr. Domingos J. B. de Almeida

Rio de Janeiro
MATHEUS, COSTA & C.--RUA DA QUITANDA N. 120

1879

A Monsieur Ferdinand Denis -
Hommage et souvenir de
son ami.

AOS INDUSTRIAES DE PORTUGAL

Rio de Janeiro 3 de Setembro de 1881

E

MORMENTE

aos que enviaram os seus productos

Á

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

NO

RIO DE JANEIRO

EM

1879

D.

ESTA PUBLICAÇÃO

QUE A MEMORA

O Doutor

Domingos José Bernardino de Almeida

BIBLIOTHEQUE SAINTE GENEVIEVE

REVISTA

DA

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

NO

RIO DE JANEIRO

Em 1879

Uma exposição portugueza no Rio de Janeiro é um acontecimento.

Outr'ora Portugal enviava as suas naus atravez do oceano em busca de novos mundos. Era arrojo estupendo para nação tão pequena que, com um punhado de denodados marinheiros, se elevou e ultrapassou até as nações mais opulentas e grandes, chegando por seus altos feitos a ser alvo da inveja de muitas dellas, e tambem a ser aquilatada por homens illustres (1).

Hoje, se não envia os seus valentes á conquista de novos mundos, envia quasi ao mesmo tempo áo Continente d'Africa tres homens que a atravessam e estudam em proveito da humanidade, e manda ao imperio brazileiro os fructos do seu trabalho industrial, agricola e artistico para conquistar, não povos, mas sim o lugar que lhe compete, a par das nações adiantadas.

Já em identicas lutas do progresso, por mais de uma vez, nas capitaes da França, Inglaterra e Austria, e na cidade

(1) « Ne pouvant accroitre le territoire de son peuple, il lui donna l'ocean », a dit M. Villemain en parlant de l'infant D. Henrique. Et en effet tout constate la justesse de cette expression; dans moins d'un siècle, le petit royaume de Portugal s'egalera presque en etendue au vaste empire des Romains.

(*Le Génie de la navigation*, par Ferdinand Denis, pag. 8, 1847.)

de Philadelphia, se fez representar dignamente, provando que, se não se avantajava, não ficava muito áquem desses povos.

A nossa revista vem portanto reunir em um volume a historia e o resultado deste novo certamen do progresso industrial, agricola e artistico de Portugal.

Será nella compendiada a historia da exposição com os documentos officiaes; serão descriptos e analysados os objectos na ordem em que forem grupados no catalogo.

Será dada, em resumo, a opinião da imprensa brazileira.

Será tambem publicada a chronica dos episodios que occorrerem.

Aceitam-se todos os artigos, assignados, tendentes aos mesmo fins, reservando-nos o direito absoluto de sim ou não os publicar.

A.

Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro

1.ª PHASE.—CONCEPÇÃO. TENTATIVA MALLOGRADA

Não é nosso intuito, nem entra no modesto plano d'este esboço demonstrar as vantagens das exposições em geral, e especialmente das que podem resultar de uma exhibição de productos portuguezes na capital do grande imperio sul-americano.

Facto reconhecido e incontroverso, as exposições internacionaes têm dado ao progresso da industria consideravel impulso, e o movimento commercial adquiriu com ellas novas forças, maior vitalidade.

Posto que ainda o não esteja comprovado pela experiencia, póde-se afiançar *a priori*, pois é intuitivo, que de uma exposição portugueza no Brazil não serão, proporcionalmente, inferiores os proventos que hão de advir aos dous paizes irmãos.

Admittida desde já como certa esta probabilidade, que um futuro não remoto se encarregará de confirmar, pareceu de utilidade colligir aqui os dados para a historia d'esta por tanta maneira auspiciosa empreza. E' o que vamos tentar, pedindo de antemão venia pelas omissões que se possam encontrar no decurso d'este trabalho, attendendo a que, encarregado d'elle de improviso e sem prévia preparação, não teve o collector, afim de supprir a sua notoria incompetencia, tempo e elementos essenciaes para que o esboço sahisse menos imperfeito e mais completo.

A idéa da exposição portugueza no Rio de Janeiro deve-se ao Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa, que a concebeu em 1870 e que desde então a propagou, desenvolveu e, com singular preserverança, se esforçou por pol-a em execução.

Depois de sufficientemente amadurecida, em 1872 communicou-a no Porto, sua cidade natal, aos Srs. Barão de

Massarellos, Visconde de Villar-Allen, Dr. Antonio Ferreira Girão, Dr. Thomaz Antonio de Araujo Lobo, Dr. Antonio Maria Kopke de Carvalho, Gaspar da Cunha Lima e Arnaldo Ribeiro Barbosa, os quaes entre si formaram uma commissão para levar a effeito o patriotico emprehendimento.

Iniciados os trabalhos naquella cidade, o Sr. Marcellino Barbosa partiu para Lisboa a conferenciar com os hoje fallecidos conselheiros Fradesso da Silveira e Teixeira de Vasconcellos e com o Sr. Filippe de Carvalho, proprietario da *Correspondencia de Portugal*.

Estes illustrados cidadãos approvaram o projecto com plena convicção das suas vantagens, e puzeram o prestigio e influencia de que merecidamente gosavam ao serviço d'esta causa progressista.

Consultadas as Associações Commerciaes de Lisboa e Porto pela commissão installadora, presidida pelo Sr. Barão de Massarellos, o seu voto foi altamente favoravel, e ambas officiaram ao Governo Portuguez, affirmando ser esta a exposição que traria reaes interesses a Portugal, e que portanto a empresa que a realizasse era digna dos favores do Estado.

Toda a imprensa portugueza se pronunciou no mesmo sentido, e o projecto teve a rara fortuna de encontrar animação num côro unisono de franco applauso.

Reconhecendo que seria conveniente que á frente da empreza figurasse um cidadão brazileiro, o Sr. Marcellino Barbosa convidou para esse fim ao Sr. Dr. José Joaquim Peçanha Póvoa, que nesse tempo se achava no Porto. Persuadido das vantagens que da exposição resultariam aos dous paizes, o Sr. Dr. Póvoa annuiu ao convite, e trabalhou em commum com o Sr. Barbosa durante o anno de 1872.

Accolhida enthusiasticamente em Portugal, restava averiguar como a idéa seria recebida na capital do imperio.

Partiu pois em seguida o Sr. Barbosa para o Rio de Janeiro, onde já residira alguns annos, e aqui encontrou os favores e auxilios indispensaveis para a realisação da empreza.

Constituiu com um grupo de amigos uma sociedade em conta de participação, com o capital de 120:000$000, moeda brazileira; e o Governo Imperial, com uma largueza de vistas que muito abona a illustração dos estadistas que então presidiam os destinos do paiz, mostrou practica-

mente sympathia e inteira adhesão ao projectado certamen da industria portugueza, offerecendo para palacio da exposição o bello edificio que se construia no largo do Paço e em que hoje se acha a secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas ; e concedendo franquia de direitos aos productos que aqui não fossem vendidos e voltassem para Portugal.

Presidia esse illustrado gabinete o Sr. Visconde do Rio Branco e geria os negocios da agricultura, commercio e obras publicas o Sr. Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior.

Movido d'aquelles valiosos elementos de exito, o Sr. Barbosa regressou a Portugal para requerer ao respectivo governo concessões identicas ás que se haviam destinado ás exposições em paizes estrangeiros.

Encontrou as melhores disposições, e teria obtido o indispensavel, se alguns dos seus socios não entendessem que era forçoso exigir do governo favores desarrazoados. D'aqui nasceu séria divergencia, e, como não houve meio de chegar a accôrdo, dissolveu-se a sociedade formada no Rio de Janeiro.

O Sr. Barbosa, cançado de tantos esforços, ora baldados perante este inesperado contratempo e pezaroso de ficar inutilisada tamanha somma de trabalhos que tão prospero successo promettia, sentiu-se tomado de desanimo, e poz por então forçada pausa ás suas diligencias.

Todavia a esperança não o abandonára de todo, e, com a fortaleza que dão as grandes convicções, resolveu adiar para melhores dias a sua concepção, aguardando que as circumstancias lhe deparassem ensejo favoravel para a levar ao cabo.

J. DE M.

(*Continúa.*)

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

I

Quem entra no bello edificio onde se acha inaugurada a exposição dos productos industriaes portuguezes, não póde deixar de sentir-se agradavelmente impressionado, tanto pela profusão, como pelo esplendor dos objectos que ahi se offerecem á curiosidade e á admiração dos visitantes.

Os salões elegantes, apezar de suas vastas proporções, pois abrangem todo o pavimento superior da Typographia Nacional, parecem não ter todavia a necessaria capacidade para conter tantas e tão admiraveis manifestações do trabalho industrial e artistico dos expositores que concorreram a dar interesse e lustre a esta festa, digna de apreço, não só da nação que tão elevadamente representam, como dos extranhos, que não podem deixar de sympathisar com os insignes, e muitas vezes arrojados esforços da infatigavel e laboriosa iniciativa de um povo, que aspira a competir, em tão nobre e pacifico empenho, com os mais cultos tentamens das nações adiantadas no caminho da civilisação e do progresso moderno.

Portugal, cuja brilhante historia nos ensina que seus filhos, movidos sempre pelo mais acrysolado patriotismo, e instigados por natural ardor, foram em remotos tempos não só os mais valentes guerreiros da Peninsula, como os mais temerarios navegantes, traçando sobre o dorso indomavel do oceano, os roteiros da India e do Novo Mundo, não podia escapar á evolução social, a cujo irresistivel impulso se tem realisado as mais assombrosas conquistas moraes e materiaes de nosso seculo.

A exposição portugueza é neste sentido irrecusavel testemunho, e prova que, os braços affeitos a manejar as armas do combate, não são menos esforçados quando empregam a sua robusta energia, pondo em acção os instrumentos do trabalho.

Quem examina, pois, na primeira e simples inspecção

a generalidade dos productos industriaes que se encontram nesta exposição, não póde deixar de reconhecer que são elles resultado de uma educação profissional adiantada, e que, naquelle paiz, as classes operarias manifestam a um tempo notavel aptidão para os commettimentos que neste genero emprehendem, direcção racional e methodica no lavor e aperfeiçoamento desses mesmos productos.

Ora, só o operario intelligente e illustrado, póde aperfeiçoar as suas obras, a ponto de fazel-as competir na concurrencia com as obras similares que possa encontrar, disputando-lhe a utilidade e o gosto, vindas de outras procedencias, e procurando obter preferencia nos mercados.

A estas considerações parece-nos satisfazer a maior parte dos productores portuguezes que tomaram parte na actual exposição.

Tomaremos o primeiro exemplo da sala em que se acham expostas as obras de ourivesaria.

A variedade dos objectos, o bom gosto artistico com que estam modelados, a delicadeza do lavor, o esmerado aperfeiçoamento com que foram acabados, denotam applicação estudiosa e a paciencia, a que chamaremos heroica, no trabalho.

No meio dessas cascatas de ouro e de brilhantes, de rubis e de perolas, que se ostentam nas vitrinas e nos elegantes mostradores, apparecem as obras de filigrana de ouro e de prata, que no maravilhoso e fino arrendado não desdizem de quanto de mais admiravel conhecemos, devido á proverbial paciencia dos operarios chinezes.

Se a arte de ourivesaria, sempre tão cultivada em Portugal, chegou hoje a este ponto de aperfeiçoamento, não temendo a concorrencia dos productos francezes, que nobremente lhe disputam o terreno, convém investigar agora, e o faremos em subsequentes estudos, se póde nos preços competir com estes no mercado, pois no caso affirmativo deve assegurar-se que um bello futuro está reservado neste ramo industrial aos artistas e aos fabricantes portuguezes.

Ao entrar na sala onde se acham expostos os objectos de ceramica, não é menos merecida a nossa admiração.

Ahi se encontram apparelhos de louça tão notaveis

pelo bom gosto, como pela qualidade da materia manipulada, e muitos outros especimens de uso domestico, ou de puro recreio, todos dignos de satisfazer plenamente a curiosidade dos visitantes.

As imitações de louças de faiença, da China e de porcellana de Sèvres, ao lado da louça de Caldas da Rainha, cujos productos nos são tradiccionalmente conhecidos, dão a mais irrecusavel prova do esmero e do aperfeiçoamento com que em Portugal se fabricam semelhantes productos, que correspondendo na barateza do preço com os que se apresentam vindos de outras procedencias, darão seguramente interesse aos fabricantes, tornando-se mais conhecidos no mercado brazileiro.

No mesmo caso está a exposição de vidros e de crystaes. A elegancia das fórmas, inteiramente liberta do despotismo que por tanto tempo tolheu os vôos das industrias favorecidas pela inspirada influição da arte, dá apreciavel documento de que a industria do vidro tem recebido em Portugal notavel desenvolvimento, e póde competir na belleza de seus productos e na brilhante transparencia dos artefactos, com o que de mais notavel neste genero produzem muitos outros paizes.

Na sala consagrada á exposição das bellas-artes tambem encontramos objectos dignos de admirar-se, não só entre as pinturas a oleo, como entre alguns primorosos desenhos e lithographias, de que mais adiante nos occuparemos minuciosamente.

Ali se acha o busto de José Estevam, primorosamente cinzelado em marmore branco. E' realmente elle ! Aquella fronte elevada e espaçosa, aonde a musa da eloquencia havia levantado o seu templo, dá á sua physionomia grega, uma expressão de serena magestade, que o torna semelhante a um mytho olympico ! Curvemo-nos respeitosos perante o vulto do grande orador portuguez, que tanto na tribuna parlamentar, como nos comicios populares, e ainda nas infatigaveis lutas da imprensa politica, foi sempre o apostolo da verdade, o defensor da justiça, e o extrenuo campeão da liberdade ! Este nome é uma das mais legitimas glorificações de sua patria. José Estevam éra um dos raros homens, que no fragor das contendas do presente, e diante da tremenda solução dos grandes problemas de seu seculo, ca-

minhou sempre audaz e tranquillo, não perdendo nunca de vista, a luminosa visão do futuro, em cujos horisontes via raiar o esplendido sol da razão e do direito.

Depois de havermos saudado o eminente orador, entremos agora no compartimento destinado á exhibição dos artefactos de luxo, da riqueza e da opulencia, reprodusidos nos admiraveis tecidos de seda e de damasco, que merecem realmente ser considerados com admirativa attenção.

Não só a qualidade, como a perfeição do tecido, e ainda, para mais os fazer realçar, a firmeza e o brilhantismo das côres, dão a todos estes productos da industria manufactureira portugueza, titulos de nobreza, que os faz concorrer com os mais fidalgos privilegios dos fobricantes de outros paizes, mais prosperos e adiantados que Portugal.

Quando entrarmos minuciosamente na apreciação destes productos, parece-nos que poderemos satisfactoriamente comprovar esta rapida asseveração.

Passaremos, sem nos demorar por agora, diante das vitrinas onde se acham expostos os bellos especimens de luvas de pellica, assim como os couros perfeitamente preperados, que servem para confeccionar estes produ tos ; e não nos demoraremos tão pouco diante dos pannos e casimiras de que encontramos aqui numeroso e variado sortimento, dizendo apenas que foi agradavel a impressão que nos produziram em sua generalidade estas manifestações da industria portugueza.

Attrahe-nos neste momento a exposição de cordoaria, onde se acham aproveitadas diversas qualidades de fibras manufacturadas com a maxima perfeição, pois na solidez e na escrupulosa delicadeza do entrelaçamento, não conhecemos neste genero trabalho superior.

Entre as obras de marcinaria, sobresahem alguns specimens dignos de attenção, e que foram muito apreciados na recente exposição universal de Paris. A'cerca deste assumpto mencionaremos especialmente as imitações de mobilia antiga, cujos assentos de cadeiras e os espaldares são feitos de couro em relevo, assim como algumas peças de castanheiro e outras madeiras, não menos artisticamente trabalhadas.

Merecem tambem honrada menção os livros de ensino e alguns mappas e cartas geographicas, dignos realmente de louvor.

Falta-nos, nesta rapida excursão, entrar na grande sala destinada aos productos agricolas, assim como ás conservas de fructas, e grande numero de productos de consumo domestico, como sejam biscoutos, amendoas e doces, e assim tambem conservas de peixe, carne e legumes, e aqui nos demoraremos determinadamente alguns instantes mais.

A exposição de vinhos portuguezes é quanto póde haver de mais delicado e opulento, e realmente primoroso neste genero tão apreciado por quantos sabem dar valor ao licôr que dizem rejuvenescer o sangue e diminuir a idade aos que o logram moderamente saborear. A exposição contem 20.000 garrafas de vinho! Podia fornecer o precioso phalerno a um banquete em que se solemnisasse a fraternidade de todas as nações civilisadas!

Entre as 300 qualidades de vinho portuguez que ahi se encontram, um só productor, o Sr. Antonio Caetano Rodrigues, membro importante da municipalidade do Porto, expõe 56 qualidades de vinhos diversos!

Temos traçado rapidamente a primeira impressão que recebemos, visitando os salões da exposição portugueza no Rio de Janeiro, e concluimos asseverando, que as industrias daquelle paiz, em determinados generos, competem com as mais adiantadas de outros paizes, não concorrendo menos para dar um lugar de honra aos laboriosos e energicos esforços daquelle povo, que tão glorioso se mostrou nas victorias militares, como o é hoje nas festas civilisadoras da paz.

E. Z.

IMPRENSA BRAZILEIRA

Era nossa intenção começar só no segundo numero da revista a transcrever resumidamente a opinião da imprensa, editoral ou não; porém não podemos furtar-nos ao prazer de publicar alguns excerptos do artigo — Exposição portugueza e exposição internacional no Rio de Janeiro (1), — no que diz respeito a Portugal e á exposição que ora se exhibe.

O estylo é o homem.

Verdade esta incontestavel.

Trueba foi forçado a escrever, ao correr da penna, um romance para poder continuar uma viagem urgente, por isso que lhe tinha esquecido o passaporte. O guarda-barreira deteve-o, preso; mas, felizmente para Trueba, depois de todas as justificações inaceitaveis, conseguiu delle, que era leitor apaixonado dos seus romances, que o deixasse proseguir na viagem, desde que verificou lendo o romance escripto na prisão, que o autor era o proprio Trueba. Assim, nós, applicando *el cuento*, admittimos, não que saiam, que entrem as barreiras da *Revista*, por excepção, os trechos seguintes, não só porque o Sr. V. de C. (sem levantar o véo) é o Sr. C. M., lidador provecto nas lutas jornalisticas, mas tambem porque o seu artigo é obra prima litteraria e de summa importancia para o nosso assumpto, a — Exposição portugueza.

. . . . . .

« Não podemos deixar de entrar nesta succinta e rapida exposição preliminar sobre a evolução industrial do globo, tendo de tratar das tentativas de invasão das industrias européas e americanas em nosso commercio, e das reflexões que este util movimento suggere ácerca do estado actual e futuro das nossas proprias forças economicas e politicas.

(1) *Jornal do Commercio* dos dias 20 e 23 de Julho de 1879.

« Não se póde hoje segregar a vida economica de uma nação do restante do globo. Leis geraes, embora ainda confusas e em contínua revolução, regulam as correntes do commercio, producção e consumo. As relações sociaes de um povo, a sua educação moral e scientifica, as idéas que professa ácerca das relações internacionaes e a posição que assume na distribuição das forças politicas do mundo, determinam as probabilidades de supremacia ou inferioridade, de riqueza ou dependencia, de engrandecimento ou paralysação. Diante destas leis scientificas da sociologia, parece-nos conveniente perguntar: que posição vão assumir no fim do seculo o Brazil e Portugal, as duas organisações sociaes da mesma raça, no concerto geral das nações, no movimento geral da industria?

« Para responder a esta difficil interrogação, é mister pôr de lado todos os preconceitos sociaes e aceitar os factos submettidos á observação.

« O adiantamento das applicações scientificas á vida social, vai comtudo tornando indispensavel a vida collectiva dos grandes grupos de nações da mesma origem. Em vão resistem as idéas, costumes e interesses particulares. Os congressos para uniões postaes, telegraphicas, monetarias, litterarias e estatisticas, denotam que as nações européas quando muito, poderão dividir-se dentro em pouco em tres ou quatro grupos, dos quaes o mais notavel será por certo o anglo-latino, que reunirá Portugal, Hespanha, Italia, Suissa, Belgica, Grã-Bretanha, na mesma confederação economica, sob a hegemonia franceza.

« Os Estados-Unidos da Europa Occidental, que nos parecem actualmente uma utopia diante dos interesses divergentes, são uma necessidade imprescindivel para a sciencia economica. As nações segregadas da vida geral desse grupo, estabelecido pelos caminhos de ferro, fios electricos, communicações postaes, curso geral da moeda e identidade de educação, terão desenvolvimento tanto mais acanhado, quanto se distanciarem dessa vida intima, ou quanto mais inferiores e apoucados forem os elementos de progresso com que entrem para a vida collectiva.

« Não estão ao nosso alcance as ultimas estatisticas publicadas ácerca de Portugal, mas vemos pela de 1876, que a extensão dos fios telegraphicos era de 7,656 kilo-

metros, o numero de despachos transmittidos, de 1.055,061, a extensão dos caminhos de ferro de 966 kilometros, e o numero de navios de longo curso de 575 com 123,526 metros cubicos de tonelagem. Este computo das forças de transporte e communicação indica que o paiz entra com energia na vida da sociedade moderna. Depois desse anno têm progredido os melhoramentos, e o ultimo governo esforçou-se em augmentar os meios de communicação com os paizes visinhos, e é já uma realidade a viação seguida entre Lisboa e S. Petersburgo, atravez da Europa.

« Em 1873, a somma total do commercio do reino foi de 57,661:000$, em moeda forte, cabendo 34,046:000$ á importação e 23,615:000$ á exportação. Este desequilibrio na balança do commercio é, até certo ponto, compensado pelas letras de cambio do Brazil, a quem o reino empresta grande parte de seus braços activos, recebendo em troca desse auxilio industrial os meios de fazer face ao excesso de consumo. Na exportação figuram, em primeiro lugar, as bebidas espirituosas por 8.904:000$, e em seguida frutas por 3,458:000$, productos mineraes por 2.744:000$, e gado por 2.176:000$. Em tecidos, o reino importa 10.444:000$ e apenas exporta 1.082:000$ em diversos productos fabris, importa 2.438:000$, e exporta 479:000$. Estes dados rigorosos, de uma estatistica completamente liquidada, indicam que Portugal, em relação a 4.400:000 habitantes do continente e ilhas adjacentes, tem uma actividade productora que merece encomios e dá as melhores esperanças de rapido desenvolvimento, logo que as barreiras aduaneiras desappareçam, as vias-ferreas internacionaes multipliquem, e guardada a sua existencia politica e instituições particulares, possa entrar com pé de igualdade na vida federativa das nações anglo-latinas.

« Nesse movimento commercial a Grã-Bretanha entrou pela totalidade de transacções com 32,528:000$, ao passo que a França entrou com 5.155:000$, a Hespanha apenas com 4,315:000$ e as possessões ultramarinas com 932:000$. O Brazil importou 3.199:000$ e exportou 3,556:000$. Conceba-se novo regimen economico nos paizes do sul e occidente da Europa, e uma confederação externa dando impulso ás immensas possessões do reino em Africa e aos postos estrategicos do extremo oriente, e calcule-se

com a riqueza do sólo portuguez, a actividade e intelligencia dos habitantes, quanto se póde multiplicar a sua força productora e o importante commercio de transito.

« A industria agricola e a manufactureira, tem em Portugal elementos vastos e já bem adiantados, no cultivo de vinhos, cereaes e fructas, que acham o melhor acolhimento em todos os mercados, e nas conservas alimentares, lanificios, chapellarias, crystaes, productos oleosos, obras de ferro, marmore e pedras, e carnes ensaccadas, que rivalisam com as melhores dos estados vizinhos.

« Fazemos votos para que estes productos sejam perfeitamente conhecidos no Brazil, e se reconheça que pelo seu baixo custo, solidez e excellente qualidade, devem ser preferidos aos artigos de pacotilha, com que nos innundam outras nações de que o Imperio é tributario industrial.

. . . . . .

. . . . . .

« Um dos phenomenos mais curiosos da historia moderna é a formação, dilatação e quasi universal influencia da raça portugueza, que persiste através de todas as tranformações politicas. A' excepção de Roma e Tyro, na antiguidade, nenhum povo mais pequeno teve tão grande influencia sobre os destinos do mundo. Não é uma nação que subsiste com pouco mais de 4 milhões, são 18 milhões de pessoas, fallando a mesma lingua, accusando o mesmo molde ethnographico com a mesma solidez de caracter, que além do reino, estão espalhados pela margem americana do Atlantico, golpho de Guiné, costa occidental da Africa, costa oriental, mar Vermelho, golpho Persico, Oceano Indico, mar da China e Pacifico. Se fosse possivel escrever um diccionario completo da lingua portugueza, com todos os termos admittidos das linguagens locaes, e oriundos dos idiomas com que o portuguez se entrelaçou, esse diccionario seria polyglotto.

« Este estranho espectaculo tem despertado a attenção do espirito mais despreoccupado. Jacolliot, o audaz novelleiro, o *Voltaire do Oriente*, que não respeitou tradi ção alguma da sciencia historica, escreveu uma das mais bellas paginas de admiração pelos trabalhos dos Portuguezes no Oriente. Polgraue, o descobridor da Arabia Central, foi nscrevendo com o maior pasmo em suas notas de viagem

pelo golpho persico, os innumeros vestigios do genio militar e do dominio portuguez naquellas paragens. Max Muller reconhece que os primeiros cultores do orientalismo, os descobridores do sanscripto, e registradores preciosos da antiga civilisação indiana, foram os padres das missões de Gôa e Malaca.

« O homem original, que mais nos maltrata em suas notas recentes de viagem, o Conde de Roctechouart, não póde negar-se a escrever estas palavras :

« Não é singular observar-se que a nação européa « de mais curto dominio na Arabia e India, é a que deixou « mais indelevel recordação? Os seus vestigios persistirão « a encontrar-se quando a propria Europa tiver desappa- « recido. »

« Em outro trecho de suas obras, confessa que a lingua franca de todo o Oriente, desde Ceylão a Pekin, é ainda o portuguez corrompido, que fórma a base dos dialectos locaes com que os interpretes entendem os europêos.

« Esta vitalidade da raça portugueza, a tendencia para a supremacia civilisadora, manifesta-se com igual censo na população complexa que se está unificando em todo o Brazil. Aproveitar esta energia na industria, parece-nos ser tentativa digna de toda a attenção.

. . . . . .

« O Brazil herdou de Portugal a gloria de ter entregue metade do mundo á civilisação moderna, mas deu tambem a igualdade ás raças proscriptas, fundou a verdadeira democracia christã, renovou nas artes e na industria a vitalidade da raça latina, e preside no hemispherio do sul a grande marcha do progresso moderno. »

CHRONICA

Vê-se um homem intalado, entre a cruz e a caldeirinha, entre a espada e a parede.

Escreve ou morres.

Queremos chronica, os episodios arranja-os ; se os não ha, inventa-os.

Já se vio posição mais critica? é mais barbara que o supplicio de Tantalo. Venha chronica humoristica para cá, e acabou-se.

E que fazer? contra a força não ha resistencia.

E' encher tiras, dê por onde dér.

Maldita exposição. Vir cá pôr a gente em talas, sem ter braço ou perna fracturada!

Declaro solemnemente que se tivesse meios de fugir, batia a linda plumagem para a Patagonia, onde não ha exposições, ha selvagens, que me parece que serão menos exigentes, pela simples razão de não forçarem ninguem a escrever!.... Lá não se escreve, que me conste, come-se, bebe-se e dorme-se. Acho melhor comer, beber e dormir, do que escrever chronicas.... e chronicas de que? de bugigangas para nos comerem o dinheiro, sem graça nenhuma. Vir cá tentar a humanidade com os seus quadros, com as suas filigranas, com as sedas, luvas, chapéos, louças, casimiras, vinhos! vinhos que nos embriagam! e por fim cordas, e que cordas?! Santo Deus.... creio que nos querem enforcar a todos, ou então vem dar-nos armas para o suicidio ; nada, armas, já cá temos muitas. Verde paris e phosphoros, chega muito ; dispensamos as cordas, são muito duras.

E por fim ia-me esquecendo a chronica.

Querem chronica, e chronica humoristica! Eu que sou o prototypo do máo humor, como hei de escrever consas para rir, engraçadas, espirituosas, com sal, picantes ; isso tudo é bom para os homens alegres, chistosos e felizes.

E se eu pudesse ao menos como os poetas, invocar a musa dos chronistas, a musa ridente, a musa galhofeira....

Mas não sei que exista, e se existe não a conheço. Ah! se eu tivesse como o poeta dos *Lusos* uma preciosa esposa para invocar, estou certo qne ella me daria preciosos elementos para esta chronica, porém eu sou um triste solteirão!

Emfim, vamos ao assumpto. Vejamos se me recordo de algum episodio digno de ser trasladado para estas paginas immorredouras.

Antes da inauguração que houve?... houve muita peripecia, é verdade; houve a tentativa de Exposição em 1870 que se malogrou em 1872, porque os pretendentes pediam dinheiro ao governo, navios de guerra, ostentação official, e quasi que pediam o rei e a rainha em redômas, e então o governo disse-lhes, se pedissem mais... acho pouco.... e ficou desfeita a tentativa. Muito bem.

O amigo Marcellino, teimoso como paulista, calou-se com o jogo, fez de conta que não era com elle, foi protestando por causa das duvidas, para não perder a prioridade, e zás.... o anno passado revive a idéa, e assim como a tisica galopante, leva tudo de codilho. Até derrocou uns collossos que o queriam eclipsar. Pol-os em debandada, sem que pudessem resistir. Vontade *benefica* não lhes faltou aos taes typos.

Queriam metter a exposição nas enfermarias! era devéras mau gosto! e demais tão longe, fóra de villa e termo, a 400 rs. por viagem! Era de muito mau gosto, era mesmo para se dizer « a exposição portugueza adoeceu á chegada e lá está em tratamento, e com doença incuravel, inclusive a commissão, gerente, expositores, emfim tudo. »

Nada, alli está melhor, muito melhor animada pelos fundos com as luzes da imprensa nacional; á esquerda refresca-a a agua da Carioca; á direita inspira-a a opera lyrica, e a cerveja do Bartholomeu. Está melhor incontestavelmente. Mas por fim, nada de episodios, já enchi quatro tiras de papel e o espaço permittido está a findar.

Nada eu heide descubrir por força algum.... episodio. Euréka.... ao visitar o salão do grupo da agricultura (ex-salão dos bailes.... populares), examinava eu os preciosos vinhos, que ainda não provei (tal qual como o Caipira com Othello que não viu), acompanhado de um velho amigo Darwi-

nista e eis que nos aborda um espiritista! Então por onde tens andado, que te não vejo?

Diz elle ao meu amigo.

Não tens querido assistir ás sessões! continuas a não crer no espiritismo?

Olha, ainda outro dia na presença de muitos incredulos como tu, cathedraticos, homens de saber, conseguiu-se que um analphabeto escrevesse um artigo sobre mathematicas transcendentes... Que dizes de factos desta ordem?

Digo-te.... respondeu o meu Darwinista com toda a pheugma de verdadeiro inglez, sem o ser, e com um sorriso que lhe é peculiar.... digo-te, que o unico espirito que aprecio e em que acredito é o que contêm estas vinte mil garrafas que ahi estão. Podes tu arranjar-me um calix de muscatel de Setubal?

Não posso.

Já se vê que não tens espirito.

Nem eu, paciente leitor.

Agora me recordo, que podia muito bem desculpar-me, para não escrever isto, allegando que não havia episodios antes da inauguração. Sim podia, mas foi melhor escrevinhar estas sensaborias, que serão a minha condemnação, e um bom meio para ser eliminado ou posto á margem.

Assim seja, para allivio dos leitores e descanso do amargurado espirito de

PAULO.

Luciano Cordero

LUCIANO CORDEIRO

Entre os cavalheiros que se collocaram á frente da idéa iniciadora da exposição industrial portugueza no Rio de Janeiro, compete naturalmente o lugar de honra ao Sr. Luciano Cordeiro.

E' por este motivo que publicamos o seu retrato no presente numero da nossa REVISTA.

Este nome personifica em sua patria um dos mais legitimos talentos da geração actual. Espirito reflectido e circumspecto, o distincto escriptor, é um dos mais brilhantes cultores das lettras e das artes, e ao mesmo tempo um dos estudiosos mais versados em muitos e variados ramos de sciencia, conhecimentos hoje indispensaveis ao homem a quem está destinado percorrer os longos estadios que a vida de nosso seculo franqueia á energia, e actividade das vocações privilegiadas.

Já não basta saber alguma cousa, é preciso, em nosso tempo, saber muito. A esphera da intelligencia humana tem tomado proporções gigantescas e aquelle que não acompanhar ao menos em suas principaes explorações este desenvolvimento incessante, fica arriscado a representar o papel da resistencia inerte, diante do movimento infatigavel e creador.

O Sr. Luciano Cordeiro parece destinado a realisar este typo sympathico do homem moderno.

Aos recursos naturaes de uma intelligencia robusta e vivaz, o grave pensador reune todas as vantagens que o estudo póde proporcionar aos engenhos superiores, e constitue deste modo uma individualldade caracteristica e notavel.

Não pretendemos escrever aqui a sua biographia.

Os leitores a conhecem, pois foi escripta rapida, mas elegantemente em numeros recentes da *Gazeta de Noticias*, e tanto pelos trabalhos, que tão moço, já tem sabido realisar, como pelos titulos de benemerencia que tem merecido das mais distinctas corporações scientificas e litterarias da

Europa, é facil de ver que o Sr. Luciano Cordeiro conquistou um lugar invejavel entre os representantes mais esperançosos de nossa sociedade.

O Sr. Luciano Cordeiro está ligado por seus antepassados á familia brazileira, e este duplo titulo o recommenda á consideração e ao interesse de Portugal e do Brazil, que igualmente o estimam e admiram.

A exposição portugueza no Rio de Janeiro e o futuro que esta prepara a Portugal

Deixaram-me impressões muito agradaveis as duas visitas que já fiz ás salas da Typographia Nacional, onde se se acham expostos os productos da industria portugueza.

Eu, que conheço quanto em Portugual póde a iniciativa particular, que sei os recursos de que dispõe a sociedade *Fomentadora das Artes e Industrias Portuguezas*, que emfim avalio a força que conquista uma tenacidade inquebrantavel como a do Sr. commissario Marcellino Ribeiro Barbosa, e uma intelligencia cultivada como possue o director geral desta empreza o Sr. Luciano Cordeiro ; eu, ia mais do que prevenido favoravelmente para esta festa solemne de dous povos amigos e irmãos.

Entretanto, e, apezar do meu interesse por este genero de affirmações vitaes do meu paiz, na luta pela sua existencia social, interesse que me tem levado em visita desses sanctuarios do trabalho em toda a parte onde me encontro, não posso esquivar-me á gratissima confissão da minha surpresa.

Não se diga por isto que eu considero a exposição portugueza como a completa manifestação do estado actual das artes e industrias fabris em Portugal.

Não ; é força confessar que muitas se não acham representadas e bastantes o estão em gráo inferior á sua actualidade. Quero, porém, dizer que o que o meu paiz vem mostrar aos seus irmãos de além-mar, n'um primeiro tentamen, sem protecções officiaes, sem larga preparação e sem pomposas promessas, é bastante para chamar a attenção do Brazil em favor do nosso progresso industrial, de fórma a concorrer poderosamente para o unico futuro prospero que eu antevejo áquelle povo europeu, tão cheio de glorias passadas, como de necessidades presentes, e de preoccupações pelo futuro.

Quero dizer que me consola a convicção colhida pelo

meu exame, de que este bom exemplo ha de ter beneficas consequencias ; de que os resultados materiaes e moraes colhidos por esta experiencia, hão de produztr aqui e em Portugal, uma energica corrente, que não só trará a esta terra sympatica e amiga, novas e cada vez melhores provas da nossa actividade, como levará por natural refluxo, o fluido animador do braço e do cerebro portuguezes, na generosa retribuição que os productos expostos hão de alcançar.

E' de ha bastante tempo convicção minha que o futuro de Portugal está sobretudo vinculado ao desenvolvimento da sua industria fabril. Nenhum paiz europeu, a exceptuar a Hollanda, possue trabalho braçal tão acommodaticio e tão activo.

O homem-braço portuguez é docil, robusto, sadio e muito propenso ao ensino. Portugal possue, pelas condicções excepcionaes da sua topographia e mesmo pela estructura e composição do seu terreno, uma abundancia pouco vulgar de materias primas.

As extensas e fertillissimas lezirias dos seus rios sustentam manadas de todas as especies de gado, com que se podem abastecer os armazens de muitas industrias fabris importantes, como a fiação e tecidos, os cortumes, a industria tacticifera, etc. Nestes mesmos extensos prados, immensas especies vegetaes das mais ricas materias industriaes, como assucar, principios colorantes, feculentos e oleosos, se podem cultivar com opulenta producção.

Bastará citar a beterrava que, por bem feitas analyses de um dos homens mais considerados em Portugal em tudo que respeita ao nosso estudo agricola, contêm uma percentagem saccarifera superior á que se obtem nos melhores prados do sudeste da França.

A flóra indigena possue uma rasoavel variedade de especies fibrosas e textis, e a experiencia recente tem demonstrado que muitas outras, pertencentes a longiquas regiões se aclimam com extrema facilidade no sólo portuguez.

As extensissimas cintas do littoral, ainda pela maior parte entulhadas de areia, permittem a plantação de mattas, principalmente povoadas pelo pinheiro silvestre que cresce e se desenvolve bem nesta ordem de terreno. Tem-se a eloquente prova disto; nessas florestas de muitas leguas mandadas semear por el-rei D. Diniz ; exemplo que até hoje

ainda não servio senão para se deshonrar, abatendo-se em larga escala os nossos pinhaes maritimos, em vez de se augmentarem estes utilissimos elementos da riqueza e prosperidade nacional.

E' ao abandono pertinaz do littoral portuguez que se deve esse quadro desconsolador, desenrolado ante os olhos do homem que do alto das nossas serras, sobranceiras ás costas contempla essa desolação do arenoso deserto, cada dia mais ampliado pela successiva invasão das *dunas* nos terrenos ferteis e cultivados.

Esta mesma especie vegetal, o pinheiro, se desenvolve magestosamente nas nossas encostas e cerros, revestindo o pendor das montanhas e os seus dorsos, de fórma a matysar a topographia do paiz, e a proteger com a sua sombra, com a sua endosmose atmospherica, muitas outras especies rasteiras e uteis que de outra fórma não poderião existir. E, para me não estender na enumeração de muitas de nossas especies florestaes que fornecem riquissimas materias primas ás industrias fabris, bastará lembrar esta de que me estou occupando. Ha mais de dous annos, ultima vez que analysei o estado da exploração economica desta preciosidade vegetal, o pinheiro fornecia já 17 materias primas de outras tantas industrias importantes.

Portugal possue condicções hydraulicas naturaes que raro se accumulam com tanta prodigalidade no continente europeu. A hydrographia portugueza é inteiramente excepcional. Os rios principaes que atravessam o paiz do oriente para o occidente são amplos. O poetico Minho, o formoso Lima, o magestoso Douro, o indomito Vouga, o romantico Mondego, o Tejo, o Guadiana, são outras tantas arterias de commodo e barato transporte.

As aguas que se despenham das serranias em pequenos rios, ribeiros e levadas naturaes, descem geralmente com tamanha inclinação perto de chapadas ou campos extensos, que parecem canalisadas pela mão do homem industrial para fornecer poderosos motores das suas machinas.

Mas, quando mesmo estas condicções de riqueza mecanica não existissem espalhadas com profuza abundancia por todo o paiz, poderiamos reccorrer com confiança a esse elemento fundamental da industria moderna. A riqueza mineralogica de Portugal é bem conhecida por quantos tem

percorrido a sua superficie sem se limitarem a dilatar os olhos por ella.

Os antigos chamavam a Portugal a região dos terremotos, e para quem possue as noções rudimentares da sciencia geologica, basta este bem cabido nome para mostrar a *priori* qual deve ser a riqueza mineralogica do sólo portuguez. Os terremotos são uma das manifestações certas dessas forças subterraneas que transportam com gigantescas impulsões e a distancias desmesuradas, os productos cristallisados ou amorphos da mineralisação, de que ellas mesmas são muitas vezes as causas pelo poderoso processo do metamorfismo.

O carvão, para me limitar a esta materia verdadeiramente inicial na moderna industria, existe em extensos jazígos por todo o paiz, e, graças ao somno do justo em que a nossa exploração mineira tem dormido, estes grandes depositos notaveis estam quasi por escumar.

Entretanto, as poucas e fracas tentativas que tem sido feitas já hoje, pouco tempo depois do seu começo se acham coroadas do mais auspicioso resultado. Basta citar as ricas minas do Braçal, no districto de Aveiro, as de Buarcos, junto á Figueira da Fóz, as de S. Domingos no sul do paiz, e, emfim, as do Bussaco que já foram descobertas depois da minha retirada para o Brazil.

Por ultimo, Portugal possue actualmente condicções de transporte, relativamente muito superiores. Além das suas vias fluviaes a que já me referi, e das suas magnificas estradas de *macadam* que são de longa data, este paiz alcançou modernamente numerosas e bem construidas vias da communicação accelerada.

A rêde dos caminhos de ferro pertuguezes que ha 10 annos ainda se limitava a duas linhas, sendo uma entre Lisboa e Porto e maritima, passando n'alguns logares a algumas desenas de metros do mar, acha-se hoje estendida por todas as provincias do paiz, e atravessa os logares mais importantes debaixo do ponto de vista industrial e commercial.

Em poucos annos, construiram-se as linhas do Minho e do Douro que atravessam todo o paiz do norte até á fronteira espanhola, acham-se em adiantada construcção as linhas do centro, que atravessam as provincias do Douro

e das Duas Beiras, e emfim, as linhas do Algarve, que virão trazer, em pouco tempo, esta notavel e infeliz região portugueza ao grande e facil convivio economico e politico de que andava tão arredada.

Junte-se a tudo que deixo rapidamente osboçado a circumstancia ainda excepcional da posição do paiz, no caminho de todas as grandes direções do commercio do mundo, formando como que o coração deste movimento grandioso, e ver-se-ha bem evidenciada uma das poderosas razões da convicção que possuo, que o futuro de Portugal se acha intimamente ligado a seu desenvolvimento industrial.

(Continúa.)

A. Zeferino Candido.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

II

FESTA INAUGURAL

Realisou-se no dia 6 do corrente, conforme estava designado, a inauguração da Exposição Industrial Portugueza no Rio de Janeiro, tendo lugar esta modesta e ao mesmo tempo solemne festa do trabalho, no bello edificio da Typographia Nacional, á rua da Guarda Velha.

A's 11 horas da manhã, achando-se presentes SS. MM. II., ministros de estado, deputados, senadores, altos funccionarios publicos, commerciantes, capitalistas, industriaes, jornalistas, homens de lettras e de sciencia, e finalmente grande numero de familias da mais distincta sociedade, leu o Sr. Luciano Cordeiro, na qualidade de director geral da Exposição que tão dignamente representa, o discurso inaugural ; e após a visita de SS. MM., os salões foram immediatamente franqueados á curiosidade dos convidados.

O discurso do Sr. Luciano Cordeiro produzio viva impressão no auditorio. O distincto escriptor portuguez, explicou o pensamento que presidira á nobre realisação deste louvavel tentamen, inspirado unicamente nos esforços da iniciativa particular de seus concidadãos, e mostrou com o mais fervoroso reconhecimento quanta sympathia e bom acolhimento havia encontrado esta generosa idéa no coração dos brazileiros, sempre propensos a auxiliarem todas as manifestações do progresso, e a estreitar os laços que vinculam as duas nações, não só irmãs pelas tradicções da historia, como pelos interesses reciprocos de suas relações sociaes, commerciaes e economicas.

E na verdade, a impressão dos objectos expostos, como que robustecendo a convicção daquellas palavras, foi realmente satisfatoria.

O povo, que tem sempre a intuição das grandes verdades, comprehendeu desde esse dia, visitando assiduamente os vastos salões da Exposição, que este maravilhoso resultado do trabalho individual, provocando corajosamente a luta no terreno da concorrencia, éra uma nova e mais segura garantia, não só para actividade e emulação dos productores, como o que deve naturalmente succeder, em vantagem sua, para o interesse real e economico dos consumidores, que sempre ganham, todas as vezes que podem satisfazer as necessidades encontrando nos mercados productos aperfeiçoados e por preço relativamente mais diminuto.

A concurrencia tanto na esphera individual, como entre os interesses commerciaes das nações, não é mais do que a luta pela vida, tão satisfatoriamente explicada nas evoluções da vida animal pelo celebre naturalista inglez Carlos Darwin.

A doutrina evolutiva, applicada natural e engenhosamente por Spencer, ao desenvolvimento social, consagra a luta pela existencia, como elemento primordial do progresso, tanto no mundo physico, como na ordem moral.

Esta é a base da sciencia sociologica. Os factos o comprovam a todos os momentos, e em qualquer que seja o campo escolhido para nossas investigações.

E' assim que os povos passam de um estado mais grosseiro, a um estado mais perfeito, e mais adiantado de civilisação.

Portugal não podia ficar estranho a este movimento evolutivo. Nação, cujo genio emprehendedor de seus filhos, a levou a representar um importante papel na historia do passado, quando o genio das conquistas e o ardor dos audazes descobrimentos, lhe alargou na Europa os seus dominios territoriaes, e nas outras partes do mundo, onde conseguio plantar os marcos gloriosos de sua grandeza nacional, passando por um longo periodo de esteril indolencia e de lutas ainda mais estereis, entrou ainda ha poucos annos, com minguados recursos, nos pacificos certamens em que actualmente se empenham todas as grandes nações civilisadas, e sahio tambem victoriosa de seus novos commettimentos.

Este movimento progressivo, não se tem realisado, como seria apparentemente acreditavel, sem escapar aos olhos

do observador, que acompanha com interesse a tendencia e a marcha da sociedade contemporanea.

Não foi curto o aprendisado dos portuguezes nas provanças do despotismo. Após esta causa de enfraquecimento nacional, as dissensões dos partidos politicos, agitados em crua guerra, pareceram por algum tempo haver enervado de todo a força vital do povo.

Contemplando com os braços crusados os tropheus conquistados pela espada de seus guerreiros monarchas, ou olhando com intima tristeza a fachada dos Jeronymos, em cuja poetica architectura gravára D. Manoel o poema de suas victorias maritimas, a energia daquelle povo laborioso e valente dir-se-hia que havia para sempre adormecido á sombra de seus vetustos laureis.

Cançado finalmente de esperar a tardia realisação de tantas promessas illusorias, o povo desenganou-se, e, medindo suas forças, em arena menos arriscada, se não menos fadigosa, julgou-se apto para entrar ardentemente nas explorações do trabalho pacifico, na cultura das artes, e nos emprehendimentos industriaes, que a sciencia e o estudo consagram como os estimulos mais energicos da regeneração intellectual e moral do presente e do futuro das nações adiantadas.

Os homens de talento e a imprensa tomáram grande parte nesta gradual, mas segura transformação. Nem todo o povo lê, nós o sabemos, mas as idéas recebidas dos que cultivam a intelligencia, vão naturalmente exercer sobre as multidões ignorantes o seu benefico influxo.

Esta é a acção indirecta, mas legitima da instrucção. Não se diga, portanto, que o trabalho aperfeiçoado possa ser o producto da ignorancia, e que o operario rude está nas condicções de lutar vantajosamonte na concurrencia com as obras manipuladas por aptidões mais esclarecidas e braços mais destros, pois esta conclusão seria a negação do estimulo moral, origem e incentivo do progresso industrial, e de todos os outros elementos do aperfeiçoamento social.

E' por este motivo que, depois que as casernas e os conventos, onde se esterilisavam tantos braços productores, foram convertidos em officinas e em fabricas, a evolução moderna principiou a manifestar-se em Portugal, e sob

tão bons auspicios ella se realisou que podemos hoje admirar os seus productos industriaes ao lado dos mais perfeitos de outras e das mais apreciadas procedencias.

Ao tinir das armas, e ao silencio nem sempre justificado pelo cultivo das lettras e do pensamento, que reinava nos velhos mosteiros, succedeu por toda a parte a orchestra do trabalho, dirigida pelo silvo da machina a vapor, e acompanhada pelos échos retumbantes do martello e da bigorna, pelo rumor dos téares, e por toda essa multidão de sons confusos e mysteriosos que traduzem ao mesmo tempo o progresso incessante da natureza e o progresso incessante da humanidade, caminhando por entre as ruinas do passado para as perspectivas luminosas do futuro.

As grandes conquistas da sciencia moderna, isto é, a mechanica, a chimica e a physica, favorecendo o desenvolvimento das industrias, alliaram estas ás inspirações da arte, e deste consorcio simultaneamente idéal e humano, nasceram as maravilhas que tanto nos assombram em quasi todas as manifestações da civilisação moderna.

E' por meio da comparação que podemos chegar a estas conclusões.

O ouro e a prata, fabricados até ha pouco tempo em Portugal, salvo as poucas excepções em que estes metaes foram trabalhados sob a inspiração verdadeiramente artistica, serviam em geral para a composição de artefactos que, se por ventura se recommendavam pelo bom quilate da materia prima, não lhes acontecia seguramente o mesmo em relação ao gosto, ao acabamento da mão de obra, e a esse requinte de delicadesa nas fórmas plasticas, sem o que não ha hoje possibilidade de tornar aceitaveis aos exigentes compradores os objectos desta natureza.

O mesmo poderiamos assignalar relativamente aos tecidos, ás louças, aos crystáes, e em geral aos generos classificados na sala dos productos agricolas, onde se nota, comparados aos productos similares antigos, differença que muito deve ser levada em conta aos esforços e á intelligencia da maioria dos industriaes portuguezes.

De qnanto havemos observado devemos concluir que muitas são as vantagens que o publico em geral deve obter desta importante exposição. Generos mais baratos e mais perfeitos são offerecidos ás necessidades dos con-

sumidores, em alguns ramos especiaes, libertando-os da tutella dos monopolisadores, e dando-lhes garantias que até aqui menos facilmente encontravam.

Neste sentido merece os maiores louvores a companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal, a cuja frente achamos no Rio de Janeiro o nome por tantos titulos sympathico do Sr. Luciano Cordeiro, e dos outros delegados da companhia, os Srs. Marcellino R. Barboza, Caetano de Carvalho e Alvaro Geraldes.

Concluimos estas ligeiras reflexões, transcrevendo o discurso inaugural do Sr. Luciano Cordeiro. Neste importante trabalho, profundamente meditado, e onde pompeiam os adornos de um estylo brilhante e masculo, encontrarão os leitores o bem traçado plano de louvavel inciativa que deu origem a esta esplendida festa.

« A exposição que a companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias vem inaugurar no seio da hospitalidade e do progresso sul americano, não é—devemos antes de tudo dizel-o franca e sinceramente, sem allusões e sem reservas—não é um rapto de estimuladas prosapias, nem um certamen, sequer, aberto ás generosas rivalidades do trabalho internacionol.

« Não é tambem—intencionalmente o não foi na sua preparação positivamente quizemos que o fosse nos perigos e responsabilidade do seu exito—uma affirmação ostentosa, official da vitalidade e dos recursos, dos esforços e das opulencias desta civilisação portugueza tão mal julgada, por tão mal conhecida.

« Nós vimos aqui ao meio de uma sociedade onde contamos os cidadãos pelos amigos, podemos dizer, os estrangeiros pelos irmãos—desarmados de delegações officiaes e isemptos de outras responsabilidades—que não sejam as de uma iniciativa modesta e livre.

« Sabemos que não desservimos a patria, mas sabemos tambem que a representamos apenas no amor e no empenho que todo o portuguez que presa e se presa põe em bem merecer della,

« Cumpre-nos inscrever este testemunho na testada do nosso esforço para que sobre as nossas fraquezas sómente, que não deram de certo para as aspirações da nossa vontade, caia o julgamento severo da historia.

« Fizemos o que pudemos e nem tanto fariamos se não fosse accudir-nos o mais generoso patrocinio brazileiro, como que a medir competencias de intelligente estimulo e de estremado favor com o melhor de que o patriotismo portuguez é tradiccionalmente prodigo.

« O mesmo foi lançar a companhia a sua idéa atravez deste largo mar que mais parece estreitar que dividir os dois povos,—o mesmo foi que sahir-lhe ao encontro, daqui o farto galardão de todos os nossos trabalhos, no acolhimento e nas adhesões estimulantes e gloriosas em que esta jocunda terra sabe envolver e acalentar todas as idéas justas.

« Ainda ha dias ao aportarmos a Pernambuco, aquella formosa cidade que partilha por igual as suas glorias com a vossa e nossa historia,—ainda ha pouco ao pizarmos a primeira parcella do solo brazileiro, nos vimos rodeados de muitos braços fraternos que escondiam a separação politica na larga generosidade da sua saudação á idéa que nos trazia aqui.

« E agora mesmo, coroando as abundancias deste nobilissimo patrocinio, nos compensa das contrariedades que nunca faltam e das injustiças que sempre sobejam nestes emprehendimentos, a presença do illustre chefe do povo brazileiro, de seu esclarecido governo, de tantos homens eminentes onde distinguir nacionalidades fôra regatear gratidão.

« Se as naturaes delicadezas do momento nos impõem um silencio que é uma homenagem, não podemos tambem quando vamos apresentar-vos a obra querida das nossas aspirações, deixar de nos curvarmos reverentes ao doce peso desta grata retrospecção em que ha mais consolações do que orgulhos.

« São as exposições industriaes mais ou menos do que certamens: escolas de facil e immediata illucidação.

« Mostra nellas cada um o que póde e o que vale, não tanto para disputar vaidosas primasias—que a natureza e a historia armam diversamente a economia e o trabalho das nações, negando a umas o que prodigalisam com outras, dotando tal raça com as aptidões que recusa a tal povo—mas para que o esforço de cada um se manifeste e affirme;—para que os recursos e progressos

de cada qual, se attestem e imponham á justiça e ao interesse de todos, por uma fórma tangivel e directa.

« São o depoimento authentico da capacidade productora dos diversos paizes,—do espirito progressista das suas industrias;—das suas condições de riqueza,—das conquistas do seu trabalho, da sua originalidade, da sua pujança.

« E' a producção em todas as suas aptidões applicadas e com todos os seus progressos adquiridos que vem pedir ao consumo o julgamento positivo do seu interesse e trazer-lhe o convite leal do seu convivio lucrativo.

« Póde esse depoimento ser deficiente e incompleto que, ainda assim, a utilidade e a lição delle ha de aproveitar á historia e á economia do trabalho culto.

« Deficiente e incompleta é a nossa obra; não se espalham nella certamente todos os esforços e todas as aspirações da patria, mas tal qual é, póde ter, cremos, a utilidade de uma affirmação positiva e terminante de muitos trabalhos ignorados, de muitos recursos desconhecidos, de muitos progressos injusta ou accintosamente negados.

« Iniciando as exposições portuguezas que constituem um dos propositos do seu programma, a companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura, não podia naturalmente recusar-se á evidencia das gratissimas circumstancias que lhe aconselhavam o Brazil como terreno asado e amigo para o primeiro ensaio.

« Na sua expansibilidade colonisadora e aventurosa, tão profundamente caracteristica, esta nacionalidade portugueza creou no vasto imperio sul americano uma segunda patria.

« E nesse trabalho de seculos, seja dito de passagem,—nesse longo e asperrimo trabalho, cortado por tantos desastres e provações, rijamente contrariado tantas vezes pela concurrencia conquistadora e mercantil de outros povos têm dado exactamente o melhor testemunho de si as energias e as aptidões portuguezas.

« Povo irmão pelas condições da sua formação e do seu desenvolvimento historico;—paiz gigante que na campanha apenas encetada do seu proprio estudo e desbravamento tem necessariamente de adiar por largos annos a

applicação industrial de muitos dos seus recursos e de pedir ás civilisações já feitas os confortos e instrumentos que são productos sómente dellas;—viveiro activissimo de colonisação nossa, ao Brazil pertencia legitimamente a prioridade do nosso empenho de fazer mais, melhor e directamente conhecidas as aptidões e progressos das nossas industrias, as condições de facil e vantajosa exploração commercial que os nossos mercados de producção podem offerecer, as forças que o trabalho portuguez tem desenvolvido e creado e poderá ainda desenvolver e aproveitar, se de uma justa comprehensão do que elle póde e vale lhe continuar a vir o estimulo da procura lucrativa dos seus productos.

« Depois, dá-se exactamente aqui uma natural e facil coincidencia de interesses:—ha a mutualidade fatal de conveniencias economicas a indicar-nos, a vós e a nós, a necessidade rudimentar de uma estima reciproca que oxalá se traduza um dia proximo, em uma destas convenções positivas que são a força e a garantia da propriedade licita, do commercio honrado e da legitima concurrencia.

« Em toda a parte, em todas as exposições—na Europa como na America—onde as nossas industrias têm ido medir-se com as mais solidas e as melhor fadadas reputações productoras, sempre têm ellas sabido honrar o nome nacional e mais de uma vez têm suprehendido os estranhos desdens e as ignorancias mais orgulhosas com a victoria decisiva, irrecusavel dos productos.

« Chamadas a vir aqui tambem, testemunhar o seu esforço—em muitos casos verdadeiramente heroico—não poderiam faltar e não faltaram ao que deviam a si e á patria, embora—porque não é de mais repetil-o em sua honra—embora não encimassem o convite as iniciações indicativas de serviço nacional e real, nem o subscrevesse tão pouco a grave caligraphia da autoridade publica.

« Ahi as tendes enfileiradas nessas formosas salas que a generosidade alheia e o patriotismo particular lhes abrio com a mais delicada bisarria,

« Ides passal-as em revista, cheios certamente daquelle sereno criterio e daquella grandeza de animo que são condições essenciaes de um julgamento justo.

« Não vos pedem os louros triumphaes.

« Dão-se por satisfeitas com o sorriso ledo da animação e da estima.

« E Vós Senhor, que sois no throno um sabio e no estudo um principe, sêde bemvindo á nossa modesta sessão, que nos trouxestes a ella uma dupla e augusta magestade : —a soberania da nação e o imperio da justiça. »

E. Z.

(Continúa.)

Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro

(Continuado de pag. 7.)

2.ª PHASE. — FORMAÇÃO DA COMPANHIA FOMENTADORA DAS INDUSTRIAS.—TRABALHOS PREPARATORIOS DA EXPOSIÇÃO

Depois de 1872 não menos de tres grandes exposições internacionaes se realisaram : — a de Vienna em 1873, a de Philadelphia em 1876 e a de Paris em 1878.

Nestas, como nas quatro anteriores (Londres, 1851 e 1862; Paris, 1855 e 1867), se apresentou Portugal, e em todas ellas a sua industria deu mostras de innegavel vitalidade e de crescente progresso, como o prova exhuberantemente o numero de recompensas votadas pelos jurys, numero que de umas para outras foi successivamente augmentado.

Estava, portanto, sufficientemente demonstrado que a industria portugueza podia, desencolhida e sem vexame, comparecer confiadamente em qualquer d'esses prelios gigantescos que o mundo tem presenciado na segunda metade do seculo em que vivemos.

Esta convicção, formada por uma série consecutiva de factos, e inoculada irresistivelmente nos espiritos, foi preparando o terreno e dando razão ao pensamento mais estremecido do Sr. Marcellino Barbosa.

A tenacidade das idéas e a perseverança nos esforços acabam sempre por vencer, e raro é que os obstaculos consigam sobrepujar a força que d'ellas dimana, mórmente quando essa força se apoia na opinião publica, e tem por impulsores o legitimo interesse e o patriotismo bem entendido.

E pois em 1878, quando echoava no globo a noticia das maravilhas accumuladas na esplendida festa industrial que as nações civilisadas davam na metropole das raças latinas, nesse anno o Sr. Marcellino Barbosa lançou de novo a publico a sua idéa da exposição portugueza no Rio de Janeiro.

Azada foi a occasião e propicio o momento, pois logo a viu apadrinhada e protegida por homens patriotas e intelligentes.

Os Srs. visconde de Alves Machado, visconde de Silva Monteiro, Bento Rodrigues de Oliveira, Antonio Pinto dos Santos Junior e outros prestimosos cavalheiros da praça do Porto, convocados para uma reunião pelo Sr. Marcellino Barbosa, resolveram auxiliar efficazmente o seu projecto, então consideravelmente desenvolvido com o plano da formação da *Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias*.

Ficou nessa occasião definitivamente assentada a encorporação da companhia, a qual tambem em Lisboa obteve plena approvação, quer na imprensa, quer nos circulos politicos e commerciaes.

Elaborados os estatutos e devidamente approvados pelos accionistas, constituio-se a companhia, de conformidade com a lei que regula as sociedades anonymas, por escriptura lavrada, em 10 de Junho de 1878, a fl. 71 do liv. de notas n. 972 do tabellião da cidade de Lisboa, Joaquim Barreiros Cardoso, transcripta no registro publico do commercio e inserida no *Diario do Governo* n. 138, de 21 do mesmo mez e anno.

O objecto, a duração, séde e o capital da companhia estão determinados nos seguintes artigos dos estatutos que passamos a trasladar:

« Art. 1.° Esta companhia, em que os associados limitam a sua responsabilidade ao capital com que cada um subscreve, tem por fim promover com a maior diligencia, dentro e fóra do paiz, tanto pelos meios ordinarios do commercio como por exposições publicas, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da agricultura e das industrias portuguezas, procurando a melhor venda e o maior credito dos productos e artefactos que lhe forem recommendados, tanto pelos industriaes, como pelos productores e consumidores.

« Art. 2.° A duração d'esta companhia é por tempo indeterminado.

« Art. 3.° A séde é em Lisboa, com uma succursal no Porto e outra no Rio de Janeiro, com agencias nas terras nacionaes e estrangeiras onde convier estabelecel-as.

« Art. 4.° O capital é de 100:000$000 em 1,000 acções

de 100$000 cada uma, devendo este capital ser emittido em cinco séries de 20:000$000 ou 200 acções cada uma.

« § 1.° Com a subscripção integral da 1ª série (20:000$000) ficará a companhia constituida, como permitte o § 1° do art. 3° da lei das sociedades anonymas. »

Subscrevem estes estatutos (impressos em Lisboa, no citado anno, na Imprensa Nacional) os Srs. Marcellino Ribeiro Barbosa e Caetano Augusto de Souza Carvalho, na qualidade de gerentes, e os Srs. Christiano Augusto de Souza Carvalho e João de Deus Soares, como substitutos.

Acto successivo, fizeram os gerentes a chamada do capital, cuja primeira série se realisou em oito entradas, no periodo decorrido de Julho do anno passado a Março do corrente anno.

Para iniciar as suas operações, a companhia entendeu que nenhuma se antolhava mais acertada que a de emprehender uma exposição exclusivamente portugueza no Rio de Janeiro, e assim o decidiu.

Em consequencia d'esta deliberação, creou uma secção especial da exposição, nomeando para director d'ella o Sr. Luciano Cordeiro.

Este, com a actividade que lhe é peculiar, immediatamente escreveu e fez distribuir o programma da exposição, na qual os objectos a admittir seriam os comprehendidos nas quatro divisões seguintes:

1ª. Materias primas e suas transformações immediatas;

2ª. Machinas, utensilios, ferramentas das artes e officios; material para o ensino profissional; processo de producção, noticias technologicas;

3ª. Productos das industrias agricola e manufactora ou fabril;

4ª. Bellas-artes.

Estabeleceram-se jurys de admissão em Lisboa, Porto, Funchal, Ponta Delgada, Angra e Horta.

Haverá no Rio de Janeiro um jury de apreciação, dividido em secções.

Os jurys de Lisboa e Porto foram compostos dos cavalheiros que, a pedido da companhia, as mesas das assembléas geraes das respectivas associações commerciaes indicaram.

O jury de Lisboa tomou conhecimento dos productos dos districtos de Lisboa, Santarém, Leiria, Evora, Beja, Faro,

Castello-Branco, Guarda, Portalegre; e o jury do Porto, dos districtos do Porto, Aveiro, Braga, Vianna, Coimbra, Villa Real, Bragança e Vizeu.

Os jurys na Madeira e Açores foram compostos de negociantes e proprietarios das capitaes dos respectivos districtos.

O encargo principal dos jurys de Portugal e ilhas foi examinar os productos destinados á exposição, afim de admittirem unicamente os que se apresentassem dignos tanto em qualidade como em condições de ser patentes ao publico, com credito já das industrias, já dos proprios expositores.

Poucos dias depois o Sr. L. Cordeiro formulou e remetteu aos industriaes do reino e seus dominios o regulamento da exposição, acompanhando-o de uma circular em que os concitava a concorrer para tornar conhecida e apreciada a producção das diversas industrias portuguezas nos mercados sul-americanos.

Eis na sua integra o *Regulamento geral da exposição*:

1.°

Nos termos do programma da *Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias*, será aberta no Rio de Janeiro, no dia 1° de Julho de 1879, mediante a respectiva autorisação do Governo Imperial, uma exposição geral, exclusivamente portugueza, a qual será encerrada no dia 30 de Setembro do mesmo anno.

2.°

Para esta exposição a *Companhia* receberá os productos d'arte, industria, agricultura e commercio de Portugal, das ilhas da Madeira e Açores e das nossas possessões e colonias.

3.°

Ao director da secção social da exposição incumbe preparar e dirigir a organisação e distribuição interna da exposição, sua exploração e policia, divisão e concessão do espaço destinado aos diversos productos, correspondencia relativa á exposição e serviço geral d'esta, para o que lhe são prestados pela gerencia da companhia todos os meios, auxilio e autorisações necessarias.

4.°

Nenhuma obra d'arte ou industria, e em geral nenhum producto exposto póde ser desenhado, copiado ou reproduzido sob qualquer fórma sem autorisação da companhia por intermedio da direcção. A direcção reserva-se o direito de autorisar a reproducção de vistas geraes.

5.°

Nenhum producto póde ser tirado antes do encerramento da exposição sem autorisação do director ou de quem o representar.

6.°

Os objectos expostos para a venda deverão ser acompanhados da declaração authentica e assignada pelo expositor, do seu preço. Sobre este preço, no caso de venda, a companhia cobrará pela sua commissão a porcentagem de 5 °/₀ e a importancia das despezas e impostos do estado.

As amostras de productos para recommendar a venda deverão ser acompanhadas de declaração authentica do expositor, não sómente dos preços, mas da quantidade que poderá ser enviada em um curto prazo de tempo a quem pretenda encommendar ou comprar esses productos.

7.°

Os expositores não tem a pagar aluguel algum pelo local que occuparem na exposição, nem a fazer despeza alguma com a conducção e installação dos seus productos.

8.°

Todos os productos destinados á exposição ficam sujeitos á apreciação prévia dos jurys a que se refere o programma de 28 de Julho de 1878.

9.°

Ulteriormente se estatuirá, em presença dos productos

expostos, e numero de expositores, sobre o numero e natureza das recompensas que lhe deverão ser conferidas.

10.°

Os constructores de apparelhos que exijam o emprego de agua, de gaz ou de vapor devem declarar opportunamente a quantidade de agua, gaz ou vapor de que necessitam.

Os que desejarem pôr as machinas em movimento, indicarão qual a velocidade propria de cada uma das machinas, e a força motriz de que carecem.

11.°

A concessão de terrenos, annexos, pavilhões ou de licenças para vendas e exposições por conta particular dentro do espaço destinado á exposição fica a cargo da direcção.

12.°

Fica expressamente entendido, como em todas as exposições que tem havido, que a companhia promovendo, até onde fôr possivel e a expensas suas, a boa guarda e conservação dos objectos que lhe forem confiados, não toma a responsabilidade dos roubos e desvios devidamente provados nem das deteriorações d'esses objectos.

13.°

Os expositores terão a faculdade de estabelecer, de accôrdo com o director da exposição, os mostradores, prateleiras, armarios, pendentes, suspensões, etc. que possam julgar melhores e mais convenientes para a exhibição dos productos. Poderão tambem acompanhal-os ou fazel-os acompanhar por quem lhes convier durante todo o tempo da exposição.

14.°

Os objectos destinados á exposição deverão ser entregues á companhia convenientemente acondicionados.

15.ª

Estabelecer-se-ha para os vinhos, aguardentes, geropigas, etc. um gabinete de prova paga, podendo cada expositor enviar para este gabinete até 100 garrafas do respectivo liquido, com factura especial e preços fixados, livres para exportação, além da quantidade destinada á exposição.

Systema de classificação geral

Não convindo demorar a publicação do systema de classificação geral da *Exposição Portugueza no Rio de Janeiro*, declara-se que fica adoptado o que foi seguido na actual Exposição Universal de Paris, na parte em que podér ser applicado, reservando-se a direcção da exposição o direito de introduzir e annunciar opportunamente quaesquer modificações que forem julgadas necessarias, em conformidade com o caracter e condições especiaes da Exposição Portugueza.

(Continúa.)

J. DE M.

IMPRENSA BRAZILEIRA

O que denota a unanimidade de opinião em toda a imprensa d'esta côrte, antes e depois da inauguração da exposição portugueza?

O *Cruzeiro* e a *Gazeta de Noticias* e a *da Noite*, no dia 6; os mesmos no dia 7, e tambem o *Jornal do Commercio* e o *Reporter* foram de uma só opinião: — que exposição é boa, é notavel, é variada; que aquelle povo caminha com o progresso industrial e artistico do seculo!

O que denota este consenso unanime e espontaneo da imprensa livre e independente?

Denota que, o que viram e examinaram é geralmente bom, e é excellente e primoroso em muitos artigos.

Não foi a lisonja; não foi a deferencia; não foi ainda a simples cortezia. Foi a consciencia intima, foi a justiça, foi a verdade emfim que levou todos os orgãos da opinião publica a bradar, unisonos e convictos:— a exposição portugueza que ahi está patente, é modesta, é rica, é digna do acolhimento que se lhe faz, e honra o povo d'onde dimana.

Ha pouco mais de dous seculos esse povo, pequeno em numero, mas forte, uniu-se e expulsou o jugo estrangeiro. Todavia ficou durante esse longo periodo sob o jugo do despotismo; uniu-se outra vez ha menos de meio seculo para d'elle se libertar. Lutas titanicas foram essas, que o definharam, mas não o fizeram succumbir.

Ainda por alguns annos teve de arcar contra os ambiciosos politicos, mas convencido esse povo que era arrastado com falsas promessas para o abysmo da perdição, para a desgraça, encarou-os com despreso, virou-lhes as costas, e atirou-se com afinco e coragem á charrua, ao

martello, ao cinzel, á palhêta, á forja, ao buril, ao tear, á machina, finalmente ao trabalho activo e perseverante, e salvou-se. Caminhou lentamente ; lentamente progrediu, e agora está colhendo os fructos sazonados desse labôr honesto e assiduo de um povo livre e intelligente.

Como os zoophytos que do fundo do mar, trabalhando isoladamente e sem guia, levantam fóra d'agua immensas ilhas, assim aquelle povo desajudado, sem meios, sem associação, sem instrucção, sem escola, sem modelos, se não inventa, se não cria, trabalha, imita, e consegue, como vêdes por seus numerosos e variados especimens que ahi patentêa, elevar-se á altnra das nações mais ricas e adiantadas.

Não caberia no limitado espaço que me foi destinado nesta *Revista* a transcripção do que disse nestes dois dias a imprensa diaria, pois seria preciso, sem exageração, para dar cabimento a esses artigos, o triplo das paginas de que a *Revista* dispõe.

Limito-me portanto agora, unica e simplesmente, a transcrever o judicioso artigo do *Diario Official*, do dia 7, que se póde considerar o transumpto resumido e fiel da opinião publica.

« Hontem, ás 11 horas da manhã, inaugurou-se a Exposição Portugueza nos vastos salões da Typographia Nacional e em uma sala de outro edificio que lhe fica proximo.

« A' chegada de SS. MM. II., que foram recebidos pelos Srs. ministros da agricultura, do imperio, da fazenda e de estrangeiros, e pela commissão directora, encarregada pela companhia que tomou a seu cargo promover e organizar essa exposição, na nossa côrte. Foi então pronunciado pelo Sr. Luciano Cordeiro, seu mui digno director, uma breve allocução analoga ao acto. Uma banda de musica collocada na rua, da parte opposta ao palacio da Typographia Nacional, e outra dentro, em uma das salas do pavimento terreo, tocavam alternadamente os hymnos nacionaes de ambas as nações, e outras peças de musica. Os artefactos dispostos com symetria e gosto, enchiam as paredes, as estantes e os mostradores, testificando o estado da industria em Portugal.

« As sedas, os tecidos de linho, de lã, de algodão, as cordoalhas, as esteiras, os artefactos de marcenaria de de esparceteiro, as cortiças, os trabalhos typographicos, lythographicos, heliographicos, photographicos, as cutilarias, as ferragens, os vidros da Marinha Grande, as porcellanas da Vista Alegre, a faiença de Sacavem, a louça fabricada nas Caldas da Rainha, obras de ouro, de prata e joias de industria portuense, na sala dos Braganças —os quadros a oleo e o busto varonil e sympathico do eloquente José Estevam, e na sala de D. Diniz reunidos os vinhos que produzem o Alemtejo, Douro, Minho e outros pontos: eis em resumo no que consiste a Exposição Portugueza, que por ser de iniciativa e direcção meramente particular excedeu a nossa expectação.

« Em nosso entender, onde é ella mais completa é no que respeita á industria vinhateira. A rica e fertil região de Entre Douro e Minho, expôz o que tinha de mais perfeito, fazendo lembrar aquelles campos tão bem aproveitados, onde não ha uma courella, um palmo de terra, que não esteja agricultado, envergonhando outras provincias, até mesmo a do Alemtejo e Estremadura, onde ha charnecas incultas, até perto de Lisboa. No Minho, não, que ao longo d'essas estradas tão largas e bem feitas, de um e outro lado, até Valença, até Vianna, Braga, Guimarães, são vinhas que viçam no chão, que mandam seus sarmentos a se enroscarem nas velhas oliveiras que balizam cada propriedade rural. Como é sabido, a força da immigração para o nosso paiz é d'essa provincia, e portanto é dinheiro ganho aqui que fertilisa aquellas terras: d'ahi, é vêr uma grande quinta, uma habitação vistosa, um palacio reformado, e perguntar pelo proprietario, que a resposta sacramental é — de um brazileiro; que assim appellidam a todos quantos tenham passado a linha.

« Cabe o maior quinhão neste emprehendimento ao Sr. Marcellino Barbosa. A idéa inicial, os consecutivos tentamens, a final realisação, as solicitações constantes, tudo se lhe deve. Fomos testemunha de seus esforços e tenacidade desde a vez primeira que se apresentou a lidar por essa idéa, vai isto em dez annos, sem nunca esmorecer ante as difficuldades e os mallogros, que affrontou.

« Nascidas estas linhas das impressões do momento de uma primeira e rapida visita, não podemos estender-nos mais ácerca da Exposição Portugueza, guardando-nos para o fazermos mais tarde detida e minuciosamente. »

A.

Registro de Noticias

Rio, 16 de Agosto de 1879.

Visitas Imperiaes.— S. M. o Imperador já visitou por tres vezes a exposição : a 6, 8 e 11 do corrente, e prometteu voltar ainda. Em seu detido e attento exame Sua Magestade tem-se dignado mostrar satisfação perante muitos objectos e surpresa agradavel perante outros.

Os trabalhos da Imprensa Nacional de Lisboa e as edições do Sr. David Corazzi, da mesma cidade, mereceram os elogios do monarcha.

Os cabos, expostos na *sala do Infante D. Henrique*, alcançaram egual distincção. Na mesma sala experimentou Sua Magestade uma machadinha, do Sr. Augusto Mendes da Cunha (de Guimarães), cortando com ella um grosso prego da fabrica do Sr. J. A. dos Santos (de Lisboa).

E' deveras lisongeiro para a nossa industria a attenção que Sua Magestade tem prestado aos productos expostos, sendo de supremo valor o conceito do illustrado soberano que tantas maravilhas industriaes tem visto nas suas excursões pela Europa e America do Norte.

*

Imprensa da côrte.— Havendo remettido o 1° n. da nossa *Revista* aos differentes jornaes, tiveram a bondade de accusar o recebimento o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, a *Gazeta da Noite*, e o *Messager du Brésil*.

A' redacção d'este ultimo e á da *Gazeta de Noticias* cumpre-nos agradecer os termos benevolentes em que o fizeram.

Este e os seguintes numeros continuarão a ser enviados a todas as publicações periodicas da capital.

*

Denominações.— Foram estas as que os directores da exposição adoptaram para as salas em que se acham accommodados os diversos productos :

Sala dos Braganças (bellas-artes), *de D. João V* (1) (ourivesaria), *de D. Manoel* (crystaes, porcellanas e outros artefactos ceramicos), *do Marquez de Pombal* (tecidos de seda), *de D. Pedro V* (mobilia , *de Mousinho da Silveira* (tecidos de algodão, linho e lan), *de Marcos de Portugal* (instrumentos de musica), *de Luiz de Camões* (livros, papel e material typographico), *do Infante D. Henrique* (cordoalha, roldanas e objectos de viagem), e finalmente a *de D. Diniz* (vinhos e productos agricolas).

*

Colonia Portugueza de Pernambuco. — Os nossos compatriotas alli residentes, que tanto se distinguem por um caloroso e esclarecido patriotismo, como actos successivos o attestam, resolveram fazer-se representar na ceremonia da inauguração ; e para isso nomearam uma commissão de tres membros, a qual, não podendo comparecer toda, deputou para esse fim o Sr. Verissimo Chaves, distincto cavalheiro e negociante d'aquella praça.

Quando alli aportaram os directores da exposição, fizeram-lhes festivo accolhimento, e a este facto se refere, em phrase agradecida, o Sr. Luciano Cordeiro em um trecho do discurso da inauguração.

O Sr. Cordeiro, logo após esta ceremonia, telegraphou para Pernambuco saudando aquelles compatriotas, dos quaes não podia esquecer-se em momento tão solemne. Elles, em resposta, enviaram immediatamente a seguinte congratulação respirando reconhecimento e confraternidade :

« A Luciano Cordeiro. — A colonia portugueza, agradecida, dirige novos parabens aos promo-executores d'essa nossa primeira exposição e saúda os seus compatriotas da côrte.

« A colonia, reconhecida pelo honroso acolhimento da generosa nação brazileira, anhela a melhor harmonia e fraternidade entre os dous povos congeneres, os progressos da patria e do grande imperio americano.— *Miguel José Alves.* »

Nossos sinceros applausos a este gentilissimo proceder !

---

(1) Esta denominação foi acremente impugnada pelo Sr. Ramalho Ortigão no ultimo volume das *Farpas* que appareceu, datado de Maio d'este anno.

Musicas.— O Sr. João dos Prazeres Fonseca compôz e offereceu o *Hymno inaugural da exposição*, e o mesmo fez o Sr. Augusto Portugal com o que intitulou *Hymno da exposição portugueza*. Ambos estes hymnos foram tocados pelas duas bandas que estiveram no edificio, no dia da inauguração.

Tambem com o titulo *Exposição portugueza* compôz o Sr. Benedicto Cornelio de Oliveira uma quadrilha para piano, publicada pelo imperial estabelecimento do Sr. J. M. Alves da Rocha.

*

Viagens a preços reduzidos. — A exemplo do que costumam praticar as administrações das vias-ferreas européas por occasião de grandes festas, as directorias das estradas de ferro *D. Pedro II* e *S. Paulo e Rio de Janeiro* deliberaram reduzir o preço dos bilhetes de 1ª classe, de ida e volta, ás pessoas que comprarem bilhetes de entrada na exposição, á venda em todas as estações das duas estradas.

Esta acertada resolução dará certamente ensejo a que concorram á exposição muitos visitantes das provincias.

*

Catalogo da exposição.—Com quanto seja provisorio tem tido muita extracção este Catalogo. Está methodicamente organisado, e alguns artigos são acompanhados de observações.

A impressão, nitida e em excellente papel, foi feita na typographia da *Gazeta de Noticias*.

São estas as suas divisões:

Primeiro grupo. — Obras de arte e educação, ensino, material e processo das artes liberaes.

Segundo grupo.—Mobilia e accessorios.

Terceiro grupo.—Tecidos, vestuario e accessorios.

Quarto grupo.—Industrias extractivas, productos brutos e fabricados.

Quinto grupo. — Utensilios e processos das industrias mechanicas.

Sexto grupo.—Productos alimentares.

Logo que cheguem os ultimos objectos que ainda se

esperam de Portugal, far-se-ha a edição definitiva. Lembramos a conveniencia de, nesta edição, o Catalogo terminar por um indice alphabetico dos expositores, com a referencia das paginas em que se achem mencionados os respectivos productos.

*

Epigraphes.—No topo da escada do palacio da exposição lêm-se, impressos em grandes caracteres, os seguintes versos:

Dai vós favor ao novo atrevimento.

Camões, *Lusiadas*.

Que alegria não póde ser tamanha
Que achar gente visinha em terra extranha.

Camões, *Lusiadas*.

Eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.

A. Ferreira.

*

Sociedade Portugueza de Beneficencia.—A directoria d'esta sociedade, desejando facilitar aos convalescentes do seu hospital uma diversão agradavel e util, concedeu-lhes conducção e ingresso gratuito na exposição.

Os convalescentes da enfermaria a cargo do Sr. Dr. Barros Henriques, em numero de 22, foram os primeiros a gosar d'esta concessão.

*

Estudos ácerca da exposição.— Têm publicado artigos sobre este assumpto o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, o *Cruzeiro*, a *Gazeta da Noite* e a *Revista Musical*.

O primeiro que o *Jornal do Commercio* inseriu é um excellente trabalho, a que dá muito valor uma breve mas erudita introducção historica ácerca do movimento artistico em Portugal, desde o seculo XV até aos nossos dias.

*

Offerta. — O Sr. L. A. Thomazini, commandante do vapor portuguez *Maria Pia*, academico de merito da Real Academia de Bellas-Artes em Lisboa, distincto pintor de marinhas, premiado em diversas exposições, e do qual na *sala dos Braganças* estão não menos de 34 quadros a oleo, offereceu a S. M. o Imperador, por intermedio do Sr. Lu-

ciano Cordeiro, o que representa o *Syrius*, hiate de recreio do Sr. D. Luiz I.

*

Phil'harmonica Fluminense. — Esta, a mais distincta associação artistica do Rio de Janeiro, convidou para o seu saráo musical de 8 do corrente aos Srs. directores da exposição, bem como ao Sr. Verissimo Chaves, delegado da colonia portugueza em Pernambuco.

*

Estatua—O ultimo paquete trouxe de Lisboa a executada pelo Sr. José Maria Rato Junior, discipulo do Sr. Victor Bastos.

Representa um rapazito rufando no seu tambor—uma velha panella de ferro. Os jornaes d'aquella cidade louvam a idéa e a execução.

*

Poesia. — Com o titulo *Progredior* ! publicou o Sr. José de Mattos Carvalho uma poesia que offereceu á commissão da exposição portugueza. E' impressa a tinta azul, em papel cartão.

*

Novos quadros.—Tres telas de Thomás de Annunciação abrilhantam agora a *sala dos Braganças*. Forão expostas pelo Sr. F. de P. R. Leitão Junior.

Chegaram tambem cinco quadros do Sr. Leonel Marques Pereira e dous do Sr. G. Pereira.

Marcellino P. Barbosa

Marcellino Ribeiro Barbosa

O segundo retrato que em nossa modesta galeria offerecemos aos leitores da *Revista*, é o do Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa.

Este nome symbolisa a dedicação no trabalho, e a tenacidade na idéa.

Foi este distincto cavalheiro o verdadeiro iniciador da actual expôsição. Desde 1870, em que concebeu o projecto de mostrar sinceramente ao Brazil, onde tem sabido sempre grangear as mais fraternaes sympathias, o estado de adiantamento das industrias e das artes em Portugal, o Sr. Marcellino Barbosa, entregou-se de corpo e alma a esse empenho, e não tem havido obices nem dificuldades que não lograsse vencer, persistente e infatigavel no plano e na execução de sua empreza, que se acha finalmente hoje corôada de tão prospero e brilhante resultado

O Sr. Marcellino Barbosa nasceu no Porto, a 24 de Dezembro de 1844. E' filho do commendador Marcellino Ribeiro Barbosa, negociante d'aquella cidade, e de D. Anna Rosa do Sacramento Barbosa, natural tambem da mesma localidade: é irmão do commendador Arnaldo Barbosa, fundador da Companhia Prosperidade de linhos, da actual Junta Commercial do Porto, e da Companhia de *Seguros Fidelidade*.

O Sr, Marcellino Barbosa está ligado á familia brazileira pelo seu consorcio com a Exma Sra. D. Isabel Salles Torres Homem Coutinho Barbosa, filha do fallecido Visconde de Inhomirim.

Depois de preparado com seus estudos elementares, o distincto cavalheiro a que nos referimos, consagrou os seus primeiros annos á carreira commercial.

Estabeleceu-se como negociante no Rio de Janeiro, onde mais tarde liquidou o seu negocio.

Depois de preparar nesta côrte todos os elementos para assegurar o bom exito de sua idéa favorita, o Sr. Marcellino Barbosa partio o anno findo para Portugual, e captou de tal modo o interesse dos expositores, que estes não duvi-

daram vir ao Brazil, ou mandarem para aqui os seus productos afim de que esta festa industrial fosse não só a mais digna, como a mais util ás relações commerciaes dos dois paizes irmãos e amigos.

Os resultados beneficos deste nobre commettimento ahi estão patentes a todos. E por este facto, o nome do Sr. Marcellino Barbosa, um dos dignos gerentes da Companhia Fomentadora, é não só o de um benemerito da patria, como está para sempre vinculado á brilhante iniciação da primeira Exposição Industrial Portugueza no Rio de Janeiro.

Visita do Imperador

Quatro visitas tem feito já o Imperador á Exposição Portugueza, demorando-se, de todas ellas, algumas horas, a examinar detidamente os productos expostos alli, e a informar-se ácerca dos progressos e vitalidade das industrias de Portugal.

Podemos, sem indiscrição, dizer que a Direcção se acha profundamente penhorada e agradecida por esta affectuosa solicitude do illustre principe, e pelas distinctas manifestações de applauso e de sympathia que elle, como o governo, a imprensa e o povo brazileiro, têm dado áquelle empreendimento a que não é de mais chamar heroico. Nunca, desde a independencia, houve aqui, em terras americanas, mais importante e honrosa affirmação da vida e do progresso do povo portuguez.

É não sómente, mais importante e mais honrosa, mas tambem mais séria e mais util.

A colonia portugueza que nunca faltou com as suas adhesões festivas e patrocinadoras ás glorias, ainda as mais duvidosas,—que os paquetes transatlanticos lhe têem trazido da patria,—deveria sentir-se agradecida e orgulhosa, porque mais do que ninguem, ganha ella em prestigio e em lucrativas revelações, com esta Exposição,—a maior e melhor das que Portugal tem enviado a paizes estrangeiros. Depois,

circumstancia notada e applaudida por quantos têem um senso educado,— a Exposição, quer na sua festa inaugurativa, quer na sua disposição e nas suas relações, quebrou certas tradições e certos costumes pouco cultos e sensatos.

Nem foguetorios, nem embandeiramentos ridiculos, nem ostentações ruidosas, nem *reclames*.

Disposição harmonica, ornamentação sobria, muita ordem, uma delicadeza escrupulosa, uma hombridade de quem está seguro de si, uma grande modestia que bem se póde dizer exagerada, porque a verdade nua e crua é que nunca o Rio viu uma Exposição melhor.

Sente-se que a Direcção confia na cultura desta cidade que é uma côrte e não uma aldêa, e não nos faz a injustiça de julgar necessario a estimulação dos *puffs* e dos arraiaes. Não a trahirá esta confiança?

Os tecidos de seda, linho, lan e algodão; a cordoaria, os trabalhos typographicos, as ferragens, têem merecido ao illustre chefe do povo brazileiro uma particular attenção, com muita justiça.

Representam uma revelação auspiciosa para nacionaes e estrangeiros, sem exclusão dos proprios portuguezes. Temos visto as mais distinctas familias brazileiras nas salas da Exposição, ao mesmo tempo visitadas por pessoas de todas as classes sociaes que ahi examinam com affectuosa attenção os progressos de um povo irmão e amigo.

***

A exposição portugueza no Rio de Janeiro e o futuro que ella prepara a Portugal

(*Continuação da pag.* 27.)

As condições economicas de Portugal assustam muitos portuguezes, que o são sinceramente. A sua divida consolidada absorve mais de 50 % das suas rendas; estas embora cresçam todos os annos pelo levantamento do imposto, não vencem os encargos geraes do estado, resultando em todos os orçamentos um deficit que parece inextinguivel. Ha muitos annos que se não conhece outro meio de vencer a divida fluctuante senão consolidando-a por meio de emprestimos, as mais das vezes onerosos. O nosso exercito e o nosso funccionalismo publico, duas fontes totalmente improductivas, exhaurem os tributos vexatorios com que se sobrecarrega a unica industria geral e asseante em todo o paiz,—a agricultura. Diz-se geralmente que Portugal é um paiz essencialmente agricola, que o seu torrão é abençoado, que a riqueza de seu sólo hade vencer todas as difficuldades economicas, e assim se justificam em relatorios officiaes, em discursos parlamentares, na imprensa e na tribuna, esses augmentos de tributos lançados á agricultura.

Entretanto, estas exclamações rhetoricas são falsas ou profundamente insensatas. As condições agricolas de Portugal são muito criticas actualmente e nunca foram taes que n'ellas exclusivamente se pudesse basear o systema tributario do paiz.

As modificações do clima tem sido consideraveis e muito rapidas, e d'ellas tem resultado o definhamento e até a morte de muitas especies vegetaes ricas. Basta citar a videira, o castanheiro e a oliveira. A videira é scientificamente uma especie extincta em Portugal. Se ainda se cultiva lá, é á custa d'uma hygiene e d'uma medicina quasi impossiveis. O numero das enfermidades cresce todos os annos. O castanheiro, uma das mais uteis especies das nossas arvores domesticas e florestaes, pelo seu fructo e principalmente pela sua madeira, já se não dá senão

nos reconcavos e nos abrigos das nossas serras: a oliveira produz pouco e tem fugido com espantosa velocidade das nossas costas. Tiradas estas tres especies verdadeiramente importantes, resta-nos a cultura cerealifera. Pois essa mesma é insignificante, hoje mais que nunca. Os trabalhos agricolas custam tanto actualmente, que não podemos competir no preço com os productos estrangeiros. E a prova é que os celeiros em Portugal estaõ repletos e o consumo faz-se por importação de farinhas estrangeiras. Basta citar a exportação cerealifera da Africa que vence, que esmaga a nossa producção. O lavrador portuguez no estado actual da pobreza do solo, da esterilidade do clima, da carestia do braço e da vexação do tributo, tem calculado que um alqueire de milho lhe custa 320 reis; e entretanto vende-o a 100 rs. e, quando caro, a 160 nos portos septemtrionaes da Africa! Mas de todos os inimigos da agricultura portugueza, que não só o é de Portugal mas de toda a Europa, o mais importante, o unico invencivel é a variação do clima. Sabe-se que a Europa inteira, collocada no hemispherio do norte, está no seu periodo de arrefecimento secular, e este arrefecimento vai-se tornando sensivel por todas as manifestações metagicas, e por toda esta metamorphose que a vida vegetal e animal manifesta.

Ao contrario, o clima das regiões meridionaes transforma-se progressivamente de fórma a aproximar-se do clima que permitte as culturas que já existiram vigorosamente no norte. O norte e o sul tem de se entender, e descendo a individualisações, Portugal e o Brazil, tem de se alliar nesta reciproca troca de beneficios e protecções.

E' tempo de pensar seriamente no futuro que se prepara aos grupos em que actualmente se divide communhão universal. Agora que a terra está pela maior parte descoberta e que os trabalhos do seu reconhecimento são tão promptos que promettem um bem proximo dominio do homem de pólo a pólo: agora que as relações de raça, de lingua, de clima, de educação estão estudadas, de fórma a determinarem-se os grupos naturalmente constituidos para viverem em união, agora, cada um destes grupos, destas familias, destas nacionalidades, carece indispensavelmente de determinar as sua relações de existencia cooperativa e amiga, de fórma a alevantar-se no congresso universal com

uma força que lhe conquiste a maior autoridade e dahi a sua mais prospera existencia. E nesta luta e neste trabalho a familia portugueza é uma dessas que tem tanto de beneficios a colher no futuro como de problemas importantes a estudar no presente.

O grupo portuguez, com um apoio limitadissimo no convivio europeu, tem uma força inexpugnavel, se ella fôr cuidadosamente dirigida. O Brazil tem uma extensão territorial, que junta á largueza colonial, mas tratando tão sómente das colonias que podem ser administradas e bem dirigidas, dá a esta grande familia um poderio futuro que hade rivalisar com a nacionalidade ingleza, a mais poderosa do mundo, com as nacionalidades russas, chineza e hespanhola. A fertilidade do Brazil parece inexgotavel e todas as suas condições naturaes preparam a existencia a mais de cem milhões de habitantes.

O grupo inglez que já hoje se estende pelas ilhas britannicas, pelos extensos territorios dos Estados-Unidos e pelo Canadá, pela Australia continental e insular; e que actualmente se apossa com grande rapidez do sul africano, poderá vir a alcançar quatro centos milhões de individuos. A China possue já e ha muito esta população, com a vantagem de se achar disseminada n'um territorio unido e continuo, mas com a desvantagem do seu atrazo e do notavel estacionamento da sua reprodução. Parece mathematico este equilibrio entre os nascimentos e a morte! A Russia, que ainda possue uma população muito inferior, multiplicará pela sua extensão territorial, e pela sua fecundidade, a sua familia e attingirá o mesmo numero.

A Hespanha apezar de sua inferioridade reprodutiva e da menor fertilidade do seu solo, já no continente, já nos paizes seus irmãos da America do Sul, ganhará o seu lugar ao lado das grandes nacionalidades do futuro.

E o grupo portuguez, ao presente composto apenas por duas nações, mas, mais tarde fragmentado em muitos que se desenvolverão autonomicamente na Africa central, no Oriente e no sul da America, possue todas as condições para não ser o ultimo n'este grande congresso, diante de cuja força todas as outras nacionalidades e linguas terão de viver em lugar muito secundario.

São muitas as condicções a que brazileiros e portu-

guezes devem attender, os centros por onde devem convergir as actividades d'estes dois povos ou antes d'estes membros do mesmo povo, para realisarem da maneira mais completa este seu supremo fim social. Relatal-os, seria obra de supina valia sim, mas de altissimo folego. Eu quero apenas mostrar que a exposição portugueza no Rio de Janeiro concorre poderosamente no numero d'estas circumstancias. Quando na intelligencia dos membros d'esta grande familia se imprimir com indelevel cunho de verdade a necessidade da sua perfeita união economica, intellectual e moral, é mais do que certo que o problema do seu progresso estará definido e no trilho rapido da sua realisação ; e é certo tambem que a identidade economica prepara e assenta as bases de todas as identidades. Havia até hoje uma unica manifestação destas relações no commercio, e agora estão lançados os fundamentos das suas relações industriaes. Entre umas e outras, toda a vantagem é dos segundos, e as relações commerciaes de Portugal com o Brazil foram sempre o que ainda são, arbitrarias, descontinuas e totalmente unilateraes.

Eu não adulo ninguem, nem troco a verdade pelas minhas paixões.

O commercio portuguez no Rio de Janeiro não estabelece relações entre os dois paizes, arrefeçe-as. O commerciante portuguez, como todo o commerciante estrangeiro, é como o caçador de leões nas brenhas da Africa. Vai com o seu fuzil bem escovado, com a sua faca e os seus creados. Mata o leão, sem pensar um instante que extinguiu um inimigo do indigena. O commerciante estrangeiro no Brazil é um homem de bem, é um homem de respeito. Deixou a sua terra, venceu as saudades que ennegrecem a alma para vir com risco da vida, do socego e da alegria do espirito conquistar a alegria e o socego da sua familia, da que já tinha ou da que contrahiu. E veiu, e trabalhou e soffreu e conseguiu o seu anceio. Honra a elle, ao martyr do trabalho e da dedicação. Mas aqui, sempre recordado da sua casa, da aldeia, do sino da sua freguezia, dos seus primeiros brinquedos, e aqui, isolado como planta transplantada, á luz d'outro sol, ao clarão d'outras estrellas, e sempre estrangeiro ás commoções scintillantes da familia que o cerca, elle é um ser naturalmente indifferente ao futuro desta terra

do exilio, naturalmente sollicito ao seu interesse particular. E' a ultima manifestação do egoismo. E' d'elle a culpa? Não é só d'elle, ou não é d'elle. Não sei se o problema da grande naturalisação tem inconvenientes praticos para o Brazil. Eu não sou muito entendido, e é mesmo possivel que, havendo-os, elles sejam tão transcendentes que não se alcancem.

A' luz dos principios elementares, a grande naturalisação é uma questão resolvida. Pedem-se factos e citam-se os Estados da União e as colonias inglezas da Nova Hollanda; pedem-se razões particulares, e aponta-se a estatistica da reemigração que leva todos os annos para fóra do paiz duzias e duzias de homens e até de familias que, tendo vencido o seu desejo economico, e não podendo realisar outro fim, vão para o paiz onde ainda podem dilatar a sua vida de ambições moraes. Mas, dizem, *se saem é porque querem, porque podiam naturalisar-se.* E' um sophisma. Tenho fome e morro com ella, se sou honesto, embora um homem rico mande pôr ao pé de mim uma mesa servida; e, se elle me diz, *póde comer*, eu como.

Ainda como razões particulares cita-se esse estado desconsolador da população do Imperio que não só é extremamente diminuta para os recursos, necessidades e aspirações materiaes do paiz, como é principalmente opponivel ao estabelecimento das relações progressivas e continuas que constituem uma nacionalidade. Um povo é um agregado de familias, mas os laços d'estas sociedades elementares são multiplos e fortes. Não ha organismo sem serie de orgãos, sem subordinação d'elles uns aos outros, sem differenciação gradual e necessaria. Desde o soberano ou do mais alto poder d'um estado até ao individuo passa-se por gráos insensiveis e por isso mesmo, multiplos. Entenda-se que eu não estou a sustentar o principio das classes na ordem politica, ou moral; estou defendendo o principio da ordenação social pela divisão do trabalho, das obrigações, dos direitos e dos deveres. E' o que não tem o Brazil.

Do fazendeiro para o escravo passa-se rapidamente, como se passa do homem para a machina, e d'um salto muito superior ao que dava a meia idade passando do senhor feudal para o servo da gleba ou para o colono. O rendeiro, o parceiro, o colono, o industrial, o commerciante,

estes e duzias de outros elementos d'uma organisação social, ou não existem aqui, ou são representados por uma classe fornecedora de tudo. Essa classe é o commercio, mas este nem ao menos tem a feição nacional.

Mas no campo mais amplo e mais elevado dos principios geraes, o problema é de instituição rapida. A curva que não tem centro é indefinida, o corpo que não é homogeneo, é irregular. O paiz que não tem um alvo para pôr diante de todos os olhos, é um paiz de lutas e de odios. Julga-se que os interesses individuaes se prejudicam? O interesse individual é simplesmente um quociente, não é um factor. Cada membro d'uma associação recebe um dividendo proporcional ao fundo da sociedade de que faz parte. O dividendo depende do fundo; não é o fundo que depende do dividendo. O fundo depende da entrada e do numero dos associados; e não ha outras relações possiveis. Quer dizer, quanto mais membros e mais estes trabalham, mais alcançará o paiz e mais alcançará cada cidadão. Atirar á discussão com outros principios é um erro. é uma maldade.

Ora, é problema assentado á luz de uma analyse invencivel que estes grandes problemas, raro são resolvidos pela interferencia directa e reflectida das classes directoras. Não: o povo tem os seus mentores, escolhe-os e paga-lhes; mas elles pregam-lhe quasi sempre calote; comem o ordenado e não trabalham.

O expediente é uma machina infernal que elles montaram totalmente damninha, e que serve para dar uma apparencia de honestidade ao dinheiro que o povo cava na terra com a enxada, com o alvião, com as proprias unhas. Isto tudo passa-se como se tratasse do estabelecimento d'uma industria qualquer. Uns certos dizem ao povo: tu tens muito bom musculo e muito bom osso; além disso tu tens quéda para o trabalho, já teu pai assim era, e tua mãi e teus avós; pois bem. Eu sou justamente o contrario; eu gosto do socego, do aceio e da boa vida.

Podemos, apezar desta nossa antipathia natural, fazer uma boa liga; e eu te digo como. Tu, vais sempre trabalhando e dás o boi gordo, a manteiga, o assucar, o café, o linho e os tecidos, as fructas, etc. Além disso dás o di-

nheiro para fundo de uma sociedade. Eu vou estabelecer essa sociedade para te dar conhecimentos que facilitem e aperfeiçoem o teu trabalho, exemplos de ordem e moralidade que adocem a tua vida de familia, força moral e social, autoridade, para que nos deixem viver em paz, no meio desta luta geral da sociedade como a nossa.

O povo dá o dinheiro, e a sociedade estabelece-se. Mas, passam dias, mezes, annos e seculos, e o povo bruto era bruto feroz, moral era, e immoral vae sendo; as lutas intestinas e externas as mesmas. Então, uma ou outra vez, pergunta o povo muito humildemente: os senhores ainda me não podem pagar aquella divida? Elles respondem: não tarda, não tarda; andamos a montar o machinismo e depois é rapido o resultado; rapido e certo. Torna o povo: mas, senhores, olhem que eu morro de cansaço, de fome. de estupidez, e os senhores levam-me tudo. Oh! maldito contracto. Se eu cá apanhasse as minhas entradas?

O povo vae estando descontente. N'isto vem assim umas cousas como 89 e 93, como 71 e a Communa. E' uma companhia que quebra, outra que se organisa.

Ora, este estado transitorio é que é forçoso acabar, fazendo-se menos politica e mais administração economica e intellectual.

E, se é forçoso contar com a impotencia de classes directoras, é forçoso que estes problemas se preparem no meio do povo, pela evolução lenta, que produz nos espiritos a revelação irresistivel das grandes verdades. Uma vez definida e inoculada a lei, é o povo que, ou a impõe ás classes que dirijem, ou que a decreta por si. Estabelecidas as relações economicas entre os povos, estes começam por comprehender a necessidade de as ampliar, de subordinar a ellas todas as outras identidades, e termina-se pela mais harmonica fusão de interesses e aspirações.

A Exposição Portugueza chamando os dous paizes irmãos ao convivio directo, franco e geral dos seus mutuos interesses economicos pela industria e pelo commercio, concorre poderosamente no meu sentido para a fusão mais perfeita destes dous membros da mesma familia.

O povo brazileiro, ao presenciar com a sua directa observação as razões de conveniencia da sua ligação econo-

mica com Portugal, ha de elle, por si e por este clamor irresistivel que nada consegue abafar, estender braços amigos e irmãos ao povo que nunca perdeu o amor que o sangue e as tradições tão largamente crearam.

A. Zeferino Candido.

(*Continúa.*)

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

III

A SALA DE LUIZ DE CAMÕES

A sala que na exposição portugueza encontramos designada sob este nome, contém expostos os objectos que mais especialmente se referem ao progresso intellectual do paiz, pois comprehende livros, papel e material typographico.

E' naturalmente esta cathegoria de trabalho a que primeiro deve attrahir a nossa attenção.

Os productos da imprensa são os poderosos auxiliares da moderna civilisação. Póde applicar-se á imprensa o que Miguel Chevalier disse a respeito do ferro. Se este precioso metal desapparecesse de repente da face da terra, a humanidade voltaria ao estado de selvageria dos tempos prehistoricos. Assim tambem, se a imprensa fosse supprimida de entre os elementos activos e prepulsores da sociedade actual, o fanatismo e a tyrannia avassallariam de novo todas as consciencias, e desappareceria completamente do mundo a garantia da liberdade, em todas as suas grandes e soberanas manifestações, voltando os povos a um estado social por assim dizer rudimentar.

A imprensa merece pois o lugar de honra entre as mais apreciaveis conquistas da intelligencia humana. E' á custa deste instrumento apparentemente fragil, mas de uma

acção segura, e de uma repercussão perpetua, que as nações modernas estreitaram, póde dizer-se, no espaço e no tempo, os seus vinculos de parentesco internacional, elevando-se simultaneamente a um gráo de desenvolvimento civilisador a que não haviam chegado ainda em época alguma anterior.

A historia do pensamento escripto está ligada á historia do producto material que devia conserval-o. Foi deste modo que nos tempos mais reconditos o homem servio-se da pedra, do bronze, do chumbo, do marfim e da cêra, para perpetuar os seus pensamentos e fazer chegar á posteridade os acontecimentos de sua primitiva historia. Mais tarde as pelles dos animaes, as folhas e a cortiça das arvores deram-lhe utilidade identica, a ponto que 600 annos antes do nascimento de Christo preparava-se já o papel de papyro, planta que parece ter sido originaria do Egypto, mas que não obstante ahi se encontra hoje rarissimamente.

No imperio romano o uso do papel desta planta tornou-se geral. Constituindo-se este producto cada vez mais raro, e por consequencia mais caro, fixou-se definitivamente a fabricação do papel de algodão no undecimo e duodecimo seculo. Esta qualidade de papel era conhecida com o nome de pergaminho de panno e só se distinguia do papel de linho por ser mais fraco. Estes ensaios deram em resultado a descoberta final do papel de linho, que no decimo quarto seculo já era frequentemente empregado na Allemanha.

Dessa época para cá a fabricação do papel tem alcançado o mais alto gráo de aperfeiçoamento, não só na qualidade, como na diversidade do artefacto, servindo hoje até a propria madeira para preparal-o, de modo a satisfazer as multiplices exigencias da espantosa e crescente multidão de seus consumidores.

Devemos demorar-nos portanto, ainda que pouco detidamente, examinando os progressos que este ramo de industria tem feito em Portugal, e de que podemos dar testemunho observando as amostras que se encontram na actual exposição.

A fabricação do papel é uma industria antiga naquelle paiz, as suas principaes fabricas estão estabelecidas em Oliveira de Azemeis, Freire, Penella, Miranda do Corvo, Torres Novas, Soure e Thomar. Segundo as estatisticas de 1867,

diz um importante documento official que temos á vista, existiam então alli 45 fabricas de papel de escrever e de imprimir, e 25 de papel de embrulho e algodão, empregando todas ellas 1.921 operarios, e consumindo 4,000.000 de kilogrammas de trapos. A producção do papel póde calcular-se em Portugal annualmente em cerca de 2,000.000 de kilogrammas.

De todas estas fabricas aquella de que temos noticia mais minuciosa, é a da Abelheira, povoação da freguezia de Santo Antão do Tojal, no conselho dos Olivaes.

Esta fabrica, segundo a noticia a que nos referimos, foi fundada pelos conegos regrantes de Santo Agostinho, e limitou-se a principio a produzir papelão e papel pardo.

Em 1841, menciona o mesmo informante, sendo seu proprietario o conde de Tojal, adquirio novos machinismos e começou a mandar ao mercado papel de escrever e de impressão. Passando para outros proprietarios, progredio successivamente, e hoje é um dos primeiros estabelecimentos de seu genero. Nos ultimos annos tem produzido de 400 a 500 mil kilogrammas de papel de todas as qualidades, mas principalmente de impressão.

Cremos que o papel em que se imprimio o *Panorama*, antiga revista semanal, onde A. Herculano publicou alguns de seus mais celebres romances, era da fabrica da Abelheira.

Segundo importantes informações fornecidas por Fradesso da Silveira, em 1863, o numero das fabricas de papel existentes em Portugal, era 52, sendo: 26 em Aveiro, 6 em Braga, 4 em Coimbra, 2 em Leiria, 5 em Lisboa, 2 no Porto, 6 em Santarém e em Vizeu. D'essa época para cá, conforme a mencionada estatistica, foram creadas mais 9 fabricas de papel naquelle paiz, que todas funccionam actualmente.

Em relação ás fabricas de papel do districto de Lisboa, fornece-nos ainda o Sr. Fradesso, esta curiosa noticia.

Nos conselhos de Alemquer e Olivaes, e nos bairros de Lisboa, existem 5 destas fabricas.

O seu pessoal é composto por 90 homens, 131 mulheres e 71 menores.

Os salarios são de 80 a 600 réis fortes, não incluindo o pessoal technico superior das fabricas de Alemquer e Tojal.

O pezo do trapo consumido annualmente aqui é de 900.000 a 1,000.000 de kilogrammas.

A producção annual é de 480 a 500.000 kilogrammas de papel de impressão, de peso, almasso e cartucho.

Temos presentes 50 e tantas amostras de papel de algumas fabricas portuguezas, que se acham expostas na sala de Luiz de Camões.

Entre estes especimens mencionaremos os de papel almasso de Coimbra, da fabrica de Manoel Ignacio Dias Góes, de morena de linho, branco e azul (12 amostras de superior qualidade), de papel de machina, de palha de embrulho, de papel pardo, cartucho, de florete de linho, do mesmo para fumar, de páo pinho e finalmente papel de desperdicios de páo de emsamblador para embrulhar massos de cigarros.

Tanto o papel de pinho, como o de páo de marceneiro, é apresentado ainda a titulo de ensaio, mas póde desde já prever-se os aperfeiçoamentos que deve naturalmente obter esta fabricação, por em quanto tambem modernissima em outros paizes.

Wagner, tratando dos succedaneos dos trapos, na composição deste producto diz, no seu *Novo Tratado de Chimica Industrial*, que o seu consumo duplicou na Europa, de ha 50 annos a esta parte, e que tendendo a escacear a materia prima até agora empregada, visto ser muito diminuta a sua producção em relação ao pasmoso emprego que se dá ao papel, indicaram-se numerosas *substancias vegetaes* neste sentido, mas que só duas, a *palha* e a *madeira*, podem satisfazer as condições exigidas de baixo preço e quantidade sufficiente, para que sejam favoravelmente aceitas nos mercados.

Entre as diversas especies de palha, a de milho é que se tem empregado com mais utilidade, pois em Vienna se conseguio fabricar com ella papel que, sob o ponto de vista da brancura e da pureza, não deixa cousa alguma a desejar.

Ha quando muito dez annos que, sob as auspiciosas tentativas de *H. Volter*, em Heindenheim, de G. Rostouzki, em Niederschleim, e de *A. Winkler*, em Niederpfumnestiel, a madeira tornou-se importante succedaneo do trapo, mas que, do mesmo modo que a palha, não póde substituil-o de maneira absoluta; entra em geral na fabricação como elemento

addicional, porque o papel feito de madeira pura possue muito pouca solidez.

Assim como se empregam succedaneos vegetaes do trapo, tambem se tem ensaiado os succedaneos mineraes. A este proposito accrescenta o illustre professor de chimica industrial da universidade de Wurzburg, que uma addição em dóse moderada á massa do papel de um corpo mineral convenientemente escolhido não é de modo algum prejudicial; mas pelo contrario util sob muitos pontos de vista; os papeis ordinarios e semi-finos ganham em brancura; o inconveniente da transparencia que apresentam os papeis muito fracos é deste modo destruido até certo ponto.

O primeiro succedoneo mineral, e ainda hoje em uso mais geral, é o barro, sem areia, empregando-se tambem o sulfato de calcium *precipitado*, que é fornecido ao fabricante com o nome de *annalina*.

Pelo que levamos dito se póde fazer idéa aproximada da importancia que tem obtido em nosso tempo a fabricação do papel.

Para mais acentuar ainda a enormidade de sua fabricação e de seu consumo basta accrescentar que a Austria produz annualmente 22, 320,000 kilogrammas de papel; a Belgica possue 80 fabricas; a Dinamarca fabrica tambem e produz annualmente 1:270,000 kilogrammas; as Duas Sicilias 2:340,000 kilogrammas: a Escossia 14:300,000 kilogrammas; os Estados-Unidos estabeleceram em 1730 a primeira fabrica no Massachussets, e em 1820 a primeira machina de papel continuo; mas tem sido alli tão grandes os progressos desta industria, que, apesar de seu enorme consumo, a importação apenas chega a 2 ou 3 por cento; a França produzio em um anno 83:000,000 de kilogrammas e desses exportou 4 milhões e perto de 6 mil kilogrammas; a Hespanha produz annualmente 16 a 17 millhões de kilogrammas, a Inglaterra de 66 e 70,000 kilogrammas, a Irlanda 4:400,000 kilogrammas; os Paizes Baixos possuem 168 fabricas de papel e empregam nesta industria 2,248 obreiros, a Suissa com 12 machinas e 40 fabricas produz annualmente 13:000.000 de kilogrammas e finalmente no Zolverein existem 800f abricas de papel, produzindo por anno 36:000,000 de kilogrammas.

Os productos portuguezes no meio de tão grande e

tão adiantada concurrencia, não deixam todavia, neste genero, de competir vantajosamente com outros similares e a melhor prova que podemos adduzir a este respeito, é que o papel de linho portuguez, empregado para escripturação e livros de commercio, tem deslocado o papel italiano que até ha pouco tempo suppria quasi exclusivamente o nosso mercado.

No Rio de Janeiro já se vende em muitas casas o papel portuguez, e mencionaremos, entre outras, o bello estabelecimento typographico a vapor dos Srs. Moreira, Maximino & Comp., á rua da Quitanda n. 111.

Sentimos não encontrar na exposição amostras do papel portuguez de imprimir. Sendo tão grande o consumo que no Brazil se faz deste genero, é natural que, se na qualidade e no preço este papel pudesse competir com o de outra procedencia, fosse a sua concurrencia de reconhecida vantagem tanto para o fabricante como para o consumidor.

O papel de impressão no Brazil é excessivamente caro, concorrendo poderosamente para isto os enormes direitos exigidos pelo fisco, o que dá em resultado o limitado movimento da imprensa do paiz e a reconhecida exorbitancia dos livros, salvo pequenas e rarissimas excepções.

E' por isto que nos parece que a introducção mais larga deste genero em nossos mercados seria de muita vantagem para favorecer no Brazil o progresso da arte typographica e a grande vulgarisação dos livros de ensino.

Este ramo de industria portugueza tem sido muito apreciado em diversos paizes da Europa, sendo unanimes em reconhecer-lhe notavel progresso no aperfeiçoamento de sua fabricação, como é facil verificar pelos diversos premios que alguns de seus fabricantes obtiveram nas mais recentes e brilhantes exposições internacionaes.

Assim foram galardoados com menção honrosa na exposição de Londres em 1862, a fabrica de papel de Ruaes e a de D. Eugenia M. M. Smith.

Igual menção obtiveram na exposição de Paris de 1867, Joaquim de Sá Castro, da villa da Feira, Manoel Ignacio Pires, de Penella, e Antonio Gonçalves Lemos de Lousã, fabrica muito antiga e que emprega 120 operarios, estando ainda no mesmo caso a fabrica do visconde de Villa Nova da Rainha, em Thomar.

Em 1873 na exposição de Vienna, o referido Joaquim de Sá Castro obteve diploma de merito pela excellencia das diversas qualidades de papel que apresentou e o mesmo conseguiram Gonçalves de Lemos e o visconde de Villa Nova da Rainha, assim como anteriormente já o havia obtido o Dr. Alexandre de Oliveira, da fabrica da Abelheira, em 1855.

Faltam-nos as listas officiaes dos premios conferidos nas outras grandes exposições; mas póde presumir-se, com visos de certeza, que estes e outros fabricantes de papel nellas obtivessem tambem recompensas.

Póde portanto concluir-se d'aqui que a fabricação do papel em Portugal não está comparativamente em atraso com relação aos outros paizes productores do mesmo genero. Se não apresenta tantos papeis de phantasia como teem produzido ultimamente a Inglaterra e a França, é certo que o papel da maioria de suas fabricas se recommenda geralmente pela fortaleza e bom aspecto.

A industria do papel foi uma das que despertou mais vivo interesse na recente exposição universal de Paris. Duas magnificas machinas de fabricar papel, narra uma testemunha occular, ahi funccionavam quotidianamente. O publico assistia com muita admiração ás transformações por que passa a pasta dos trapos apodrecidos, desfiados branqueados, que, desdobrada com regularidade maravilhosa sobre formas metalicas, é apanhada pelos cylindros, frios ou quentes, apertada, secca, laminada, formando um papel continuo que se enrola em bombina monstruosa ou se offerece á machina de cortar que o divide methodicamente em folhas.

Viam-se na exposição como amostras de papel continuo, para uso dos jornaes, bombinas de 4 a 5,000 metros de comprimento.

E' justificavel o interesse que desperta esta importante industria, lembrando-nos que a falta de materia prima para o fabrico do papel tende a augmentar progressivamente, o que, no caso de se não encontrarem desde já succedaneos apropriados, póde produzir mais ou menos eminente uma crise na producção deste genero, o que seria sem duvida muito mais para embaraçar o desenvolvimento do progresso em

geral, do que a crise do algodão ou de qualquer outra producção, de consumo mais limitado.

Em boa hora trabalham pois e prosperam as fabricas portuguezas. A sua concurrencia deve ser recebida com os braços abertos e cremos que o será de certo. A exposição portugueza no Rio de Janeiro confirma-nos nesta esperança.

E. Z.

(Continúa.)

Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro

(*Continuado de pag.* 43.)

Encetando assim os seus trabalhos em Portugal, cumpria agora que a Companhia diligenciasse obter do Governo Imperial as necessarias concessões, e para esse fim foi commissionado o Sr. Marcellino Barbosa, que partiu para esta côrte em Outubro do anno findo.

Tanto que chegou, sem se valer de nenhuma apresentação official nem officiosa, dirigiu-se particularmente a S. M. o Imperador, e aos Srs. conselheiros João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, presidente do Conselho e ministro da Agricultura, Commercio e Obras publicas, Gaspar da Silveira Martins, ministro da Fazenda e Carlos Leoncio de Carvalho, ministro do Imperio, e recebeu o mais obsequioso acolhimento e promessas favoraveis, dentro em pouco traduzidas em factos.

Endereçou depois officialmente ao Governo Imperial, pela secretaria da Agricultura, o seguinte requerimento :

« Senhor. — A Companhia Fomentadora das Industrias

e Agricultura de Portugal e suas colonias, legalmente fundada e com séde na capital do reino de Portugal, vem, por intermedio de um dos seus socios gerentes actualmente nesta cidade, impetrar do esclarecido governo de V. M. I. iguaes favores aos que já em outra occasião foram dispensados quando se intentou nesta côrte uma exposição de productos portuguezes; idéa que de novo revive, e por ventura com melhor exito, e pelo Governo de V. M. I. foram concedidos os favores agora novamente solicitados.

Os tres ultimos certamens do trabalho e progresso dos povos—as exposições de Vienna, de Philadelphia e de Paris—trouxeram a convicção aos que se interessam pelas cousas portuguezas que os progressos obtidos nos variados ramos da industria e da agricultura, evidenciados no comparecimento honroso de Portugal a estas festas da civilisação, foi uma conquista não menos gloriosa do que aquellas em que outr'ora tinha quasi exclusivo privilegio.

« E sendo certo que d'estas manifestações do trabalho e dos progressos humanos, quaes sejam as exposições, mais se affirmam as relações dos povos e governos, não podem senão augurar-se bons resultados da projectada exposição portugueza na capital do imperio.

« N'este sentido, pois, vem o requerente collocar sob o patrocinio do Governo de V. M. I. o pedido das seguintes concessões:

« A cedencia temporaria de um edificio nacional em que possam ser exhibidos os productos da exposição portugueza.

« A isempção de direitos para os objectos que devam receber-se para tal fim, e para os que, não sendo vendidos, tenham de ser reexportados.

« Julgando o requerente desnecessario adduzir outros factos que mais evidenciem as razões expostas, julga comtudo lembrar respeitosamente a V. M. I. os mutuos interesses commerciaes que da exposição portugueza advirão aos dous paizes. — E. R. M. — Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1878. — *Marcellino Ribeiro Barbosa.* »

Em solução a este requerimento, o Sr. ministro da Fazenda dirigiu ao Sr. Inspector da alfandega o aviso transcripto em seguida:

Ministerio dos negocios da Fazenda.

« N. 330. — Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1878.

« Tendo resolvido que Marcellino Ribeiro Barbosa, a quem o Governo Imperial concedeu licença para realizar n'esta côrte uma exposição de productos da industria portugueza, em vez de caução de que trata o aviso n. 323 de 23 do corrente mez, preste fiança idonea, como permitte o art. 4° § 33, 2ª parte, das disposições preliminares da tarifa, pelos direitos dos objectos que, terminada a dita exposição, não forem reexportados; assim o communico a V. S. para sua intelligencia e devidos effeitos.

« Deus guarde a V. S. — *G. Silveira Martins*, ministro da Fazenda. — Sr. Inspector da alfandega do Rio de Janeiro. — Cumpra-se. Alfandega, 31 de Dezembro de 1878. — *Fernandes da Cunha.* »

E do Sr. ministro do Imperio recebeu o Sr. Barbosa o officio que segue:

Ministerio dos negocios do Imperio.

« Rio de Janeiro, em 4 de Janeiro de 1879.

« Tendo em attenção o que V. S. representou, na qualidade de socio gerente da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, resolveu o Governo Imperial ceder para a exposição que a mesma Companhia pretende fazer n'esta cidade as salas do pavimento terreo do edificio occupado pela Academia Imperial das Bellas Artes.

« A exposição, porém, deverá verificar-se nos mezes de Julho a Setembro proximos vindouros, das 9 horas da manhãn ás 4 da tarde, e nella não poderão figurar materias inflammaveis.

« Na presente data dou conhecimento d'esta resolução ao director interino da referida Academia.

« Deus guarde a V. S. — *Carlos Leoncio de Carvalho.* — Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa. »

Não contente em obter estes favores do Governo Imperial, julgou o Sr. Barbosa conveniente alcançar tambem da opinião publica nesta capital manifesta adhesão ao emprehendimento da companhia, e com tal proposito dirigiu offi-

cios a varias corporações do estado e a associações particulares e de todas recebeu as mais lisongeiras e animadoras respostas.

Aqui as deixamos consignadas como documentos de importancia.

Secretaria da Camara dos deputados

« Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1878.

« Illm. Sr. — Accuso o recebimento do officio de V. S., datado de 27 do corrente, que em nome da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias me dirigio, remettendo um exemplar do programma e regulamento que teem de ser observados na exposição de productos que a citada Companhia vai realisar n'esta côrte ; e em nome da augusta Camara dos deputados agradeço o mesmo offerecimento, e faço votos pelo feliz exito da mesma exposição, que tanto interessará a Portugal e ao Brazil.

« Deus guarde a V. S. — Illm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa, digno gerente em commissão da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e colonias. — O 1° seeretario, *José Cesario de Faria Alvim.* »

Secretaria do Senado

« Rio de Janeiro, em 4 de Janeiro de 1879.

« Illm. Sr.—Foi presente ao Senado, em sessão de 2 do corrente mez, a carta que a S. Ex. o Sr. visconde de Jaguary, presidente daquella Camara, dirigiu V. S. em data de 26 de Dezembro proximo passado e igualmente o programma e regulamento que teem de ser observados pela Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias na exposição de productos que se propõe a realisar nesta capital.

« O Senado, como é de esperar, não duvidará adherir á animação que da parte de S. M. o Imperador e do Goveruo Imperial tem recebido tão importante empreza, e prestar-lhe a sua attenção, como V. S. solicita ; o que tenho a honra de communicar a V. S. na qualidade de gerente da Commissão, e em resposta á supradita carta.

« Deus guarde a V. S. — *José Pedro Dias de Carvalho*, 1° secretario.—Illm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa. »

Academia Imperial das Bellas-Artes.

« Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1878.

« Illm. e Ex. Sr.—Acceitando em nome da Academia Imperial das Bellas-Artes, que tenho a honra de representar no impedimento do digno director d'ella, o Sr. conselheiro Antonio Nicolau Tolentino, o honroso convite que V. Ex. se dignou dirigir-lhe, em data de 27 do corrente, para coadjuval-o no empenho civilisador de effectuar nesta côrte uma exposição publica de productos portuguezes, tenho a maior satisfação em assegurar a V. Ex. para que se digne leval-o ao conhecimento da illustre sociedade fundada em Lisboa « Fomentadora da Industria e Agricultura de Portugal e suas colonias », que esta academia contribuirá, quanto lh'o permittam seus recursos, para a realisação de uma empreza que, honrando a nação a que a nossa cara patria se acha mais intima e cordialmente ligada, será em beneficios fecunda aos dous paizes.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa, muito digno gerente em commissão da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias. — O vice-director, Dr. *Ernesto Gomes Moreira Maia.* »

Associação Commercial do Rio de Janeiro

« Illm. Sr.—A directoria da Associação Commercial do Rio do Janeiro tomou conhecimento do officio que V. S. lhe endereçou em 6 de Dezembro proximo passado, communicando-lhe que nas bases do programma da exposição que intenta realisar nesta capital a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, está consignado o encargo de ser esta directoria a que tem de indicar as pessoas que hão de compôr o jury de apreciação para os premios e menções honrosas.

« Agradecendo, como lhe cumpre, a communicação referida, não póde esta directoria deixar de espontaneamente louvar, como de feito louva e applaude, a idéa da sobredita

exposição, da qual só reciprocas vantagens podem resultar para duas nações amigas, vinculadas pela mesma origem, lingua e religião.

« Deus guarde a V. S.— Secretaria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1879.

« Illm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa, dignissimo gerente em commissão da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias.— *Visconde de Tocamtins*, presidente. — *Joaquim Jasé Duarte*, secretario. »

Sociedade Propagadora das Bellas-Artes

« Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1878.

« Illm. Sr.— Cabe-me a honrosa missão de responder ao officio que V. S., na qualidade de gerente em commissão da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, dirigiu á Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, solicitando-lhe a coadjuvação e bons officios de que ella possa dispôr em pró da util idéa de realisar-se nesta côrte uma exposição dos productos da industria e da arte portugueza. Filha de uma tentativa generosa, desinteressada e patriotica, qual é a de promover o estudo, a pratica e o florescimento das bellas-artes em todo o Imperio, é sempre motivo de regosijo para ella todo o empenho que directa ou indirectamente puder concorrer para o fim a que esta sociedade se propôz, e no qual envida todos os seus recursos desde o dia 23 de Novembro de 1856.

« A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes recebeu pois, cheia de satisfacção, a boa nova que V. S. lhe enviou; e fazendo votos pela realisação de tão proveitoso commettimento, prestará a essa Companhia e a V. S., com a melhor boa vontade, quanto favor e auxilio lhe fôr compativel; e reconhecendo desde já a conveniencia de ter V. S. e a commissão local da exposição um lugar onde possam celebrar suas sessões preparatorias, põe á sua disposição para esse fim uma das salas do seu edificio.

« Aguardando as communicações que V. S. haja de fazer-lhe, tenho pela minha parte a honra de apresentar a V. S. os protestos de minha distincta consideração.

« Deus guarde a V. S.— Illm. Sr. Marcellino Ribeiro

Barbosa, dignissimo gerente em commissão da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias. — O 1° secretario perpetuo, *Francisco Joaquim Bittencourt da Silva.* »

J. DE M.

(*Continúa.*)

IMPRENSA BRAZILEIRA

A imprensa no tempo do absolutismo vegetava porque era amordaçada pelo poder.

A' medida que definhava o poderio das classes privilegiadas, crescia e medrava.

A liberdade emancipou-a e ella tornou-se universal.

Hoje é a maior das potencias de que dispõem os povos livres e civilisados.

Imaginae um grande lago sereno e tranquillo ; atirae-lhe ao centro uma pedra e vereis essa extensa superficie de agua mover-se em circulos concentricos, emanados do ponto em que a pedra cahiu, e estes irem-se progressivamente alargando nos seus diametros até se perderem nas margens : assim é a imprensa diaria : aventa uma idéa, dá noticia de um acontecimento notavel, e em poucas horas essa noticia e essa idéa são lidas por todos os habitantes de uma grande capital ! Em poucos dias chega ao conhecimento dos habitantes de todas as cidades, villas e aldeias de um paiz ; e, mais ainda, atravessa os mares e lá vai espalhar-se como o relampago pelos outros paizes, de que se compõe a terra que habitamos !

Póde asseverar-se que a imprensa diaria é o facho que illumina todas as intelligencias, mesmo as dos que não leem, mas podem ouvir ler.

Desde que Marcellino Barbosa, esse benemerito da patria, teve a idéa da Exposição Portugueza, ha 9 annos, nunca a imprensa lhe virou as costas.

Se alguem duvidou; se alguem disse ou pensou que era utopia, que era sonho irrealisavel, que Marcellino era um louco.... não foi por certo a imprensa: essa foi sempre prodiga em o animar e proteger.

Já disse no meu ultimo artigo que a imprensa brazileira fôra unanime em apoiar a exposição e em elogiar os resultados.

Depois de artigos laudatorios, de apreciações geraes, passou aos estudos especiaes dos differentes productos alli expostos, e se nas apreciações geraes foi accorde, nas especiaes tambem o tem sido.

Em todas as folhas diarias, grandes e pequenas, teem sido analysados com proficiencia e imparcialidade, e mais ou menos minuciosidade, todos os productos das industrias e artes portuguezas.

Os jornaes hebdomadarios sérios e humoristicos teem entrado na liça e de viseira levantada, deram provas evidentes de que esse modesto tentamen era digno dos seus encomios.

Alguns dos muitos artigos escriptos até hoje só variam pelo modo como encaram os assumptos.

Vê-se que os auctores se empenham, á porfia, em trazer a publico o resultado da sua critica reflectida, franca e sincera, no intuito de tornar bem patentes as vantagens que da exposição advirão incontestavelmente aos dois paizes, Portugal e Brazil.

Revelam conhecimento profundo dos assumptos, accurado estudo e critica conceituosa.

Os portuguezes aqui residentes é que se não teem compenetrado ainda das vantagens que a imprensa lhes aponta.

A frequencia da parte d'estes por emquanto não é a que se devia esperar, já por curiosidade, já por patriotismo, e principalmente por interesse social.

Sinto ter de terminar por este ligeiro, mas lamentavel facto. Porém a verdade primeiro e acima de tudo.

Antes de estar patente a Exposição podia duvidar-se da sua importancia, mas agora não, porque além da imprensa apregoar, *una voce*, que é merecedora de ser visi-

tada, que é excellente, que ha de ser proficua em resultados para os dois paizes; tambem os poucos milhares de visitantes teem reconhecido, *de visu*, que não foram illudidos, e devem ter influido para que os incredulos vão verificar.

A que attribuir esta tal ou qual indifferença dos portuguezes aqui residentes? não sei! O futuro nol'-o dirá! Esperemos!

A.

Registro de Noticias

Rio, 23 de Agosto de 1879.

Visitas imperiaes.—A 18 voltou S. M. o Imperador ao palacio da exposição. Demorou-se algumas horas, e os objectos em que recahiu a sua attenção foram examinados com pronunciado interesse, pedindo frequentemente informações sobre a producção, numero de braços empregados, motores, etc.

Sua Magestade mostrou gostar muito da estatueta em marmore representando *Sapho*, pelo sr. Simões de Almeida Junior (Lisboa), do qual já possue um bello trabalho, *A Saudade*.

Deteve-se perante os quadros de Annunciação, e dignou-se elogial-os.

Os pannos para o exercito mereceram especialissimo exame da parte do Imperador, chegando a mostrar desejos de ver a respectiva factura, que logo lhe foi apresentada pelo Sr. Luciano Cordeiro.

Afóra os jornalistas, ninguem tem estudado com mais assiduidade e applicação os artigos industriaes alli exhibidos.

*

Imprensa da côrte.—O n. 2 da *Revista da Exposição Portugueza* foi remettido domingo (17) ás redacções das diversas folhas.

Declararam que o receberam o *Jornal do Commercio*, o *Diario Official*, a *Gazeta de Noticias* e o *Cruzeiro*.

Estes dois ultimos jornaes tiveram a deferencia de accrescentar algumas palavras de amabilidade, favor que agradecemos.

*

Visitantes. — E' já bastante avultado o numero de pessoas que têem affluido a ver a Exposição, e neste numero contam-se os representantes das mais altas gerarchias: conselheiros, titulares, diplomatas, deputados, senadores, ministros de estado, jornalistas e as mais gentis e elegantes senhoras da capital e da cidade fronteira.

A Exposição é romaria obrigatoria; é hoje o lugar aprazado da boa sociedade. As sedas, os damascos, os velludos, e sobretudo o esplendor das joias attrahem irresistivelmente as senhoras; os homens apreciam a boa qualidade dos pannos, a perfeição das casimiras, os excellentes tecidos de algodão, as porcellanas, os crystaes, os primores typographicos, os aprestos de navios — e a distincta classe dos enóphilos contempla beatificamente os tropheus que se ostentam de um modo tentador na sala de D. Diniz.

Entre as pessoas da alta sociedade que alli teem concorrido, lembramo'-nos agora das seguintes:

Os Srs. viscondes do Rio Branco, de Jaguary, de Borges de Castro, de S. Salvador de Mattosinhos, do Rio Vez, de S. Christovam, conselheiros Moura (ministro da marinha) Leoncio de Carvalho, Diogo Velho, viscondessa de Sousa Franco, familia Saldanha da Gama, deputados Souza Carvalho, Tavares Belfort, Cardoso Vieira, ministros e consules estrangeiros, barões de Guahy e de Vildick, commendadores Sampaio Vianna, Sattamini (funccionarios superiores da alfandega), Leonardo de Araujo, Ramalho Ortigão (Joaquim), Eduardo de Lemos, Costa Ramalho, Manoel Roque, e muitas outras pessoas que longo fora ennumerar.

Facto extraordinario e sem explicação plausivel, o numero de visitantes portuguezes não é o que se deve esperar; tem sido proporcionalmente menor que o dos brazileiros.

A que attribuir esta abstenção, pouca patriotica, nada justificavel, quasi indecente diremos?

Sem hesitação, sem rebuço, clamamos que o bom exito d'esta Exposição é um empenho de honra para os portuguezes; que abandonal-a descuidosamente ou, peior, intencionalmente, é uma vergonha para nós; um desar nacional.

Reflictam nisto os indifferentes, se os póde haver; esqueçam pequenos resentimentos os despeitados, se por acaso existem.

*

Illuminação.—A' noite os objectos expostos não produzem menor effeito que de dia, graças á profusa illuminação que clarêa as salas brilhantemente.

A Commissão directora fez canalisar o gaz em todas as direcções, de fórma que não ha ponto algum que não esteja perfeitamente allumiado, sendo esta a que verdadeiramente se póde chamar illuminação *a giorno*.

Este trabalho foi dirigido pelo Sr. Agostinho José de Andrade de Queiroz, habil mestre da Companhia de Gaz.

*

Despezas.—As realisadas com a Exposição, desde que começou a organizar-se até hoje, passam de cem contos de réis.

*

Inscripção.— Na grade da janella que fica por cima da porta da entrada principal do edificio da typographia nacional está pintada em panno a inscripção seguinte:

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

FRATERNISAÇÃO PELO TRABALHO.

*

Quadros a oleo.— Depois da abertura da exposição entraram mais dezoito quadros, sendo onze de Annunciação, cinco de Leonel Pereira, um de Bordallo, pae, e um de Thomazini (vista de Constantinopla). São dignos de apreciação.

Pertencem aos Srs. Leitão Junior, Moreira Guimarães Luiz de Rezende.

Na proxima semana collocar-se-hão quatro aquarellas, trabalho do Sr. Barradas.

*

Scena comica.—O Sr. Arthur Azevedo, poeta e comediographo, escreveu uma scena comica intitulada *Uma visita á exposição portugueza*. Deve ser desempenhada pelo Sr. Silva Pereira no theatro da Phenix Dramatica.

*

Preço de entrada.— Em uma cidade onde o preço para tudo rarissimamente desce de 1$000, que é geralmente a unidade *minima* admittida para pagamento de todos os serviços, de todos os objectos, de todos os espectaculos; nesta cidade ninguem razoavelmente póde achar caro o preço estabelecido para entrada na exposição.

No emtanto assim não é: certo numero de gente, lembrada de que os exploradores dos ratos sabios, das pulgas industriosas, da mulher gigante, do anão da Liberia, e de quantas maravilhas, por ahi surdem para embasbacar ingenuos, começam sempre por 2$000 e acabam invariavelmente por 200 rs.;—essa gente pouco enthusiasta das sensações em primeira mão, mas muito amiga das cousas baratinhas; que procura não o que é bom, mas o que é modico; que cultiva com assiduidade a litteratura dos annuncios para conhecer as lojas que apregoam abatimentos fabulosos nos generos e nas fazendas, não se importando levar espiga comtanto que compre barato, que frequenta os leilões nocturnos, e é fregueza da *casa dos farneis*; essa gente, pacata e credula, esperava, socegadamente e com toda a segurança, o periodo infallivel do abatimento successivo do preço da entrada, para ir admirar a exposição por uma nota de quinhentos ou, quiçá, mediante um nickel de tostão.

Era uma intenção honesta, por ventura muito respeitavel,

mas que, infelizmente, foi frustrada pela rigidez da Commissão directora.

Com um laconismo spartano e um sangue-frio cruelissimo mandou ella para a imprensa a concisa declaração seguinte:

« Preço até o encerramento definitivo, 1$000. »

Póde haver nada mais barbaro, nada mais attentatorio do interesse alheio?

E' crime de lesa-economia!

*

Testimunho insuspeito.— Consta-nos que o Sr. conselheiro Haupt, consul geral do imperio Allemão, pretende dirigir ao seu governo um relatorio minucioso da exposição portugueza, tão digna a acha d'esse trabalho, qner pela maneira brilhante por que se apresentou, quer pelos resultados conmerciaes a que deve dar lugar.

*

Vendas.—As joias e mais trabalhos de ourivesaria são os unicos objectos que a Commissão directora tem permittido vender, e estes teem tido uma extracção animadora. Mesmo apezar de vendidos, nenhum artigo tem por ora sahido á excepção dos que os expositores trouxeram em duplicata, de fórma que este grupo se conserva no primitivo esplendor, como se conservarão todos os outros até final encerramento da exposição.

Parece que na proxima semana se abrirão os preços de outras classes de productos.

*

Votos de louvor.—Em officio de 6 do corrente remetteu o ministerio dos Negocios Estrangeiros aos Srs. presidentes do Senado e da Camara dos deputados os officios em que os presidentes das duas casas do Parlamento portuguez transmittem os votos « de louvor e reconhecimento ao Governo Imperial e á Nação Brazileira pela alta sympathia com que accolheram a idéa de uma exposição de productos portuguezes na cidade do Rio de Janeiro. »

Os Srs. presidentes do Senado e da Camara declararam que os officios foram recebidos com agrado, e mandaram fazer as devidas communicações.

*

Estatistica.—Segundo informações fidedignas, as entradas pagas na Exposição desde o dia 6 a 22 do corrente pouco excedem de vinte mil.

*

Album da exposição.—O Sr. Marcos Ferrez, photographo escolhido pela Commissão Geologica para a acompanhar ás excursões que fez nas provincias do norte, bem conhecido pelos seus perfeitissimos trabalhos, e cujos albuns são muito procurados por quantos visitam esta capital, e desejam possuir vistas dos principaes edificios que a adornam e das bellas paysagens que a circumdam, acaba de tirar, mediante licença da Commissão directora, diversas vistas da exposição.

São de dois tamanhos; um de 24 centimetros de altura sobre 30 de largura, e outro de 12 sobre 18.

O primeiro contém nove vistas e o segundo quatorze.

Estão collados em papel cartão, e cada collecção tem a sua pasta.

Custa qualquer d'ellas 40$000, e são proprias para conservar memoria d'este bello concurso da industria portugueza.

*

Delegado de Pernambuco. — Regressa amanhan no paquete inglez *Minho*, o Sr. Virissimo Chaves que veiu commissionado pela colonia portugueza d'aquella provincia para assistir á ceremonia inaugural da Exposição portugueza.

S. S. deixou captivos de suas maneiras quantos tiveram ensejo de o conhecer e tractar de perto. Desejamos-lhe feliz viagem.

*

Horario das visitas.—A começar da semana seguinte, ás quintas feiras a exposição estará aberta desde as 3 horas da tarde ás 10 da noite.

Ficam assim attendidas as reclamações de muitas pessoas que tem as tardes desempedidas.

Nos outros dias continúa o horario estabelecido: isto

é : de manhan desde ás 10 horas até ás 3 da tarde; e de noite desde ás 6 1/2 até ás 10 horas.

*

Revista da Exposição Portugueza.— Esta publicação irá dando os retratos dos Srs. Caetano Augusto de Souza Carvalho, Alvares Carneiro Geraldes, Jeronymo da Silva e Virissimo Chaves, e interpoladamente estampas representando o plano das salas em que se acha a Exposição, a famosa faca de matto, e a graciosa estatueta do rapaz a rufar tambor n'uma panella.

O rapaz a rufar tambor no fundo de uma panella velha

ESTATUA EM GESSO POR JOSÉ MOREIRA RATO JUNIOR.

Diz a *Correspondencia de Portugal* de 13 de Julho proximo passado : « *Bella estatua.*—Vai no paquete de hoje para a Exposição Portugueza no Rio de Janeiro uma bella estatua em gêsso, feita por um joven discipulo de Victor Bastos, José Moreira Rato Junior.

« A estatua esteve exposta na Academia das Bellas-Artes. Representa um pobre rapaz, d'esses que vagueiam pelas ruas, tocando tambôr ; um tambôr que é nem mais nem menos que uma panella velha de fundo para o ar.

« Nas Bellas-Artes foi muito apreciada.

« A alegria que o rapaz revela nas feições é admiravel. »

Ora já vê o leitor ou leitora que não podiamos fazer melhor escolha para mimoseal-os na nossa *Revista*.

Concordamos, pois, por este facto, com a opinião acima emittida pela redacção da *Correspondencia de Portugal*.

Devéras, a estatua não é só admiravel, é graciosa, é interesante, por isso que é a copia fidelissima da natureza viva.

Lá está na sala dos Braganças, e não é somenos que as outras expostas.

O esculptor novel que a cinzelou em barro (o original é em barro) animou-a, deu-lhe vida, e, pois, é um artista.

A evolução social que nos differentes paizes da Europa estava incubada desde longa data ; evolução lenta e continuamente elaborada no seio dos povos, para conseguirem a sua libertação, foi revelada no ultimo quartel do seculo passado, por essa tempestuosa mas proficua revolução franceza. Ella foi a trombeta que annunciou aos povos que iam ser livres ; foi o vûlcão de cujas lavas brotou a redempção da humanidade.

A liberdade ainda embryonaria, d'essa éra em diante, desenvolveu-se passo a passo, até nos abrir os porticos luminosos do templo das sciencias e das artes. Tudo se mudou na face da terra.

Usos e costumes, moral e religião, politica, sciencias, artes, industrias, navegação, tudo progrediu, porque foram lentamente afrouxando as cadeias que arrocheavam os pulsos do homem.

A esculptura, esta arte sublime, tambem partilhou o seu quinhão no banquete do progresso e quinhão importante.

Se nos internamos nesse labyrintho infindo e inextricavel da historia antiga e média da estatuaria, e nos embrenhamos no seu vasto estudo, o que vêmos? Dil-o-hemos em rapidos traços.

A começar pelas estatuas dos deuses, dos heróes, dos idolos e dos symbolos, nas remotas éras do antigo *Egypto, da Syria, da Grecia, India, Indo-China, Japão* e *America do Norte*, umas que ainda existem, outras de que temos noticia pelas narrações fidedignas dos viajantes e historiadores, nós sabemos que a estatuaria colossal era a que predominava, e que o seu fim principal era excitar sensações de poder, de magestade e de grandeza.

Todas estas estatuas monumentaes assombravam, infundiam respeito e terror; mas jámais encantavam ou extasiavam pela belleza e graça das fórmas naturaes. Quando muito representavam o *bello-horrivel*.

Agora, se volvermos uma vista d'olhos por sobre a estatuaria, após o começo da éra christã até ao fim da idade média, reconheceremos ainda em parte as fórmas colossaes, mas a par d'ellas, desenvolver-se já a feição caracteristica do christianismo.

Era o resultado da evolução lenta e constante da sociedade.

Se percorremos os sumptuosos templos d'essas épocas, lá os vamos encontrar povoados na sua vastidão, fóra e dentro, por toda a parte, de estatuas numerosas, desde o Christo e a Virgem, os Patriarchas e os Reis, os Apostolos e os Anjos, até os milhares de Santos e de Martyres!

Já em muitas d'essas estatuas se nos revela a tendencia para a imitação da natureza, mas sempre acorrentada ao

mysticismo religioso. Representavam a biblia em pedra, barro e bronze. Explicavam o sentido religioso dos templos. Eram — *Le livre des illettrés* — o livro dos ignorantes.

Do seculo passado a esta parte é que a estatuaria se emancipou lenta e progressivamente do servilismo sobrenatural e mystico, como se emanciparam todas as artes e sciencias.

Após a extincção dos conventos, dos senhores feudaes, dos morgados, das luctas religiosas, da inquisição, raiou emfim a aurora da liberdade, cresceu e produziu fructos sazonados.

Hoje a estatuaria só se ostenta grandiosa e colossal para eternisar os homens verdadeiramente notaveis ou os acontecimentos evolutivos sociaes ; d'aquelles citarei as estatuas de Schiller, de Goethe, de Cavour, de J. Jacques Rousseau, de Camões, de Bonifacio de Andrada e de alguns monarchas ; d'estes, os acontecimentos evolutivos sociaes, basta citar a estatua colossal da Liberdade no porto de New-York.

A feição caracteristica do seculo actual é a de proporções naturaes, fórmas graciosas, emfim a copia fiel do vivo.

Deixemos as divagações historicas e vamos ao nosso rapaz.

Todos nós temos visto rapazes a rufar tambor, em tambores pequenos e em panellas velhas.

Creio mesmo que muitos dos leitores rufaram tambor. (Eu rufei em creança, e por signal que atormentei muita gente.) Bons tempos eram esses, pois não eram?

Portanto aqui vos apresento o retrato semelhante de um dos taes rapazes.

Ahi está elle, vivo, rôto, desgrenhado, risonho, ufano, embriagado com os sons asperos, rudes e desafinados que tira do fundo da panella com aquelles dois tôscos páos.

E' elle mesmo, está alli, fiel, exacto, primoroso, admiravel. Olhae com attenção, escutae : vê-se, ouve-se, sente-se que nos atordôa os tympanos com sons ruidosos.

Quem deixará, pois, de repetir commigo, que Rato Junior é artista distincto, artista inspirado, porque com o cinzel e o escôpro soube dar vida a um pedaço de barro?

Ninguem.

A.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

IV

A SALA DE LUIZ DE CAMÕES

(*Continuação.*)

Tratámos no artigo precedente do progresso e adiantamento das fabricas de papel em Portugal, e apresentámos por essa occasião a estatistica comparativa dos paizes mais adiantados neste genero productivo, parallelo de que deve necessariamente ter resultado vantajosa conclusão em favor dos melhoramentos industriaes daquelle povo, tão satisfactoriamente representados na actual exposição.

Mostrámos tambem que a difficiencia da materia prima tende a manifestar-se por toda a parte, em quanto que o consumo do papel augmenta progressivamente com o emprego incessante e por assim dizer universal, que a imprensa impõe ao mundo como auxiliar da civilisação.

No Brazil infelizmente esta industria não tem vingado até aqui. Algumas fabricas que se tem conseguido montar, cahiram inanidas, e sem dar nunca resultados perfeitos e animadores. O que se faz, porém, dos residuos de algodão das fabricas de tecidos, dos trapos, das substancias vegetaes e de tantos succedaneos que podiam ser vantajosamente aproveitados se os não deixassem apodrecer inutilmente, sem aproveitamento industrial, e sem reproducção economica ?

Parece-nos que seria uma idéa feliz a sua exportação. Como lastro de navios, o seu transporte seria nullo, e muito auxiliaria por certo a fabricação do papel, que em outros paizes augmenta consideravelmente de anno para anno, luctando com a falta crescente do material indispensavel.

Examinemos, agora, ainda na sala de Luiz de Camões, os esplendidos trabalhos da typographia nacional de Lisbôa, e de algumas outras particulares, dignas tambem de mencionar-se.

A typographia nacional de Lisbôa é hoje considerada na Europa como um dos primeiros estabelecimentos do seu genero.

Os altos premios obtidos em todas as grandes exposições internacionaes, os louvores unanimes da imprensa nos paizes mais adiantados, confirmam esta opinião, que facilmente é recebida, vendo a exhibição das admiraveis impressões, das obras primorosas, que nestes ultimos annos teem sahido de seus prélos, com grande honra não só para aquelle estabelecimento, como para a perfeição e nitidez com que os operarios comprehendem o gosto e a correcção nos productos da maravilhosa arte de Guttenberg.

Eis o que diz a *Breve Noticia*, relativamente á fundação da typographia nacional de Lisbôa.

« Foi o Marquez de Pombal, o grande e famoso ministro de el-rei o Senhor D. José I, que primeiro concebeu e poz por obra o pensamento da creação de um estabelecimento, que fosse exemplar e escola da typographia em todos os seus ramos, em que se ensaiassem, praticassem e ensinassem os mais aperfeiçoados processos, em que se cultivasse a arte pela arte, e ao mesmo tempo se procurasse, em ordem a promover e facilitar a larga diffusão da instrucção publica, estampar por preços modicissimos os livros elementares, de que para as escolas recem-abertas ou restauradas se carecia. Era para assim dizer, o substancioso prologo da vasta reforma dos estudos, pouco depois emprehendida e levada a cabo com singular acerto e felicidade.

« Estes intuitos patrioticos e civilisadores do consumado estadista estão expressos com claresa no alvará de 24 de Desembro de 1768, pelo qual foi fundada a impressão regia, hoje imprensa nacional de Lisbôa. »

A elevada concepção do grande estadista portuguez, parece antes a idéa progressista de um audaz innovador de nosso tempo, do que a poderosa intuição do representante de um seculo comparativamente atrazado ao nosso, em relação ás conquistas de liberdade social e do progresso intellectual dos povos.

A semente abençoada produziu fructos exuberantes. E' este o poder dos legisladores soberanos, e dos genios precursores das lentas, mas seguras evoluções das sociedades

humanas. Penetram, atravez da espessa cerração que envolve as asperesas de seu tempo, nas longinquas, mas luminosas regiões do futuro, e ahi descobrem resplendente o clarão da verdade.

A evolução social vai desenvolvendo-se em sua marcha complicada, mas ascendente. A previsão encarnou-se no facto. O desconhecido de hontem, é a realidade de hoje. O homem desaparece, mas a idéa encrava as raizes no solo, e um dia braceja em arvore frondosa, auxiliada pelas condições propicias de seu meio vivificante.

Foi o que aconteceu á patriotica iniciativa do Marquez de Pombal. A typographia nacional de Lisbôa é hoje, não o que elle creou, mas o que elle desejava crear. E', depois de um seculo, o mais eloquente attestado do progresso intellectual de sua patria, o monumento que servirá a perpetuar por mais tempo, do que a fachada imponente dos Jeronymos, ou as pedras arrendadas da Batalha, as victorias pacificas da nacionalidade portugueza.

As officinas d'aquelle utilissimo estabelecimento, acham-se divididas em quatro grandes secções : typographia, fundição de typos, lithographia e fabrica de cartas de jogar.

A typographia é a mais importante das quatro divisões. Trabalham nella perto de 200 operarios. A sua receita sobe acima de 90:000$ annuaes. O consumo de papel tambem annual avalia-se em cerca de 40:000$ fortes.

Os valores que representa esta officina, sobem, segundo dados estatisticos, a perto de 500:000$ de moéda fraca, incluindo as obras de fundo e o papel existente no armazem respectivo.

Esta officina acha-se montada com todos os prélos e machinas mais modernas e perfeitas, constando-nos que na ultima exposição universal de Pariz a typographia nacional de Lisboa fez ainda a acquisição de uma machina de imprimir de papel continuo, das de Marinoni.

A segunda divisão do estabelecimento, que comprehende a fundição de typos, tem realisado os seus progressos mais notaveis de 1850 para cá, e hoje possue, nas suas differentes dependencias, além de muitos outros objectos importantes, uma machina de *guillocher*, e competente apparelho para gravura em espiraes, outra de gravura numis-

matica, e uma outra denominada pantographo universal, além de muitas outras de não menos real importancia.

Os valores existentes nesta officina e seus depositos são avaliados em cerca de 100:000$ fortes.

A officina lithographica é a mais moderna de todas as da imprensa nacional. Possue no emtanto hoje esta officina, além de grande numero de pedras correspondentes ao seu movimento, quasi todas allemães ou francezas, 13 prensas manuaes de bom systema, um bello prélo mechanico, uma machina de pautar papel, uma outra de aparar, um apparelho para tiragem de côres, e uma pequena machina de *guillocher*.

Representa esta officina o capital de 10 a 12:000$000.

A quarta divisão, que comprehende a fabrica das cartas, está hoje em decadencia relativamente ao muito qne d'antes produzia; mas ainda representa valores na somma de 10:000$000.

A respeito da administração economica d'aquelle estabelecimento, dá-nos um documento importante, as seguintes informações:

« Em vez do systema seguido vulgarmente no ensino dos aprendizes, tanto nas typographias, como em quasi todos os estabelecimentos industriaes, assim no paiz, como fóra d'elle, organisaram-se em todas as officinas escolas privativas, a cargo de artistas para tal objecto expressamente deputados, nas quaes se habilitam os mancebos que depois hão de exercer a arte como officiaes; destas escolas, que são escrupulosamente vigiadas, teem-se já colhido os melhores resultados.

« Foi instituida uma caixa de soccorros em Abril de 1846; efficazmente auxiliada, como o tem sido, pelo actual administrador geral, esta caixa de soccorros, que tem por fim ministrar subsidios em dinheiro e medicamentos, com assistencia gratuita do clinico, aos empregados e operarios enfermos ou inhabilitados, contava em 31 de Dezembro de 1866, 338 associados, possuindo já um capital excedente a 5:000$ fortes em fundos publicos de 3 %. Junto d'essa caixa funcciona tambem uma caixa de descontos e emprestimos, para os auxiliar nas suas multiplices necessidades, bem como uma caixa economica, em que podem com

segurança depositar os fructos de suas tenues economias, vencendo o juro de 6 %. »

Eis qual é em resumo a organisação administrativa da typographia nacional de Lisboa.

Os resultados desta discreta divisão do trabalho ahi estão patentes á vista de todos.

Assim deparamos em primeiro lugar com o bello livro dos *specimens*. E' difficil resolver o que merece mais admiração nesta obra, se o trabalho de fundição, se o de impressão. Em ambos a suppomos inimitavel. Na composição e impressão rivalisa sem duvida com os mais aprimorados trabalhos d'este genero sahidos dos prelos de Claye, Dupont, Schneider, Creté, Ducessois, Wiesener e « de outros não menos distinctos artistas, que são o esplendor da typographia franceza, e justamente reputados os primeiros nesta especialidade. »

As ultimas quatro paginas do livro tiradas a côres, são notaveis especialmente pela combinação de ouro e de platina, bem como a primeira dos traços typographicos.

Conta este estabelecimento uma colleção de caracteres orientaes riquissima, e como só possuem actualmente na Europa, Vienna e Pariz ; consta ella de typos de sanscrito, Cyro-Caldaico, hebraico, grego, copta, marata, ethyope, persa, arabe, russo, gotico moderno e antigo, e de muitos outros.

Das outras obras impressas na typographia nacional, que existem na exposição, mencionaremos o primoroso exemplar do *Episodio de Ignez de Castro*, escripto em sete linguas, maravilhosamente illuminado e de tão soberba correcção, que causou o mais vivo interesse não só em França, como em todos os outros adiantados paizes da Europa.

Cremos que o Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro, possue um exemplar d'este bellissimo trabalho.

A *questão de Lourenço Marques*, a *Pharmacopêa Portugueza*, a *Verdadeira Informação das Terras de Prestes João das Indias*, pelo padre Francisco Alvares, de 1878, as *Cartas da India e da China*, e finalmente muitas outras obras de igual merito, servem para caracterisar o gosto e a perfeição das composições typographicas da imprensa nacional de Lisbôa.

Não merece menos interesse o bello livro das lithographias portuguezas, e, finalmente, as correctissimas e primorosas cartas geodesicas, mappas hydrographicos e geologicos, que attestam não só grande proficiencia technica, como tambem perfeito acabamento artistico.

Obrigados a tratar rapidamente de todos estes assumptos, que mereceriam descripção minuciosa, accrescentaremos que a typographia nacional de Lisboa emprega hoje 300 operarios, tendo alcançado tão alto gráo de perfeição em seus trabalhos, segundo refere um documento official, que mereceu nas grandes exposições de Londres, Paris, Vienna e Philadelphia, as mais altas distincções e a honra de ser considerada como um dos estabelecimentos mais notaveis da arte typographica na Europa.

Ainda, como confirmação d'este asserto, transcreveremos as seguintes palavras:

« Escrevendo em 1861, ácerca do estabelecimento em cujas officinas se produziram estes admiraveis trabalhos (galardoados na ultima exposição universal com a medalha de ouro, a recompensa maior conferida aos expositores), autoridade superior a toda a excepção, d'Escodeca de Boisse, então secretario da imprensa imperial de Paris, pôz o seguinte remate ao seu artigo, inserto no jornal *L'art et l'industrie au XIX^e siècle:* « C'est avec une joie profonde que, pour l'honneur du bel art de Guttenberg, nous voyons fleurir en Europe l'imprémerie impériale de Paris, l'imprémerie impériale de Vienne et l'imprimerie nationale de Lisbonne. »

A imprensa, como se vê, tem feito immensos progressos em Portugal. As recompensas concedidas aos productos d'esta industria, pelos jurys de todas as exposições internacionaes, são d'isto incontestavel prova. Existem actualmente em Portugal, para mais de 90 typographias, formando parte da industria privada. Mas, afóra a typographia nacional, os estabelecimentos mais importantes d'este genero são a typographia da universidade de Coimbra e a da academia real das sciencias de Lisboa.

Encontramos tambem na exposição portugueza, grande numero de obras impressas e editadas pela empreza *Horas Romanticas*, excellente typographia particular fundada em 1870 por David Corazzi, editor portuguez.

Publica esta casa, além de outras obras, uma bibliotheca de instrucção e recreio, de que fazem parte as viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos.

« Representa esta valiosa collecção de romances originalissimos, diz o editor, uma verdadeira revolução na litteratura romantica popular: o aproveitamento das mais variadas noções do saber humano, das mais sublimes conquistas da sciencia moderna, das mais espantosas convulsões da natureza, na concepção das obras de recreio e ficção, em que até agora só se haviam aproveitado principalmente, ou os factos da vida de hoje, — romance moderno — ou os successos registrados na historia ou na tradição do passado — romance historico.

« A enorme popularidade adquirida por Julio Verne, as traducções que de suas obras se tem feito em tantos paizes, attestam o excepcional merecimento das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, a que tão justa e conceituosamente se deu a denominação de *Romance do Universo*. »

Esta variada e primorosa collecção consta de 29 volumes illustrados com magnificas gravuras e impressos em optimo papel assetinado.

No mesmo caso d'esta collecção estão as da *Bibliotheca Infantil*, *Bibliotheca Selecta*, *Diccionario de Geographia Universal*, o jornal a *Moda Illustrada*, editados todos pela mesma empreza.

Além dos productos das typographias já referidas, não podemos passar em silencio as obras impressas e editadas pela casa Lallemant Frères, cujas provas typographicas são de grande valor, e finalmente do estabelecimento de Ernesto Chardron, livreiro editor do Porto, casa recommendavel não só pelos livros impressos, como pelos excellentes mappas que tem publicado.

Falta-nos mencionar, por ultimo, os productos da livraria e officina de encadernador, de Antonio Mariano Verol Senior, dignos de séria attenção e de merecido apreço.

Este estabelecimento, fundado em 1836 e depois reformado, aprompta livros para escripturação e leitura, encarregando-se de todos os trabalhos em lythographia e

typographia, riscados a côres, em todos os generos, numerações e disticos por folhas: *Deve, Caixa, Haver, Nomes, Observações, Entrada, Sahida, Debito, Credito.* Tem, para livros de contabilidade, grande variedade de caracteres, algarismos e titulos diversos.

Expõe esta casa 7 modelos de encadernação de luxo, sendo uma de bezerro com guarnições de Moscovia, laciado; outras cobertas de camurça verde, de panno de toupeira, pelle verde, bezerro, pelle preta frizada, e a ultima, coberta de hollanda.

São todas de caprichoso acabamento.

São estes, concluindo, os assumptos que resumidamente mais nos prenderam a attenção, visitando a sala de Luiz de Camões.

E. Z.

(*Continúa.*)

Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro

(*Continuado de pag.* 76)

Seguem agora estes dois officios, ultimos da serie publicada no anterior numero, que as exigencias da paginação forçaram a retirar.

Lyceu de Artes e Officios

« Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1878.

« Illm. Sr.—No officio de V. S., datado de 28 do corrente, dignou-se V. S. de communicar-me ter-se fundado em Lisboa a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, cujo programma e regulamento conjunctamente enviou-me.

« A idéa exuberantemente civilisadora de congraçar os povos por meio de exposições nacionaes é sem duvida alguma de bem sabida importancia, revelando ainda o intimo desejo de patentear aos olhares avidos do mundo civilisado os progressos obtidos nas luctas quotidianas do trabalho, regular e convenientemente aperfeiçoado pela util applicação dos modernos principios da sciencia.

« E ao Imperial Lyceu de Artes e Officios, mais que a outra qualquer instituição, devêra vantajosamente alegrar mais semelhante e grandiosa noticia. Elle que ha mais de 20 annos gladia de viseira erguida no vasto campo da civilisação e do progresso, não podia furtar se ao mais extraordinario e cordial contentamento, recebendo de V. S. a communicação da existencia d'essa utilitaria Companhia.

« No seculo XIX não é mais permittido duvidar-se dos salutares effeitos das manifestações publicas e collectivas dos productos de um paiz. Essas são as unicas e verdadeiras escolas onde se aperfeiçoam os conhecimentos industriaes,

adquirindo-se os elementos precisos para levar ao trabalho humano o cunho da perfectibilidade almejada.

« E se nas exposições universaes esse *desideratum* se consegue pelo confronto dos productos dos diversos paizes; quando ellas teem um caracter todo particular e simplesmente referendam os esforços titanicos de um povo que, grande hontem pelas conquistas, busca elevar-se hoje pela unica vereda digna dos tempos que correm, esse mesmo fim é alcançado com auxilio de uma analyse criteriosa e competente, escudada na observação e na experiencia.

« O Imperial Lyceu de Artes e Officios, porém, póde muito pouco para por si só pretender auxiliar-vos em tão altiloquo emprehendimento.

« Filho primogenito e querido da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, apenas lhe é licito testemunhar-vos o seu reconhecimento pela distincta honra que lhe dispensastes, julgando-o capaz de coadjuvar-vos em semelhante e civilisadora missão.

« Mas, se os rogos de um filho podem enternecer o amoroso coração materno, o Imperial Lyceu de Artes e Officios envidará todos os meios para que, em seu nome, a Sociedade Propagadora das Bellas Artes preste todo o auxilio indispensavel a esse patriotico empenho da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias.

« Deus guarde a V. S.—Illm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa, dignissimo gerente em commissão da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias. —O secretario, *Augusto Saturnino da Silva Diniz.* »

Secretaria da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez.

« Rio de Janeiro, 1° de Dezembro de 1878.—Illm. Sr. —A directoria d'esta Sociedade encarregou-me de agradecer a V. S. a prova de consideração que lhe deu, enviando-lhe o programma e o regulamento da Exposição portugueza no Rio de Janeiro, que deve abrir-se nesta cidade no dia 1° de Julho de 1879, promovida pela Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias.

« De ha muito é reconhecida a necessidade de tornar

mais conhecidos no Imperio os productos da industria e agricultura portuguezas, pois que, por pouco conhecidos, deixaram até hoje de ser devidamente apreciados, perdendo com isso os industriaes e agricultores portuguezes um importantissimo consumidor, que de ha muito se mostra disposto a auxilial-os. A Companhia, procurando satisfazer esta grande necessidade. abrindo com a projectada exposição uma nova éra de prosperidade ás industrias portuguezas, e contribuindo ao mesmo tempo para unir cada vez mais os dous paizes irmãos, presta um relevantissimo serviço e torna-se digna do auxilio por parte dos que comprehendem o alcance de tal emprehendimento. O Club quizera alliar-se aos qne contribuissem para a feliz execução de tão util idéa, e, se não fosse demasiada pretenção, offereceria o seu edificio para ser honrado com a exposição dos productos portuguezes. Como porém reconhece que elle não tem as condições precisas para tão grandioso fim, pede a V. S. que, se julgar que nós podemos auxilial-o em alguma cousa, creia que nos encontrará promptos a cooperar para tão util e patriotico emprehendimento.

« Deus guarde a V. S.—Illm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa, dignissimo representante da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias. —*Antonio Carlos de M. F. Menezes*, secretario. »

Obtidos do Governo Imperial os favores mencionados, e grangeadas da opinião publica as manifestações de applauso que ficam transcriptas, a direcção da Companhia, em Lisboa, fez subir ao Governo Portuguez, em 20 de Fevereiro d'este anno, um requerimento em que detidamente fundamentou os seguintes pedidos :

« 1.°—Um auxilio pecuniario.

« 2.°—A exposição, por conta do Estado, e confiada á nossa legação no Brazil ou ao nosso consulado geral no Rio de Janeiro, do museu colonial e de todos os outros objectos de propriedade nacional que o governo tem mandado ás diversas exposições internacionaes.

« 3.°—A nomeação de um dos homens mais distinctos de Portugal em conhecimentos industriaes, economicos e agricolas que inaugure a Exposição, e que presida ao jury das recompensas.

« 4.°— E finalmente toda a protecção e favores officiaes que se teem conferido aos expositores e productores de Portugal nas diversas exposições internacionaes que se teem feito desde 1851 até á ultima de Pariz. »

Antes de tomar uma deliberação, o Governo Portuguez julgou conveniente consultar as Associações Commerciaes de Lisboa e Porto. Eis o parecer de cada uma d'ellas:

Associação Commercial de Lisboa

« Illm. e Exm. Sr.—Foi presente á Direcção da Associação Commercial de Lisboa o officio que por ordem de V. Ex. me dirigiu o Exm. Sr. Director Geral do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

« E a direcção ponderando que é, por assim dizer, ocioso encarecer as vantagens que em geral resultam das exposições, ainda mais o é apontar os grandes beneficios que podem advir ao nosso paiz d'esta exposição, só portugueza, na capital do grande Imperio Brazileiro, ao qual nos ligam intimos laços e valiosos interesses.

« Não póde, comtudo, a direcção deixar de significar respeitosamente a V. Ex. que tendo-lhe causado grata satisfacção ver a solicitude com que o Governo de Portugal se tem sempre empenhado para que o paiz seja dignamente representado n'estas grandes festas do trabalho, se lhe afigure agora que não menos solicitude deverá ser empregada ao tractar-se de uma exposição do que o paiz tem tanto a esperar, pelas condições especiaes que a acompanham.

« Correspondendo, portanto, á benevola confiança com que V. Ex. a honra, ouvindo-a em tão importante assumpto, ella ousa esperar que a exposição temporaria de productos portuguezes no Rio de Janeiro, tendo já obtido não só o favor dos subditos de Sua Magestade Fidelissima no Rio de Janeiro, mas o pronunciado auxilio do Governo do Brazil, achará no illustrado Governo que V. Ex. representa a mais decidida protecção e as facilidades que requer tão sympathico emprehendimento.

« Deus guarde a V. Ex.— Lisboa e sala da Associação Commercial, 16 de Maio de 1879.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro Lourenço Antonio de Carvalho, dignissimo ministro

das Obras Publicas, Commercio e Industria.—O presidente da Associação Commercial de Lisboa, *Francisco de Oliveira Chamiço.* »

Associação Commercial do Porto

« Illm. e Exm. Sr.—Cumprindo o agradavel encargo de que fui incumbido pelo officio de V. Ex. com a data de 9 do corrente, convoquei para uma reunião extraordinaria a direcção d'esta Associação, e sujeitei ao exame e á sua critica a representação da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, que V. Ex. teve a bondade de me enviar.

A direcção a que presido manifestou-se unanimemente favoravel aos pedidos da Companhia, achando-os justissimos e muito dignos de serem attendidos.

« Ella julga que, sendo este emprehendimento realisado nas condições do seu programma, d'elle devem advir para as industrias fabris, commerciaes e agricolas do nosso paiz immediatos e importantes beneficios.

« A numerossissima colonia portugueza que exerce a sua actividade nas principaes cidades brazileiras, especialmente na capital, onde se realisará a exposição que a Companhia projecta, torna excepcionaes as relações de commercio e de interesse que prendem o nosso pequeno paiz áquelle vasto e rico imperio.

« Realisada esta exposição e demonstradas n'ella evidentemente as vantagens de muitos dos nossos productos agricolas que alli são pouco conhecidos, desperta por este modo a curiosidade investigadora do povo brazileiro, desfeitos muitos erros flagrantes de apreciação a respeito das cousas portuguezas, feita uma solemne manifestação dos recursos da industria e commercio do nosso paiz, não estará dado o primeiro passo para um tractado de commercio com o Brazil, do qual provenham para Portugal as mais apreciaveis vantagens?

« O vinho do Porto é um dos nossos mais valiosos productos agricolas e aquelle que exportamos em larga escala. A' direcção consta que os principaes commerciantes d'esta praça se farão representar n'aquelle certamen, expondo collecções completas e perfeitas d'este artigo, que nem sempre

é apresentado nos mercados de consumo no seu estado de genuidade e pureza, porque a isso se oppõe a adulteração e a fraude.

« Se, portanto, o pedido terceiro da representação fôr attendido, como é justo, julga convenientissimo o corpo commercial d'esta praça que, ao cavalheiro encarregado de inaugurar a exposição e presidir o jury das recompensas, seja addido um outro, que, verdadeiramente conhecedor do principal artigo do nosso commercio internacional, tenha por missão especial fazer a apresentação d'elle e a demonstração das suas raras qualidades.

« A direcção a que presido entende, pois, que a energica iniciativa da Companhia Fomentadora é digna de ser efficazmente secundada pelo governo de Sua Magestade. Da protecção official e do valor d'ella dependerá o exito de tão louvavel tentativa.

« Tendo assim significado a V. Ex. o modo de ver d'esta direcção, o Governo de Sua Magestade resolverá em sua alta sabedoria como lhe aprouver e como tiver por util e razoavel.

« Deus guarde, etc.—Porto e secretaria da Associação Commercial, 15 de Maio de 1879.—O presidente da Associação Commercial do Porto, *Francisco Ignacio Xavier*.—Illm. e Exm. Sr. Rodrigo de Moraes Soares, director geral do Commercio e Industria.—Lisboa. »

A' vista d'estas informações, e convencido por si mesmo da utilidade da empreza, o Governo resolveu conceder um auxilio pecuniario para as despezas da exposição, e conseguintemente apresentou ás côrtes esta

Proposta de lei.

« Senhores.—A Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, com a sua séde em Lisboa, resolveu promover uma exposição de productos das industrias portuguezas na cidade do Rio de Janeiro, e pediu ao Governo que lhe fosse concedido um auxilio em dinheiro, afim de ajudar as despezas que necessita fazer para realisar o seu commettimento.

« Sobre o pedido da Companhia foram ouvidas as Associações Commerciaes de Lisboa e Porto, as quaes foram de opinião que a iniciativa da Companhia era digna de ser efficazmente auxiliada pelos poderes publicos.

« Já hoje ninguem discute as vantagens das exposições, por isso que são universalmente reconhecidas, e os beneficios que devem colhêr as industrias nacionaes, de ser feita a exposição de que se tracta na capital do grande imperio americano, são evidentes, não só pela importancia commercial d'aquelle grande mercado, como tambem pelos interesses economicos que nos ligam ao Brazil, onde a numerosissima colonia portugueza, que alli exerce a sua actividade, torna excepcionaes as relações de commercio que prendem os dois povos.

« Estas considerações, senhores, que julgamos inutil desenvolver mais, e o bom accolhimento que a idéa d'esta exposição tem visivelmente obtido na opinião publica dos dous paizes, movem o governo a submetter ao vosso esclarecido exame a seguinte proposta de lei:

« Art. 1.° E' o Governo autorisado a auxiliar a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e colonias, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, com a quantia de 25:000$000, por uma vez sómente, afim de realizar, sob sua exclusiva iniciativa e direcção, uma exposição de productos portuguezes na capital do imperio do Brazil.

« § unico. Esta quantia será entregue em duas prestações, a primeira depois de feita a expedição dos productos, e a segunda depois de effectuada a inauguração da exposição.

« Art. 2.° Fica revogada toda a legislação em contrario.

« Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, em 24 de Maio de 1879.—*Antonio de Serpa Pimentel.*—*Lourenço Antonio de Carvalho.* »

A commissão de fazenda da camara electiva deu immediatamente parecer ácerca da proposta. E' assim concebido:

« Senhores. — Foi presente á vossa commissão de fazenda a proposta de lei em que o Governo pede autorisação para auxiliar as despezas da exposição portugueza no

Rio de Janeiro, a que a mesma proposta se refere, com a quantia de 25:000$000.

« A vossa commissão considerando que tendo as duas casas do parlamento votado sempre por unanimidade todas as sommas pedidas pelo Governo para as exposições a que Portugal tem concorrido, desde a primeira de 1851, em Londres ;

« Considerando que é incontestavel a utilidade das exposições, pois é nellas que as nações offerecem em honroso e civilisado certamen, os progressos que vão fazendo nas suas diversas industrias, o que é o maior e o melhor dos incentivos para o aperfeiçoamento dos trabalhos e dos estudos d'aquelles que se dedicam ao desenvolvimento das principaes riquezas dos povos ;

« Considerando igualmente que as Associações Commerciaes de Lisboa e do Porto, ouvidas pelo Governo sobre este assumpto, foram de opinião que a exposição portugueza no Rio de Janeiro é digna de ser efficazmente auxiliada pelos poderes publicos ;

« Considerando que assim se estreitarão cada vez mais e mais solidamente as nossas relações com o vasto imperio do Brazil ;

« Considerando finalmente o generoso acolhimento que o illustrado Governo do mesmo imperio prestou á idéa da exposição, concedendo-lhe não só um edificio nacional como todo o auxilio que lhe seja possivel aos intuitos que animam a Companhia Fomentadora, como consta dos documentos officiaes publicados pela imprensa do Brazil e de Portugal ;

« E' a vossa commissão de fazenda de parecer que a proposta do Governo deve ser convertida em lei.

« Sala da commissão de fazenda, 24 de Maio de 1879.—*José Maria dos Santos.*—*Julio de Vilhena.* — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.* — *Antonio Maria Pereira Carrilho* (vencido).—*Filippe de Carvalho.* — *Antonio Maria Barreiros Arrobas.* — *Francisco Gomes Teixeira.* — *Manoel da Assumpção,* relator. »

Poucos dias depois o ministerio presidido pelo Sr. Fontes Pereira de Mello resolveu retirar-se ; e, tendo sido chamado ao poder o partido progressista, o gabinete organizado pelo Sr. Anselmo Braamcamp só pediu ao parla-

mento a lei de meios, e outras medidas urgentes de administração, votadas as quaes foi encerrada a sessão, não havendo portanto ensejo de discutir o auxilio proposto pelo ministerio demissionario.

Antes porém de se separarem, as camaras portuguezas entenderam judiciosamente ser de imprescindivel dever manifestar de um modo solemne a sua gratidão ao Brazil, e pois a Camara dos deputados, sob proposta do Sr. Alberto Osorio de Vasconcellos, e a dos pares, sob proposta do seu presidente o Sr. Duque de Avila e Bolama, votaram unanimemente :

« Que fosse lançado na acta das sessões um voto de louvor e agradecimento ao Governo Imperial do Brazil e á Nação Brazileira, pela alta sympathia com que accolheram a idéa de uma exposição de productos portuguezes na cidade do Rio de Janeiro, exposição que brevemente se deve realisar n'aquella capital ;

« Que esta resolução seja officialmente transmittida á presidencia do Senado e á da Camara dos Senhores Deputados do Imperio. »

J. de M.

(*Continúa.*)

IMPRENSA BRAZILEIRA

O dia 28 de Agosto de 1879 ficará gravado de modo indelevel na historia da primeira Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.

O Sr. Luciano Cordeiro convidando a imprensa brazileira para a prova d'alguns vinhos portuguezes, remunerou cavalheirosamente o apoio sincero e unanime que ella por todos os seus representantes tem dado a este primeiro tentamen industrial.

Dar a primasia á imprensa é acatar a opinião publica por ella manifestada sem lisonja.

O Sr. Luciano Cordeiro não podia proceder d'outra maneira, *noblesse oblige*.

Da sua parte a imprensa correspondeu, como devia tambem, ao mais delicado dos convites.

Foi uma festa singela, cordial e muito significativa.

Todas as redacções se fizeram representar por um ou mais membros.

Via-se em todas as phisionomias a satisfação que inspira o convivio de amigos devotados dedicadamente a manifestar com a presença o que já haviam manifestado com a penna.

A festa, que durou cêrca de duas horas, correu na melhor harmonia de collegas que se estimam e respeitam.

Os vinhos provados, não só eram variadissimos, mas póde dizer-se sem exagêro, que eram inexcediveis em preparo e em sabôr, podendo afirmar-se que foram muito além de tudo quanto se esperava da fama e renome, de que de ha longo tempo gozam.

Houve variadas e bem cabidas saudações aos dous povos irmãos, á imprensa brazileira e portugueza, á Exposição e aos seus dignos promotores,

Com estas tôscas, mas sinceras phrases, nós só quizemos agradecer tão gentil convite e que ao mesmo tempo ficasse impresso n'estas paginas o quanto elle penhorou os redactores da *Revista*.

A.

Registro de Noticias

Rio, 30 de Agosto de 1879.

Visitas imperiaes. — A 25 do corrente S. M. o Imperador visitou pela quinta vez a Exposição Portugueza.

N'esta occasião o Sr. Luciano Cordeiro, em nome de seu irmão o Sr. Francisco Maria Cordeiro, offereceu a Sua Magestade um exemplar da edição dos *Lusiadas*, impressa em Strasburgo em 1874, ordenada, e commentada em allemão, pelo Dr. Carl von Reinhardstoettner, de Munich.

Faltava esta edição á *Camoneana* do palacio de S. Christovam.

S. M. Imperial dignou-se desejar receber o 3° numero da *Revista*, que promptamente lhe foi entregue pelo Sr. Luciano Cordeiro.

Os dous primeiros numeros já lhe haviam sido offerecidos pelo director d'esta publicação.

*

Imprensa da côrte.—Accusaram o recebimento do n. 3 d'esta *Revista* o *Jornal do Commercio*, o *Diario Official*, a *Gazeta de Noticias*, o *Cruzeiro* e a *Gazeta da Noite*.

Agradecemos á *Gazeta de Noticias*, á *da Noite* e ao *Cruzeiro* os lisongeiros qualificativos que empregam referentes aos trabalhos da *Revista*.

*

Colonia portugueza em Pernambuco. —A' Commissão alli organisada para solemnisar a Exposição e obsequiar os seus promotores dirigiu o Sr. Luciano Cordeiro o seguinte officio :

« Illm. e Exm. Sr.—O nosso amigo commum o Exm. Sr. Verissimo Chaves Junior, dignissimo delegado dos nossos compatriotas residentes n'essa cidade, ter-me-ha desculpado para com V. Exs. por não me terem permittido ha mais tempo os trabalhos da Exposição agradecer a V. Exs. e aos nossos compatriotas de Pernambuco, como pela Companhia, pelos meus companheiros e por mim agradeço hoje, profunda e sinceramente as demonstrações de affecto e de generoso estimulo com que teem honrado o nosso modesto emprehendimento, alegrado as nossas canceiras e amparado a nossa boa vontade.

« E não podia eu deixar de juntar a este agradecimento um igualmente sentido e espontaneo, qual o de terem V. Exs. enviado por delegado, que tem sido amigo e companheiro dedicadissimo, um cavalheiro de tão acrysolado patriotismo e esclarecida intelligencia como o Exm. Sr. Verissimo Chaves Junior.

« A' muita bondade d'elle confio o encargo de informar minuciosamente a V. Exs., emquanto me não é possivel fazel-o, e elle lhes terá enviado o meu discurso inaugurativo como testemunho invalidoso, mas franco e leal das gratas recordações que me deixou essa nobre terra.—Deus guarde a V. Exs., Illms. e Exms. Srs. Miguel José Alves, Francisco d'Oliveira Maim e Seraphim Alves Rodrigues.

« Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1879.—O *Director Geral*, Luciano Cordeiro. »

Sociedades.—O Real Club Gymnastico Portuguez e a Sociedade Musical Prazer da Gloria visitaram domingo passado (24) a Exposição.

O Sr. secretario do Club Gymnastico leu uma allocução, congratulando-se com a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal pelo brilhante exito da sua iniciativa.

O Club requisitou 600 bilhetes de entrada para esta visita, que lhe foram enviados.

As bandas de musica d'estas duas sociedades tocaram entremeiadamente durante a tarde e parte da noite de domingo.

Espera-se que amanhan (31) compareçam outras sociedades.

*

Banquete.—Um bom numero de importantes negociantes portuguezes, já notaveis por actos de sincero patriotismo, resolveram obsequiar a Commissão directora da Exposição com um banquete, que será dado nos salões do Cassino Fluminense no dia 1° de Setembro.

Será esta festa de certa maneira uma compensação a muitas decepções e desenganos colhidos pela Commissão, tão esperançada em palavras e tão desilludida pelos factos...

Honra aos honradores do trabalho perseverante!

*

Offerta ao Imperador. — A Commissão directora da Exposição teve a honra de offerecer a S. M. Imperial, a *Sapho*, bella estatueta em marmore de Carrara, pelo esculptor José Simões de Almeida Junior, a qual, como noticiámos, tinha merecido particular attenção do Imperador.

Sua Magestade dignou-se acceitar benignamente o offerecimento da Commissão.

A estatueta conservar-se-ha na *Sala dos Braganças* até ao encerramento da Exposição.

*

O Sr. Verissimo Chaves. — Acompanhado pela Commissão directora da Exposição, foi o distincto delegado

da colonia portugueza de Pernambuco despedir-se de S. M. o Imperador, a 23 do corrente.

Nesse mesmo dia, a Commissão lhe offereceu, no hotel de Versailles, um jantar, para o qual só receberam convites os empregados superiores da exposição. Ao *dessert* levantaram-se brindes á Exposição, á imprensa brazileira e portugueza, e á briosa colonia de Pernambuco.

No dia da partida do *Minho*, paquete em que regressou o Sr. Chaves, foram ao bota-fóra a Commissão e alguns amigos particulares.

*

Escudos de armas.—As differentes salas da Exposição estão ornadas com os escudos de armas das cidades capitaes dos districtos do continente, das ilhas adjacentes e possessões ultramarinas, a saber:

Do reino.—Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castello-Branco, Coimbra, Evora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Vianna do Castello, Villa-Real e Vizeu.

Das ilhas. — Angra do Heroismo, Funchal, Horta e Ponta-Delgada.

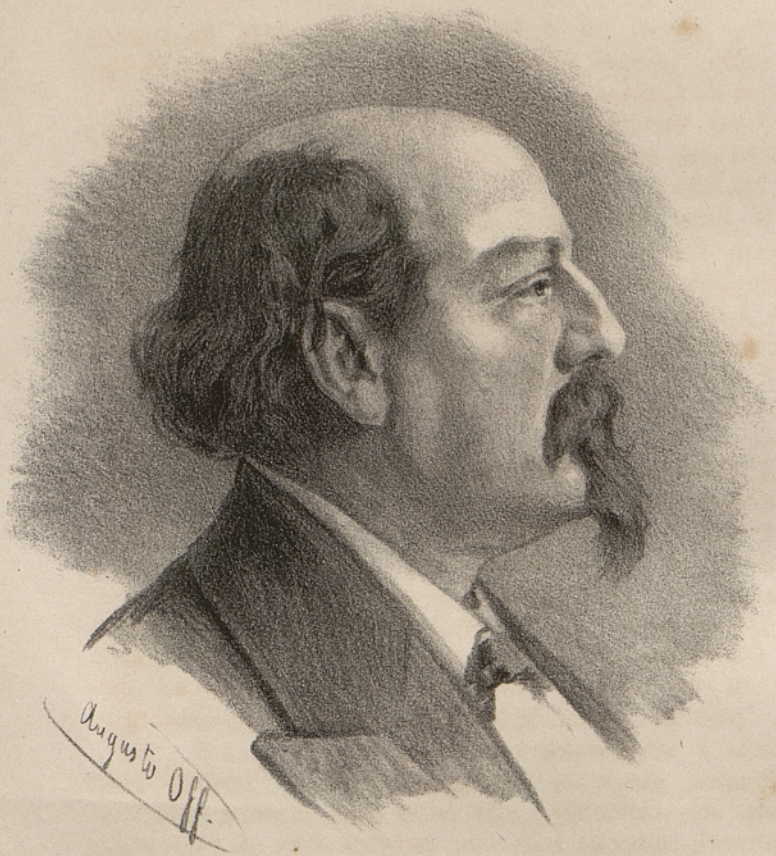
Do ultramar. — Angola, Cabo-Verde, Goa, Macau, Moçambique e Timor.

Figuram alli tambem os brazões das dynastias Affonsina, Aviziense e Bragantina, e das casas reaes de Napoles e da Saboya.

Expediente

— A Redacção da *Revista* agradece á digna Directoria do Lyceu Litterario Portuguez os convites com que deliberou obsequial-a para a solemne sessão anniversaria, celebrada a 24 do corrente.

— Igual agradecimentc endereça á illustre Commissão directora da Exposição Portugueza pelo gracioso convite com que foi brindada para a *prova dos vinhos offerecida á imprensa.*


Augusto Off.

José Estevão Coelho de Magalhães

Não vamos dar a biographia desse vulto da tribuna portugueza, porque fariamos offensa a todos os que fallam a lingua de Camões.

Quem ha ahi, no Brazil e em Portugal ao menos, que não saiba por tradição ou por havel-o conhecido, quem era José Estevão?

O nosso fim, leitor, é apresental-o em lugar de honra na nossa *Revista*, por isso que elle foi um dos apostolos da liberdade portugueza, com as armas na mão, com a penna e com a palavra. Defendeu-a com risco da propria vida; exaltou-a e firmou-a, na imprensa e na tribuna.

E dizer apostolo da liberdade, é dizer apostolo do progresso; porque onde aquella não existe, este não se realisa.

A homens da tempera de José Estevão se deve a tranquilidade, a riqueza e o progresso de Portugal.

Victor Bastos enviou á Exposição, que ora se exhibe no palacio da Typographia Nacional, o busto em marmore de Carrára, do primeiro orador portuguez.

Apresentando nós o retrato copiado de uma photographia, facilitamos ao leitor o confronto, do qual lhe virá a convicção de que o busto que ahi está exposto, é obra prima, pois que além de trabalho artistico como esculptura, é perfeita a semelhança com o original.

Demais, sendo a exposição a prova pratica mais evidente do caminhar pogressivo das artes e industrias portuguezas, competia á *Revista* escolher entre os especimens mais notaveis da arte, aquelle que symbolisasse tambem a idéa evolutiva do seculo, e nehum mais nem tanto como José Estevão, que foi, como já disse, o apostolo da liberdade e do progresso da patria, podia preencher o fim a que nos propuzemos.

Por todas estas razões estamos justificados em não dar a biographia d'aquelle grande orador, tanto mais que um nosso collega de redacção já no 1° numero desta *Revista* disse em phrases mais eloquentes e poeticas, do

que nós fariamos, o que elle foi em vida e o que é e será eternamente para Portugal.

Dando á estampa o retrato de José Estevão, na 1ª pagina deste numero, visamos a duplo fim: o de honrar a memoria delle e o de mostrar a Victor Bastos que sabemos acatar os artistas portuguezes de merito real.

Saudamos portanto com sincero jubilo o notavel esculptor, que se não fôra já conhecido e apreciado pelo seu grande monumento a Camões, que se ostenta em uma das praças de Lisboa, era sufficiente o busto que enviou á Exposição Portugueza, para lhe firmar a reputação.

A.

A Exposição portugueza no Rio de Janeiro e o futuro que ella prepara a Portugal

(*Continuação de pag.* 63)

O problema do estabelecimento das relações entre Portugal e o Brazil, é muito complexo. São multiplas essas relações, e, além disso, variaveis no tempo, com o estado social e economico dos dous paizes, e, portanto, com o numero e a qualidade das necessidades de cada um. Actualmente, uma só cousa se póde affirmar — que não existem nenhumas. A diplomacia, a imprensa, os poderes constituidos, a liberdade de acção e de pensamento, as influencias particulares dos homeus e das suas associações, nada, totalmente nada tem conseguido em favor da intima e benefica alliança destas duas partes do mesmo corpo.

Tractados que estabeleçam a mais justa e amigavel reciprocidade de direitos e obrigações, nenhuns.

A emigração mutua, a punição dos crimes, a transmissão de bens, a garantia da propriedade, a importação e exportação especiaes, o mutuo auxilio e protecção mutua, a circulação monetaria, o exercicio de profissões de qualquer especie; estas e todas as outras questões de fraternisação, ou são completamente insoluveis, ou se resolvem pelas leis geraes dos dous paizes.

Se a emigração portugueza para o imperio é superior á de qualquer outra proveniencia, é a natureza que o ordena; é a identidade multipla do sangue, dos costumes e da lingua. E, todavia, é neste facto da emigração que existe uma e talvez a maior causa da organisação futura da familia dos dous paizes.

O problema da população, é, por sem duvida, o primeiro problema da organisação social do Brazil, e, quando elle se traz das condições geraes e permanentes deste paiz para o limitado ambito das circumstancias especiaes da occasião, elle assume as proporções que determinam uma situação assustadora de crises calamitosas.

As artes e as industrias não existem, e paiz nenhum possue mais recursos naturaes para o seu desenvolvimento. Abundam as materias primas e as condições meteorologicas; faltam duas cousas—o braço e o transporte. E' questão resolvida á luz dos melhores principios economicos que o transporte se faz para o producto e não o producto para o transporte; o Brazil ha de possuir vias de communicação em harmonia com o desenvolvimento das suas artes e industrias. Estas, porém, são filhas da machina, não podem existir sem o braço que as ha de exercer e aperfeiçoar.

O Brazil possue a cultura extensiva, a grande lavoura, estado primitivo da industria agricola, que só bem merece tal nome quando se torna intensiva, e por isso mesmo exigente de meios e abundante de fins. Para esta unica e atrazada industria, o Brazil não tem os elementos mechanicos que lhe são indispensaveis.

A lei da emancipação quebrou totalmente os laços que prendiam o escravo ao senhor, e o tempo assignado para substituir o velho regimen que se aniquilava, passou-se quasi n'um adormecimento, uma ou outra vez interrompido por um pesadello. A lei da emancipação foi, como

a maior parte das leis, um producto das idéas metaphysicas, porque ainda geralmente são dirigidos os destinos das nações. Destruiu e não edificou.

Porque a escravatura é um mal, não se fica com o direito de a eliminar. Eu tenho como certo que a enxovia é um peccado, e nem por isso peço que se abram todas as enxovias.

O mal póde ser um bem, e a escravatura no Brazil, emquanto não existisse no imperio, e espalhado pelos centros da sua actividade industrial, o instrumento de trabalho que havia de substituil-a, era um bem e uma necessidade que poder nenhum podia legitimamente destruir.

Trata-se agora da substituição do braço escravo.

E' tarde, mas nem por isso deixa de honrar o governo que a promove. Significa um conhecimento do mal e uma solicitude pela sua remoção. Significa ainda que se comprehendeu que o escravo, tornado livre, não póde contrahir boas e reciprocas relações de interesses com o senhor, tornado socio e patrono.

Não ha nada mais revolucionario do que este passar rapido do servilismo para a liberdade:

Arrasa-se a Bastilha e faz-se uma revolução.

A alma humana não tem essa grandeza celestial do Christo que perdôa a quem o mata. Nem o liberto poderia esquecer as chibatadas que ainda viu dar em seu pae, nem o senhor havia de abrir os seus affectos generosos e protectores ao filho de um ser que elle sempre viu com olhos de despreso.

Vai substituir-se o escravo. Ao negro succede o mongol; a China succede á Africa.

Penso que esta substituição é infeliz. Emquanto o tempo me não convencer do contrario, eu terei como boas as minhas razões que francamente reduzirei.

Eu sou inimigo das emigrações forçadas; detesto todos os engajamentos. Negociar homens, livres ou escravos, doceis ou indoceis, brancos ou negros, é sempre um contracto que me repugna.

A emigração ha de ser inteiramente livre, inteiramente determinada pela autonomia do emigrante, á luz das circumstancias do lugar onde está e daquelle para onde vai.

O Brazil vai negociar uns centos de homens á China. Não sei as condições deste negocio; sei que é um negocio, e isso basta para começar a desadoral-o.

As minhas mais poderosas razões são contra a emigração chineza as mesmas que contra qualquer outra emigração que não seja de Portugal.

E' evidente que não faço a apotheose d'um monopolio, mas, tendo como certo que é a emigração portugueza a mais conveniente ao Brazil, sou concludente entendendo que todos os meios que legitimamente podem ser empregados por este paiz em favor deste movimento, devem dirigir-se para Portugal.

Fique desde já assentado que eu estou analysando um problema pelo lado que interessa ao Brazil. Será para depois saber como eu o considero em relação a Portugal.

Se está definitivamente assentado que o emigrante ha de ser uma machina de trabalho e mais nada; se o Brazil continúa importando homens como se importam machinas de despolpar café, então eu largo de mão este problema com um protesto de opposição. Continue a Africa a ser a *usine* do Brazil, e a escravatura a valvula de segurança desta machina terrivel que constitue um perigo permanente no paiz.

Saiba-se então que a China é um perigo mil vezes superior á Africa.

O africano tem sido transportado em grandes levas para a Europa e para a America, e, separado da sua terra e da sua familia, sem ter nem lar nem direitos, soffreu o seu martyrio com muita dôr, mas com resignação.

Mais desprezivel que o paria do Ganges e tão desprezado como elle, a historia ahi está para dizer que aquelles que lhe exploraram a sua serventia não conheceram o fel da sua desventura. No seculo XV e XVI entravam os portos da Europa navios carregados deste ebano vivo, trazido dos sertões africanos. Bastaram dous seculos para extinguir esta enxertia.

O escravo morreu escravo.

Para o chinez ha tambem factos que não devem ser esquecidos; e esses factos não estão ainda desmerecidos pelo tempo; são da nossa vida, ainda não são da historia.

Os Estados-Unidos e a Inglaterra ahi estão para dizer os resultados que colheram da emigração chineza; esta, nas suas colonias da India, aquelles, em todo o seu territorio e em especial na California e nos Estados Occidentaes.

Em 1848, um grande movimento se transmittia por toda a Europa: descobrira-se o ouro nas margens do Sacramento e os aventureiros corriam de toda a parte á sua exploração.

Decorreram sete annos sem que na America se visse um filho do Celeste Imperio. As estatisticas officiaes dos Estados da União apresentam os seguintes dados no periodo de 20 annos: — Desde 1855 a 1860 a média annual dos emigrantes chinezes foi de 4,530; de 1860 a 1865 subiu a 6,600; entre 1865 e 1870 chegou a 9,311; emfim, de 1870 a 1875 foi superior a 13,000. Este movimento tem trazido para a California uma população chineza que anda ao pé de 200,000 pessoas, isto é, sensivelmente numero igual ao dos cidadãos americanos n'aquelle Estado.

Em S. Francisco ha já uma cidade chineza e muitos antigos *placers* são hoje propriedade desta gente que se póde chamar invasora do paiz. Todas as difficuldades desta emigração tem sido removidas, de sorte que ella tende a augmentar cada vez mais.

Nos portos da China organisaram-se seis companhias exclusivamente votadas a auxiliar e explorar este movimento. Todas ellas possuem seus agentes em S. Francisco, e estas companhias e estes agentes são pela maior parte chinezes.

O preço da passagem que, ao principio, era de 200 francos, reduziu-se a 150 e hoje a 60! Quando o emigrante não póde ou não quer pagar esta mesma quantia, qualquer das companhias lhe faz o seu engajamento, dando-lhe transporte, alimentação, vestuario, até adiantamentos, e, chegando á California, fornece-lhe trabalho ou passadío emquanto o não alcança. Tudo isto, mediante uma modica porcentagem que o emigrante lhe fica dando sobre o seu salario.

Estas mesmas companhias e outras sociedades organisadas entre elles, lançam as bases a um systema de auxilio mutuo que virá a ser poderosissimo e que já se

manifesta por factos eloquentes. Todos os annos, um ou mais navios levam para a China os cadaveres de quantos perderam a vida fóra do seu paiz. E' um dos pontos da sua velha religião deixar na terra da patria os seus despojos funerarios.

Os chinezes possuem condições de raça e de educação que é preciso conhecer para o estudo que estamos fazendo. A raça chineza, estendendo-se n'uma larguissima região, immensamente accidentada e, por assim o dizer, envolvida por muralhas naturaes que a isolam do convivio do mundo, tem atravessado os seculos na quasi completa ignorancia desta lei universal da transformação que affecta o universo desde as suas maiores partes até ás suas moleculas.

Muitos factos attestam ainda hoje que esta raça attingiu, em remotas epochas, um gráo elevado de cultura intellectual; muitos outros factos, porém, se congregam para mostrar que a esse apogeu se seguiu um largo periodo de estacionamento em todos os ramos da sua economia social.

Comparando esse estado de civilisação antiga com o de outros povos coevos e visinhos, estudando as leis geraes das emigrações desses tempos. averiguando as origens ethnicas e ethnographicas desta familia, chega-se á consequencia mais verosimil de que este povo levou d'outros logares os principios da sua mais alta cultura e pouco lhe accrescentou pelo trabalho da sua elaboração individual. Como orgão isolado do complexo dynamico, que não tendo movimento proprio chega rapidamente ao repouso, assim este povo, desterrado do convivio activo do mundo e encarcerado pelas barreiras naturaes, viveu o tempo preciso para conseguir pelas luctas intestinas a sua fusão.

Entretanto esta raça multiplicou-se prodigiosamente, chegando a contar quasi um terço do genero humano! Até este desenvolvimento teve o seu limite, o seu estacionamento.

A estatistica da população chineza é invariavel desde muito tempo. Era ainda a mesma causa. A população está intimamente ligada com as condições geraes do meio physico e social. Cresce, estaciona ou descresce, segundo aquellas condições o permittem.

A população chineza, exclusivamente produzida pela sua reproducção natural, sem estar sujeita ás oscillações da emigração e da immigração, cresceu emquanto os recursos naturaes e artificiaes do seu meio permittiam a vida a um maior numero de habitantes; estacionou desde que foi tal que absorveu todos esses recursos e que a sua industria paralisada não descobriu outros.

Desde então travou-se lá a lucta mais cruel que póde dar-se entre os homens: a lucta da fome. Uma sêcca, uma colheita ingrata, um accidente meteorologico são o bastante para dizimar este povo por dezenas de milhões, e a abundancia que succede a esta epocha calamitosa traz desde logo comsigo um augmento de população que restabelece o equilibrio, momentaneamente desfeito!

Ignorantes do mundo e o mundo ignorado d'elles, viviriam assim largos annos, como em volta do grande imperio dos Cesares viviam as tribus dos barbaros. Com uma differença, porém. Os povos germanicos e tartaros tinham no seu seio a chamma que lhes havia de abrir o caminho do mundo; elles, rudes e pobres, sentiam na alma o presentimento d' um futuro mais alegre; esse presentimento revigorava a força do seu braço herculeo e multiplicava o numero das suas tribus. Assim, quando as exigencias se tornaram oppressivas, os barbaros alevantaram as suas tendas, entoaram os seus hymnos de guerra, retesaram os seus arcos e foram á aventura, ás cegas, mas na firme convicção da sua força e de que haviam de alcançar os seus sonhos de felicidade.

Dormia o imperio romano o seu somno de embriaguez crapulosa, embalado na crença de que tinha assentado balisas inabalaveis desde o nascente ao poente.

Um dia sentiu-se de subito abanado por este braço herculeo, e, quando se espreguiçava para recobrar aquelle vigor de outras eras, sentiu-se, como Sansão, fraco e abatido. Pelo contrario, o povo chinez sem uma unica das impulsões que alevantam um povo como se elle fôra um só homem, ficaria eternamente a dormir este somno secular, se o não fossem surprehender os mesmos que bem cedo reconheceram o perigo de despertar o leão.

A diplomacia européa, dirigida pelo egoismo da diplomacia ingleza e secundada pelas exigencias da America

do Norte, levantou contra o isolamento da China uma cruzada systematica e tenaz, á qual este imperio oriental não pôde resistir por mais de dois annos.

Invocavam-se todos os principios que apparecem em analogas conjuncturas, que já são sediços e gastos, que têm a mirifica qualidade de servir para tudo e demonstrar todos os absurdos. São os principios que, por isso mesmo que têm uma extrema amplitude e significação, tudo demonstram e nada demonstram, e dão em resultado o bem como dão o mal, segundo os fins para que são invocados.

Fallou-se em nome da fraternisação universal, da civilisação, das idéas modernas affirmadas pela sciencia e pela philosophia, em nome da cooperação e do auxilio mutuo, da liberdade, da circulação livre do commercio e das idéas, etc., etc.

Assim, a China, surprehendida por este grito, foi intimada desde 1840 para abrir os seus portos ao commercio do mundo, e depois d'uma fraca resistencia cedia á força, assignando com a Inglaterra o primeiro tractado em 29 de Agosto de 1842.

Seguiram-se novas e cada vez mais amplas solicitações dos Estados-Unidos, da França, da mesma Inglaterra, todas ao principio relativas exclusivamente á troca de productos pelo commercio, e rematando pelo celebre tratado de 1868 feito com o gabinete de Washington, por intermedio de Anson Burlingame, no qual tratado se assentou a livre emigração entre os dois paizes com amigavel tratamento e protecção de um por outro.

Tão reiteradas insistencias para imprimir movimento a esta môle até ahi inerte e inoffensiva não podiam deixar de produzir resultados grandiosos. Procuraremos indicar alguns succedidos e apontar outros que se lhes hão de seguir.

A. Zeferino Candido.

(Continúa.)

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

V

A SALA DE MARCOS DE PORTUGAL E A SALA DE D. PEDRO V.

Ao sahir da sala de Luiz de Camões, cuja principal industria acabamos de examinar, seguiremos por sua ordem as que lhe ficam contiguas e na direcção dos salões principaes, onde se acham os trabalhos de pintura e de escultura, até chegarmos á esplendida exhibição das obras de ourivesaria.

Assim, a primeira sala com que deparamos, é aquella em que se encontram os instrumentos de musica, os objectos expostos pela Companhia Aurificia, do Porto, as amostras de diversas fabricas de calçado e finalmente os varios especimens de productos de fabricas de cêra.

Na passagem da sala de Luiz de Camões para esta, encontramos grande numero de esteiras de forrar o assoalho, que muito se recommendam não só pelo bem trabalhado do artefacto, como pela sua importancia hygienica, pois diz um jornal francez, que este genero de manufacturas é muito preferivel ao dos tapetes, que accumulam mais facilmente o pó e aquecem em demasía os aposentos.

São cinco os expositores de esteiras. José Soares de Almeida, do Porto, que apresenta quatro amostras. A fabrica conta quatro officiaes, duas mulheres e tres rapazes. Os preços são 600 réis por metro de esteira, sendo de primeira qualidade; de segunda 400; de terceira 300, e da quarta 240. Póde fornecer, com este pessoal, 80 metros por semana.

Antonio da Silva, tambem do Porto, apesenta oito amostras de esteiras, e póde fornecer 1,200 metros em cada tres mezes.

Bruno da Silva, de Lisboa, fornece tres esteiras finas, tambem de junco, como as precedentes, quatro entrefinas, quatro regulares, duas grossas, e mais oito

esteiras tapetes, sendo estas ultimas de 600 réis o metro.

O estabelecimento do mencionado expositor foi fundado em 1855. Tem 27 operarios. Produz por anno, esteiras no valor de 6:400$000 fortes. Obteve medalhas de prata nas exposições de 1865 e 1872; de cobre na exposição de Pariz de 1867, de Vienna em 1873 e de Philadelphia em 1876.

Manoel Dias da Silva, do Porto, apresenta sete amostras do mesmo genero. Póde fornecer 900 metros em cada tres mezes.

A Viuva Rodrigues & Filhos, tambem do Porto, apresenta sete alcatifas de pita, sendo os seus preços, por metro, segundo as qualidades, de 400, 520, 500, 360 e 320 réis.

Póde fornecer 1,500 metros por mez. A fabrica é movida a vapor.

Das esteiras passemos á sapataria.

O calçado portuguez é de excellente qualidade, e recommenda-se tanto pelo preparo do cabedal, como pela perfeição da mão de obra. Não se acha este genero sufficientemente representado na exposição. E' limitado o numero dos expositores, em relação á grande quantidade de sapateiros, que se entregam a este officio naquelle paiz.

Joaquim Alves Velludo, expõe sapatos de liga, do preço de 500, 600, 420 e 520 réis o par.

A Viuva Stellplug, de Lisboa, apresenta muitas amostras de calçado para homens, crianças e senhoras, manufacturados em sua importante fabrica, estabelecida á rua do Alecrim.

Manoel Antonio de Souza Carneiro, de Vianna do Castello, apresenta um sortimento de tamancos de homem, e mulheres, assim como José Nogueira Soares, do Porto. Este ultimo prepara por mez 500 pares.

Antonio Joaquim Ferreira da Costa, de Braga, apresenta amostras de botas e sapatos, e bem assim Gomes & Filhos, de Lisboa; João da Costa Leite, de Vianna do Castello, constando as amostras deste ultimo de botas pretas e brancas; Henrique José Rosas, do Porto, expõe sapatos de trança; Miguel Manoel da Silva, de Vianna do

Castello, apresenta botins e chinellas, sendo todas estas obras muito perfeitas e extremamente modicas no preço.

A Companhia Aurificia, do Porto, mandou uma variadissima colleção de artefactos de sua acreditada fabrica, constando principalmente de centros de mesa, jarros lavrados, porta-flores com estatua, bacia e jarro, serpentinas, castiçáes, tinteiros, cruzes, salvas, manteigueiras, trinchantes, talheres, pregos e alguns outros objectos, em que a par da barateza se nota a perfeição e gosto no feitio e acabamento.

Estes objectos imitam perfeitamente, além disto, a prata ou ouro de que se acham revestidos, segundo os processos mais modernos da chimica industrial, a ponto de rivalisarem com o que deste genero conbecemos de outros paizes, e que tão grande consumo encontram no activo e grande mercado do Brazil.

Passemos agora a examinar os bellissimos instrumentos de musica expostos por Custodio Cardoso Pereira & Castanheira, fabricantes estabelecidos na cidade do Porto.

Esta colleção de instrumentos é muito valiosa, e tem attrahido constantemente a attenção das pessôas entendidas.

Os instrumentos musicáes desta casa foram premiados na exposição de 1865, do Porto, na de Philadelphia de 1876 e na de Pariz, em 1878. E' o estabelecimento fornecedor do exercito portuguez, e correspondente em Portugal da casa Gontrot Sivé & C. Fabríca e concerta toda a qualidade de instrumentos de musica e tem deposito dos mesmos (garantidos) dos melhores fabricantes estrangeiros, proprios para orchestra e banda militar.

Apresenta este expositor cornetins, cornetas ou liscornes, saxtrompas, trombones de campana horisontal ou vertical, bassos ou bombardinos, contra-bassos, cornetas e clarins, instrumentos de percussão, clarinetes, flautas, bordões para violão, viola e guitarra, etc., etc.

Das flautas, realmente muito bonitas, estão cinco expostas, duas de ebano e tres de páu buxo.

Os preços destes objectos são, em geral, comparativamente diminutos. Os clarinetes, por exemplo, variam desde 4$600 até os mais ricos e bem acabados que custam 36$000. As flautas de ébano são do custo de 8 e 10$000, e as de buxo de 1$400 e 1$000.

Se do exame dos instrumentos de musica passamos a observar os productos do fabrico da cêra em Portugal, não podemos deixar de admirar-nos diante dos variados e bonitos artefactos deste genero.

E' grande a quantidade de velas e de cirios para igrejas, ali apresentados, dignos de nota não só pelo bom gosto dos relevos, como pelas delicadas pinturas com que se acham adornados.

Tres são os fabricantes de cêra que apresentaram os seus productos na exposição. Alves Pimenta, Henriques & Sobrinho, do Porto, Antonio José Teixeira Mello, de Lisboa, cuja fabrica foi fundada em 1807, e premiada na exposição de Paris em 1867 e 1878, e na de Philadephia em 1876.

Expõe um cirio paschal, cêra em gruma, rolos, velas de côr, cêra Loanda, tochas quadradas, cirios redondos, velas brancas, bugias, capuchos, velas enfeitadas e outras.

Diogo Monteiro da Silva, de Lisboa, apresenta tambem um cirio paschal pintado, velas, rolos e figuras de cêra.

Antes de sahirmos da sala de Marcos de Portugal, que rapidamente acabamos de percorrer, cabe-nos accrescentar que o catalogo da Exposição, que temos á vista, apresenta apenas 9 expositores de calçado, o que confirma, segundo dissemos, que se acha alli mal representada esta classe do grupo 3.° A razão, que nos parece obvia, porque não se apresentou maior numero de expositores, deve attribuir-se ao facto de só fabricarem para consumo e não para exportação, a maior parte dos fabricantes portuguezes.

Sem fallar do calçado proprio para o trabalho, que é forte e resistente, ha algumas amostras, como dissemos indicando o nome dos expositores, de calçado fino de homem e de senhora, bem feito e delicado mesmo.

Para confirmar as nossas observações basta mencionar que na Exposição de Londres, em 1862, cinco expositores obtiveram premios, e na de Vienna foram concedidas tres recompensas, entre as quaes a *medalha do progresso*, (o segundo premio desta exposição) concedida a José da Cunha Alves Souza, de Braga. Faltam-nos as relações das outras exposições, onde é provavel que tambem alcançassem premios os expositores deste ramo de industria.

Na sala de Mousinho da Silveira (da qual ao diante fallaremos) existem tambem amostras de sapatos de trança, de que já fallámos, que constituem um importante commercio, e são exportados para o Brazil em quantidade avultada.

Entrando na sala de D. Pedro V, ficámos agradavelmente sorprehendidos ao aspecto das elegantes e bem acabadas mobilias, que alli se encontram.

Prova que este importante ramo de industria em Portugal está bastante adiantado, não só em relação ao esmero da mão de obra, como relativamente ao bom gosto das manufacturas, devendo accrescentar-se a isto a barateza nos preços, que é um dos predicados que mais attrahe os compradores.

Se estas observações se podem applicar ás mobilias de gosto moderno, não menos merecem attenção as bellas imitações das mobilias antigas e sobretudo os magnificos specimens de moveis do Japão.

N'este caso estão os objectos expostos por Francisco Maria Cordeiro, constantes de um contador antigo, de jacarandá, e seis cadeiras de couro gravado, imitações do seculo XVII.

Os expositores Vianna, Araujo & C. apresentaram uma mobilia de quarto de toilette e uma outra de quarto de dormir, compostas de guarda-roupa, duas commodas, lavatorio, commoda, toucador, cama, duas mesas de cabeceira e seis cadeiras estufadas a damasco de seda de Lyon, carmezim, tudo de páu santo e rosa.

A mobilia de sala de jantar, do mesmo expositor, consta de uma mesa elastica para 30 pessoas, aparador, guarda-prata, trinchante e seis cadeiras de espaldar, de nogueira e páu santo.

João Antonio de Campos, de Lisboa, expõe uma bonita secretaria de mogno.

Luiz Pinto do Couto apresenta uma mesa antiga, quatro plinthos do mesmo gosto, doze cadeiras de sala, quatro columnas antigas, dous contadores de páu preto e um outro com embutidos.

Albano da Graça Pires Franco, de Vianna do Castello, mandou á exposição uma mesa com o escudo das armas reaes, uma cadeira de nogueira com estofo de

velludo de seda, uma cadeira de cerejeira com assento de palhinha, uma cadeira com estofo para sala de visitas, uma cadeira gothica com estofo para sala de espera e uma cadeira de carvalho do norte.

Os expositores José Pinto, torneiro, do Porto, Venancio & Nascimento, apresentam tambem specimens de mobilia, não menos dignos de interesse que os precedentes, tanto pelo bom gosto, como pelo bem acabado da mão de obra.

Nesta sala encontram-se tambem alguns objectos artisticos, feitos de medulla de figueira, que despertam a mais viva attenção e curiosidade.

Citaremos, entre outros, um bello quadro, contendo as armas imperiaes, as armas reaes portuguezas, uma delicadissima cruz engrinaldada de flôres, e uma pequena cestinha, contendo tambem flôres, que são um delicioso trabalho de arte, e accusam a delicadeza e a paciencia das mãos do artista que realisou estas pequenas maravilhas.

Ainda a respeito das obras de torneiro do Sr. José Pinto, do Porto, encontramos na *Correspondencia de Portugal*, o seguinte:

« Constam os objectos mandados por esta casa á Exposição portugueza, no Rio de Janeiro, de um elegante espelho de barbear, com pés de jacarandá, apresentando grande numero de embutidos de páu rosa, setim, acacia, etc.; de duas bilheteiras de mogno, sendo uma com embutidos de diversas madeiras e outra simplesmente de acacia; e de duas primorosas jarras de jacarandá, feitas cada uma de uma só peça de madeira. Estas jarras já figuraram na Exposição de Paris, onde foram justamente apreciadas. »

O Sr. José Pinto é portanto um artista de merito, no seu genero.

Eis, em resumo, os objectos mais notaveis que encontrámos nas duas salas hoje percorridas, e visitaremos, na proxima digressão, a magnifica exposição de tecidos de linho, lã e algodão, exhibida na grande sala de Mousinho da Silveira.

E. Z.

(Continúa.)

Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro

(*Continuado de pag.* 104)

A Direcção da Companhia Fomentadora não se deteve ante os obstaculos que occorriam, nem os seus esforços esmoreceram com as vicissitudes da politica portugueza.

Trabalhava sempre, cheia de crença e de intelligente actividade. Aqui decidia os indifferentes, animava alli os tibios, vencia os resistentes acolá, e de todos os pontos do reino convocava quantos deviam concorrer ao grande synodo que a industria nacional ia celebrar na formosa terra de Cabral, filha dilecta emancipada do dominio paterno, mas sempre nossa pela origem, pela civilisação, pelo amor da liberdade, pelas aspirações do progresso.

Os favores requeridos ao Governo Portuguez eram necessarios, mas não eram absolutamente indispensaveis na sua totalidade; e crente de que os principaes, mais tarde ou mais cedo, lhe seriam concedidos, a Direcção ia por deante e organisava zelosamente toda a extensa serie de serviços que exige uma exposição effectuada em paiz longinquo.

As concessões de maior monta estavam obtidas: o Governo Imperial offereceu casa para expôr os productos, e exemptou de direitos de alfandega os que forem reexportados; e o Governo Portuguez franqueou egualmente os que voltassem a Portugal, conforme consta da portaria seguinte dirigida ás alfandegas de Lisboa e Porto:

« Foi presente a Sua Magestade El-Rei a representação que lhe dirigiu a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias, solicitando em beneficio dos expositores nacionaes que concorrerem á Exposição Portugueza que ha de verificar-se no Rio de Janeiro, no proximo mez de Julho, as mesmas concessões que se teem feito por occasiões de outras exposições internacionaes;

e o mesmo Augusto Senhor, considerando quanto convém auxiliar o commercio e incitar as industrias n'este certamen do trabalho : ha por bem auctorisar as alfandegas de Lisboa e Porto a permittirem a livre sahida, para o Rio de Janeiro, dos productos nacionaes destinados para a mencionada Exposição, devendo ao embarque proceder o competente despacho, para, em vista d'elle, poder opportunamente effectuar-se a reimportação, tambem livre de direitos, dentro do prazo de tres mezes, depois de finda a Exposição, ou ultimar-se o despacho de sahida a respeito d'aquelles objectos que não voltarem, ficando responsavel a Companhia supplicante pelo pagamento dos direitos que tiverem sido contados nos respectivos bilhetes de despacho.

« Paço, em 14 de Abril de 1879.— *Antonio de Serpa Pimentel.* »

Todos os outros pedidos apresentados pela Companhia, razoaveis como são, de certo seriam satisfeitos, se não se tivesse dado a inversão politica de que tractámos anteriormente.

3ª. PHASE.— O PROJECTO PASSA AO DOMINIO DOS FACTOS.— PARTIDA DOS PRODUCTOS PARA O RIO DE JANEIRO.

A' proporção que os trabalhos se adeantavam e eram visiveis os seus resultados, a Direcção ia encontrando a cooperação espontanea de muitas pessoas influentes nos diversos centros productores do reino, e em algumas cidades importantes se constituiram commissões que efficazmente a auxiliaram na sua patriotica empreza.

A do Porto compoz-se dos Srs. Antonio Maria Kopke de Carvalho, engenheiro ; Arnaldo Ribeiro Barbosa, proprietario e negociante ; barão de Massarellos, negociante e ex-presidente da Associação Commercial ; barão da Roeda, negociante de vinhos e proprietario ; Francisco Antonio de Lima, proprietario e director de duas sociedades anonymas ; Gustavo Adolpho Gonsalves e Sousa, director interino do Instituto Industrial; Henrique Carlos de Meirelles Kendall, negociante ; José Antonio Ferreira de Sousa, capitalista ; José Pereira Barbosa, administrador da caixa filial do Banco

de Portugal; visconde de Alves Machado, capitalista; Miguel de Sousa Guedes, proprietario e negociante; visconde da Silva Monteiro, ex-presidente da Associação Commercial e capitalista; visconde de Villar-Allen, negociante e agricultor.

Formou-se a de Braga com os Srs. Antonio dos Santos Azevedo Magalhães, João Antonio Machado Moreira, Gaspar Leite de Azevedo, José Joaquim de Araujo Correia.

Da de Guimarães fizeram parte os Srs. barão de Pombeiro, Antonio Mendes da Cunha, Antonio Mendes Ribeiro, José da Costa Nogueira e Sousa, José Ferreira de Abreu e José Ribeiro Martins da Costa.

Foram membros da de Vianna os Srs. Matheus José Barbosa e Silva, Caetano da Silva Campos, Antonio Alberto da Rocha Páris, João Affonso de Espergueira, José da Silva Conceição, Antonio Fernandes de Moraes, João Pereira de Campos.

As commissões empenharam-se com affinco no cumprimento do seu voluntario mandato, e não só ellas como pessoas de conhecido valimento contribuiram poderosamente para o bom exito da Exposição, quer em relação á quantidade dos productos, quer á sua qualidade.

Alguns dos principaes estabelecimentos fabris inscreveram-se desde logo; de toda a parte chegavam requisições de espaço, e de tal fórma foram elles avultando que o Sr. Marcellino Barbosa, ao receber estas informações da Companhia, reconheceu a insufficiencia do local concedido pelo Governo do Brazil.

Via-se o digno Gerente em serias difficuldades quando, sabidas da Directoria da Sociedade Portugueza de Beneficencia, esta promptamente lhe offereceu o edificio em construcção na rua de Santo Amaro, annexo ao hospital de S. João de Deus, da mesma sociedade.

A Companhia acceitou logo este offerecimento, porém o Sr. Marcellino Barbosa, sem o recusar *in limine*, foi ponderando os inconvenientes que traria á Exposição um local tão afastado do centro da cidade: a distancia faria diminuir o numero de concurrentes e obrigaria os visitantes á despesa addicional de transporte.

Nesta difficil emergencia, o Sr. Barbosa, depois de expôr pessoalmente a S. M. o Imperador os embaraços em

que se encontrava, recorreu de novo ao Sr. conselheiro Sinimbú.

Em conferencia com o Sr. Affonso Celso, que substituíra na pasta da Fazenda o Sr. Gaspar Martins, ficou resolvido ceder-se a parte do edificio da Typograpia Nacional sufficiente para accommodar os productos da industria portugueza.

Eis a integra do aviso em que foi declarada a nova concessão:

« Ministerio dos negocios da Fazenda.—Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1879. — Illm. Sr.— Satisfazendo ao pedido que V. S. me dirigiu, em nome da Companhia Fomentadora da Exposição Portugueza, tenho a communicar-lhe que nesta data ordeno ao administrador da Typographia Nacional que ponha á disposição de V. S. todos os compartimentos d'aquelle edificio, que por V. S. forem designados.

« E, prevalecendo-me do ensejo, devo certificar a V. S. de que o Governo Imperial prestará com muito prazer todo o auxilio que lhe seja possivel aos uteis intuitos que animam a referida Companhia.

« Deus guarde a V. S. — *Affonso Celso de Assis Figueiredo*.—Illm. Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa. »

O generoso procedimento do Governo do Brazil está acima de todo o encomio, e os portuguezes lhe devem por isso immensa gratidão.

Entre os dous edificios ultimamente propostos não podia haver hesitação na escolha. O palacio da Typographia Nacional está situado em uma rua central, transitada incessantemente por toda a sorte de vehiculos, que do Jardim Botanico, de Botafogo, das Larangeiras, do Cattete e da Gloria transportam para a cidade, e da cidade para aquelles pontos, muitos milhares de pessoas por dia; está, portanto, em local visivel e de facilimo accesso ; e fica, além d'isso, a poucos passos da rua do Ouvidor, passagem obrigatoria de toda a boa sociedade fluminense. O edificio é novo, elegante, e—circumstancia muito attendivel—está concluido.

O edificio novo da Sociedade Portugueza de Beneficencia fica retirado do centro da cidade, em lugar onde ninguem vai a pé, e—particularidade decisiva—estava ainda em obras quando a Exposição se devia inaugurar.

Além d'estas desvantagens, acceitar outro edificio, que não fosse o do Estado, seria corresponder pouco delicadamente á gentileza do Governo Imperial, que pôz successivamente dous palacios á disposição da Companhia Fomentadora. Este offerecimento deu um significativo caracter de co-participação brazileira ao concurso da industria portugueza. O imperio americano mais apertou assim os laços que ligam indissoluvelmente os dous paizes.

Vencida a difficuldade de casa apropriada para a Exposição, o Sr. Marcellino Barbosa julgou necessario ir a Lisboa dar conta dos seus actos, e alli teve a satisfacção de os ver plenamente approvados.

Tinham chegado ao seu termo os trabalhos preparatorios.

A Companhia Fomentadora nomeára seus representantes na Exposição os Srs. Luciano Cordeiro, director geral; Marcellino Ribeiro Barbosa, Caetano Augusto de Sousa Carvalho e Alvaro Carneiro Geraldes.

O Sr. Jeronymo Ferreira da Silva foi escolhido secretario da Direcção geral, tendo a seu cargo os trabalhos da inauguração, e para fiel dos productos foi nomeado o Sr. Francisco de Assis Antunes.

A Companhia fretou o vapor portuguez *Maria Pia* para transportar os productos ao Rio de Janeiro. Nelle embarcaram cerca de 1,400 volumes—600 no Porto e perto de 800 em Lisboa.

Abarrotado de carga, largou este vapor da foz do Tejo a 11 de Junho, e vieram a seu bordo os Srs. Marcellino Barbosa e Assis Antunes. O Sr. Barbosa, apezar das más accommodações do vapor, teve como ponto de honra o acompanhar os productos que foram confiados á Companhia, de que é um dos dignos gerentes.

Os Srs. Luciano Cordeiro, Caetano de Carvalho, Carneiro Geraldes e Jeronymo da Silva partiram para o Rio de Janeiro a 13 do mesmo mez, no paquete inglez *Tamar*.

Este e mais dous vapores que tocaram em Lisboa trouxeram o resto dos volumes que não couberam no *Maria Pia*.

(*Continúa*)

J. DE M.

IMPRENSA BRAZILEIRA

Quem escreve esta secção da *Revista*, não por preguiça, mas por bom *gosto* e *espirito* afinado em assumptos lyricos, elimina o seu trabalho para este numero, e pede venia á Redacção da *Revista Musical* para mimosear os nossos leitores com o seu espirituosimo artigo do n 35, intitulado—*Exposição Portugueza*. Creio bem que a substituição ha de lisonjeal-os, e o autor d'elle não perderá com a transcripção, e com a denuncia que vou fazer.

Saibam todos quantos lerem o artigo seguinte, que foi escripto pelo proprio *ensaiador* do espectaculo a que se refere e que tambem foi com justiça applaudido.

« Exposição Portugueza. — A Redacção da *Revista Musical*, honrada com o delicado convite do Sr. Luciano Cordeiro, para assistir á prova de vinhos que se realisou no dia 28 do corrente, na secção d'agricultura d'esta Exposição, — vê-se embaraçada para dar conta da sua missão aos leitores ; porque, realmente, não sabe quantos sustenidos tem o vinho de Carcavellos, nem tão pouco o tom em que está o Moscatel de Setubal.

« Sabe apenas que, ao entrar naquella magestosa sala, encontrou um grupo musical de 81 figuras, entre as quaes desempenhavam as primeiras partes o *Douro Hoch*, o *Setubal Rôxo*, o *Secco de Carcavellos*, o *Malvasia* de 1812 e varios moscateis todos de *primo cartello*.

« A orchestra, notavel pela harmonia que existia no grupo dos Bastardos, dos Verdes e dos Virgens, secundava uns córos magnificos, compostos de Geropigas, Bairradas e Tintos maduros, que tão notaveis eram na pureza da voz, como na escóla em que foram educados.

« Regia com destreza toda essa massa coral e instrumental o *maestro* o Sr. Luciano Cordeiro, que ora dava o signal de ataque aos Malvasias, ora fazia *rallentar* os Douros, para pouco depois executar um *allegro vivace* com o Cognac Moscatel. A precisão da batuta do Sr. Luciano

Cordeiro igualava, se não excedia, a do maestro Nicoláo Bassi.

« As honras do dia couberam ao primeiro tenor *Douro Hoch*. Foi seu mestre de canto o Sr. Rebello Allen. E' *limpido* e *claro* no phrasear, *valente* nos grandes cheios e *electrisa* o auditorio, logo depois de se fazer apreciar duas ou tres vezes.

« O barytono, o Sr. *Malvasia*, natural do Val de Mendiz, tem um *tom secco*, mas de magnifico effeito nas grandes scenas dramaticas; o seu professor de canto foi o Sr. Domingos Dias Pereira.

« A doçura das primas-donas *Boal*, *Madeira* e *Villa Flôr* produziram grande impressão nos espectadores.

« No conjuncto o desempenho foi esplendido, e no fim do espectaculo a platéa pediu *bis*.

« O digno regente, porém, declarou que as *primas-donnas* estavam *exhaustas* e que não era possivel acceder ao pedido do publico.

« O scenario era devido ao pincel do habil scenographo Jeronymo Silva, e o machinismo foi obra do intelligente artista Martinho.

« Ao terminar o espectaculo foram applaudidos phreneticamente o maestro regente, as primeiras partes, córos, orchestra, scenographo e machinista.

« Por nossa parte temos só a dizer que nunca assistimos a um espectaculo de tanto *espirito* e *bom gosto*! »

Brinde do Sr. Luciano Cordeiro no banquete de 1 de Setembro. (Reconstruido por um ouvinte e revisto pelo orador.)

Agradeço as palavras boas, e que não poderei dizer inteiramente merecidas, que acabam de dirigir-me.

Agradeço-as pelos meus companheiros, pela Companhia, por mim; agradeço-as principalmente pelo meu paiz.

Nós viemos trazer ás vossas saudades da patria e aos vossos interesses de trabalhadores alguns testemunhos apenas, authenticos e directos, de que do outro lado do Atlantico, naquella nesga de velha terra européa, d'onde se levantou o esforço que abriu ao sol da civilisação este immenso imperio americano, não estão ociosos os braços, — inertes as intelligencias, — estiolados os corações para a eterna campanha do trabalho e do progresso.

Os punhos que fizeram relampear no turbilhão de mil pelejas aquellas espadas de fina tempera que inscreveram, alto e fundo, o nome portuguez nos bronzes da Historia,—as mãos que seguraram, firmes, através dos « mares nunca d'antes navegados », os timões das caravelas que descobriram metade do mundo á outra metade, não levaram felizmente para o pó luminoso da sua justa e immorredoura gloria a força que deveria construir a officina, este campo de batalha do pogresso moderno.

Chamámos a proval-o o paiz e elle veiu comnosco, não nos diplomas banaes da recommendação official, mas n'alguns milhares de productos de seu esforço e do seu progresso. Não ha vaidade em dizer isto. E' a affirmação singela e exacta d'um facto que é a primeira prova da verdade d'esse progresso e da valia d'esse esforço.

E em boa hora viemos, que não sei se o regelo da descrença, se a insidia de falsas suggestões, andavam construindo, ao abrigo de uma distancia de 2,000 leguas e da enormidade da nossa propria e ingenua confiança, a mais extravagante e absurda opinião do trabalho portuguez, o mais injusto e perfido esquecimonto da nossa riqueza, dos nossos esforços e dos nossos recursos.

Em boa hora viemos. Não nos entibiaram os des-

dens de alguns, não nos desarmou a indifferença de muitos, não nos amedrontou a má vontade de tantos ; não nos fizeram recuar os receios de quasi todos.

Podemos orgulhar-nos d'isto, porque declinamos leal e sinceramente toda a gloria e toda a vantagem do resultado no bom senso e nos generosos brios dos nossos expositores. N'elles estava a nossa força e a nossa segurança. Sabiamos que podiamos contar com elles.

Não lançamos contas ás nossas canceiras, nem descontamos, desalentados, os prejuizos provaveis e immediatos. Houve quem suppuzesse poder ferir a modesta tentativa, appellidando-a de simples *especulação*,—que nunca falta, e até por um fatal destino sobeja sempre entre portuguezes, o ingrato e insensato apodo aos melhores emprehendimentos.

Especulação!

Pois bem.

Especulação foi ; especulação é ; nunca deixaram de ser grandes e utilissimas e generosas especulações estas escholas praticas da situação das industrias, das suas aptidões, da sua capacidade e da sua economia productora.

A especulação é a força motriz do trabalho humano ; a especulação é a alavanca unica do progresso universal.

Sómente é uma força vária ; uma alavanca que diverge de natureza e de applicação, segundo a materia de que é feita ; o que vale o mesmo que dizer, segundo o caracter, a intelligencia, o coração que a fabrica e move.

Especulação! . . .

Especulação é tornar productivo o que estava esteril ; especular é tornar proveitoso o que estava desaproveitado.

Especular é arrancar ao espaço o segredo d'um astro desconhecido ;— especular é surprehender nas forças multiplas da natureza uma força ignorada ; — especular é devassar no turbilhão social um elemento novo de progresso ; especular é descobrir nas relações dos povos um factor perdido para a economia d'elles.

Estas são as especulações honestas e d'estas especulações do individuo é feita a civilisação das nações.

Procuramos tornar mais e melhor conhecidas as industrias do nosso paiz ; abrir-lhes ou alargar-lhes os merca-

dos de permutação e de consumo; — promover-lhes a procura lucrativa por um julgamento mais justo do que aquelle que geralmente se exerce para com ellas. A isto viemos.

Esta é a nossa especulação.

Não affixamos cartazes; apresentamos trabalhos.

Não apregoamos.

Expomos.

Estas especulações costumam os povos e os governos esclarecidos bafejal-as e cobril-as com as generosidades do seu patrocinio e do seu estudo.

Esta foi certamente a especulação que em nós viu e em nós favoreceu o povo e o Governo Brazileiro, estimulando-nos e cobrindo-nos com as opulencias da sua singular hospitalidade.

Consintam-me, pois, a gratissima honra de saudar o povo Brazileiro no seu illustrado Governo, tão dignamente representado aqui.

Ao Governo Brazileiro!

O PATRIOTISMO PORTUGUEZ

Todos os jornaes de Portugal habituaram-se a fazer os mais rasgados comprimentos ao patriotismo dos portuguezes residentes no Brazil, e aventuram-se a fundar n'elle as maiores esperanças.

Ainda agora o *Primeiro de Janeiro*, folha portuense, nos falla da « colonia numerosissima que tem sempre os olhos voltados para tudo o que lhe recorda a mãi patria », e tracta depois da « cooperação fraternal dos nossos compatriotas, que no bom exito da Exposição se empenham como em negocio seu e com uma dedicação inexcedivel. »

Illustre collega, é bellissimo o que diz, mas, por desventura, os factos não confirmam os seus lisongeiros conceitos. Custa-nos muito desilludil-o, vexa-nos em extremo a confidencia; porém a verdade antes e acima de tudo.

Peça, exija em nome da realidade, a estatistica dos visitantes da Exposição, e com pasmo verá quão limitado —em proporção ao que era licito esperar do nosso tão apregoado amor da patria—quão limitado ha sido o numero de pessoas que teem visitado a Exposição.

Havendo n'esta capital não menos de 60.000 portuguezes e nas povoações vizinhas, servidas por navegação a vapor, e por estradas de ferro, cerca de 20.000, faz isto um total de 80.000 concidadãos nossos que habitam na côrte e suas proximidades.

Pois bem, d'esse numero talvez nem a oitava parte (isto é 10.000) tenha visto a Exposição, pois que a grande maioria de pessoas que a tem frequentado é de brazileiros e de membros de outras nacionalidades— inglezes, allemães, francezes, hespanhoes, etc.

Para vergonha dos pretensos *governadores* da colonia (cumpre dizel-o alto, pois baixo todos o dizem), é mister que se saiba que esses fidalgos não se dignaram tomar a Exposição sob o seu patrocinio, bafejal-a com a aura do seu valimento.

Não lhes veiu consignada, não deu entrada em seus armazens, não exhibe o seu carimbo mercantil, não solicitou humildemente a sua protecção, não requereu o *exequatur* de SS. EEx., não bajulou os seus arautos, dispensou os seus clarins.

Entrou em terras da America, serena e confiante, erecta e digna. Não foi ao beija-mão, nem entregou credenciaes.

Manifestação séria e solemne das nossas forças productoras, affirmação irrecusavel da vida industrial e artistica do povo portuguez, a Exposição apresentou-se por si mesma ao exame de todos —naturaes e extranhos— e pela sua propria valia impôz-se doce e familiarmente á admiração dos conterraneos.

Todo o sincero patriota devia regosijar-se—e effectivamente se regosija—d'este esplendido certamen que nos honra e nos faz avultar na consideração do mundo. Os *patrioteiros*, porém, conjecturando que da Exposição lhes não proviriam interesses pecuniarios, mercês honorificas ou titulos nobiliarchicos, desdenham-a, abandonam-a, quando não a abocanham, consoante o credo do seu patriotismo d'elles.

Demais— enorme desacato!— na festa inaugural, não lhes

deram espaldares, não lhes destinaram lugares de honra para as suas ostentações heraldicas, nem tampouco lhes ministraram ensejo para mostrar aptidões ciceronianas. Tudo isto poz o remate ao seu grande descontentamento : o seu mal contido despeito trahe-se por todas as fórmas ; o seu descon certo é manifesto e completo.

Fulos de indignação, reunem os seus ; transmittem-lhes a ordem de antemão combinada ; exigem obediencia absoluta ; dão o santo e a senha . . . e a Exposição ahi enlanguece, pouco frequentada, despovoada quasi !

Na colonia, porém, nem todos são carneiros : ha rebeldes, contumazes a toda a sujeição. Panurgio ouve, enfiado, vozes sediciosas em torno do redil.

A' testa dos insurgentes collocou-se já audaciosamente o illustrado auctor do discurso pronunciado no seio da mais antiga e benemerita das associações portuguezas no Rio de Janeiro. E' um grito de alarma, a primeira proclamação da revolta.

Cuidado, pois, *Srs. governadores !* A luz ir-se-ha fazendo ; a pouco e pouco a verdade será conhecida ; e a historia, imparcial como é, commemorará nas suas paginas desapaixonadas o que é e quanto vale o patriotismo de muitos portuguezes residentes no Brazil.

X.

Registro de Noticias

Rio, 6 de Septembro de 1879.

Visitas imperiaes.—A sexta visita de S. M. o Imperador á Exposição Portugueza foi feita hontem, 5 do corrente.

Acompanhou a S. M. no seu exame o Sr. Caetano Augusto de Sousa Carvalho.

*

Quinta da Barca.— Os Srs. José Pereira da Costa & Filhos, acreditados negociantes da praça do Porto, offereceram a S. M. o Imperador dous barris de excellente vinho virgem, producto d'aquella afamada propriedade vinicola.

Os barris teem aspecto seductor. São envernisados, e no tampo, em lettras abertas em chapa de prata, sobre fundo azul, lê-se :—*Quinta da Barca— Virgem*—1878—*J. P. C.*

As chapas são ornadas com desenhos abertos a buril.

No batoque ha outra chapa de prata com o nome dos exportadores, tambem aberto a buril, e diversos ornatos.

A julgar pelo continente, o conteúdo deve ser delicioso.

*

Telegrammas.— A Commissão Directora da Exposição e a Agencia Havas-Reuter transmittiram para Portugal, pelo cabo transaltantico, a noticia da inauguração nos seguintes telegrammas :

A' Companhia Fomentadora

« Rio de Janeiro, 6.— Foi hoje aberta a Exposição com uma festa esplendida.

« Felicitamos os expositores que nos auxiliaram n'esta grande festa. A descripção da abertura será lida com grande satisfacção em Portugal.— *Caetano de Carvalho.— Marcellino Barbosa.— Luciano Cordeiro.—Alvaro Geraldes.* »

Da Agencia Havas-Reuter

« Rio de Janeiro 6, á tarde. — Realisou-se hoje a inauguração da Exposição Portugueza no edificio da Typographia Nacional, o qual foi cedido para esse fim pelo Governo Brazileiro.

« Assistiram a esta solemnidade Suas Magestades Imperiaes, todo o ministerio, muitos senadores e deputados, corpo diplomatico, corporação dos consules e grande multidão de convidados.

« Pronunciou um discurso o presidente da Commissão organisadora da Exposição Portugueza, que teve geraes e calorosos applausos. Os edificios estão embandeirados. Suas Magestades Imperiaes visitaram ás 2 horas a Exposição, cuja installação foi esplendida. »

*

Sociedades.— Domingo passado tocaram no palacio da Exposição as bandas de musica das sociedades particulares *Recreio dos Artistas*, *Recreio de Santo Antonio* e *Prazer da Gloria*.

*

Visitas gratuitas.— Os professores e alumnos do Imperial Lyceu das Artes e Officios, esse grande viveiro de operarios e de futuros artistas, mantido pela benemerita Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, e ha 20 annos dirigido pela infatigavel solicitude do Sr. commendador Bethencourt da Silva, foram convidados pela Commissão Directora a visitarem a Exposição Portugueza.

Egual convite foi feito aos professores e alumnos das Escholas Municipaes.

*

Novas Exposições. — O *Diario de Noticias* de Lisboa faz as gratissimas communicações seguintes :

« A Companhia Fomentadora, que tão prosperamente firma n'este acontecimento a sua existencia publica, parece destinada a despertar do seu longo e pesado somno a industria portugueza, que precisa ser acordada, posta em acção, excitada pela procura e pelo premio, esclarecida pelo ensino

profissional, estimulada pela propaganda insistente de todas as horas e por todos os meios. Póde muito contribuir para essa regeneração a empreza que neste momento arvora o estandarte do desenvolvimento do trabalho portuguez, e que já nos annuncia uma exposição peninsular e americana, em Lisboa, em 1880, e uma exposição maritima no Tejo, as quaes farão d'esse anno um dos mais luzidos periodos da historia de Lisboa, com a reunião dos congressos internacionaes, postal, anthropologico e litterario, e com a celebração do terceiro centenario do passamento do poeta sublime que immortalisou as nossas navegações, descobertas e conquistas, entre as quaes brilha com tão firme esplendor a Terra de Santa Cruz, hoje emancipada, grande e independente. »

*

Jury.—A Directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, a quem a Companhia Fomentadora commettera o encargo da nomeação do jury da Exposição Portugueza, acaba de officiar ao Sr. Luciano Cordeiro, participando-lhe que está feita a escolha, e que brevemente lhe será communicada. Ouvimos que o jury se compõe de oitenta membros, entre industriaes, professores e negociantes.

Publicaremos a sua relação logo que nos fôr transmittida.

*

Regresso. — No paquete francez *Gironde*, sahido a 1 do corrente, partiu para Lisboa o Sr. João Martinho da Silva, chefe do pessoal operario da Exposição, habil carpinteiro, cuja pericia já tinha sido demonstrada nos trabalhos que fez nas Exposições Universaes de Vienna e de Pariz.

*

Estatistica dos visitantes.—De 6 de Agosto a 5 de Septembro venderam-se 28,896 bilhetes de entrada na Exposição.

*

Imprensa Portugueza.—Os jornaes de Portugal celebraram em phrases de sincero jubilo e bem cabido enthusiasmo a noticia da inauguração da formosa festa industrial que ahi presenciâmos.

A *Correspondencia de Portugal* de 13 do mez passado, fazendo extractos de diversas folhas, escreve o seguinte periodo, altamente lisongeiro para quantos lidam na faina jornalistica:

« Póde affirmar-se que foi a imprensa quem fez a Exposição Portugueza no Rio de Janeiro. Sem o apoio d'ella a idéa da Exposição teria succumbido. »

Esta asseveração não é hyperbolica; e afirma, ainda uma vez, o poder invencivel da imprensa, da qual tantos desdenham, e pela qual todos desejam ser louvados e erguidos.

Se não fôra a imprensa, pregoeira de serviços meritorios, e ás vezes—ainda mal!—tambem assopradora de balofas vaidades, que seria da fama de tanto homem de bem, do renome dos patrioteiros palavrosos e dos tartufos philanthropos á custa da bolsa alheia, do falso brilho de tanto barão de pechisbeque?

*

Offerecimento de serviços.—Offereceram despachar gratuitamente na alfandega do Rio de Janeiro. quer na entrada, quer na sahida, os productos vindos para a Exposição os Srs.:

Guilherme Gonsalves Marques,

Raphael E. Graça Bastos.

Caso tenha de ser vendida em hasta publica parte dos objectos expostos, tambem offereceram gratuitamente os seus prestimos, como agentes de leilões, os Srs.:

João Bancalari,

Miguel Paes do Amaral Pimenta.

O Sr. Carlos Arthur dos Santos, arrendatario e administrador do trapiche Cleto, offereceu armazenar gratuitamente neste trapiche aos volumes destinados á Exposição.

Igualmente offereceu conducção gratuita d'esses volumes nos seus carros o Sr. José Faria Loureiro Coimbra, subdito portuguez e proprietario da empreza de transporte de cargas.

*

Hymno.—O imperial estabelecimento do Sr. J. M. Alves Rocha publicou para piano o *Hymno da Exposição Portugueza*, composição do Sr. Augusto Portugal.

As pessoas que o teem ouvido executar affirmam que é de agradavel effeito, tanto ao piano como por banda marcial.

Como já noticiámos, este hymno foi tocado pela primeira vez no dia da inauguração.

*

Banquete.— Eis o *menu* do que foi offerecido á Commissão Directora, e que foi servido pelo Sr. Ferreira, da antiga confeitaria Carceller:

Hors d'œuvre d'office: conserves, olives, radis, beurre frais.

Potages: rabioli au suprème, purée de gibier à la portugaise.

Hors d'œuvre de cuisine: bouchées de dames aux huitres.

Relevées: poisson fin à Luciano Cordeiro, filet de bœuf à la jardinière.

Entrèes: côtelettes d'agneau aux petits-pois, vol-au-vent de gibier â Marcellino Barbosa, mayonnaise de pintade.

Pièces froides: galantine de dinde à Caetano de Carvalho, aspic de foie-gras á la Belle-Vue.

Coup du milieu: punch à l'Exposição Portugueza.

Rotis: dinde farcie truffée à Alvaro Geraldes, jambon d'York.

Entremets: asperges à la sauce, charlotte russe, macédoine de fruits.

Dessert assorti.

Vins: Madeira, Xérès, Sauterne, Bourgogne, Chambertin, Rhin frappé, Champagne frappé, Porto vieux.

Expediente

A Redacção da *Revista da Exposição Portugueza* recebeu e agradece os convites com que foi obsequiada:

Para o banquete offerecido ao Sr. Luciano Cordeiro, director geral da Exposição e a seus dignos companheiros Srs. Marcellino Barbosa, Caetano de Carvalho e Alvaro Geraldes.

Para o magnifico concerto da Phil'harmonica Fluminense, effectuado a 4 do corrente.

Caetano de Carvalho

CAETANO DE CARVALHO

Ao partir de Lisboa o *Maria Pia* com os productos destinados á Exposição Portugueza do Rio de Janeiro, dizia Filippe de Carvalho n'um brinde profundamente commovido, levantado no *lunch* de despedida, que tanta fé e tanto amor o prendiam áquelle emprehendimento que na realisação d'elle empenhava uma parte da sua alma.

E era assim.

Na sua laboriosa e agitada velhice este homem de grande coração tem uma preoccupação dominante, absorvente, ininterrupta, que é a sua melhor força porque é uma grande virtude:—a felicidade, o futuro, o amor dos filhos.

Para que se resignasse a separar-se d'este de que a *Revista* offerece hoje o retrato, quando exactamente sentia o legitimo e nobre orgulho de o ter feito seu collega no parlamento e na imprensa, — nas duas primeiras tribunas dos povos livres,—era necessario que a velha idéa da Exposição lhe tivesse inspirado uma energica confiança e um enthusiasmo muito lá de dentro.

Trahiu-o essa fé vigorissima no grande commettimento? . . .

Se nestes assumptos se podessem considerar decisivos e essenciaes certos resultados immediatos, dir-se-hia seguramente que não faltaram as decepções mais desoladoras ás esperanças e aos auspicios melhores.

Mas facto algum ou nenhuma decepção póde tanto no julgamento dos espiritos esclarecidos e serenos do que a velha idéa e a recente realisação d'ella que despojem, uma da sua valia pratica, e a outra, do seu caracter de mais notavel e mais util affirmação do trabalho e do progresso portuguez que, depois da independencia do Brazil, os fastos americanos registram.

Velha e fecunda idéa, na verdade, a de uma exhibição das industrias portuguezas, aqui! . . .

Quem não a tivera já?

Quem podera ter-se furtado á evidencia da sua razão e das suas vantagens, observando as relações estreitas e fataes dos dois paizes?

Gorada a primeira tentativa de Marcellino Barbosa e dos seus antigos companheiros, mas conservada a fé que a fizera surgir, a adhesão, nunca meramente theorica e contemplativa, de Filippe de Carvalho, póde e deve dizer-se, contribuiu poderosamente para que o generoso pensamento se tradusisse e corporisasse n'uma brilhante realidade;— salvou-o talvez até de um segundo e indefinido adiamento.

A idéa da formação d'uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada,—da *Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal*,—facilitou a idéa d'uma *Exposição Portugueza no Rio de Janeiro*;— completou-a, definiu-a, deu-lhe a força que transforma as utopias em factos positivos e uteis.

A inclusão do filho de Filippe de Carvalho na gerencia da Companhia corresponde logicamente a este ponto essencial e infelizmente pouco conhecido da historia da Exposição.

Caetano de Carvalho, nascido em Mattosinhos em 1852, não póde ter ainda uma larga biographia na chronica da vida publica do seu paiz, em que aliás occupa uma posição invejavel.

Deputado da nação na sessão legislativa e companheiro do pae na propriedade e na redacção da *Correspondencia de Portugal*, Caetano de Carvalho tem revelado, aos que o não conheciam, uma intelligencia distincta, um bello e honrado caracter e uma notavel aptidão para o trabalho e para os estudos politicos.

Para os que teem a ventura de conviver com elle, aquellas qualidades que raramente se encontram reunidas, são accrescentadas ainda por dotes de coração que o tornam profundamente sympathico e que lhe conquistam facilmente a estima e o convivio intimo dos mais difficeis por experiencia ou por geito na concessão d'estes affectos verdadeiros e sinceros, tão maltratados hoje no torvelinho das hypocrisias e dos egoismos sociaes.

Caetano de Carvalho não é sómente um intelligentissimo rapaz, é, primeiro que tudo, um bom e honesto rapaz.

D'uma esquisita modestia, elle não faz nem suggere em redor de si certos ruidos impertinentes.

Quem escreve estas linhas sabe quanto elle trabalhou neste commettimento da Exposição, que é de todos nós, porque é principalmente portuguez, e no qual fôra realmente difficil distinguir e separar, sem odiosa injustiça, o quinhão de esforços, de serviços e de justa gloria que pertence a cada um de quantos colloboraram nelle.

MANOEL JUSTIÇA.

A Exposição portugueza no Rio de Janeiro e o futuro que ella prepara á Portugal

(*Continuação de pag.* 117)

A questão da emigração chineza, de que me occupei no precedente artigo, está sendo debatida na camara electiva na sua verdadeira altura. O illustrado e intelligente deputado por Pernambuco, o Sr. J. Nabuco, iniciou a opposição á medida governativa, seguindo-se-lhe outras vozes autorisadas, e replicando o Sr. ministro dos Estrangeiros com a largueza da sua cultura e erudição.

A imprensa, que tem por dever acompanhar a marcha dos negocios de publico interesse, tem por seu lado discutido tambem. As considerações que nos restavam a fazer podem julgar-se superfluas. Por isso as reduzirei ao strictamente necessario para terminar o estudo que me propuz fazer.

A emigração chineza tem, como já fiz notar, um grande inconveniente politico.

O conde de Schouvalof, enviado russo ao congresso de Berlin, julgou urgente chamar a attenção dos membros d'este grande ajuntamento para os receios que a politica devia nutrir ácerca do movimento chinez. Uma raça retrahida,

naturalmente antipathica e irreconciliavel com as outras raças de que se acha muito afastada por habitos e educação, immensamente intransigente em todos os pontos doutrinarios, ignorante, fanatica, pobrissima e quasi infinita no numero, constitue uma verdadeira espada de Damocles suspensa sobre o mundo civilisado. A sua expansão é uma verdadeira corrente invasora que póde alterar profundamente o mappa politico das nações.

Seja porém qual fôr o lado por que se encare esta emigração; quer ella assuma as proporções assoladoras d'uma invasão, o que é apenas um receio, quer se limite á lenta, mas crescente dispersão, como até aqui tem sido, o certo é que tudo são inconvenientes immediatos para os povos onde ella se dirige. Prova-se á *priori* e á *posteriori*.

O chinez é immensamente sobrio e trabalhador; são duas esplendidas qualidades, não ha duvida. Mas o maior bem póde ser o maior mal. No caso presente a actividade e sobriedade do chim têm o grandissimo defeito de só interessar a elle e dar assim maior força á sua lucta contra as sociedades que devemos sustentar.

Inteiramente heterogeneo com o povo onde se desenvolve a sua actividade, o chim converte-se n'um vampiro que absorve o maior quinhão de interesses que não reparte.

E' certo que elles deixam ficar em troca o producto do seu trabalho: mas, como se não encorporam socialmente na nacionalidade onde vivem sempre estrangeiros, eliminam d'essa nacionalidade o elemento do trabalho vivo, sem o qual não é possivel uma boa organisação social. Os braços dos nacionaes ou dos emigrantes de outras origens, não podendo luctar com os braços chinezes, têm de fugir diante d'elles, que, subindo em numero e em valor, constituem dentro em pouco uma força com que o paiz não póde luctar.

E' evidente que todos estes males provêem de que o chim é o emigrante mais incapaz de se identificar com os naturaes da região para onde se transporta. Fanaticos e superstiçiosos não trocam as suas crenças religiosas por nenhumas outras. Eis a este respeito o testemunho autorisado d'um padre christão:

« Não acredito na possibilidade de converter os chi-

nezes em S. Francisco, mas acredito que isto se possa conseguir no seu paiz. Não será possivel trazel-os ao christianismo nas condições e meio em que elles vivem aqui, e creio bem que elles desmoralisarão maior numero de christãos do que nós alcançaremos de conversos chinezes. E' tão fraco o nosso ascendente sobre elles que, mesmo na China, não podémos conseguir dos proselytos o sacrificio d'um unico dos seus usos externos, uma insignificante modificação no seu modo de trajar. »

Inconversos e poderosos pela sua crescente riqueza, é evidente a sua nefasta influencia, attentando a que os seus principios moraes e sociaes são uma negação dos principios que nos são familiares. Eis o que a este respeito se lê n'um artigo erudito da *Revista dos Dous Mundos*, transcripto de um documento official, um relatorio publicado em February em 1878:

« Os chinezes têm um genero de vida e habitos taes que a sua presença sobre o nosso territorio é um perigo permanente a todos os respeitos. O seu desaceio é extremo, as suas moradias são fócos epidemicos. Habitos, costumes e intituições, tudo nos é opposto: odeiam o que nós amamos, desprezam o que nós prezamos; são virtudes ou licenças necessarias tudo que nós condemnamos como vicios. A mulher é um ser aviltante, o juramento uma chimera, e só é real o perjurio, o deboche e a deshonra. »

E para dar idéa do juizo formado a este respeito por homens de alto conceito: « Bem ao contrario de se julgarem nossos inferiores, os chinezes julgam-nos barbaros e atrazados, nutrindo um profundo desprezo pela nossa civilisação. Por um orgulho insupportavel e por uma convicção invencivel, elles suppõem-se nossos antecessores e superiores. Exaltam Confucio e fazem leis das suas maximas. Intrincheirados nos seus prejuizos, desdenhosos das novas idéas, formam uma massa compacta, inaccessivel a todas as influencias. Tudo nelles é diverso de nós: a côr, a physionomia, o vestuario, a lingua, os costumes, a religião. Duas raças tão distinctas, separadas por barreiras tão indestructiveis, poderão viver lado a lado e sujeitas ao mesmo governo? Sendo impossivel a união, terá que vencer uma, e essa qual será? O numero é a força, e a força faz o direito. »

E' bem clara esta linguagem, como não é menos claro

que ella se applica ao Brazil com mais propriedade ainda do que aos Estados-Unidos, porque este paiz tem muitos elementos de lucta que o imperio não possue.

Quanto ás manifestações d'esta lucta, que está em começo, bastará citar algumas das palavras do Sr. Page, representante da California, no congresso dos Estados da União, palavras que foram dirigidas ao presidente em carta que foi transcripta em quasi todos os jornaes: « Devo accrescentar que é tal a situação que se manifesta por todo o estado de S. Francisco uma geral inquietação. Os mais exaltados preparam um movimento insurrecional que poderá ter terriveis consequencias. »

. . . . . .

Entenda-se bem a razão por que impugno a emigração chineza. Já a apontei e vou agora discutil-a. Entendo que a unica emigração que o Brazil deve solicitar é aquella que der ao imperio todos as vantagens e qualidades requeridas em membros d'esta nação. O emigrante deve vir ser cidadão brazileiro, porque o Brazil carece de população, mas de população activa, boa, sobria, culta e homogenea; e homogenea, note-se bem. A primeira organisação de uma nacionalidade está na sua homogeneidade. Emquanto a não conseguir, não consegue a paz necessaria ao seu engrandecimento moral e economico.

Diz-se que a emigração chineza não inhibe as emigracões d'outra proveniencia; que aquella é feita com o fim de remediar um mal urgente, a suppressão da escravatura; que fica para depois a questão da emigração boa, mas lenta; que agora se tracta da emigração má, mas rapida.

E' este o campo em que os sectarios da emigração chineza a têm discutido ultimamente, desde que encontraram sérios competidores.

Neste campo, e desde que se acceitam as desvantagens apontadas contra a medida, creio que se deverá tambem mudar a direcção da critica. Deveria então perguntar-se; se os mesmos esforços e mesmo mais alguns do que aquelles que se vão empregar para a emigração chineza, se empregassem para a emigração considerada boa e unica totalmente boa, não removeriam o urgente mal que se pretende combater.

Perguntar se, pelos meios combinados entre o Brazil e

Portugal, e mesmo, pela urgencia, entre o Brazil e os paizes europeus, se não conseguiria a entrada no imperio do mesmo numero de braços que virão da China, e no mesmo espaço de tempo.

Perguntar ainda se, definitivamente averiguado que só pela vinda dos chinezes se póde evitar a calamidade da suppressão do braço escravo, não seria preferivel prorogar o praso da lei da emancipação, até que por meios bem combinados se podesse supprimir de todo.

Estas tres perguntas constituem outras tantas questões a ventilar na nova direcção dada ao debate. Creio bem que as respostas a ellas trariam a condemnação da medida.

Quanto ao outro motivo apontado de que a emigração chineza não evita as outras emigrações, esse está largamente discutido, e confessado improducente pelos proprios que o apresentam. Porque é má a emigração da China? Porque concorre com as outras emigrações a que é antipathica.

Disse eu que a emigração mais conveniente, a unica conveniente a todos os respeitos, era a emigração portugueza. Creio que disse uma banalidade, porque toda a gente está d'isso bem convencida.

Entretanto esta emigração tem desaffeiçoados no Brazil e em Portugal.

Esta contradicção explica-se. Suppõe-se que Portugal não póde fornecer ao Brazil o numero de emigrantes de que o imperio carece, e affirma muita gente que a emigração portugueza depaupera Portugal, introduzindo em todos os ramos da sua actividade uma anemia crescente que lhe poderá trazer a morte.

A primeira razão é toda brazileira, a segunda toda portugueza; nenhuma d'ellas, porém, é procedente.

A emigração depende essencialmente das condições do paiz que a recebe. E' preciso predispor o *habitat* aos emigrantes. A boa organisação do trabalho, a ordem, a salubridade, a protecção politica, tudo isso são forças exosmoticas que attrahem a corrente da emigração. Da mesma fórma que uma grande rarefracção n'um ponto da atmosphera produz correntes de ar que convergem em todos os sentidos para lá, até se estabelecer o equilibrio das densidades, assim tambem, nesta grande atmosphera social, as correntes emigratorias são fatalmente

dirigidas para os lugares onde um maior numero de condições favorecem a existencia.

Ora o Brazil não está em circumstancias de ser rapidamente invadido pela população que comporta. E' preciso que este augmento se faça lentamente, em harmonia com o seu desenvolvimento industrial e economico. A experiencia tem demonstrado largamente esta verdade. Na Europa imagina-se que o dinheiro corre neste imperio como a agua, que basta chegar cá e encher a bilha.

Se não fosse o terror que tambem por lá existe de que este paiz é um cemiterio de europeus, aquella fantastica crença traria aqui uma verdadeira invasão, porque a crença é muito geral e a falta de dinheiro não o será talvez menos.

Entretanto, um grande numero de estrangeiros passam aqui vida atribulada, porque luctam muito tempo contra a falta de occupação.

Estabelecidas as boas condições de existencia para o emigrante, elle virá naturalmente, e virá em quantidade correspondente ás necessidades creadas. Para estas necessidades e para esta emigração lenta mas constante, Portugal, se não dá tudo, póde dar a maior parte.

Quanto á despopulação de Portugal, á falta que se diz lhe faz esta perda de gente que emigra, eu fallarei em nome das estatisticas da população portugueza. Dizem ellas que a população cresce consideravelmente todos os annos, apezar d'este desfalque da emigração que cresce tambem.

Diz-se que os campos, que a vida agricola precisam de braços; que o serviço da cultura, que n'outro tempo se fazia com os braços mais robustos dos homens, está actualmente entregue em grande parte ás mulheres. É isto verdade. Quem percorre as extensas vargens das provincias portuguezas observa que a maior parte dos improbos misteres da industria agricola estão confiados á mulher, á nossa camponeza. Ella cava a terra, pega na rabiça, dirige os bois, apascenta os rebanhos, sacha o milho, rega-o, arrenda-o, esponta-o, desfolha-o, puxa o mangoal nas eiras, roça o mato, enxofra a vinha; emfim, não ha talvez parcella nenhuma d'esta grande somma de exercicios grosseiros e fortes em que ella não tome parte.

Mas este facto não deve ser explicado pela emigração para o Brazil, mas sim pela emigração feita dentro do mesmo paiz.

da industria agricola para as outras industrias e para outros misteres.

Ha 15 annos, Portugal quasi não tinha fabricas. A sua industria quasi unica era a agricultura, e esta, em condições muito mais prosperas, dava muito melhor retribuição ao trabalho do homem. Hoje, a industria fabril que tomou um largo desenvolvimento, como a actual Exposição está mostrando, e que remunera muito melhor o trabalho, tem roubado aos campos muitos centos de braços. Se não se encontram nas esplanadas adjacentes ás nossas serras, procure-os o visitante nos reconcavos dos nossos valles, dentro d'essas casas enormes, onde ha o estrondo das machinas e das officinas, que lá ha de encontrar esses mocetões de rosto alegre e musculo forte, que em tempo viviam no meio dos milheiraes.

Ao dispendio das industrias fabris, que hoje exigem grande quantidade de braços e dos melhores braços, póde ainda juntar-se o consumo enorme e tambem crescente feito pelo nosso exercito. Sabe-se que Portugal, entre as suas mais modernas e mais extravagantes manias, tem a de se organisar militarmente. O exercito é um verdadeiro vortice que leva os melhores braços e exhaure os cofres da nação. Emfim as obras publicas são outro concurrente e tambem enorme aos melhores trabalhadores portuguezes. Sabe-se que nestes ultimos 15 annos os melhoramentos materiaes e principalmente a viação publica teem tomado um augmento extraordinario. Para lá vão milhares de braços que ha pouco tempo ainda pertenciam á vida dos campos.

Antonio Zeferino Candido.

(Continúa).

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

VI

AS SALAS DO MARQUEZ DE POMBAL E DE MOUZINHO DA SILVEIRA

Examinemos hoje a esplendida e variada exposição de tecidos, que nos offerece a industria portugueza, e facilmente nos convenceremos que nos não falta ahi tambem que admirar.

A industria dos tecidos é uma das mais antigas, das mais uteis, e das mais indispensaveis ao homem sociavel, e pelo seu grande aperfeiçoamento actual se póde afferir não só do estado de civilisação de um povo, como de seus progressos desde os tempos mais remotos se póde avaliar das phases evolutivas por que através dos seculos tem passado a humanidade.

E, realmente, desde as épochas em que o homem se cobria de pelles para esconder a nudez, até hoje, em que milhões de machinas, movidas pela força irresistivel do vapor, preparam os mais delicados artefactos, as mais primorosas telas, os mais finos, e ao mesmo tempo os mais resistentes tecidos, adequados a todos os usos da vida, supprindo pela quantidade a todos os consumidores, e igualando na baratesa os recursos pecuniarios de todas as classes, deve ter sido tão longo o estadio percorrido, como assombrosos os inventos industriaes, e incessantes as conquistas da sciencia e do trabalho humano sobre os agentes apparentemente inertes, que por toda a parte encontrou na natureza.

Assim, pois, de antiga data, utilisa o homem não só as materias primas, que lhe offerece o reino animal, como as substancias e as fibras textis, que tanto abundam no reino vegetal, formando estofos não só apropriados a resguardal-o do rigor das estações e da desigualdade dos climas, como para servir-lhe do regalo nas opulencias do luxo, e nos requintes caprichosos da riqueza.

No emtanto—cousa singular!—neste caso, como em outros muitos, parece que a excepção precedeu a generalidade. Os ricos e poderosos os posuiam já finissimas manufacturas d'este

genero, quando ainda os pobres se vestiam de rudes e grosseiros estôfos, em que mal podiam resistir ás inclemencias dos elementos exteriores.

As purpuras de Tyro, as sedas da Persia, as lãs de Cachemira, os delicadissimos tecidos do Oriente, que só podiam ser partilha dos grandes da terra, precederam os pannos e as cassas burguezas, os linhos e os algodões populares.

Hoje graças ao movimento gradual, e ascendente da civilisação, tanto os abastados, como os mais desfavorecidos da fortuna, podem vestir-se do mesmo modo, isto é, subtrahirem-se aos rigores do tempo, e até gosar de artistica elegancia, consistindo simplesmente a differença do trajo na qualidade e no preço comparativo das fazendas de que usarem.

O desenvolvimento da industria fabril em Portugal confirma ainda em todos os pontos estas incontestaveis verdades.

Observemos portanto os productos de suas fabricas, servindo-nos para este fim das informações valiosas, que obsequiosamente pudemos colher.

O numero de expositores que comprehende a classe 1ª do grupo 3º, constante de fios, tecidos e vestuarios, é de 42 e alguns de grande importancia, pela boa qualidade de seus productos, como pelo valor de seus estabelecimentos ou fabricas.

A industria de tecidos em Portugal começou a ter desenvolvimento no reinado de D. José I, e foi este commettimento devido á grande iniciativa no notavel ministro daquella época, o celebre marquez de Pombal.

A real fabrica de sedas, edificada em Lisboa, no largo do Rato, a de tecidos e fiação de lãs na Covilhã, e de tecidos de algodão em Thamar, bem como outras de igual importancia, foram fundadas por aquelle notavel estadista.

Para traçar a historia completa d'esta industria, desde o seu começo, até ao gráo de prosperidade em que hoje se encontra no palacio da Typographia Nacional do Rio de Janeiro, seria necessario transformar esta modesta *Revista* em uma obra composta de alguns volumes ; no emtanto, limitando-nos ás proporções da nossa publicação, daremos apenas a discripção dos productos, ahi expostos, bem como da importancia de cada uma das fabricas e officinas, segundo os dados estatisticos que pudemos obter e que foram extrahidos de documentos officiaes.

Antes, porém, de entrar na apreciação minuciosa d'estes productos, façamos algumas generalisações.

Achando-se muito desenvolvida em Portugal nestes ultimos annos a industria do algodão, sóbe a sua exportação annual em massa a 1.800.000 kilogrammas. O numero de officinas e fabricas de tecidos cresce de dia em dia, especialmente nos districtos do Porto, Lisboa, Penafiel, e Visella. As possessões d'Africa são o mercado principal dos productos d'esta industria. A exportação dos tecidos de algodão, elevou-se, em 1874 a 145,889 kilogrammas, no valor de 103:400$000 réis fortes.

A industria lanifera, não obstante todas as difficuldades e falta de protecção que lhe tem sido preciso vencer, acompanhou sempre o progresso da industria similar das nações mais adiantadas. A pequena industria, só na provincia do Alemtejo, emprega para cima de 1,100 teares. Na provincia do Algarve esta industria é alimentada por 400 teares.

Na provincia da Beira, os districtos de Coimbra, e de Viseu, são os em que mais prospéra esta industria.

As fabricas da Beira Baixa consomem pelo menos 1.500,000 kilogrammas de lã.

Segundo uma estatistica official, havia em 1867 tres fabricas de panno em Lisboa, 39 no Porto, 11 em Castello-Branco, 42 na Guarda e 4 em Portalegre.

Para que o nosso estudo se possa tornar util áquelles que desejarem formar idéa dos diversos rãmos industriaes de que se compõe a classe que descrevemos, julgamos conveniente dividil-a em cinco secções; 1ª, fios e tecidos de algodão e linho; 2ª, fios e tecidos de lã; 3ª, fios e tecidos de seda; 4ª, estamparia de algodão; 5ª, artigos de vestuario.

Os fios e tecidos de algodão e linho acham-se expostos na grande sala intitulada MOUSINHO DA SILVEIRA, e n'uma outra pequena sala annexa á que se denominou— Marquez de Pombal.

Cabe o primeiro lugar nesta secção á Companhia de fiação e tecidos Lisbonense.

A data da fundação d'esta Companhia é de 183[illegible], e conta actualmente tres fabricas: duas em Santo Amaro, conselho de Belem, e uma no Olho de Boi, conselho d'Almada; todas a pequena distancia de Lisboa.

Empregam estes tres estabelecimentos mais de oitocentos

operarios, os quaes vencem o salario de 100 a 800 rs. fortes, segundo suas aptidões e tempo de ensino.

A sua producção annual regula aproximadamente por 360:000$, moeda portugueza, e os seus mercados de consumo são: Portugal e suas colonias, Brazil e Hespanha.

E' grande e variado o numero de productos por esta Companhia apresentados na Exposição Portugueza, e que constam de peças de algodão crú, desde 76 rs. fortes o metro até 220 réis; baetilhas, de 75 réis o metro até 240 réis; cobertores de algodão desde 1$100 até 1$620; cotins de 160 réis o metro; estopas a 100 réis o metro; guardanapos de algodão de 75 réis a 115 réis cada um, mantas a 640 réis; riscado de passadeiras a 150 réis o metro; riscado de toldo a 215 réis; riscado xadrez a 100 réis; riscado d'Africa de 95 a 155 réis; riscado para colchão de 130 a 175 réis; sarjões de 76 a 150 réis; sarjas de 76 a 170 réis; toalhas de algodão de 1,m65 a 470 réis, até 1,3 0 a 1$270 réis; toalhetas de 125 réis cada uma a 155 réis.

Além destes artigos, apresenta ainda esta Companhia uma grande collecção de amostras de trama, urdidura, linhas, algodão tinto nas côres applicadas aos productos que fabrica.

Esta fabrica tem obtido em todas as exposições medalhas de primeira classe.

Seguem-se aos productos desta Companhia os da Associação Fraternal dos Fabricantes de Tecidos.

Existe esta fabrica estabalecida n'um lugar denominado Calvario, a 4 kilometros de distancia do centro de Lisboa, e na estrada que segue para Belem.

A sua fundação originou-se de uma crise de trabalho.

Alguns officiaes de tecidos mixtos de linho e algodão, constituindo-se em sociedade, organisaram uma associação a que deram o nome de « Fraternal dos fabricantes de tecidos de Lisboa e artes correlativas » e que tem por fim principal dar trabalho aos seus socios, quando desempregados. Tem estatutos approvados pelo governo, todos os annos apresenta relatorio e faz eleição dos corpos gerentes.

A fabrica foi montada em 1860. O numero de braços empregados varia segundo a affluencia do trabalho no paiz. O salario dos homens regula de 300 a 600 réis fortes, e o das mulheres de 100 a 160 réis.

A producção annual é muito variante. Os seus mercados de consumo são exclusivamente Lisboa e provincias limitrophes.

Esta fabrica é um estabelecimento industrial de modesta importancia; tornando-se muito recommendavel pelo principio philanthropico e economico que presidiu á sua instituição; ainda assim os seus productos são de uma perfeição muito correcta, e concorre com outras fabricas em igualdade de preços, muito principalmente em toalhas de algodão de 2m,20 a 760 réis, até 1m de comprido a 430 réis; guardanapos de 25 a 50 réis cada um; toalhetes a 160 réis; riscados diversos de 100 a 170 réis o metro; saias com barras de differentes côres a 1$700.

Tem obtido esta associação tres menções honrosas; uma das quaes lhe foi dada na ultima exposição universal de Paris.

Vejamos agora a fabrica da Companhia Nacional de fiação e tecidos de Torres-Novas.

A data da fundação desta fabrica é de 1845, e occupa actualmente 241 operarios: sendo 73 homens, 168 mulheres.

Para o movimento do seu fabrico emprega como motores uma turbina da força de 75 cavallos, uma roda hydraulica de 40, e uma machina a vapor de 70.

A proveniencia das materias primas é da Russia, Italia, Portugal e Indias, e os seus mercados de consumo são: Portugal, Africa e Brazil.

Esta fabrica tem obtido, em todas as exposições a que tem enviado os seus productos, diversas medalhas e menções honrosas.

Os seus artigos mais notaveis são brins de 190 a 290 réis o metro; cotins de 280 a 320 réis o metro; riscados de 200 a 400 réis o metro; panno de linho a 220 réis o metro; estopa de 150 a 180 réis o metro; passadeiras de 180 a 270 réis o metro: alcatifas a 330 e 360 réis o metro, e outros productos, na mesma proporção. Todas as fazendas d'esta fabrica teem o desconto de 5 %.

Estamos agora em presença dos productos da Real fabrica de fiação de tecidos de Thomar.

Este importante estabelecimento foi fundado pela iniciativa do Marquez de Pombal no antigo convento de Christo, pertencente á ordem dos freires de Christo, os principaes conquistadores de Portugal.

Esteve abandonado por muitos annos, porém em 1873 uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada tomou a peito a sua reorganisação, fazendo importar do estrangeiro machinismo moderno e pessoal habilitado.

A montagem da machina, bem como a construcção de uma parte do novo machinismo, e a gerencia de sua installação, foram incumbidas ao distincto engenheiro mechanico portuguez Carlos Augusto Pinto Ferreira, director da officina de machinas do Arsenal de Marinha; hoje este estabelecimento está a par dos primeiros de seu genero e emprega 400 operarios; sendo 100 homens, 250 mulheres e 50 crianças.

Obteve medalhas nas exposições de Philadelphia e de Paris.

Os seus productos principaes consistem em fios para trama e urdidura, linha, e em tecidos de algodões crús de 2$400 a peça de 26 metros a 3$600. Estampados a 200 réis o metro, e zuartes de 3$600 réis a 4$200 a peça.

Relativamente aos productos de fiação de algodão, encontramos ainda na mesma sala os artigos fabricados pela Companhia de fiação e tecidos de algodão de Alcobaça, com amostras de fios e panno crú, mas cujos dados estatisticos ignoramos, por não se acharem consignados nos documentos que acompanham a sua exposição; bem como os da fabrica da Balsa; da Companhia de fiação portuense; da Companhia de fiação do Bugio; e os de Jeronymo José Antunes, estabelecido em Braga, que tambem por falta de apontamentos ou indicações da importancia de seus estabelecimentos, nada podemos informar aos nossos leitores.

Parece-nos a proposito lembrar aqui que, é sempre muito conveniente para o expositor, para o publico e sobre tudo para o jury, que o fabricante faça acompanhar os seus productos de todas as indicações, pelas quaes se possa bem avaliar da importancia de seus estabelecimentos, condições da fabrica, os meios que emprega na producção, como machinas, utensilios, e finalmente todos os instrumentos de trabalho, condição que acreditamos essencial para o jury poder com justiça e verdadeiro conhecimento do objecto, ser justo e equitativo na distribuição das recompensas.

Passamos agora ao exame dos cotins do Porto, dignos tambem de fixar a nossa attenção.

São tres os fabricantes d'este genero que se fazem representar na Exposição Portugueza, e os seus productos encontram-se expostos na grande vitrina installada no centro do salão denominado Mousinho da Silveira.

Os nomes dos expositores são: José Carneiro de Mello, Rodrigo Antonio Ferreira Dias, e Bahia & Genro, todos do Porto e com estabelecimentos importantes, que são hoje propriedade de José da Silva Ferreira.

A fabricação principal d'estes industriaes consta de cotins de linho e algodão, ao preço médio de 120 a 400 réis o metro; chales de côres, cobertores, flanellas e outros objectos, tudo por preços reduzidos, merecedores de serem examinados pelos commerciantes do Brazil.

Tambem nas suas facturas de remessa não encontramos dados estatisticos, tanto ácerca de seu pessoal, como da producção e movimento de seus estabelecimentos.

Vejamos tambem com attenção a exposição dos pannos de linho de Guimarães.

São elles apresentados por Antonio da Costa Guimarães, estabelecido naquella cidade, e constam de uma linda collecção de artefactos de sua fabrica, no valor aproximado de mais de dous contos de réis.

E' bem conhecido este importante ramo de industria de Portugal, pois os pannos de linho de Guimarães concorrem em acabamento, e muito especialmente em solidez, com os que vem de outros paizes, excedendo-os até na duração.

Estes productos estão expostos na sala denominada Marquez de Pombal.

A collecção compõe-se de pannos de linho, toalhas, guardanapos, camisas e saias bordadas para senhoras, meias de linho finissimas, colchas, travesseiros, almofadas e muitos outros artefactos d'esta natureza.

Estas fabricas exportam para o Brazil, Africa, e fornecem os principaes estabelecimentos d'este commercio em Portugal.

Os productos de Manoel Mendes Ribeiro Guimarães, tambem da mesma cidade, são igualmente conhecidos fóra e dentro do paiz pelas mesmas condições de fabrico, e, comquanto a sua exposição não seja tão completa e de um sortimento tão variado como os que ficam acima referidos, é digna de ser examinada pela boa qualidade do tecido e pela modicidade dos preços.

E' facil concluir, portanto, que este utilissimo ramo de industria tem conseguido verdadeiros progressos em Portugal, de modo que os seus productos não desmerecem diante dos das nações mais adiantadas e incomparavelmente mais ricas.

Se muito nos teem admirado, como acabamos de ver, os productos d'este ramo da industria portugueza, não menos interesse nos despertará a sua magnifica exposição de sedas.

Esta industria é muito antiga em Portugal, e ahi gosou de grandes privilegios. O marquez de Pombal foi quem primeiro fundou uma fabrica de sedas, perto de Bragança, mantida á custa do Estado; e tão vantajosos foram seus resultados que os seus artefactos chegaram a rivalisar com os da Italia. A tal ponto se elevou o progresso d'esta industria, que as sedas portuguezas conseguiram ser preferidas ás de Inglaterra.

Hoje, porém, se não podem luctar na concurrencia com a generalidade dos productos similares fabricados na França e na Inglaterra, devido isto especialmente aos pequenos limites relativos de sua producção, não deixam de ser elles bastante recommendaveis por seu fabrico, qualidades e gosto, existindo em Portugal fabricas d'este genero em Lisboa, Lamego, Porto, Sinfães, Amarante, Marco de Canavezes, Póvoa de Lenhoso, Armamar, Valença e Funchal.

As sedas que se acham expostas e que vamos examinar abonam o que dizemos. Distinguem-se em geral por sua consistencia e flexibilidade, e pelas delicadas gradações de côr, desde o lilaz, violeta, creme, até ao azul, ao vermelho e preto, agradando summamente á vista e não menos pela qualidade e perfeição do tecido.

Mencionaremos em primeiro lugar os productos da fabrica nacional de fiação e tecidos de seda de Lisboa, dos successores de Cordeiro & Irmão, fundada em 1850, e empregando actualmente 240 operarios: sendo 30 homens, 200 mulheres e 10 crianças. O termo médio dos salarios é de 500 a 600 réis fortes para os homens, de 180 a 400 réis para as mulheres e de 100 a 160 réis para as crianças.

Emprega esta fabrica uma machina a vapor da força de 18 cavallos, e o valor annual de sua producção eleva-se a 120:000$ fortes. As materias primas que emprega são exclusivamente de origem portugueza.

Expõe este estabelecimento córtes de *faille* para vestidos de diversas côres, com 20m50, desde 45$000 a 60$000 fortes.

Colchas de brocatel de differentes côres de 24$ a 34$ fortes.

Reps para estofo de moveis e carroagens, de diversas côres, a 1$650 fortes o metro.

Esta casa incumbe-se de qualquer encommenda mediante uma pequena amostra da côr desejada.

Ao lado dos productos expostos pelos successores de Cordeiro & Irmão, encontramos os de Raymundo Joaquim Martins & Filho, com fabrica de tecidos de seda e algodão, na cidade do Porto.

Esta fabrica é talvez a mais importante d'aquella localidade, porém faltam-nos dados estatisticos a respeito d'ella, porque os seus proprietarios não teem concorrido ás ultimas exposições internacionaes.

Consta-nos que o seu estabelecimento é grande e immenso o seu pessoal.

A collecção exposta na Typographia Nacional por este estabelecimento é muito variada, e consta de sedas de gorgorão lavrados mixtos a 2$000 fortes o metro; ditos riscados a 800 réis; setim lavrado de 1$500 a 1$700, fustão de 1$400 a 2$200 o metro; taffetá de côres de 300 a 400 réis o metro; damascos de côres de 1$ a 1$700, dito a ouro fino para paramentos religiosos a 22$500 fortes, nobreza de 800 a 1$500, *faille* setim a 3$000, sarjas a 1$ e a 1$200, velludos a 5$ e a 6$, lenços de setim de côres a 1$500 e a 1$700, chapéos de sol para senhora de 2$500 a 3$500 cada um, ditos para homens de 3$ a 5$500, galões mixtos para ornamentos de 80 réis a 2$400 o metro; finalmente muitos outros objectos dignos de interesse pela excellencia da qualidade e pela barateza do preço.

Na sala Mousinho da Silveira tambem encontramos d'este estabelecimento grande collecção de colchas d'algodão, muito variada em desenhos e em côres, de 1$600 a 3$000 fortes cada uma.

Todos os productos d'estes expositores são perfeitos, tornando-se notaveis por sua belleza os bordados a prata e a ouro.

Na especialidade a que se chama lhama, isto é, sedas

lavradas e tecidas com ouro ou prata, acham-se na Exposição Portugueza trabalhos muito perfeitos de David José da Silva & Filho, successores de Joaquim José da Silva.

As lhamas tecidas a ouro são de preço de 22$500 o metro; ditas a fio de prata e ouro a 36$ o metro, damascos de requife matisado de 3$300 a 3$600 o metro, ditos rasos a 1$650 e 1$800, lustrina carmesim a 4$500 o metro e outros artefactos.

Este estabelecimento existe á rua de Cedofeita, no Porto. Foi fundado em 1836, épocha em que quasi todas as fabricas antigas de fiação e tecidos tiveram a sua origem, devido á influencia da lei protectora, creada por Passos Manuel.

Esta importante fabrica tem concorrido e obtido premios em todas as exposições

Com uma exposição muito variada neste genero de lhamas, apresenta-se tambem nesta sala Custodio José da Silva, estabelecido no Porto. A'cerca deste facricante escaceiam-nos as informações, o que sinceramente lamentamos.

Os productos que expõe são no emtanto dignos de interesse e constam de: lustrinas tecidas de seda e ouro de 17 a 18$ o metro; ditas de seda branca a 4$; damascos de 1$650 a 2$400; estofo azul de seda e algodão a 2$; cintos de seda a 2$ e a 4$50[illegible].

Pimentel & Queiroz, fabricantes de tecidos mixtos, no Porto, e dos quaes não temos tambem apontamento algum estatistico sobre a importancia de seu estabelecimento, expõem damascos verdes e amarellos para paramentos religiosos a 30 e a 36$ fortes o metro, gorgorão preto a 2$250 o metro, dito de côr a 2$800, velludos de 3$000 a 3$600, *failles* a 2$ o metro, setim de 2$ a 2$500 o metro, dito papel a 900 réis, glacés a 1$500, sarja de seda para guarda-sóes a 1$100 o metro.

Cassar & Comp., fabricantes de tecidos de lã, algodão e seda, expõem 30 peças de fitas de *faille*, glacé e gorgorão; e sete cintas de lã preta, encarnadas e magentas, cujos preços se acham marcados nas amostras expostas.

E' igualmente muito variada e importante a exposição de gravatas de Cordeiro & Irmão. E' grande actualmente a importancia d'este estabelecimento pelo muito consumo que encontram os seus productos nos mercados de Lisboa e Porto;

constam estes productos de lenços de sedas de côres e qualidades differentes pelos preços de 1$600 a 2$700 fortes cada meia duzia, e gravatas tambem de variados feitios desde 900 réis até 7$200 a duzia.

Santos & Pereira, fabricantes de retroz, expoem uma colleção de amostras de seda em rama, e torcida, sendo o preço de 13$500 fortes o kilo.

José da Silva Pereira e Vasconcellos, estabecido em Braga, enviou á exposição 6 amostras de damasco de côres para ornamentos de igreja, sendo o seu preço de 750 a 4$400 fortes o metro.

A chapelaria não só de Braga como do Porto acha-se tambem dignamente representada na Exposição Portugueza. A fabrica de Costa Braga & Filhos, importante estabelecimento que tem sido premiado em todas as exposições a que tem concorrido, enviou um magnifico sortimento de cento e tantos chapeos de diversos formatos e qualidades, que muito devem agradar pelo gosto com que estão fabricados, assim como pela baratesa dos preços.

A'cerca da importante colleção de guarda-sóes, que se acha exposta nesta mesma sala, transcrevemos o que diz a este respeito a *Correpondencia de Portugal*, de 28 de Maio do corrente anno.

« E' digna de ver-se a collecção de guarda-soes com que o acreditado industrial, o Sr. José Francisco da Piedade, do Porto, concorre á Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.

« Dividem-se em algumas secções os artefactos de que fallamos: de setim e renda, seda, alpacas e panninho, para homem, senhora e criança.

« São de aprimorado gosto as marquezinhas quer de seda, quer de setim e renda. Todas de modelo differente, ataviam-se de caprichosos recortes na franja, e de laços tão artisticamente feitos que o seu conjuncto é elegante e bello.

« Os guarda-soes para homem são egualmente bem acabados, apresentando grande variedade nas sedas de duas faces, nas alpacas, e panninhos.

« Os castões de toda a colleção, que conta mais de 200 guarda-soes, são para os gostos ainda os mais exigentes. Ha bonitos lavrados e altos relevos em marfim e metal,

sendo tambem variados os punhos de unicornio, canna da India, etc. A seda de todos estes artefactos é nacional.

« Ha ainda n'esta colleção artefactos completamente novos com que o Sr. José Francisco da Piedade concorre pela primeira vez ao certamen do Rio de Janeiro, e que não tinha ainda apresentado nas Exposições portuguezas e na de Londres a que havia concorrido: é uma porção de guarda-soes de panninho branco e côr de palha, proprios para praias de banhos, chacaras, etc.

« São de gosto exquisito. Extremamente amplos, possuem uma extensa canna da India, dividida em duas partes, tendo na base inferior um ferrão de metal amarello para espetar no chão. D'este modo qualquer pessoa, enterrando no sólo o guarda-sol que facilmente leva sobraçado para determinado ponto, senta-se onde lhe apraz, ficando assim resguardado dos ardores do sol.

« Finalmente é digna de elogio a collecção que o Sr. Piedade manda ao Rio de Janeiro, não só pela perfeição com que tudo está acabado, ainda os objectos mais insignificantes, mas tambem pela boa qualidade das fazendas, o que tudo constitue subida honra para o estabelecimento d'aquelle senhor. »

Nota.—Mal informados, quando fallamos em nosso artigo precedente (p. 122) das obras de marcenaria de Luiz Pinto do Couto, do Porto, devemos agora especificar que os seus objectos expostos constam de 6 cadeiras de couro, imitações antigas; 2 contadores e 1 mesa antigos de jácarandá com puchadores e ornatos de metal prateado, e um contador antigo feito em Gôa (India Portugueza.)

No mesmo caso estão os objectos expostos por Francisco M. Cordeiro, que são; 8 cadeiras antigas de braços de carvalho esculpido, com assentos e espaldares de couro gravado com brasões, flores e figuras. Pertenceram a uma antiga casa titular de Portugal e serviram para a inauguração da Exposição Portugueza. Estão ainda na sala dos Braganças (Bellas-Artes).

E. Z.

(*Continúa*)

Banquete dado á Commissão da Exposição Portugueza (*)

Os Srs. Joaquim José Duarte, Augusto Pinto Chaim e Miguel José da Silva Braga, negociantes da praça do Rio de Janeiro, constituiram-se em commissão para darem um jantar aos Srs. Luciano Cordeiro, Director Geral da Exposição Portugueza; Marcellino Barbosa, Caetano de Carvalho, Alvaro Carneiro Geraldes e Jeronymo da Silva.

O jantar realisou-se no dia 1 de Septembro, n'um dos salões do Cassino Fluminense, e foi na verdade esplendido. Os convivas eram em numero de 70, achando-se entre estes os Srs. Sinimbú, Presidente do Conselho de Ministros; Conselheiro Sodré, Ministro do Imperio; Visconde de Jaguary, Presidente do Senado; Dias de Carvalho, Secretario da Mesa do Senado; Visconde de Borges de Castro, Ministro de Portugal; Barão de Wildick, Consul Geral de Portugal; Viscondes de Mattosinhos e Rio Vez; Commendadores Zenha, Silveira, Manoel Roque e muitos outros cavalheiros, cujos nomes não recordamos agora.

A imprensa estava representada pelo Sr. Dr. Luiz de Castro, do *Jornal do Commercio;* Elysio Mendes e Henrique Chaves, da *Gazeta de Noticias;* Dr. Berlink, do *Cruzeiro*, e esta *Revista*, pelo Dr. Domingos de Almeida.

Depois de ter sido servido o *coup de milieu*, que foi *punch á Exposição Portugueza*, começaram os brindes.

O primeiro foi levantado pelo Sr. Visconde de Borges de Castro ao Imperador e Imperatriz do Brazil. Agradeceu este brinde o Sr. Conselheiro Sinimbú, Presidente do Conselho, brindando á Familia Real de Portugal.

Em seguida o Sr. Joaquim José Duarte, Presidente da Commissão, brindou ao Sr. Luciano Cordeiro, como Director da Exposição Portugueza.

O Sr. Luciano Cordeiro agradeceu n'um discurso eloquente o brinde antecedente, e, aproveitando a occasião de estar com a palavra, historiou as difficuldades que se

(*) Este artigo, que ficou composto typographicamente, não pôde ser inserido em o numero anterior por falta de espaço.

encontraram para a realisação da Exposição, pôz em relevo o proceder dos Governos portuguez e brazileiro, mostrando o quanto a Exposição devia ao Governo Imperial; e, alludindo ao que em alguns circulos se diz da Exposição Portugueza ser uma especulação, procurando-se assim amesquinhar tão grande commettimento, provou em phrase elevada e digna que a especulação era nobre e util quando tinha um fim benefico e de reconhecida vantagem publica. Explicou o sentido da palavra especulação, que tão mal interpretada tem sido, e concluiu por brindar ao imperio do Brazil, synthetisado no seu Governo.

O Sr. Sinimbú, agradecendo em nome do Governo as palavras que ao Brazil e aos poderes publicos dirigíra o Sr. Luciano Cordeiro, declarou que elle assistia áquelle banquete não como particular, mas como representante do Governo; que desejava que da Exposição resultasse maior estreitamento de relações entre Portugal e o Brazil, e maior desenvolvimento do commercio, e concluiu brindando a Exposição Portugueza pelo fim que representava, pela maneira delicada porque os cavalheiros que a dirigiam se tinham apresentado.

Seguiu-se o Sr. Caetano de Carvalho, deputado da nação portugueza, que observando que o regimen parlamentar era aquelle que mais garantia as liberdades publicas, e que era, por assim dizer, o laço que prendia as velhas instituições á moderna democracia, terminou por brindar ao parlamento brazileiro.

Y.

Alforria d'um escravo

Entre o pessoal operario contractado no Rio de Janeiro para a installação da Exposição Portugueza havia um carpinteiro de côr preta, chamado Martinho.

Estava elle ao serviço d'aquelles patrioticos Srs. Coimbras (J. Faria Loureiro e irmão), que com tão bizarra e modesta dedicação fizeram gratuitamente nas carroças da sua conhecida empreza o transporte de todos os volumes destinados á Exposição, desde a alfandega até á Guarda Velha.

Quando se recrutava o pessoal operario, os Srs. Coimbras offereceram o seu carpinteiro, querendo, porém, continuar a pagar-lhe, elles, como fizeram, o salario respectivo.

Era um homem trabalhador, socegado, calado e intelligente.

Um dia o fiel de productos, Sr. Antunes, e o chefe do pessoal operario, Sr. Martinho da Silva, foram communicar ao Director geral, Sr. Luciano Cordeiro, que casualmente haviam sabido que o carpinteiro era escravo; e logo elles, como os mais empregados e expositores que tinham vindo de Lisboa e do Porto, accordaram em que o pobre negro sahiria homem livre do serviço da Exposição.

Organisada rapidamente uma subscripção, o Sr. Director geral communicou a resolução aos Srs. Coimbras, pedindo-lhes para servirem de intermediarios para com o senhor do escravo, ao que elles com todo o cavalheirismo se prestaram.

Algumas conferencias do Sr. Cordeiro com o senhor do preto não deram em resultado um accordo, pelo elevado preço que este ultimo pedia, mas abstendo-se sempre o primeiro de fixar um, qualquer, por escrupulo de consciencia que lhe não permittia avaliar o que para elle não tem valor venal:—a existencia e a liberdade humana.

Recorreu-se ao tribunal competente, e instaurado o respectivo processo, desejando os subscriptores da Exposição evitar delongas e enredos, visto o senhor do negro intentar

acção de incompetencia de fôro, estabeleceu-se um accordo, pagando elles pela alforria 1:400$000, e fazendo as mais despezas que, apezar da lettra sensata e nobre da lei, sempre se fazem nestas cousas.

No dia 7 de Septembro, anniversario da emancipação politica do Brazil, no gabinete do Director, na presença dos subscriptores, de varios empregados e do Sr. consul de Portugal, barão de Wildick que, por feliz coincidencia, se achava na Exposição, foi entregue ao preto Martinho o titulo d'alforria e a declaração correlativa dizendo-se nesta que os subscriptores, promovendo a liberdade « de um homem de côr preta chamado Martinho, de quem era considerado senhor outro homem de côr branca, chamado Dr. Felix José da Serra, não entendiam conceder o que tinham por direito innato, mas apenas por convicção e sentimento tornar effectiva uma faculdade humanitaria e redemptora da lei ; e que neste acto protestavam como portuguezes os votos que faziam pelo progresso e prosperidade do paiz hospitaleiro em que se achavam. »

Foi uma scena singela e commovente.

Eis a lista que ha dias podémos obter da subscripção.

Luciano Cordeiro.	100$000
Caetano de Carvalho.	100$000
A. Carneiro Geraldes.	100$000
Jeronymo da Silva.	50$000
F. d'Assis Antunes.	50$000
J. Martinho da Silva.	30$000
L. P. Couto.	20$000
Albino Coutinho Junior. . . .	80$000
J. A. Guimarães.	80$000
J. P. da Costa Junior	80$000
B. Peres.	25$000
F. Ferreira de Sousa. . . .	25$000
Abono da Companhia para ser preenchido pela subscripção	760$000
Somma.	1:500$000

* * *

IMPRENSA BRAZILEIRA

As folhas diarias e nós que as acompanhamos, perdemos o tempo e o feitio.

As manadas de bois, os rebanhos de ovelhas, cabras e carneiros seguem machinalmente os seus *guias*.

As maiorias unidas e compactas vencem as minorias, ainda advogando estas a melhor e a mais justa das causas.

Os despeitados com o modo como se inaugurou e se tem ostentado até agora a Exposição Portugueza, e que já premeditavam a sua quéda, vendo por experiencia que só com a abstenção e a indifferença ella não baqueava, mais revoltados ficaram, e tramaram a occultas uma verdadeira guerra de *guerrilhas*.

O exercito segue compacto as vias militares, a caminho para o campo de combate, mas os guerrilheiros emboscados, aqui e alli, nas encruzilhadas, encubertos com os bosques, atraz de rochas escarpadas e inaccessiveis, nos desfiladeiros, cortando pontes, vão pouco a pouco dizimando o grosso do exercito, que atacado de improviso e á falsa fé, não póde reagir, e por fim succumbe: assim os inimigos gratuitos da Exposição, como as guerrilhas, não podendo bater-se em campo e a peito descuberto com um exercito invencivel, a industria, as artes e a agricultura portugueza, essa grandiosa manifestação do trabalho progressivo, e vendo que os seus interesses egoisticos, e *não sei se licitos*, perigavam, tocaram a rebate, passaram a senha, disseminaram as guerrilhas emboscadas por todos os pontos da capital, de modo a não poder-se provar que havia conluio ou plano formado.

Assim espalhados, ouvia-se por toda a parte um sujeito, apparentando a maior credulidade e singeleza, dizer: a Exposição é especulação; dez tostões é caro, só lá vou quando baixar a *nikel*; aquellas sêdas foram compradas em Paris, e querem impingil-as como fabricadas em Portugal; ganham muito dinheiro, já lá foram mais de 50 mil pessoas; as joias são muito caras; ninguem nos pediu nada, porque se nos pedissem.... então era outra coisa... nunca negamos

o nosso *obolo* da caridade para os nossos *irmãos d'além mar*... e com estas e outras armas teem conseguido com que a maioria dos compatriotas, que ignoram estas tramas vís, se tornem indifferentes á mais importante e á mais proficua tentativa de Portugal no Brazil.

Esse indifferentismo, calculado, estudado, imposto, é visivel, é palpavel, todos o sentem, todos o notam.

As proprias folhas do paiz o assignalam, como ainda recentemente o *Cruzeiro*, no seu folhetim do dia 11 :

« Antes de abandonarmos o terreno da arte, fallemos ainda da Exposição Portugueza, que tem sido visitada e examinada com tanta benevolencia e aproveitamento.

« Em um paiz em que, como no Brazil, uma industria desmedidamente rendosa difficulta o desenvolvimento de todas as outras, é util chamar a attenção publica para a vantagem de obtermos dentro do proprio paiz todos os objectos de que carecemos.

« A Exposição Portugueza mostra essa independencia industrial de Portugal, que não precisa de recorrer a paiz algum para ter tudo quanto precisa para a sua subsistencia, desde os objectos de primeira necessidade, até aquelles que servem a satisfazer o luxo mais opulento.

« Ha alli vitrinas que exigem um exame de longas horas para se tomar cabal conhecimento d'aquillo que ellas contéem.

« Se todas as pessoas que tivessem a lucrar com a visita á Exposição lá tivessem ido ; se todas tivessem repetido a visita o numero de vezes necessario para tomarem pleno conhecimento dos objectos expostos, a affluencia teria por certo sido muito e muito maior.

« Ha uma certa indifferença difficil de explicar, e que faz que muitos habitantes do Rio de Janeiro morram de velhos sem jámais terem subido ao alto do *Corcovado*. Pois o *Corcovado*, ou, antes, a vista que d'alli se gosa, é verdadeiramente admiravel ; e entretanto quantos adiam indefinidamente a visita, quantos fazem sacrificios para irem á Europa subir aos Alpes, que se não importam com o *Corcovado?!*

« Pois bem ; poucas cousas poderão dar uma idéa mais satisfactoria do poder humano, do resultado da sciencia, da força da intelligencia e da actividade, do que essa con-

gregação de todos os objectos necessarios á vida, cujas materias primas concorrem de todas as partes do mundo para serem manufacturadas por um só povo, que lhes imprime o seu gosto, o seu caracter, o seu genio, e que vem perante um povo irmão e amigo, e lhe diz singelamente: Aqui está o que nós sabemos fazer; ensinae-nos o que sabeis melhor; acceitae o que vos convier do que nós fizemos; nós somos um povo que trabalha o mais e melhor que póde, e que adopta a divisa de *fraternidade pelo trabalho*. »

E' o que muitos de nossos compatriotas aqui, com honrosas excepções, não comprehendem ou não lhes convem comprehender, a *fraternidade pelo trabalho*: a sua divisa d'elles é: o *egoismo* e a *inveja*.

Agora resta-nos agradecer cordialmente as lisongeiras expressões, sinceras e desinteressadas, com que o *Cruzeiro* nos honra no mesmo folhetim.

Penhoram-nos tanto, e tanto nos desvanecem que as transcrevemos:

« Esta linguagem era digna e foi comprehendida pelo Brazil que offereceu um dos mais bellos edificios da capital para essa Exposição. Aliás o pensamento dos emprezarios tem sido explicado na *Revista da Exposição Portugueza*, publicação avulsa, em que teem apparecido artigos muito bem pensados e escriptos, e alguns sobre qnestões do mais elevado interesse social.

« Esta *Revista* mereceria ter uma circulação maior, e sobre tudo um caracter de permanencia que a não condemnasse a desapparecer, acabada a Exposição.

« Para continuar precisaria ella tambem de mudar de titulo.

« Seria bem facil; o essencial seria que continuasse aquelle orgão de idéas sans e adiantadas. »

A.

Registro de Noticias

Rio, 20 de Septembro de 1879.

Grata manifestação. — E' a que consta do seguinte officio :

« Illm. e Exm. Sr.—Os grandes homens deixam após si traços de sua carreira que, como marcos luminosos, attestam seus feitos, immortalisando-se na memoria dos povos.

« O dia 6 de Agosto de 1879 constituirá, para todos os portuguezes, um anniversario feliz que, com satisfacção, recordem sempre a épocha em que foi inaugurada no Rio de Janeiro a primeira Exposição Portugueza e onde, á custa de sacrificios e insano trabalho de homens inteiramente emprehendedores, fizeram patente quanto póde elevar-se um paiz ao maior apogeu da gloria, quando, como Portugal, tem filhos tão dedicados.

« Os portuguezes residentes em S. João do Principe não poderam, pois, ser indifferentes a tão feliz acontecimento e para a melhor o registrarem, iniciaram n'este lugar uma instituição de caridade que, sob o titulo *D. Maria Pia*, soccorra aos portuguezes enfermos e indigentes.

« A instituição de que me occupo será definitivamente installada no dia 28 do corrente com 28 socios fundadores, para tambem commemorar-se o 3° anniversario da vinda de S. Ex. o Sr. Barão de Wildick a este lugar.

« O nome porque vai ser conhecida a mesma instituição é uma prova de estima á nossa idolatrada rainha e em regosijo de seu completo restabelecimento.

« Sendo o dia da iniciação consignado a V. Ex. e aos dignos membros da Commissão Fomentadora, especialmente aos Srs. Marcellino Barbosa e Albino Coutinho Filho, (1) sendo d'este humilde parente e dedicado amigo, e finalmente

(1) O Sr. Albino Coutinho é expositor e representante da casa de ourivesaria Albiuo Coutinho & Filhos.

a todos os dignos expositores que concorreram á Exposição Portugueza, da qual é V. Ex. o digno chefe.—Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. Luciano Cordeiro, M. D. Director Geral da Exposição Portugueza.—S. João do Principe, 19 de Agosto de 1879. — *Antonio Joaquim de Almeida.* »

A esta communicação respondeu o Sr. Luciano Cordeiro da fórma seguinte:

« Illm. e Ex. Sr.—Accuso a recepção do officio de V. Ex. de 19 de Agosto, que só ha poucos dias recebi, e que me trouxe o grato testemunho de que o esforço e a boa vontade de bem servir a patria, que se traduziram na Exposição Portugueza que tenho a honra de dirigir, encontraram nos portuguezes residentes n'essa localidade uma comprehensão e uma adhesão amiga e justa.

« A fórma delicada e patriotica que esses nossos concidadãos deram á manifestação dos seus sentimentos, mais exalça estes e honra ao nosso modesto emprehendimento.

« Aguardando a occasião de levar ao conhecimento do Governo Portuguez, e da Companhia que tenho a honra de representar a communicação de V. Ex., estimo este ensejo para protestar pessoalmente a V. Ex. a minha consideração e para lhe pedir que se sirva transmittir aos nossos patricios o agradecimento d'esta Direcção.—Deus guarde a V. Ex. — Rio de Janeiro, 6 de Septembro de 1879.—Illm. Sr. Antonio Joaquim de Almeida. (S. João do Principe, provincia do Rio de Janeiro.)—*Luciano Cordeiro,* Director geral. »

*

Jurys.—Eis os nome das pessoas escolhidas pela Directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro para comporem os jurys que teem de apreciar os productos expostos.

Para o 1° grupo *(Obras de arte, educação e ensino, material e processos das artes liberaes)* os Srs. Joaquim da Rocha Fragoso, Francisco José Pinto Carneiro, George Leuzinger, conselheiro Dr. João Manuel Pereira da Silva, Francisco Maria Cordeiro, Dr. F. A. Cominhoá e Francisco Ramos Paz.

Para o 2° grupo (*Mobilia e accessorios*) os Srs. Carlos Grelle, João Martins, José Pinto de Oliveira, João Guilherme Meyer, M. J. Valentim, Alphonse Milliet, Manuel Pires Sampaio Guimarães, Bento José Barbosa Serzedello e Sebastião Augusto Pereira Guillobel.

Para o 3° grupo (*Tecidos, vestuario e accessorios*) os Srs. Antonio Augusto de Oliveira Braga, José Moreira Freire, Augusto Weguelin, Adolpho Simonsen, José de Barros Carvalhaes, José Goursand, Joaquim Alvaro de Armada, Gaspar Villan, Manoel Cosme Pinto, C. F. Cathiard, Luiz Augusto Schmidt, Francisco Salgado Zenha, João Dias Fernandes Leite, José Pinto de Carvalho Ramos, Albino Teixeira Aragão, Frederico Augusto Schmidt, Antonio Xavier Carneiro.

Para o 4° grupo (*Industrias extractivas, productos brutos e fabricados*) os Srs. Paulo Bret, João José de Oliveira Faria, Dr. Theodoro Peckolt, Dr. Francisco Carlos da Luz, Dr. Ladislau de Souza Mello Netto, Dr. Adolpho José Del Vecchio, Guilherme Röhe, Antonio da Costa Chaves Faria, Eduardo G. Hime, Claudino Fretz, Antonio de Sá Araujo Lima e Dr. Carlos Guedes da Costa.

Para o 5° grupo (*Utensilios e processos das industrias mechanicas*) os Srs. Dr. Henrique E. Hargreaves, Dr. Carlos Conrado Niemeyer, Dr. Ladislau de Souza Mello Netto, Dr. André Pereira Rebouças, Dr. Augusto Saturnino da Silva Diniz, conselheiro Henrique Beaurepaire Rohan, vice-almirante Barão de Iguatemy, capitão de mar e guerra Henrique Antonio Baptista e capitão de mar e guerra João Mendes Salgado.

Para o 6° grupo (*Productos alimentares*) os Srs. Dr. Nicolau Joaquim Moreira, Dr. Domingos José Freire, Dr. Theodoro Peckolt, Targine José da Cruz, João Antonio da Costa Carvalho, George Kastrup, José Porfirio de Oliveira Pimentel, José Estevam da Fonseca, Joaquim de Mattos Vieira, Reginaldo Gomes da Cunha, Luiz Carlos de Sousa Pinto, W. H. Holman, Wenceslau de Sousa Guimarães.

Durante esta semana trabalharam os jurys do 1°, 2° e 3° grupos.

*

Colonia Portugueza em Pernambuco.— O Sr. Luciano Cordeiro recebeu o seguinte officio em resposta ao que para alli escreveu em 18 de Agosto, e que se acha a pag. 106 d'esta *Revista:*

« Illm. Exm. Sr.— Depois do telegramma que V. Ex. se serviu dirigir ao nosso presidente, por occasião da abertura da tão applaudida Exposição de productos portuguezes no Rio de Janeiro, em 6 de Agosto proximo passado, saudando a nossa colonia d'esta cidade, recebemos em 29 a sua obsequiosa participação de 18 do mesmo mez.

« A'quelle telegramma respondeu prompta e devidamente o nosso presidente com sinceros agradecimentos e parabens, unindo-lhes os cordiaes votos e saudações da colonia, pela patriotica iniciativa e honrosa execução d'este primeiro tentamen, por parte da Companhia Fomentadora e de muitos dignos productores, perante os illustrados habitantes da capital d'este grande Imperio Americano.

« Pela honra e fineza por V. Ex. praticadas na publicação d'esta resposta nos confessamos muito reconhecidos, bem como sabemos que o delegado d'esta colonia, o Sr. Verissimo Ferreira Chaves Junior, foi sempre amigo e companheiro tão dedicado, como patriota intelligente nas lidas e glorias d'esse certamen do trabalho. Havendo elle antecipado, por motivo de molestia, a sua volta a esta cidade, onde chegou a 29 do passado, esperamos a satisfacção do seu breve restabelecimento, para podermos em reunião dos nossos compatriotas festejar a sua boa vinda com agradecimentos de seus serviços e leitura do seu relatorio, sobre assumpto tão honroso para todos os portuguezes, como o da primeira Exposição no Brazil de productos patrios, e da qual por certo advirão immensos beneficios ao nosso paiz, e aos nossos homens intelligentes e trabalhadores no alargamento de nossas relações commerciaes, com tantos e tão naturaes consumidores.

« Antes, porém, já o Sr. Chaves Junior, nos deu as provas mais convincentes do muito affecto que sentirá sempre por V. Ex. e pelos seus illustres collegas, pelos nossos compatriotas residentes no Rio de Janeiro, e pelos hospitaleiros Fluminenses, que tão obsequiosamente o receberam e tractaram.

« E por tanta consideração ao seu delegado a Colonia Portugueza attesta eterno reconhecimento, e em seu nome pedimos a V. Ex. a graça de o patentear da melhor fórma que V. Ex. julgar, com o que nos fará muita mercê.

« Seria um novo prazer para esta Colonia o de o ver

outra vez a V. Ex. e aos seus nobres companheiros n'esta bella cidade, e mais ainda o das suas honrosas assistencias á reunião mencionada, mas sendo incerta esta dupla satisfacção pela duvida em que nos achamos ácerca da época da sua volta para a cara patria, pedimos a V. Ex. de acceitar para si e para seus collegas os nossos protestos de elevada estima e consideração e os offerecimentos de nossos fracos serviços.

« Deus guarde a V. Ex.—Pernambuco, 4 de Septembro de 1879.— Illm. Exm. Sr. Luciano Cordeiro, M. D. Director geral da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.— Os membros da Commissão representante da Colonia.—*Miguel José Alves.— Francisco de Oliveira Maia.—Seraphim Alves Rodrigues*, secretario.

*

Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia.— Trinta e um irmãos, convalescentes no hospital d'esta veneravel Ordem, visitaram a Exposição a 12 do corrente, acompanhados pelo mordomo adjuncto do mez, o Sr. Augusto Pinto Chaim.

*

Agradecimento. — Como se terá lido a pag. 164 d'esta *Revista*, a Commissão Directora da Exposição, por um nobre sentimento de humanidade, entendeu que não devia continuar no captiveiro um operario escravo que esteve ao serviço de uma empreza em que só figuram os productos do trabalho livre.

Apenas alliviado dos ferros da servidão, esse operario manifestou o seu reconhecimento, dirigindo pela imprensa o agradecimento seguinte aos seus beneficiadores :

« A' COMMISSÃO DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

« *Gratidão sem limites*

« Hontem escravo.... hoje livre ! Bem haja a digna Commissão, e expositores presentes, que vendo-me trabalhar no

palacio da Exposição, e sabendo da minha triste condição, generosamente realizaram, sem onus algum, avultada quantia pela minha liberdade.

« Hoje, cidadão, beijo as mãos dos meus libertadores, com especialidade as do Exm. Sr. Luciano Cordeiro, a quem será eternamente agradecido o artista, que para maior gratidão assignar-se-ha de hoje em diante.—*Martinho Antonio da Exposição*.

« Rio, 10 de Septembro de 1879. »

*

Venda de productos.—Desde o dia 15 do corrente que se acham á venda os productos do 1° e 2° grupos, comprehendendo quadros, esculpturas, livros em branco e impressos, instrumentos de musica, mobilia, esteiras de forro, vidros, crystaes, porcellanas, louça das Caldas, figuras de barro, etc.

*

Hymno da Exposição.—« Illm. e Exm. Sr.—Em data de 3 do mez que actualmente rege submisso depuz em mãos de V. Ex. o hymno de minha composição, com a seguinte dedicatoria: *Hymno Inaugural da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro*, dedicado e offerecido á Sociedade Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal.

« Dignando-se V. Ex., como gostosamente se dignou, accolher o dito hymno, honrou-me altamente, pelo que me confesso por tal extremamente orgulhoso, por ter tido occasião de prestar um serviço (aliás insignificante) á Commissão a que V. Ex. tão dignamente preside.

« Auctorisado por V. Ex. foi o mencionado hymno tocado n'uma das salas da Exposição após os hymnos nacional e de Sua Magestade Fidelissima, no dia da solemne inauguração.

« Hoje, porém, tenho a honra de pedir venia a V. Ex. afim de permittir que o possa mandar editar e publicar, attento mesmo ás circumstancias de ser o primeiro hymno original, offerecido, e ser elle de composição de um empregado da Exposição.

« Aproveito este ensejo para protestar a V. Ex. o meu reconhecimento pelo quanto estou subidamente penhorado e grato, assim como com os mais membros de tão illustrada Directoria.

« Deus guarde a V. Ex.—Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1879. — Illm. e Exm. Sr. Luciano Cordeiro, dignissimo Director Geral da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.—*João dos Prazeres Fonseca.* »

« Illm. e Exm. Sr.—Pela Companhia que tenho a honra de representar e por mim agradeço a V. Ex. a formosa composição musical que dedicou á Exposição Portugueza no Rio de Janeiro. Tive muito gosto em auctorisar que aquella composição fosse tocada n'uma das salas da Exposição e em ver o excellente e justo accolhimento que por parte do publico tem obtido. Não sómente permitto, o que aliás fôra escusado, mas estimo que a referida composição seja publicada, como egualmente me alegra ter esta occasião de prestar testemunho do patriotismo de V. Ex. como portuguez e do seu intelligente zelo como empregado da Exposição.—Deus guarde a V. Ex.—Rio de Janeiro, 6 de Septembro de 1879.—Illm. e Exm. Sr. João dos Prazeres Fonseca.—O Director, *Luciano Cordeiro*.

Depois de composta a musica, o Sr. Antonio Francisco Marques escreveu umas estrophes para serem cantadas com ella, e que foram impressas conjunctamente.

Eil-as :

Ao tombar nos abysmos do nada
Essas éras nefandas de outr'ora,
Succedeu-se, brilhante, dourada,
Entre os povos, feliz, nova aurora.

E' a aurora da industria e das artes,
Da sciencia, do sancto progresso,
Que reune, de todas as partes,
As nações em fraterno congresso.

Todas teem sua mira constante,
No porvir, nas riquezas internas,
E na lucta, incruenta, gigante,
São nas forças eguaes, são supernas.

E' por isso que vemos os lusos,
Sempre audazes, leaes, valorosos,
Deixar povos e povos confusos
Ante os louros que ceifam viçosos.

Bem o vêdes: em busca dos mares
Foram sempre o assombro do mundo,
Novos climas lhe dando, outros ares,
O seu genio provaram profundo.

Hoje vêem nos mostrar outra face:
O que são, o que podem na terra;
Seu arrojo, que d'alma só nasce,
No presente certame se encerra.

CÔRO

Eia! pois! caminhemos na senda
Do trabalho com honra e fervor;
Nesta nobre, querida contenda
Seja o lemma:—contínuo labor.

*

INVENTO PORTUGUEZ.—Devem ter os nossos leitores ouvido fallar de uma preparação inventada pelo distincto actor portuguez João Anastacio Rosa, pela qual se torna perfeitamente impermeavel o calçado, sem os inconvenientes que apresentam outros processos analogos. Este invento conhecido, experimentado e applaudido em França, principalmente depois da exposição de Paris, offerece condições notaveis de hygiene, conservação e barateza. Constitue segredo do inventor que está resolvido a negocial-o.

Na sala de Marcos Portugal está exposto calçado impermeavel por este processo, e acha-se tambem mergulhado em agua, ha mais de 50 dias, um pedaço de couro submettido á mesma preparação, o qual a agua não conseguiu atravessar em tão largo espaço de tempo.

*

SOCIEDADES.—O Club Musical e Beneficente *Recreio dos Chapeleiros* e o Club *Euterpe do Commercio* domingo, 14 do corrente, visitaram encorporados a Exposição. De tarde e á noite as respectivas bandas tocaram alternadamente differentes peças de musica.

*

Distincção honrosa.— O Lyceu Litterario Portuguez, associação que tem por fim o desenvolvimento da instrucção publica, para o que mantem aulas nocturnas gratuitas, frequentadas por grande numero de alumnos portuguezes e de outras nacionalidades, nomeou socio honorario o Sr. Luciano Cordeiro, segundo consta da participação seguinte:

« Secretaria do *Lyceu Litterario Portuguez* no Rio de Janeiro, em 24 de Agosto de 1879.

« Illm. e Exm. Sr.—A Directoria do *Lyceu Litterario Portuguez*, não querendo findar a sua gerencia sem manifestar o alto apreço em que tem os serviços prestados por V. Ex. á nossa patria, especialmente por occasião da Exposição Portugueza n'esta côrte, propoz hoje á Assembléa Geral e esta approvou unanimemente a nomeação de V. Ex. para Socio Honorario d'esta associação, cabendo ainda á referida Directoria a subida honra de offerecer-lhe o respectivo diploma.

« Digne-se, pois, V. Ex. acceital-o, recebendo tambem os protestos de estima e consideração que lhe tributa a Directoria cujo mandato cessa hoje.—Deus guarde a V. Ex., Illm. e Exm. Sr. Luciano Cordeiro, M. D. Presidente da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.—O 1° Secretario, *Joaquim Augusto da Cunha Porto.*»

*

Visitantes notaveis.— Crescè o numero de pessoas qualificadas que teem visitado a Exposição; e, sem ser possivel conservar memoria de todas, e até muitas não sendo conhecidas do amigo que nos obsequia com estas informações, faremos hoje menção das seguintes:

Os Srs. barões de Cotegipe, de Nogueira da Gama, e de Faria; viscondes de Tamandaré, e de Souto conselheiros Affonso Celso (ministro da Fazenda), De Lamare, Beaurepaire Rohan, Pereira Franco (ex-ministro da Marinha), Severiano da Rocha; Drs. Nicolau Netto, Baptista dos Santos, Torres Homem, Paula Costa Junior, Oliveira Fausto, Medeiros Gomes, Rosendo Moniz, Hilario de Gouvêa, Barros Henriques, Figueiredo de Magalhães, Fragoso, Maximiano de Carvalho, Teixeira de Magalhães, Silvino de Almeida, Silva Freire, França Junior, Palhares, Garcia da Rosa (chanceller

do consulado portuguez); desembargador Castro Britto; engenheiros Dr. Paula Freitas e Wilmot; Raffard (consul da Suissa); Machado de Assis, Manuel de Mello; coronel José Guedes Pinto; Monsenhor Felix (governador do bispado) acompanhado de alguns monjes benedictinos; commendadores Reinaldo Montóro, Rocha Fragoso, Soller, Almeida Martins, Furtado Coelho, Farani, Domingos Moutinho, Paula Ramos, B. Serzedello, J. J. Duarte; padres Manuel Guimarães e Gomes de Lima; deputado Dr. Pedro Luiz; Jardim, (agente consular de Portugal em Nictheroy); Miguel Braga, Pinto Chaim, Cunha Porto, A. F. Marques, Cardoso Pereira, Vicente de Sousa, Victor Resse, Vicente Palhares, Guilherme Meyer, Miranda Castro.

Muitas das pessoas mencionadas agora, e das que se acham indicadas a pag. 79, vieram acompanhadas de suas Exm. familias, e algumas teem frequentado a Exposição por diversas vezes.

Maior seria de certo esta enumeração e com gosto a fariamos, se cada visitante quizesse dar na entrada o seu bilhete de visita, ou se se prestasse a inscrever o nome em um livro adequado.

Assim não haveria omissões nesta lista, deficientissima como a reconhecemos, e que, apezar nosso, não temos meio de tornar completa. Pedimos, portanto, desculpa das lacunas que se lhe notarem, que de maneira alguma são intencionaes, affiançamol-o.

*

Regresso.—Voltou a Portugal, no paquete inglez *Tagus*, sahido a 9 do corrente, o Sr. José Pereira da Costa Junior, representante da casa José Pereira da Costa & Filho, do Porto, expositora dos vinhos conhecidos sob a denominação de *Quinta da Barca*. Só para o imperio exporta esta casa 2,000 pipas por anno.

*

Boa nova para os nossos leitores.— O Sr. commendador Reinaldo Carlos Montóro prometteu honrar as paginas d'esta *Revista* com um trabalho que está escrevendo. Deve ser primoroso, como todos os que elabora este nosso erudito escriptor.

*

Espectaculo.—Em homenagem á Commissão Directora da Exposição Portugueza a Companhia Dramatica do Theatro de S. Pedro de Alcantara organisou um espectaculo que se effectuou a 18 do corrente.

O programma constou do *Hymno da Exposição*, composto pelo Sr. Augusto Portugal e executado pela orchestra; da comedia em tres actos *Moços e Velhos*; do *Cavalheiro das Damas*, dita em um acto, e da scena comica *A Exposição Portugueza*, escripta pelo Sr. Arthur Azevedo e recitada pelo Sr. Silva Pereira, a quem foi offerecida pelo auctor.

E' chistoso o trabalho do Sr. Azevedo e foi desempenhado com a incontestavel graça que possue aquelle estimado actor.

Este e o Sr. Azevedo foram chamados ao proscenio e justamente applaudidos.

A Commissão Directora esteve presente em dous camarotes da primeira ordem, e, depois de representada a scena comica, foi agradecer ao director da Companhia, o Sr. Guilherme da Silveira, o obsequio d'este espectaculo.

*

Estatistica dos visitantes. — Desde o dia da abertura da Exposição até 19 do corrente venderam-se 34,549 bilhetes de entrada.

*

Parlamento Brazileiro.— E' do teor seguinte a resposta da Camara dos Srs. deputados aos votos de louvor do Parlamento Portuguez.

« Rio de Janeiro.—Camara dos deputados, aos 17 de Septembro de 1879.

« Illm. e Exm. Sr.—A Camara dos Srs. deputados do do imperio do Brazil recebeu com especial agrado a communicação que V. Ex. se dignou fazer-lhe de que a Camara dos dignos pares do reino de Portugal resolvera, em sessão de 7 de Junho do corrente anno, que se lançasse na acta de sua sessão um voto de louvor e agradecimento ao Governo Imperial e á Nação Brazileira, pelo modo como foi neste paiz accolhida a proposta de uma Exposição de productos portuguezes, nesta capital, lendo com summo desvaneci-

mento a cópia authentica de parte da acta d'aquella sessão por V. Ex. enviada.

« De ordem da Camara dos Srs. deputados do imperio do Brazil, transmitto á dos dignos pares do reino de Portugal esta expressão dos seus sentimentos.

« Deus guarde a V. Ex. — Ao Sr. Duque de Avila e de Bolama, presidente da Camara dos dignos pares do reino de Portugal. — O 1° secretario, *José Cesario de Faria Alvim.* »

O officio dirigido á Camara dos deputados de Portugal é, *mutatis mutandis*, concebido nos mesmos termos.

Expediente

A Redacção agradece os exemplares com que foi brindada das seguintes publicações:

— *Primeira Exposição Portugueza no Rio de Janeiro em* 1879 — *Discurso inaugural*, pelo Sr. Luciano Cordeiro.

— *Hymno Inaugural da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro*, musica do Sr. J. P. Fonseca, lettra do Sr. A. F. Marques.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

Nota official dos premios conferidos pelos jurys nomeados pela Associação Commercial do Rio de Janeiro

DIPLOMAS DE MEDALHA DE HONRA

1.° Grupo

Imprensa Nacional de Lisboa :—Fundições, gravuras e impressões.
Casa da Moeda de Lisboa :—Sellos e moeda.
Victor Bastos, Lisboa :—Grande cartão original: «Bartholomeu Dias. »
Direcção geral dos trabalhos geodesicos, hydrographicos e geologicos do reino, Lisboa : — Mappas chorographicos, geologicos, publicações.

2.° Grupo

Fabrica de Louça de Sacavem:—Louça barata em pó de pedra.
Vianna, Araujo & C.ª, Lisboa :—Mobilia de luxo.
Zeferino José Pinto, Porto:—Trabalhos em talha.

3.° Grupo

Fabrica Nacional de fiação e tecidos de seda (successora de Cordeiro & Irmão), Lisboa :—Por todos os productos expostos.

Fabrica Nacional de lanificios d'Arrentella :—Idem.
Companhia de Fiação e tecidos Lisbonense, Lisboa :—Idem.

4.° Grupo

Camara Municipal de Lisboa, seu matadouro de gado bovino, Lisboa :—Idem.
Administração Geral das Mattas do Reino, sua fabrica de productos resinosos, director Bernardino José Gomes, Marinha Grande :—Idem.

5.° Grupo

João Thomaz Cardoso, Villa Nova de Gaya, Porto:—Cofres de ferro.
Joaquim Antunes dos Santos, Lisboa :—Pregaria e marmores.
Domingos Antonio de Abreu & C.ª, Lisboa—Cordoaria.

DIPLOMAS DE MEDALHAS DE OURO

1.° Grupo

José Simões d'Almeida Junior, Lisboa :—Estatua em marmore—« Sapho.»
José Moreira Rato Junior, Lisboa : — Estatua em gesso— « Um rapaz tocando tambor. »
Alfredo Keil, Lisboa :—Quadros a oleo.
Lallement & Irmãos, Lisboa : — Impressões em papel e setim ; impressão de gravura.
David Corazzi, Lisboa :—Edições, etc.
Companhia da fabrica de papel do Prado, Thomar :—Papel.
Academia de Bellas Artes de Lisboa :—Pelos quadros de seu fallecido professor Thomaz José d'Annunciação, expostos por diversos.
Raphael Baptista, pela faca de matto exposta pela companhia « Fidelidade » e de que elle é autor.

Frederico A. de Campos, Lisboa:—Medalha
Emilio Biel & Comp., Porto:—Photographias e phototypias.

2.° Grupo

Albino Coutinho & Filhos, Porto:—Ourivesaria
Viuva Moreira & Filhos, Idem
Bruno da Silva, Lisboa:—Esteiras.
Viuva Rodrigues & Filhos, Porto:—Alcatifas de pita.
Empresa da real fabrica de vidros da Marinha Grande, Marinha Grande,:—Vidraria e crystaes.
Pinto Bastos & Filho, (Fabrica da Vista Alegre) Ilhavo. Louça.
Wenceslau Cifka, Lisboa:—Louça artistica.
Lobão & Ferreira, Porto:—Ourivesaria.

3.° Grupo

Raymundo Joaquim Martins & Filho, Porto:— Telas a ouro, damascos etc.
Antonio Alves Bibiano, Castanheira de Pera; pannos pretos.
Companhia nacional de fiação e tecidos de Torres Novas: Linhas e algodões.
Sociedade da fabrica de lanificios do Campo Grande, Lisboa: —Pannos para fornecimento do exercito.
Daupias & Comp., Lisboa:—Por todos os productos.
Santos & Pereira, Porto:—Retroz e seda torcida.
Companhia Lisbonense de estamparia e tinturaria d'algodão: Lisboa, Por todos os productos expostos.
Antonio da Costa Guimarães, Guimarães:—Tecidos de linho.
Anjos, Cunha, Ferreira & Comp., Lisboa:—Por todos os productos.
Industria das rendas de Peniche:—A camara municipal da localidade pelos productos expostos pela Companhia Fomentadora.
Diogo Jorge Scheehan (antiga casa Baron), Lisboa:—Luvaria commum e de phantasia.

Costa Braga & Filhos, Porto:—Chapelaria.
Viuva Stelpflug, Lisboa:—Calçado.
Companhia de fiação e tecidos d'Alcobaça: — Algodões crus, etc.
Companhia da Real Fabrica de fiação de Thomar:—Algodões crus, etc.
Bahia & Genro (José da Silva Ferreira), Porto:—Cotins e brins.
José Carneiro de Mello, Porto:—Cotins e brins.
Rodrigo Antonio Ferreira Dias, Porto: — Cotins e brins.

4.° Grupo

Baroneza de Samora Correia, Lisboa.—Sal.
Empreza das aguas de Vidago, Séde: Lisboa.
Hospital das Caldas da Rainha, Caldas.
Quintella & Comp., Lisboa:—Rolha e cortiça em prancha.
Francisco Coelho Rocha, Feira:—Rolhas.
Manoel Antonio da Silva & Filhos: — Chumbo granisado.
Companhia Aurificia, Porto:—Objectos de electro, pregaria.
H. Schalch, successores, Lisboa:—Capsulas, pregaria, colchetes, botões.
Companhia dos vendedores de Tabacos Regalia.
Augusto Mendes da Cunha, Guimarães:—Cutelaria e ferragens.

5.° Grupo

Costa Bastos & Comp. (Fabrica de Fundição do Bolhão, Porto:—Ferragens e fundições.
Valentim Ferreira Nunes, Porto:—Cofres e moveis de ferro.
José Maria Lourenço Junior, Lisboa: — Tachos de cobre para refinação.
Francisco de Medeiros Costa e Albuquerque, Lisboa:—Cimento hydraulico ou Pozzolana dos Açores.
João Antonio Pinto & Comp., Lisboa:—Asphalto.
Lemos & Antunes, Figueira:—Poleame.

DIPLOMAS DE MEDALHAS DE PRATA

1.° Grupo

J. A. Marques Guimarães, Porto:—Quadro: « Uma marinha.»
Miguel Angelo Lupi, Lisboa: — Quadros: « Uma lição de bordado.—Depois da leitura. »
Columbano Bordallo Pinheiro, Lisboa :— Quadros a oleo.
Manoel Maria Bordallo Pinheiro, Lisboa :—Quadros a oleo.
D. Maria Guilhermina da Silva Reis, Lisboa:— Quadros a oleo.
Leonel Menezes Pereira, Lisboa:—Quadro. « Festa d'aldeia.»
Henrique Nunes, Lisboa :—Photographias.
Antonio José Nunes Junior, Lisboa:—Gravura a talho doce.
Francisco Rocchini, Lisboa :—Phothographias.
A. S. de Castro, Lisboa:—Litographias.
E. Chardron, Porto:—Livros editados.
J. de Sá Couto, Feira :—Papel de linho, etc.
A. M. Verol, Senior:—Livros em branco de commercio, etc.
Domingos Venancio, Lisboa:—Medalhões em cobre.
Custodio Pereira & Castanheira, Porto :— Instrumentos de musica.

2.° Grupo

João Antonio de Campos, Lisboa:—Moveis.
Luiz Pinto do Couto, Porto:—Moveis em estylo antigo.
Albano da Graça Pires Franco, Vianna do Castello:—Moveis.
José Pinto, Porto :—Moveis em jacarandá e de embutidos.
Venancio & Nascimento, Porto:—Moveis de luxo.
Francisco Augusto Vaz Cerquinho, Porto: —Ourivesaria.
Viuva de Innocencio Alves de Azevedo, Porto:—Idem.
André Michon, Porto:—Vidraria.
José Alves da Cunha, Caldas da Rainha:—Ceramicas.
Manoel Cypriano Gomes Mafra, Caldas da Rainha :—Ceramicas.
Antonio de Almeida Costa & C.ª (Fabrica das Devezas), Porto :— Ceramicas.

3.° Grupo

Companhia de Fiação Portuense, Porto :— Algodão em fio e torcido.

Fabrica da Balsa :— Idem.
Companhia de lanificios de Padronello, Amarante :—Tecidos de lan.
Hypolito Delaye, Lisboa :— Luvaria.
Manoel Mendes Ribeiro Guimarães, Guimarães :— Tecidos de linho.
Campos Mello & Irmão, Covilhan :— Tecidos de lan.
D. Thereza dos Passos Saccadura, Vianna do Castello :— Rendas, etc.
José Antonio Teixeira, Lisboa :— Tecidos de lan e lans para bordar.
Companhia da fabrica nacional de lanificios de Portalegre: — Tecidos de lan.
J. Nunes Correia & C.ª, Lisboa ;—Fato.
J. da Fonseca & Filhos, Lisboa :—Idem.
David José da Silva & Filhos, Porto :—Lhamas e damascos.
Pereira da Costa & C.ª, Lisboa :—Camisaria.
José Rodrigues Rogeiro, Covilhan :—Tecidos de lan.
José da Silva Pereira de Vasconcellos, Braga :—Lenços de seda lavrada, etc.
Viuva Sanches, Porto :—Camisaria.
Cassar & C., Lisboa :—Fitas, cintas, etc.
Custodio Lopes da Silva Guimarães, Porto;—Sapatos de liga.
José Nogueira Soares, Penafiel :—Tamancos.
João Anastacio Rosa, Lisboa :—Preparação de calçado impermeavel.
Eugenia Amalia Pinto Malta Rodrigues, Porto : —Flôres artificiaes.
Associação fraternal dos fabricantes de tecidos e artes correlativas, Belém :—Tecidos de algodão e mixtos.
Antonio José da Silva, Porto :—Telas a ouro, damascos.
Gomes & Filhos, Lisboa :—Calçado.
Januario José Martins & C., Oeiras :—Sapatos de liga.

4.º Grupo

Mendonça & C.ª, Lisboa :—Cama, salva-vidas, serradura de cortiça, rolhas.
José Maria Ramalho Diniz Perdigão, Evora :—Cortiça em prancha e em rolhas.

A. P. da Silva, Lisboa :—Palitos.
João Ferrão da Silva Castello Branco, Lisboa :—Sal.
José de Azevedo David, Porto :—Mallas, etc.
Antonio Firmo Laureano, Lisboa :—Sellins, mallas.
Francisco José da Silva Rocha, Porto :—Mallas, saccos de viagem, etc.
João Antonio Ogueia, Lisboa :—Mercurio doce.
Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego, Lisboa :—Carvão calcareo, argiloso.
Companhia Utilidade Domestica, Porto :—Cebos.
Antonio Peixoto Mattos Chaves, Guimarães :—Pelles.
Antonio José Teixeira Mello, Lisboa :—Cêra fabricada, etc.
F. D. Magalhães (laboratorio pharmaceutico), Lisboa :—Preparados pharmaceuticos, especialmente xaropes.
Lugan, Lacour & C.ª, Villa-Nova de Gaya, Porto :—Cremor e crystaes de tartaro.
José de Assis Vieira & C.ª, S. Christovam de Mafamude :—Sabões.
Empreza das aguas mineraes de Cabeço de Vide, Lisboa.
Companhia das aguas de Pedras Salgadas, Pedras Salgadas.
José Pereira Cardoso Junior, Porto :—Ouro e prata em folha.
Clemente Ferreira, Porto :—Collecção de algas portuguezas.
Antonio de Souza Brito Maldonado Bandeira, Setubal:—Sal.
José Maria Pires, Lisboa :—Ferragens, serralharia.

5.º Grupo

Asylo de Mendicidade, Lisboa :—Processos de limpeza, moagem e peneiração de trigo.
Caetano Antonio dos Santos Lisboa, S. Christovam de Mafamude :—Obras de folha e cofre de segredo.
Anjos & Silva, Lisboa :—Cal.
Duarte Augusto Ferrão, Lisboa :—Obras de folha.
Simeão José Pereira, Lisboa :—Azulejos, etc.
João Roseira, Lisboa :—Azulejos.

DIPLOMAS DE MENÇÃO HONROSA

1.º Grupo

José Vital Branco Malhoa, Lisboa :—Quadros a oleo.

José Alberto Nunes, Porto :—Quadros a oleo.
Eduardo Teixeira Pinto Ribeiro, Porto :—Quadro : « A procissão do Terço ».
Empreza editora das obras classicas, Porto:— Obras editadas.
Magalhães & Moniz, Porto :—Edições.
Manoel Malheiro, Porto :—Edições.
Lisboa & C.ª, Lisboa :—Encadernações.
Luiz Ascencio Thomazini, Lisboa :—Quadros: «Marinhas».
Augusto Barradas, Rio de Janeiro :—Aquarellas.
Paulo de Souza Pereira, Porto :—Photomicographias.
Antonio Correia Fonseca, Porto :—Photographias.
José Augusto da Cunha Moraes, Loanda :—Photographias.
Malaquias José Mendes, Lisboa :—Provas de gravura em pedras finas.
José Cezario Salles, Lisboa :—Esculptura em marmore : « Uma creança morta ».
Antonio Alberto Nunes, Lisboa :— Estatua em gêsso : « Ultimos momentos de D. Pedro V ».
Pedro Affonso Pequito, Lisboa :— Estatua em gêsso : « Innocencia ».

2.° Grupo

Felice Cantua, Lisboa :— Stores de madeira.
José Soares de Almeida, Porto :— Esteiras de junco.
Antonio da Silva, Porto :— Idem.
Manoel Dias da Silva, Porto :— Idem.
Antonio Guilherme do Couto, Gondomar : — Ourivesaria.
José Rosas, Porto :— Idem.
Adolpho Burnay, Lisboa :— Vidraria.
A. Guimarães & Comp., Porto :—Idem.
Miguel Campolini, Porto :— Ceramicas (costumes).
Antonio Pinto da Costa, Porto :— Idem (costumes).
M. J. Sá e Castro Junior, Porto :— Idem (costumes).
Silva & Santos, Porto :— Idem (costumes).

3.° Grupo

Justino Loubière, Porto :— Luvaria.
Custodio José Rodrigues Bahia, Braga :— Chapéos.

Fabrica de fiação e moagem do Bogio, Fafe :— Urdidura e trama de algodão.
Eduardo José Gaspar, Lisboa :— Camisaria.
Jeronymo José Antunes, Braga :— Colchas de algodão.
Pimentel & Queiroz, Porto :— Sedas:
Manoel Duarte Freitas Junior, Porto : — Cordões, borlas de seda.
Dr. José Joaquim de Azevedo, Fayal : — Quadro bordado a ouro, escumilha, cabello, etc.
Antonio Chrisostomo da Silva, Guimarães :—Toalhas de crivo.
Anselmo de Andrade Sá Pereira Carneiro, Mesão-frio: Bordado.
D. Carlota Amalia de Sá Carneiro, Mesão-frio ; quadros a escumilha e bordados a lan.
D. Rosaria Borges Leal, Angra do Heroismo :— Coberta de filó
Manoel José Machado, Vianna do Castello :—Rendas.
D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, Belém :— Bordados a lan e desenhos
D. Bertha de Souza, Lisboa :— Crochets.
D. Maria da Torre Peixoto, Braga :— Idem.
D. Guilhermina Gonçalves Tinoco, Vianna do Castello :— Rendas.
Bento José de Mattos & Irmão, Terceira :— Bordados.
D. Amelia Soares Whitton, Rio de Janeiro :— Rendas.
José Francisco da Piedade, Porto :— Guarda sóes.
Manoel Antonio de Souza Carneiro, Ponte de Lima :—Tamancos.
Miguel Manoel da Silva, Vianna do Castello : — Calçados diversos.
Henrique José Rosas, Porto :— Sapatos de trança.
Joaquim Alves Velludo, Porto :— Idem.
Eugenio Pereira de Miranda, Coimbra :— Passamaneria.
Americo da Cruz, Porto :— Obras de cabello.
Gonçalves Ribas & Comp., Porto :— Botões.
D. Carlota Rosa Varja de Oliveira, Lisboa :— Bordados.

4.° Grupo

Diogo Monteiro da Silva, Lisboa : — Cêra fabricada e pintada.
Henrique Maria da Fonseca, Beja :—Oleo de amendoa doce.

Carlos P. Gomes da Silva, Lisboa: — Sabão e sabonetes.
Silvano & Figueirôa, Porto: — Oleo de amendoa doce.
J. Manoel Teixeira Malheiro, Villa-Flor: — Agua mineral de Bem Saude.
Ferreira & Souza, Porto: — Prata e ouro de dentista, etc.
Manoel Francisco de Oliveira, Porto: — Ouro em folha.
Fortunato Augusto J. das Neves, Lisboa: — Moveis de cortiça.
Duarte Thomaz Cardoso, Porto: — Ferragens.
Bento Rodrigues de Oliveira, S. Pedro da Cova: — Carvão.
Bernardo da Silva Vianna, Porto: — Palha de milho para cigarro.
D. Maria Magdalena Vianna, Porto: — Idem.
João Francisco Correia, Villa Meã: — Idem.
Agostinho & Silva, Lisboa. — Sabão e sabonetes.
Maximiliano Schreck, Porto: — Minerio.
Antonio Martins Henriques & Comp., Gondomar: — Idem.
Augusto Prudencio dos Santos Chaves, Lisboa: — Moveis em ferro e zinco.

5.º Grupo

José Maria Bastos, Lisboa: — Machina para fazer café.
João Ignacio Leal, Belém: — Obras de pedra.
Antonio de Aguivar Mesquita, Figueira da Foz: — Pernes de emmadeiramento.
Wake & Marques, Cintra: — Cal.
Miguel Augusto Moreira Vaz, Porto: — Cabos de esparto.

6.º Grupo

DIPLOMAS DE MEDALHA DE HONRA

Rebello Valente Allen, Porto: — Vinhos do Douro.
Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro: — Idem.
Manoel José Gomes & Filhos, Lisboa: — Farinha.
Eduardo da Conceição Silva & Irmão, Lisboa: — Bolachas.

DIPLOMAS DE MEDALHA D'OURO

Rawes & Comp., negociantes, Porto: — Vinhos.
Antonio Caetano Rodrigues, negociante, Porto: —Idem.
Carlos Guedes d'Amorim, lavrador, Porto: —Idem.
Antonio Nicolau d'Almeida Junior, negociante, Porto:— Idem.
Manoel A. Coimbra Brandão, Amarante: —Vinho verde.
José de Almeida Cardoso, negociante, Porto:— Vinhos.
José Pereira da Costa & Filhos, negociantes e lavradores, Porto: — Vinho virgem (Quinta da Barca).
José Maria da Fonseca, negociante e lavrador, Lisboa: — Vinhos de Palmella, Setubal e cognac moscatel.
Sabino José Maltez dos Anjos Galvão, lavrador, Azueira: — Vinho moscatel.
Miguel de Souza Guedes, negociante, Porto: — Vinho.
Francisco da Costa Leal, lavrador, Alemquer: — Arroz.
José Custodio Monteiro, nogociante, Porto: — Idem.
Antonio Gomes Pereira, lavrador, Bemfica: — Vinho, azeite e moscatel rôxo.
Candido Manoel Pereira, lavrador, Lavradio: — Vinho moscatel e tinto de pasto.
Domingos Dias Pereira, lavrador, Oeiras: — Vinhos de Carcavellos.
Joaquim Rojão, lavrador, Reguengos:— Vinhos do Alemtejo.
Antonio Pinto dos Santos Junior, negociante, Porto: — Vinhos.
Antonio Augusto da Silva, negociante, Lisboa: — Vinhos do Douro.
Luiz Vicente Gomes de Souza, lavrador, Lobrigos-Regua: — Idem.
Luiz Ruivo de Figueiredo, negociante, Coimbra: — Vinho da Bairrada.
João Antonio Cavalleiro, Viseu (Rio do Lobo):—Vinho da Beira.
Camillo de Macedo Junior, negociante, Regua:— Vinho idem.
Manoel Loureiro d'Almeida, lavrador, Porto: — Idem.
Alexandre F. Camacho Junior, proprietario, Madeira: — Idem da Madeira.
Dr. José Joaquim de Azevedo, lavrador, Fayal: — Andaia, aguardente, vinagre d'agua, etc.
José Lopes Cuimarães, negociante, Coimbra: — Geropigas, vinho e azeite.
João da Silva Ferrão Castello Branco, proprietario, Lisboa: — Azeite, farinha, etc.

Viuva Herculano, proprietaria, Santarém : — Azeite.
Sylvestre Polycarpo Correia Belém, Lisboa : —Conservas vegetaes e animaes.
D. Diogo de Napoles, (Fabrica Internacional), Lisboa :—Idem.
D. Anna da Conceição Figueiredo, proprietaria, Porto : — Azeitonas
José Carlos Pucci, fabricante, Lisboa : — Fructas seccas e de conserva.
Antonio Pereira da Cunha, fabricante, Lisboa : — Biscoutos.
Guilherme Francisco Pereira Nunes, Oliveira do Hospital:— Cereaes, vinhos, etc.

DIPLOMA DE MEDALHA DE PRATA

Roberto A. dos Santos, neg., Madeira:—vinhos (da Madeira).
J. H. Andresen, negociante, Porto:—Idem.
Barão do Calvario, lavrador, Penafiel:—Idem.
Jeronymo Bivar, lavrador, Faro:—Idem.
D. Joaquina Ferrão de Castello Branco, proprietaria, Lisboa:— Vinho de Bucellas.
Augusto Pereira Bretes, lavrador, Torres Novas:—Vinho de pasto.
Antonio Pedro Cardozo, proprietario e neg., Setubal:—Vinho moscatel.
Carlos Brandão & Filhos, negociantes, Porto:—Vinho, azeite.
Agostinho Nunes de Oliveira Costa, Villa-Franca: — Vinho d'Alemquer.
Fialho & Irmão, lavradores, Lisbôa:—Vinho.
Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães, negociante, Porto:— Idem.
Manoel Borges de Magalhães, lavradores, Regua:—Idem.
Antonio Gomes dos Santos, negociante, Porto:—Idem.
Bento Domingos dos Santos, lavrador, Vianna do Castello:— Idem.
Eduardo Augusto dos Santos, negociante, Porto:—Idem.
Henrique Gomes da Silva & C.ª, negociantes:—Idem.
D. Marianna Emilia Pereira Jordão Ferreira da Silva, proprietaria. Alijó:—Idem e azeite.
Bernardo Teixeira da Cunha Maia Vasconcellos, lavrador, Celorico de Basto:—Vinho verde.
Antonio Guedes da Costa, lavrador, Amarante.—Idem.

Antonio Fernandes de Moraes, lavrador, Vianna do Castello:— Idem.
Albano Coutinho, lavrador, Mogofores:—Vinhos da Bairrada.
Visconde de Prune, lavrador, Vizeu:—Vinho da Beira.
Bernardo Augusto Lopes & C.ª, da Foz.—Idem.
José Vaz Osorio Junior, negociante, Regua:—Vinho.
A. F. Cardozo, negociante, Porto:—Idem.
José Maria da Silva Facho, lavrador, Viseu, Fragosella:— Vinho da Beira.
Agostinho Nunes de Oliveira, lavrador, Lisbôa, Alemquer:— Idem de Alemquer.
Paulino da Cunha e Silva:—Azeite.
Neves & Irmão, lavradores, Pinhel:—Idem.
Joaquim Gonçalves de Valle Souto, lavrador, Esposende:— Idem.
Costa & Silva : --- Azeitonas e conservas.
José dos Santos Gamellas & Filhos, fabricantes, Aveiro: —Escabeche.
José da Conceição Guerra, fabricantes, Elvas :—Fructas em conserva.
Antonio Joaquim da Silva, lavrador, Elvas : — Azeitonas.
Luiz Eloy Nunes, fabricante, Lisboa :—Conservas.
Joaquim Gonçalves Cruz, fabricante, Lisboa.—Hostias, etc.
D. Maria do Livramento Gomes de Mattos, fabricante, Porto :—Doce.
Paupesios & C., fabricantes, Valongo :—Biscoutos, etc.
D. Maria Candida Teixeira de Sousa Pimentel, fabricante, Lobrigos, Regua : — Doce.
Antonio Joaquim Pires, fabricante, Lisboa :— Doce e fructas crystalisadas.
Antonio Nunes de Carvalho & Irmão, lavradores, Alter do Chão :—Trigo debulhado á machina.
Antonio Julio Rodrigues de Azevedo Coutinho, Póvoa de Lanhoso:—Cereaes.
José Maria C. Fortes, lavrador, Vizeu-Nellas :— Cereaes, vinho, etc.
Francisco Manoel Martins de Oliveira, lavrador, Póvoa de Lanhoso : — Cereaes.

Rio de Janeiro, 30 de Septembro de 1879.

O Director Geral,
Luciano Cordeiro.

Jeronymo da Silva

O Sr. Jeronymo da Silva, ou Jeronymo Ferreira da Silva, que a *Revista* inclue hoje na serie de retratos do pessoal superior da Exposição Portugueza, tem o seu nome ligado á historia de quasi todas as exposições que Portugal tem enviado a paizes estrangeiros, e veiu como Secretario do Director Geral e encarregado especialmente das installações, prestar o concurso da sua experimentada intelligencia e do seu genio trabalhador e zeloso, a esta esplendida affirmação das industrias portuguezas.

Nascido em Lisboa aos 26 de Fevereiro de 1839, ficava aos 3 annos de edade orpham de pae e aos 14 tinha de abandonar as aulas onde procurava o pão do espirito, para ganhar o do corpo, na vida industrial.

Cedo começou para este sympathico moço a dura campanha do trabalho, mas tambem cedo revelou n'ella as mais distinctas aptidões e a valentia da sua vontade.

Em 1857 era empregado n'um dos estabelecimentos denominados de *sopa economica*, creado por occasião da febre amarella, em Lisboa, e tão notavel se tornou o seu zelo intelligente, que pouco depois o nomeava a respectiva Commissão, administrador da *sopa economica* do edificio dos Caetanos.

Aos 20 annos entrava para o serviço então em organisação dos pesos e medidas, onde serviu até 1870, passando neste anno para o ministerio das Obras Publicas, onde serve actualmente.

Durante os 20 annos de serviço publico que conta, o Sr. Jeronymo da Silva tem desempenhado com merecido louvor differentes commissões, como a de ensinar o systema metrico-decimal aos professores primarios do districto do Porto; formação d'uma estatistica industrial no de Villa Real de Tras-os-Montes; inspecção do serviço dos pesos e medidas em quasi todos os districtos do Reino, etc., etc.

Jeronymo da Silva

Foi um homem cujo nome não carece de elogio para avocar na memoria de todos a grandeza da sua perda; foi Joaquim Henriques Fradesso da Silveira o homem que melhor ou mais cedo descobriu em Jeronymo Silva os merecimentos que teem captado a estima geral.

Chamando-o a si, fazendo-se acompanhar d'elle nas importantes e complexas commissões em que tanto honrou e serviu o paiz, Fradesso da Silveira arrancou-o da lucta desoladora em que fenecem tantas mocidades, entre as aspirações da intelligencia e as mais rudes necessidades da vida, e pôz n'elle uma confiança affectuosa, que foi das poucas que não trahiram aquelle grande espirito.

Com elle foi Jeronymo da Silva á primeira Exposição Internacional, e com elle aprendeu e com elle ensaiou levantar o espirito de associação e de progresso pratico das industrias portuguezas.

Geralmente estimado entre os principaes fabricantes, é hoje ainda secretario de uma benemerita instituição, que, oxalá possa reerguer-se em breve do desalento ou do desamparo em que a deixou a morte de Fradesso da Silveira: --- a Associação Promotora da Industria Fabril.

Addido aos commissariados geraes portuguezes nas Exposições de Vienna d'Austria, Philadelphia e de Paris, tendo já em 1865 sido encarregado das installações pertencentes á secção portugueza na Exposição Internacional do Porto, Jeronymo da Silva tem feito d'estes trabalhos um estudo particular, e revelado n'elles uma bella competencia e um grande zelo, que lhe teem adquirido justissimos louvores.

Em consequencia da grave enfermidade de sua esposa, que infelizmente succumbiu, não pôde Silva seguir viagem para Philadelphia, tendo comtudo tomado parte em todos os trabalhos preparatorios da Exposição realizada alli.

Profundamente grato ao seu mestre e amigo, foi um dos raros que Fradesso da Silveira teve junto de si durante a sua longa e cruelissima doença.

E' a gratidão a pedra de toque dos bons caracteres, e quando não sobejassem na biographia d'este moço os traços sympathicos d'uma alma e d'um espirito de selecção, este bastára de certo.

MANUEL JUSTIÇA

A INDUSTRIA NO SECULO XX

Ao Exm. Sr. Luciano Cordeiro

Estamos perto do termo d'esta época de renascimento do progresso, que principiou com a Revolução franceza, e vai fundir-se na nova critica philosophica e religiosa, que prepara o futuro seculo. Este movimento intellectual abrange todas as regiões e raças do globo. As religiões antigas abalam-se, destroçam-se, cahem aos golpes da critica e da imitação do racionalismo europeu. As velhas civilisações de Mahomet, Brahma e Confucio sentem a infiltração das novas idéas cosmopolitas e industriaes. As tradições dos povos aproximam-se, comparam-se, servem de criterio reciproco entre si, e preparam a fusão intellectual. O movimento rapido das communicações cria o novo cidadão do mundo, *o mestiço de todas as raças*, que pela consanguineidade physica dará, no futuro, a solidariedade intellectual.

Deante d'este movimento dos homens e das idéas, deante d'esta revolução pacifica que ondêa pelo globo, a illusão sobre a perfectibilidade actual das nossas sociedades não é possivel.

Os cantos de gloria do seculo XIX não são admissiveis. E' um seculo de transição, de derrocamento de velhos interesses e velhas idéas. e de formação de principios mais justos ácerca da civilisação e interesses geraes.

Quando os velhos idolatras do liberalismo moderado levantam hymnos de gloria immortal á perfectibilidade do seculo, parecem-se com os chins, que ha vinte annos se julgavam no cumulo do saber humano e se riam da Europa. São pueris vaidades da raça humana, que o andamento da civilisação desmente e dissipa.

Basta encarar a distancia que vai do idealismo de Lamartine e de Cobden ás praticas administrativas e diplomaticas de Bismarck e D'Israeli, para vêr quão longe estamos da realisação d'essas aspirações, que a alta philosophia e as applicações da sciencia despertaram nos grandes pensadores.

Ainda promove enthusiasmos o odio de raça, ainda a gloria militar despovôa as universidades e faz levantar estatuas ao morticinio, ainda os heróes da força, os aristocratas da conquista armada prevalecem sobre os heróes da civilisação e da paz!

Na propria França, centro das idéas democraticas, na União Americana, filha da liberdade religiosa, é preferido o militar que destruiu em poucos dias o fructo de muitos annos de trabalho, ao industrial modesto e honrado, que se elevou pelas lides do entendimento applicado e incansavel, e que deu pelas creações da industria o bem estar a seus similhantes.

Contra esta velha mania das raças européas, que tem por miragem luminosa a espada dos Argos conquistadores, ha o remedio das exposições, dos congressos scientificos, das reuniões economicas, da propaganda do ensino civil e profissional.

O ssculo XX será o seculo da industria progressiva, da associação dos povos, do aproveitamento das aptidões de cada sólo, de cada nucleo de trabalhadores, de todas as forças da sciencia e do pensamento.

Como Rogerio Bacon, o pobre franciscano de Oxford, sonhou, no meio das trevas da média edade européa, o estado social e scientifico d'este seculo e *talvez de outro mais adeantado*, assim do cerebro dos pensadores idealistas vai sahindo a concepção de um progresso, para o qual o nosso seculo é apenas a edade média do globo.

Cabe ás classes directoras de cada paiz preparar esse adeantamento, facilitar-lhe o ingresso, levar as turbas á sua acceitação e crença.

Infelizmente no Brazil e em Portugal a conquista das idéas novas é tardia e até desprotegida. Ainda vivemos no regimen da educação catholico-feudal. A philosophia, a religião, as artes resentem-se do seu passado valetudinario, que para a maior parte do Occidente acabou ha vinte ou trinta annos. Ainda estamos isolados intellectualmente. Portugal copía as idéas da França legitimista, e o Brazil ainda não fez a sua independencia litteraria e scientifica.

O globo caminha, entretanto, para novas regiões de luz, ao passo que as trevas se amontoam á roda de nós.

Honra aos iniciadores do progresso, que procuram romper o consorcio de nossas populações com o cadaver da velha civilisação. Portugal é uma nação nova para a vida collectiva da Europa; não está gasta nem descrida pelo attrito de mallogradas experiencias de predominio. O Brazil deve collocar-se á frente da raça latina da America, não para as luctas fratricidas da guerra, mas para as emulações fructiferas do ensino, do progresso politico e das fundações da industria.

Preparemos um logar honroso para a nossa raça no seculo que se approxima. Passemos de *vedetas das descobertas* a agentes principaes do progresso; é a estes que pertencerá a primazia.

Cidade de Ubá, 15 de Septembro de 1879.

Reinaldo Carlos Montóro.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

VII

(*Continuação*)

Das fabricas de lanificios, representadas na Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, começaremos por mencionar a de Bernardo Daupias, do districto de Lisboa, cujo estabelecimento foi fundado em 1839, no sitio denominado *Calvario*, na estrada que segue de Lisboa para Belem. Emprega 715 operarios; sendo 330 homens, 370 mulheres, e 16 creanças.

O jornal medio dos homens é de 450 a 800 réis; das mulheres de 200 a 300 réis; e das creanças de 100 a 200 réis fortes.

O machinismo é movido por duas machinas com a força de 78 cavallos.

As materias primas que alli se empregam são provenientes de Portugal, Hespanha, Allemanha, Cabo da Bôa-Esperança e America do Sul.

A sua producção annual regula approximadamente por 300:000$ fortes. Os seus mercados de consumo são: Portugal, Brazil e Africa.

Este estabelecimento tem obtido 12 medalhas nas exposições de Lisboa, Porto, Barcelona, Philadelphia e Paris.

E' esta a fabrica mais importante de Portugal, não só pela variedade de seu fabrico, como tambem pelo valor e grandeza do estabelecimento, numero de braços empregados e importancia da producção.

Além da fabricação de pannos, casimiras, flanellas, chales para homem e senhora; tem officinas montadas com os utensilios mais modernos que esta industria tem introduzido, para a fabricação de todos os artigos de ponto de malha, como barretes, camisolas, e outros; e para o calçado de trança de lan, (sapatos de liga).

Os artigos mais notaveis que esta fabrica expõe no palacio da Typographia Nacional, installados na sala de Mousinho da Silveira, são; chales lisos para senhora de 400 réis; ditos sarjados de 450 a 4$; ditos de duas faces, a 7$; ditos mantas para homens, a 6$800 e 7$200. Cintas de 4$860 a 6$800 a duzia; barretes de 1$50 a 1$300 a duzia; camisolas de lan branca a 10$ e a 12$ a duzia; sapatos de trança desde 3$700 a duzia até 7$900. Casimiras de diversas côres e desenhos, desde 1$600 o metro, a 2$00. Castorinas para forros e camisolas 800 réis o metro. Lan para bordar, côres sortidas, a 4$ o kilogramma.

A respeito da fabrica de lanificios do Campo Grande eis as informações que obtivemos:

A sociedade da fabrica de lanificios de Campo Grande tem a séde em Lisboa e o estabelecimento fabril em Campo Grande, conselho dos Olivaes. Foi fundada em 1837, completamente renovada e augmentada em 1874 e emprega actualmente 190 operarios, sendo: 75 homens, 75 mulherese 40 crianças.

O termo médio dos salarios é de 500 réis fortes para os homens, 200 réis para as mulheres, e 140 réis para as crianças.

O motor empregado é uma machina de vapor da força de 60 cavallos. A producção anuual é approximadamente de 120:000$ fortes, e Portugal o seu mercado de consumo.

Os productos d'este estabelecimento foram premiados com medalhas nas exposições de Vienna em 1873, de Philadelphia em 1876, e de Pariz em 1878.

Além dos notaveis pannos de fornecimento do exercito e armada real, produz pannos, casimiras, chales, mantas, baêtas, etc., muito bem acabadas e de excellente qualidade, pelos preços seguintes;

Pannos pretos lisos a 2$500 o metro; dito castanho de 1$700 a 2$000; dito piloto preto de 1$700 a 2$400 o metro; dito piloto castanho a 2$200; dito azul liso de 1$750 a 2$000 o metro, dito azul piloto a 2$600 o metro; casimiras mesclas a 2$ e 2$500 o metro; mesclas melton para capotes e calças de fardamentos de 1$350 a 2$ o metro; brixes a 1$350; casimiras finas pretas a 2$500 o metro; ditas de côres para fatos de inverno a 2$900 o metro; ditas para verão a 1$400, baetas escarlates e azues de 400 a 500 réis o metro e chales mantas para homem a 5$200.

A proposito desta fabrica convem consignar a seguinte circumstancia. O combustivel empregado para alimentação do motor é o carvão de pedra, que tem de ser transportado em carros puxados por bois, desde o lugar do desembarque até o Campo Grande (7 kilometros).

Apezar do transporte do combustivel acarretar consideravel augmento de despeza, os productos desta fabrica concorrem em preço com os de outras que estão em condições mais vantajosas, quanto aos meios de transporte.

Lisboa é o maior mercado de consumo deste estabelecimento. A prosperidade d'esta fabrica é em grande parte devida á boa administração technica e financeira do socio gerente o Sr. Francisco José Lopes Ferreira.

A fabrica de lanificios da Arrentella está situada em frente de Lisboa, na parte sul do Tejo.

A sua fundação data de 1855.

Emprega 180 homens, 102 mulheres, e 73 crianças; total 355 operarios.

O motor empregado é uma machina a vapor da força de 60 cavallos.

A sua producção annual regula por 100:000$ fortes.

A proveniencia das materias primas é de Portugal, Hespanha, Buenos-Ayres e Montevideu; consumindo os seus productos nos mercados do paiz.

Tem obtido 9 medalhas em exposições portuguezas e estrangeiras.

Como quasi todas as fabricas de Portugal, tem uma especialidade de fabrico, para o qual concertam mais os seus esforços e attenção. Este estabelecimento torna-se notavel pela producção de casimiras, que são realmente admiraveis não só pela variedade dos desenhos e boa escolha das côres empregadas, como especialmente, pelo perfeito acabamento e bôa qualidade do tecido, equiparando-as em tudo eguaes ao que neste artigo se produz nas nações mais adeantadas em industria de lanificios.

Para certificar a verdade d'esta nossa apreciação, basta só dizer que, nos tres primeiros dias de exposição foram compradas todas as fazendas que esta fabrica mandou ao Rio de Janeiro: hoje nem mesmo por empenho é possivel obter um unico metro d'aquelles tecidos.

Dos apontamentos que nos foi possivel tomar formamos uma nota dos seguintes preços. Casimiras de inverno de 2$700 a 3$200 o metro; pannos pretos de 1$400 a 2$350; ditos trançados (edredon) de 2$300 a 3$100 o metro; casimiras pretas setim de 2$300 a 2$800; cachemira preta a 3$100; panno azul tinto em lan a 2$250 o metro.

Todos estes preços são em moeda portugueza.

Eis as informações que obtivemos ácerca da fabrica de José Antonio Teixeira, expositor não menos digno de honrosa menção que os precedentes,

A fabrica de lanificios de José Antonio Teixeira, tem tambem a sua especialidade industrial—produz cobertores. E' situada na estrada de Arroios, a 3 kilometros de distancia do centro de Lisboa.

Foi fundada em 1853 e emprega nas suas officinas 237 operarios, variando os salarios de 400 a 650 réis fortes. Emprega uma machina de vapor da força de 25 cavallos. Portugal é o seu unico mercado de consumo.

Obteve medalhas e menções honrosas nas exposições: do Porto em 1861 e 1865, de Lisboa em 1864 e de Paris em 1867 e 1878.

Esta fabrica produz boas casimiras, chales, cobertores, flanellas e sapatos de trança. Os cobertores, porém, são o seu producto mais notavel. Manufacturados com todo o gosto e perfeição, rivalisam com os melhores das fabricas estrangeiras, e como taes são vendidos em Lisboa.

Os preços regulam desta fórma:

Chales mantas para homens de 4$400 a 5$500 cada uma; cobertores, de 4$600 a 7$; chales para senhora, a 2$400, 3$200 e 3$700 cada um; casimiras de verão a 1$440 o metro; saias de lan com riscas ou barras a 1$600 cada uma. Sapatos de trança de lan para homem, a 6$700 a duzia; ditos para mulher a 5$580 a duzia; ditos para creança a 3$140 e a 4$160 cada duzia; lan fina para bordados, em côres differentes, a 3$ o kilogramma.

Foram estas as fabricas de Lisboa que enviaram amostras dos seus productos á primeira Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, e é bastante para sentir que o Sr. José Diogo da Silva, com fabrica de lanificios em Oeiras, não remettesse tambem algumas amostras de fazendas de lan, taes como casimiras, chales, barretes, sapatos de liga e de outros productos mais que realmente fabrica com muita perfeição.

A sua fabrica, montada ha poucos annos, é uma das mais importantes do paiz, não só pelo machinismo moderno que importou do estrangeiro, com tambem pela magnifica construcção do edificio, em que se acha montado o seu estabelecimento.

A'cerca da fabrica de Antonio Alves Bibiano, do districto de Leiria, são estas as informações que nos ministraram:

A fabrica de lanificios de Antonio Alves Bibiano póde ser considerada a conquista industrial mais ousada do Portugal moderno. Fundada em 1868, está situada nas abas da serra da Louzan, conselho de Pedrogam Grande, districto de Leiria, em uma povoação denominada Castanheiro de Pera.

Antes de existir a fabrica de lanificios de Antonio Alves Bibiano, Castanheiro de Pera era uma pequena povoação sem nenhuma importancia industrial; essa povoação é hoje florecente e um centro de actividade industrial importante. Outras fabricas filiaes ou dissidentes tem-se fundado

alli desde 1868; como que animadas pelo exemplo e pela prosperidade sempre crescente do estabelecimento de Bibiano.

As officinas d'este activo industrial empregam 247 operario; sendo: 100 homens, 87 mulheres e 60 crianças. O termo médio do salario dos homens é de 300 a 1$500 fortes; das mulheres 120 a 160 rs. e das crianças 100 a 160 rs. Por motores, emprega duas turbinas da força de 30 cavallos, 3 machinas de vapor de 60 cavallos e duas rodas hydraulicas.

A producção annual d'este fabricante regula por 160:000$000 fortes.

O estabelecimento fabril de Castanheiro de Pera tem obtido medalhas nas exposições: de Coimbra em 1869, de Philadelphia em 1876 e de Pariz em 1878.

Como as outras fabricas portuguezas, tem tambem esta a sua especialidade — o pano preto. E' este producto que mais tem chamado a attenção dos consumidores e do mercado. Os pannos pretos fabricados por Antonio Alvas Bibiano passam pelos primeiros produzidos em Portugal.

Os preços são:

Casimiras de inverno a 2$400 réis o metro; ditas para verão a 1$600 e 1$800 réis o metro; ditas pretas a 2$000 e 2$400 rs. o metro; pannos pretos de 1$280 a 1$800 rs. o metro

Na vinda dos productos para a actual Exposição estes pannos passaram por uma prova decisiva. Durante toda a viagem por mar, um jacto de agua da machina esteve constantemente banhando o fardo que os continha. Quando desembarcaram os productos e no edificio da Typographia Nacional desdobraram estes pannos, é que se verificou a avaria que tinham soffrido.

Seccaram-os, beneficiaram-os e expuzeram-os ao lado dos outros. Elles lá estão expostos e, apezar de se terem conservado encharcados na viagem e durante os dias que o fardo se demorou na alfandega, o visitante nem sequer suspeitará que aquellas bonitas amostras de panno que está vendo passaram por tão duras provações.

Antonio Alves Bibiano viveu muito tempo no Brazil, onde adquiriu uma modesta fortuna. D'aqui mesmo se associou com um irmão que vivia em Portugal para

fundarem em Castanheiro de Pera, terra da sua naturalidade, uma pequena fabrica de linificios.

Mais tarde teve necessidade de liquidar todos os seus negocios no Brazil e foi para Portogal assumir a gerencia do estabelecimento de que era socio principal. Pouco tempo depois liquidou a sociedade com seu irmão e ficou só e sem conhecimento nenhum d'este ramo fabril, á testa do estabelecimento de Castanheiro de Pera. Foi então que a fabrica e a localidade começaram a prosperar.

Começou, logo que tomou a administração do estabelecimento, por lhe fazer uma reforma completa no machinismo: fez importar da Belgica o que havia de melhor e de mais moderno em teares e machinas. Contratou tambem no estrangeiro pessoal habilitado para as officinas de tecelagem e tinturaria, e tão energico impulso deu ao seu negocio que, em pouco tempo, collocou o estabelecimento de Castanheiro de Pera entre os mais importantes de Portugal.

Bibiano é de uma actividade e de um bom senso mercantil excepcionaes. Cem homens d'aquella tempera levariam as industrias em Portugal ao apogeu da prosperidade.

As fabricas da Covilhan constituem o primeiro centro industrial de Portugal. Raros são os habitantes d'esta localidade que directa ou indirectamente não se achem ligados á industria de lanificios, e pelos dados estatisticos que temos presentes póde affirmar-se que o numero de braços que esta industria emprega em todo o conselho da Covilhan e freguezias limitrophes é superior a 12,000.

Passam de 50 as fabricas ahi montadas e de entre estas citaremos como as mais notaveis as seguintes:

Campos Mello & Irmão: — fabrica nacional de lanificios da Covilhan; — José Mendes Veiga. — fabrica real, hoje propriedade de Antonio Pessoa de Amorim; — José Rodrigues Rogeiro; — Antonio José Tavares & Filho; — José de Paiva Catarro; — Costa Euphemio & Filhos; — Manuel Gomes Frenetico; — Antonio Nunes de Sousa & Filhos; — José Nunes Lopes Pitta; — José Maria Mello; — João Nunes da Costa & Filhos; — Joaquim dos Santos de Almeida, e outros que seria longo enumerar.

Quem entra na Covilhan diz Fradesso da Silveira, no

seu importante trabalho ácerca d'estas fabricas vindo de Coimbra pelas Pedras Lavradas ou de Castello Branco, por Alpedrinha, pasma ao ver funccionar nas fabricas as machinas aperfeiçoadas de Verviers. Que sacrificios e esforços, para levar alli os machinismos pesados e volumosos que a industria de pannos requer! Que serie de transformações, que pertinacia de ensaios e tentativas para passar do methodo approvado pelo regimento de 7 de janeiro de 1690 para o processo moderno!

O consumo de lan é orçado alli em cerca de cem milhões e quinhentos mil kilogrammas, que recebe, na maior parte, da Hespanha, de Alcantara e Brosses.

De todas os industriaes que mencionamos, e outros que ainda existem, apenas a Covilhan se fez representar na Exposição Portugueza pelos Srs. Campos Mello & Irmão, e José Rodrigues Rogeiro.

A fabrica de lanificios de Campos Mello & Irmão foi fundada em 1842 e emprega 300 operarios, sendo o salario dos homens de 240 a 2$ fortes; das mulheres de 120 a 360 réis, e das crianças de 80 a 240 réis. Tem um motor hydraulico e uma machina de vapor da força de 60 cavallos.

As materias primeiras que emprega são provenientes de Portugal, Hespanha e America do Sul. Os seus mercados de consumo são os do paiz, sendo a producção annual d'este estabelecimento approximadamente de 160:000$ fortes.

Esta fabrica não só é a primeira do districto de Castello-Branco, mas, talvez, de todas de Portugal, a que mais tem acompanhado o progresso da industria de lanificios n'aquelle paiz, tendo obtido diversas medalhas nas exposições nacionaes e estrangeiras. Produz pannos, casimiras, saragoças, briches, — talvez os unicos que são ainda um reflexo d'este genero, outr'ora tão acreditado, — chaviotes, etc.

O seu gerente, o Sr. José Maria da Silva Veiga Campos Mello, visitou as principaes fabricas de lanificios da Europa e tem introduzido no seu estabelecimento todos os mais recentes melhoramentos que n'ellas encontrou. Ainda actualmente se estão construindo n'esta fabrica novas officinas e se effectuam outras reformas de subido alcance para o aperfeiçoamento de seus productos.

O estabelecimento dos Srs. Campos Mello & Irmão está

dignamente representado na Typographia Nacional e os seus productos teem sido muito elogiados.

Os preços regulam pelo seguinte modo:

Casimiras de 1$800 a 2$200 réis o metro; panno preto, 1$500 a 2$500 o metro; dito azul a 2$400; dito escarlate a 1$500; crepes a 1$250 e a 1$300; castorina escarlate a 900 réis; dita de xadrez de 580 a 680; briche superior a 1$800; cheviot, (novidade), a 1$250.

São tambem dignos de menção as casimiras, picotilhos, briches e mais tecidos de lan, do Sr. José Rodrigues Rogeiro, da Covilhan. Este fabricante, não obstante a sua fabrica não ser das maiores, tem conseguido collocar os seus productos ao par dos das fabricas mais notaveis da Cavilhan.

Em pequeno ponto, é em todo o caso esta fabrica completa; desde a fiação da lan, até ao acabamento e tinturaria. Os seus productos já obtiveram uma menção honrosa.

As amostras que expõe constam de: meias casimiras, merinós xadrez para verão, ao preço de 1$800 réis cada metro; ditas para meia estação a 2$000 réis o metro; ditas de riscado para inverno a 2$200; briche piloto superior a 1$850 réis o metro, e panno preto piloto a 2$000.

Passemos agora a mencionar as fobricas não menos interessantes do districto de Portalegre.

De todas as fabricas existentes n'este districto, apenas a antiga fabrica pertencente á *Companhia da Fabrica Nacional de Lanificios de Portalegre* enviou productos de sua industria ao Rio de Janeiro.

Está representada na actual Exposição com uma bonita collecção de pannos, casimiras, picotilhos, mesclas, etc. Esta fabrica foi fundada pelo governo em 1772, sendo talvez a mais antiga fabrica de lanificios de Portugal. Vendida em 1822 á viuva Larcher, passou por herança, a Larcher e cunhados, que se constituiram em sociedade anonyma, em 1862.

Conta actualmente 200 operarios; sendo: 120 homens, 40 mulheres e 40 crianças. O termo médio dos salarios, que nos parecem extremamente diminutos, é de 200 a 400 réis fortes aos homens, de 60 a 150 réis ás mulheres e de 60 a 130 réis ás crianças. O motor empregado é uma machina de vapor da força de 30 cavallos.

A tabella de seus preços é a seguinte:

Panno ferrete a 2$250 a 2$500 o metro; dito castanho

a 2$ e a 2$200 ; dito preto a 1$900; casimira preta a 1$600 ; mescla de calça a 1$700; dita para capote a 1$600; casimiras de côres a 2$600 ; picotilhos a 1$400 réis o metro.

Esta fabrica fornece ainda para alguns corpos do exer- e foi antigamente a que mais produziu nos artigos proprios para fardamentos.

Em referencia, finalmente, ao districto do Porto, diremos que alli é essencialmente notavel o fabrico da seda, tecidos mixtos de linho e algodão, como cotins, brins e outros.

Em lanificios conta apenas duas fabricas; uma em Lordello, conselho do Porto, e outra em Padronello, pertencente ao conselho de Amarante.

A primeira d'estas fabricas não se fez representar e torna-se notavel esta falta de comparencia, porquanto a fabrica de Lordello é muito antiga e os seus productos gosam de uma reputação muito séria nos principaes mercados do paiz.

A Companhia de lanificios de Padronello, comprehendendo melhor os resultados que todos os industriaes obteem quando concorrem a estes certames do trabalho, não hesitou em satisfazer ao convite da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal, enviando uma collecção de amostras, que se acha installada na sala de Mousinho da Silveira.

Os productos expostos pela Companhia de Arrentela constam de pannos pretos setim a 2$350 réis cada metro; melton a 1$700; casimiras de verão, de 1$700 a 1$850 réis cada metro; ditas para inverno a 2$600 e 2$700 réis ; e castorinas de xadrez para 800 réis cada metro.

E. Z.

(Continúa).

A EXPOSIÇÃO E O CLUB GYMNASTICO

No domingo, 28 de Septembro, o Real Club Gymnastico Portuguez visitou, encorporado, com a sua banda e bandeira, a Exposição Portugueza pela segunda vez.

Recebido pela Commissão, foi a banda collocada na sala de Bellas-Artes (*dos Braganças*), onde, depois de tocado o hymno real portuguez, o secretario Sr. Francisco Augusto Ferreira de Mello dirigiu-se ao Sr. Luciano Cordeiro, que acabava de entrar e aos seus companheiros, e leu o seguinte :

« Senhores.—E' já para nós tão proverbial o vosso benevolo accolhimento, que só esta idéa nos anima e serve de recompensa á unica ambição de nossos corações.

« Não sei... que voz intima me aconselha a emmudecer neste momento por não poder bem traduzir o que sinto, ou, melhor direi — não saber...— mas embora ! --- prefiro que me julguem inhabil na arte de pintar os sentimentos do coração.

« Senhores :---Aqui neste bello recinto, guarnecido pelos productos do trabalho de artistas portuguezes, sente-se ao transpôr os seus umbraes um suavissimo perfume de amor patrio : --- ha aqui o bello e o util --- duas coisas que nos affirmam sem rebuço, incontestavelmente, que Portugal outr'ora deu leis ao mundo, como nos conta o nosso grande épico Camões.

« Por mim, senhores, não sou insensivel ao mais leve toque que possa em mim despertar o sacratissimo nome da nossa querida Patria !

« --- Patria ! Mãe dilectissima, nome sublime, poema immenso e arrebatador ! --- que só o relembral-o nos enthusiasma, nos arrouba, arrebatando-nos o espirito para as regiões infinitas !

« Pudesse minha tenue voz exprimir os sentimentos que em mim vão neste momento, para fielmente manifestar-vos a nossa admiração !

« Ainda assim, Exms. Srs. membros da Commissão, crêde que respeitosamente nos curvamos perante tão grandiosa obra do progresso e civilisação do nosso paiz, da qual sois vós os iniciadores e os obreiros infatigaveis!

« Continuae, pois, a proseguir e a conduzir-vos pelo glorioso caminho que haveis pisado, atravessando muito embora difficilimas veredas, e que os vossos triumphos, nestas batalhas incruentas, sejam outras tantas derrotas dadas á carga cerrada nos que tentarem em vão destruir este grande e inabalavel padrão de gloria.

« E nem sei mesmo quem, de entre os filhos da nossa bella patria, d'aquelle formoso « jardim d'Europa á beira-mar plantado », na bella phrase do mimoso poeta auctor de *D. Jayme* --- nem sei mesmo --- repito, quem olhará com indifferença para esta obra monumental ? !

« Cabe ainda aqui, senhores, agradecer em nome do do Club as attenções que temos recebido do Exm. Sr. Luciano Cordeiro, e de seus illustrados collegas da Commissão expositora, e fazermos sinceros votos para que seus arduos esforços sejam coroados do melhor exito, e *a despeito de todos os despeitos*, porque salta aos olhos que esta grandiosa obra e difficil só se obtém quando a uma vontade persistente e tenaz se alliam animos encorajados como os vossos, que não recuaram ante as difficuldades e afans com que naturalmente luctaram para este magnifico desempenho --- qual é a exhibição das diversas classes de productos portuguezes, cujo conjuncto vemos realisado neste magnifico edificio, acquisição esta devida á obsequiosa e magnanima generosidade do Governo de S. M. Imperial.

« Termino, declarando mais vez que estas palavras são a intima expansão de minha alma, e a traducção fiel, embora mal burilada, do meu sentir.

« E como são exiguos os recursos da minha pobre imaginação, acceitae-as, não pelo que valem, mas pelo que poderiam valer, se egualasse o seu merito á minha vontade.

« Ainda, e finalmente, devo dizer-vos que o fim que me impelliu a este ousado commettimento, a que tanto queria fugir, de vir mais uma vez fallar entre tão respeitaveis caracteres, talentos tão brilhantes, e illustrações tão profundas — foi o dever que me impõe o espinhoso

cargo de secretario da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez, ao qual me era impossivel faltar. Disse. »

O Sr. Luciano Cordeiro respondeu approximadamente o seguinte :

« Senhores socios do *Club Gymnastico Portuguez*.— Pelos meus companheiros e por mim agradeço-vos a honra d'esta segunda visita e as palavras estimulantes e consoladoras que por vós acaba de dirigir-nos o vosso digno secretario.

« Consoladoras e estimulantes, na verdade, porque no meio do quasi isolamento do nosso esforço, alegra-nos e levanta-nos o espirito, vêrmos aqui uma sociedade portugueza.

« Tão poucas nos teem entrado nesta casa !....

« Consoladoras e estimulantes palavras, repito, porque de portuguezes é principalmente a festa, e aqui os quizeramos ver, que estariam no seu posto de honra.

« Estimulantes e consoladoras porque filhos do trabalho sois e filhos do trabalho somos. Honra-vos e honra-nos a homenagem dos vossos affectos aos trabalhadores portuguezes que enchem essas salas que nos abriu a bizarria do Governo Imperial.

« Na impossibilidade de vos abraçar a todos, abraço o vosso digno secretario. »

Registro de Noticias

Rio, 7 de Outubro de 1879.

Acquisição imperial. --- S. M. a Imperatriz dignou-se mandar comprar a estatua do Sr. José Moreira Rato Junior, representando *Um rapaz tocando tambor*, do qual démos desenho e descripção que se acham a pag. 85 da nossa *Revista*.

E' muito honrosa para o joven esculptor a escolha da soberana do Brazil.

*

Instituto Historico e Geographico do Brazil. --- O Sr. Luciano Cordeiro foi proposto para socio d'esta associação litteraria.

*

Banquete do 1° de Setembro. --- Contribuiram para este obsequio á Commissão Directora da Exposição os seguintes Srs :

Visconde de S. Salvador de Mattosinhos, visconde de Rio Vez, commendador Antonio Joaquim Coelho da Silveira, commendador Manuel Antonio Gonsalves Roque, commendador José João Martins de Pinho, commendador Manuel Salgado Zenha, commendador Albino de Oliveira Guimarães, commendador Ignacio Pereira Nunes, commendador Joaquim José Rodrigues Guimarães, commendador Martinho José Correia da Veiga, commendador Antonio Dias Guimarães, commendador Joaquim Maria de Mello, commendador Joaquim Bernardino Pinto Machado, commendador Antonio Seraphim Pinto Machado, commendador Jeronymo José Ferreira Braga, commendador José da Silva e Sousa, commendador Arthur Napoleão dos Santos, commendador José Joaquim Ferreira da Costa Braga, commendador Manuel José Amoroso Lima, commendador Manuel José da Fonseca, commendador Do-

mingos José Gomes Brandão, Manuel Moreira da Fonseca, Francisco Moreira da Fonseca, Thomaz Alves de Carvalho, João Coelho da Rocha, Narciso Ferreira da Silva Neves, Antonio Gregorio Gomes Ferreira, Manuel Antonio da Costa Pereira, Manuel Alves de Sousa Pinto, José Antonio dos Santos, Alberto Courrego, João Rodrigues Teixeira, Antonio Luiz de Oliveira, Francisco José Fernandes, Francisco Ramos Paz, José Teixeira Barroso, Domingos Candido de Azambuja, Antonio Cardoso de Sousa Loureiro, Wenceslau de Sousa Guimarães, A. M. Cardoso da Rocha, M. Alfredo de Sousa Neves, José da Costa Lima, João Lourenço Fernandes de Aguiar, commendador Joaquim José Duarte, Augusto Pinto Chaim, Miguel José da Silva Braga.

Ao todo quarenta e seis pessoas, que gastaram no banquete, segundo nos consta, a quantia de réis 4:500$000.

*

Objecto precioso.---Na sala de *D. João V* acha-se exposto um curioso trabalho que ao merito artistico reune um incontestavel valor archeologico. E' uma medalha quadrilonga de 11 centimetros de altura por 7 de largura, feita de porcellana, mettida dentro de um caixilho de prata lavrada, em fórma de portico no estylo *renaissance*.

Na face posterior da medalha ha a inscripção (em lettras em relevo) que trasladámos com a propria orthographia, e marcando a divisão das linhas :

« MAQUINA COM QUE SE SUSPENDEO / E LEVOU POR HUM ANGULO RECTO / FORA DA CASA DE FUNDIÇÃO / PARA SE POR NO CARRO DE TRANS / PORTE A REAL ESTATUA EQUES / TRE DE S. MAGESTADE FIDELISSI / MA O SENHOR D. JOZE PRIMEIRO / FUNDIDA DE HUMA SÓ VES SEM / A MENOR FENDA EM A REAL FUN / DIÇÃO DA ARTR. NA INTENDENCIA / DO THEN. GENERAL DE ARTR. DO / REINO MANOEL GOMES DE CARV. / E SILVA. INVENTADA PELLO BRI / GADEIRO BARTHOLOMEO DA / COSTA, O PRIMEIRO QUE EM POR / TUGAL ACHOU PORCELANA, E DES / COBRIO ESTA NO MESMO TEMPO / EM QUE IDEAVA, E CONTINUAVA / O TRABALHO DE FUNDIR A REÁL ESTATUA.

« LISBOA / GRAVADA NO ARCENAL R. DO EXERCITO POR JOÃO DE FIGUEIREDO. »

Na face posterior, pela parte de cima, está gravado em relevo o apparelho que suspendeu a estatua; e por baixo, á esquerda, outro utensilio que serviu para o mesmo fim; e á direita a estatua equestre, havendo ao lado d'esta um fitão em que se lê: FUNDIDA EM 15 DE OUTUBRO DE 1774. COLLOCADA EM 26 DE MAIO DE 1775.

No alto da medalha: SUSPENDIDA EM 20 DE MAIO DE 1775.

Na parte inferior: ABERTA COM ASSISTENCIA E DESENHO DO INVENTOR EM 1775.

Esta medalha é, portanto, uma preciosidade artistica, pois é trabalho delicado e perfeito, e celebra a um tempo dous factos historicos: a fundição da estatua de D. José e o descobrimento da primeira porcellana portugueza.

Segundo consta, d'esta medalha só se fizeram doze exemplares, que foram distribuidos por pessoas de alta gerarchia na côrte d'aquelle monarcha.

O exemplar exposto pertenceu ultimamente ao Sr. Marquez de Vianna, em cujo leilão o comprou o Sr. J. A. Guimarães Junior, socio e representante da casa Viuva Moreira & Filhos, expositora de obras de prata.

A medalha é digna da attenção de amadores e artistas, e muito propria para figurar em um museu. Acha-se na primeira vitrina á esquerda, entrando na sala da ourivesaria.

*

TRABALHOS DOS JURYS.—Estão terminados os julgamentos dos differentes jurys; e, segundo nos informam, houve da parte de seus membros notavel boa vontade e dedicação; e as suas decisões podem considerar-se sensatas e rectas na generalidade.

Ao encerrarem-se as sessões do 3° grupo (*tecidos, vestuarios e accessorios*), indubitavelmente o mais numeroso e importante, o Sr. Augusto Weguelin, em nome do jury, dirigiu ao presidente, Sr. Luciano Cordeiro, e seu secretario, Sr. Jeronymo Silva, algumas palavras muito honrosas para a Exposição e agradecimentos pela maneira porque o jury fôra sempre recebido e presidido. Respondeu o Sr. Cordeiro,

protestando que a Companhia, os industriaes portuguezes e o seu paiz não podem deixar de sentir um jubiloso reconhecimento pelo affectos e justiça que haviam encontrado os seus productos não sómente entre compatriotas, mas entre o esclarecido commercio brazileiro e estrangeiro; e que á Associação Commercial se achava profundamente agradecido.

A lista das recompensas concedidas pelos jurys acha-se publicada de pag. 181 a 193 da *Revista*. Faltam agora os relatorios dos diversos grupos, esperados desde já com grande anciedade.

*

Regresso.—No paquete inglez *Neva*, que parte a 9 do corrente, voltam a Portugal os Srs. Luciano Cordeiro, director geral, e Jeronymo Ferreira da Silva, seu secretario particular e installador da Exposição.

São de alta valia os serviços prestados por ambos, cada um na sua esphera de acção, á industria portugueza e á Companhia Fomentadora.

Impossivel seria desenvolver maior actividade e manifestar mais intelligente aptidão do que o Sr. Luciano Cordeiro no desempenho da espinhosa tarefa de que tão patrioticamente se encarregou.

A practica e o perfeito conhecimento que o Sr. Jeronymo Silva adquiriu d'estes especiaes trabalhos nas Exposições Universaes, tornaram preciosa a sua cooperação no bello concurso actual de nossa industria.

Appetecemos rapida e felicissima viagem a estes por tantos titulos estimaveis cavalheiros.

*

Offerta.—O Sr. Luciano Cordeiro enviou á Sociedade Portugueza de Beneficencia varios frascos e caixas de medicamentos do Sr. Manuel Aspres de Oliveira Galiano que este offereceu, por intermedio do seu correspondente, o Sr. Jeronymo da Silva, e da Exposição Portugueza, áquella benemerita instituição.

*

Vinhos do Douro.—Na qualidade de representante da Companhia Geral da Agricultura das vinhas do Alto Douro, o Sr. Visconde de S. Salvador de Mattosinhos officiou ao Sr. Luciano Cordeiro, pedindo que mandasse submetter ao jury respectivo os vinhos com que a mesma Companhia concorreu á Exposição Portugueza, e que por falta da declaração correspondente o não podiam ser.

Os vinhos indicados são:

Brancos. — Duque, 1815, 1820, 1830, 1834, 1840, 1844, 1847, 1851, 1858, 1861, 1863, 1868, 1870, 1872, 1873, 1875, 1876, 1877.

Tintos.—1830, 1834, 1840, 1847, 1851, 1858, 1863, 1868, 1870, 1873, 1875.

*

Demonstração de pezar.—Em testimunho de profundo sentimento pela morte do Sr. Marquez do Herval, a Exposição Portugueza esteve fechada domingo, 5 do corrente; e na segunda-feira só se abriu depois que terminaram as ceremonias funebres celebradas em honra do inclyto general.

*

Os Portuguezes no Rio de Janeiro.—A'cerca do abandono em que grande numero de nossos compatriotas deixa a Exposição, extractámos de algumas folhas de Lisboa, agora chegadas, os juizos que ellas formam d'esse facto anomalo, para o qual não ha explicação justificada, embora se excogitem motivos que o tornem acceitavel.

O *Diario de Noticias* escreve:

« A concurrencia era regular, mas observava-se um facto singular. A concurrencia maior tem sido de brazileiros! A colonia portugueza, segundo nos dizem, julgou que a occasião era conveniente para manifestar os seus desgostos com o Governo de Portugal, indo pouco á Exposição. Não nos parece, se é verdade o que nos dizem

que fosse esse o melhor meio, embora sejam até certo ponto justas as queixas que os nossos compatriotas teem do Governo Portuguez.»

O *Commercio de Lisboa:*

« A Exposição Portugueza continúa a ser regularmente concorrida, principalmente pelas familias brazileiras e por pessoas de fóra da cidade. Contra a expectativa geral, a colonia portugueza, principalmente a parte mais dinheirosa, mostra muita frieza, para não dizer indifferença, a um esforço que honra o nome portuguez, e que tanto deve contribuir para desenvolver as relações commerciaes entre Portugal e este Imperio. Tenho ouvido diversas explicações a respeito d'esta indifferença, que não me satisfazem. Felizmente a imprensa tem feito justiça á Exposição e aos dignos cavalheiros que a realisaram. Sua Magestade o Imperador e os altos funccionarios do Imperio que amiudadamente a visitam elogiam sinceramente não só a excellente installação dos productos, como a perfeição de alguns, principalmente das sedas, tecidos de lan e algodão, mobilias, etc.

« Valha-nos ao menos a consideração dos estranhos, já que os nossos compatriotas antepõem os seus despeitos e as suas vaidades ao progresso e ao desenvolvimento do seu paiz. »

A *Correspondencia de Portugal*:

« A concorrencia dos cidadãos portuguezes á Exposição, ainda não havia principiado na escala que se deveria esperar, com quanto já alli tenham sido vistas por diversas vezes, como visitantes, pessoas das mais consideradas da nossa colonia. Mas, accrescenta o nosso correspondente, nós os portuguezes temos esse feitio de origem. Nada nos apressa; reservamo-nos sempre e em tudo para o fim. Aconteceu o mesmo em Portugal com os expositores. A principio rarissimas respostas aos convites, mas nas ultimas semanas tantos e tantos eram os expositores que pareceu impossivel á Companhia Fomentadora vencer o trabalho no pouco tempo que já lhe restava por fazer a remessa dos productos.

. . . . . .

« Mas, não negando razão a nenhuma das queixas, que são muitas dos nossos compatriotas no Brazil, e collocando-nos até do lado d'elles, pedimos-lhes que não seja nesse grande e altamente patriotico emprehendimento da Exposição que façam sentir a sua indifferença. Entre os queixosos do abandono official portuguez, figuram em primeira plana os iniciadores da Exposição. Se ao abandono official a tão alta idéa se seguisse o abandono da nossa colonia no Brazil, a Exposição, depois de admirada, seria com inaudita crueldade sacrificada por erros alheios.

« Mas não o será de certo.

« A nossa honrada e generosa colonia no Brazil não ha de esquecer os altos brios de que sempre deu exuberantissimas provas, nem ha de fazer pagar o justo pelo peccador.

« E' a nossa convicção, é a nossa fé. »

*

Asylo dos Invalidos da Patria. — A Commissão Directora da Exposição offereceu ao Sr. Ministro da Guerra, a favor do cofre d'aquelle asylo, a importancia dos bilhetes de entrada que se vendessem domingo, 5 do corrente.

O *Club Gymnastico Portuguez* espontaneamente se prestava a abrilhantar a festa, vindo a sua banda de musica tocar peças do seu selecto repertorio.

Um pungente successo, a sentidissima morte do Sr. Marquez do Herval, obrigou a adiar esta festa para outro domingo.

*

Quadrilha: Fraternisação pelo trabalho. — O Sr. Augusto Fabregas, empregado no escriptorio da Exposição Portugueza, e subdito brazileiro, compoz e offereceu á mesma Exposição uma quadrilha para piano intitulada *Fraternisação pelo trabalho*.

As 5 partes da formosa composição musical teem as seguintes dedicatorias:

I—A iniciativa: A *Marcellino Ribeiro Barbosa.*
II—A direcção : A *Luciano Cordeiro.*
III—A gerencia : A *Caetano de Carvalho.*
IV—A thesouraria: A *Alvaro Carneiro Geraldes.*
V—A secretaria :—A *Jeronymo Ferreira da Silva.*

E' uma obra muito original porque cada parte procura interpretar na musica o caracter do cavalheiro a quem é offerecida.

*

Pozzolana.—A'cerca d'este util producto goologico eis o que nos communica pessoa auctorisada :

« O cimento formado de *pozzolana* combinada com egual porção de *cal* e outra de *areia* é o mais economico e mais facil de applicar em obras hydraulicas, fornecendo uma argamassa impermeavel e poderosa para os fundamentos e paredes de alvenaria empregadas nas construcções que teem de resistir e ser perseveradas da agua ou da humidade.

« Presentemente são bem conhecidas as vantagens d'este cimento hydraulico, empregado ha muitos annos na ilha de S. Miguel, onde se encontram os seus jazigos, estando quasi esgotados aquelles que se acham em exploração, pela sua grande exportação, principalmente para o continente de Portugal, onde só a Companhia das Aguas de Lisboa tem empregado até agora 13,000 metros cubicos, o que corresponde a 858,000 arrobas.

« Acaba, porém, de se descobrir nos terrenos da quinta de Belém, n'aquella ilha, pertencente ao Exm. Sr. Francisco de Medeiros Costa e Albuquerque, um jazigo d'esta *pozzolana*, que, pelos ensaios e provas por que tem passado na direcção das obras publicas do districto de Lisboa, é considerada da melhor qualidade, como consta da respectiva certidão transcripta em seguida.

*

« Experiencias feitas na Direcção Geral das Obras Publicas do Districto de Lisboa

« O abaixo assignado, director das Obras Publicas do districto de Lisboa, certifica que tendo procedido a experiencia sobre tijolos fabricados de argamassa em que entra pozzolana da Quinta de Belém, situada na cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, e da qual é proprietario o Exm. Sr. Francisco de Medeiros Costa e Albuquerque, obteve os resultados descriptos no mappa que se segue :

Numeros dos specimens	DOSAGEM			Duração da immersão do tijolo em agua doce	Resistencia á tracção por centimetro quadrado	OBSERVAÇÕES
	Pozzolana	Cal gorda	Arêa fina			
31	1	1	1	4 dias	1 k 605	A cal foi extincta pelo processo da fusão.
33	2	1	1	»	2 k 641	
36	3	1	1	»	2 k 820	
32	1	1	1	11 dias	7 k 120	
34	2	1	1	»	4 k 440	
36	3	1	1	»	7 k 600	

« D'estes resultados não póde deixar de concluir-se que a referida pozzolana é de superior qualidade e muito recommendavel o seu emprego em obras hydraulicas, attendendo ao seu elevado grau de hydraulicidade.

« Direcção das Obras Publicas do districto de Lisboa, 14 de Maio de 1879.---*Agnello Jose Moreira*, engenheiro director. »

Na sala do *Infante D. Henrique* estão amostras d'esta pozzolana, da qual a Companhia Fomentadora das Industrias de Portugal recebe encommendas e se encarrega da remessa para qualquer porto do imperio.

Revista da Exposição Portugueza.—*O Seculo*, folha hebdomadaria que se publica nesta côrte, sob a intelligente direcção do Sr. Dr. Thomaz Alves, penhorou a *Revista* com um excellente artigo que, em prova de apreço, tomámos a liberdade de trasladar para esta pagina.

« Foram-nos obsequiosamente offerecidos os seis primeiros fasciculos d'esta importante publicação, tentada para o fim de commemorar a grande festa industrial portugueza, que ainda hoje ostenta suas galas nesta capital do imperio.

« Quando o tempo tudo devora, e da face do mundo facilmente desapparecem os homens e as gerações, testimunhas occulares dos grandes acontecimentos, só lançando mão da imprensa, que se torna prova *ad perpetuam rei memoriam*, se póde fallar á posteridade como o passado nos falla, de modo que os homens de hoje, assim como assistem ao passado que não é seu, e d'elle formam juizo perfeito pela leitura de documentos que a imprensa conserva atravez dos seculos — os posteros poderão julgar sempre do que hoje acontece—graças a essa guarda fiel e zelosa das tradições— a imprensa.

« O grande successo a que ora assistimos—a Exposição Portugueza brevemente ficaria no olvido, se não tivesse havido a feliz lembrança de lhe consagrar paginas impressas, que lhe salvem a memoria.

« A *Revista*, no desempenho d'essa missão, cumpre um dever, e com ella e por ella não duvidará a geração futura da existencia d'esse acontecimento que tanta gloria trouxe para Portugal.

« Mas não é só debaixo d'esse ponto de vista que tal publicação nos encanta : encanta-nos vêr nella escriptos de pennas amestradas, e sobretudo os devidos á collaboração do Dr. A. Zeferino Candido, que se prestam a uma discussão profunda e proveitosa, já em relação a Portugal, já em relação ao Brazil.

« Logo que tenhamos tempo e espaço e o Dr. Zeferino nos permittir, transcreveremos para as columnas do nosso modesto jornal seus artigos tão succulentos no assumpto, quanto bellissimos na fórma.

« A redacção da *Revista* é credora de nossos sinceros agradecimentos. »

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

Nota official dos premios conferidos pelos jurys nomeados pela Associação Commercial do Rio de Janeiro

CONCLUSÃO (*V. pags.* 181 *a* 193)

DIPLOMAS DE MENÇÃO HONROSA

DO

6° Grupo

José Ferreira da Silva e Azevedo, lavrador, S. Pedro de Rates :— Vinho.
José Vieira da Costa Azevedo, lavrador, Regua : — Idem.
José de Vasconcellos Carneiro e Menezes, lavrador, Marco de Canavezes :— Idem e azeite.
Antonio Marques de Carvalho, lavrador, Chamusca :— Idem.
Christiano de Carvalho, negociante, Lisboa : — Vinhos da Madeira.
Joaquim de Castro e Silva, lavrador, Armamar :— Vinho.
José Affonso Espergueira, proprietario :— Idem.
Manoel Fernandes da Costa Guimarães, negociante, Porto : — Vinho.
Condessa de Geraz de Lima e Filhos, proprietarios, Armamar : — Idem.
João Campello Frigueiro Martel, lavrador, Olivaes : —Idem.
Antonio Ferreira Menéres, negociante, Porto :— Idem.
Candido José Pereira Peixoto, lavrador, Porto : — Idem.

Francisco Manoel Pereira, lavrador, Ranhadas :— Idem.
Almeida, Silva & Comp. negociantes, Lisboa :— Idem.
Joaquim Antonio Simões, negociante, Figueira : — Idem.
Agostinho de Ornellas de Vasconcellos, proprietario, Funchal: — Idem.
Francisco Joaquim da Castro e Silva, Collares :— Idem.
Visconde do Serrado, proprietario, Vizeu :— Idem.
José Ricardo de Carvalho Figueira, lavrador, Labrusca, Peniche :— Idem.
Jeronymo José Moreira, proprietario, Carcavellos :— Idem.
Abilio Augusto Figueiredo da Motta, lavrador, Torredeita, Vizeu :— Idem.
Padre José da Costa e Oliveira, lavrador, Covilhan : — Idem.
P. J. R. Leitão, proprietario, Funchal :— Idem.
Viuva J. Gomes da Silva, proprietaria, Collares :—Idem.
Izidro Gonçalves, negociante, Rio de Janeiro e Madeira : — Idem.
Padre Antonio de Almeida Pereira, lavrador, Vizeu :—Idem.
João da Cunha Lopes e Silva, lavrador, Cavernaes, Vizeu : — Idem.
Manoel Antonio do Nascimento, fabricante, Ponta-Delgada : — Aguardente e licores.
Antonio Joaquim Pires, fabricante, Lisboa :— Licores.
José Severiano Soares, Santarem :— Vinho e vinagre.
Matheus Rodrigues Tenorio, lavrador, Alter do Chão:—Azeite.
Almeida Silva & Comp., lavradores, Lisboa :— Idem.
José Nunes de Souza Peixoto, lavrador, S. Martinho, Penafiel :— Idem.
Francisco Manoel Martins de Oliveira, lavrador, Povoa de Lanhoso :— Idem.
Domingos Antonio e Antonio Ignacio da Costa, lavradores, Elvas :— Idem.
Antonio Julio Rodrigues de Azevedo, lavrador, Povoa de Lanhoso :— Idem.
Francisco de Almeida Garrett, proprietario, Porto : — Idem.
Antonio Joaquim da Silva Martins, lavrador, Elvas :— Idem.
Camillo de Mendonça, lavrador, Alfandega de Fé :— Idem.
Nunes & Filho, negociantes, Elvas :— Idem.
Dr. Joaquim Moutinho dos Santos, proprietario, Aguas-Santas, Porto : — Cangica, fubá mimoso, etc.

Francisco José Ribeiro Seára, fabricante, Vallongo : — Biscoutos.

D. Maria Amalia da Fonseca Ferreira, proprietaria, Oliveira do Hospital, S. Paio de Gramaços : — Cereaes.

Ramiro Augusto Pereira do Lago, lavrador, Penafiel : — Idem.

Luiz Maria & Comp., proprietarios, Faro : — Figos imperiaes.

José de Sequeira Pinto de Queiroz, lavrador, Oarque, Vianna : — Cereaes.

Joaquim Gonçalves do Valle Souto, lavrador, Esposende : — Idem.

Chaves & Irmão, fabricantes, Lisboa : — Massas, etc.

Felix Fernandes de Torres Sobrinho, fabricante, Porto : — Massas e farinhas.

Antonio Julio Rodrigues de Azevedo, fabricante, Povoa de Lanhoso : — Vinagre.

Augusto Maria Bello, fabricante, Lisboa : — Fructas de conserva.

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1879.

O Director Geral,

Luciano Cordeiro.

ALVARO CARNEIRO GERALDES

O retrato que hoje publicamos é o do Sr. Alvaro Carneiro Geraldes, um dos membros da Commissão da Exposição Portugueza.

Nasceu o Sr. Geraldes na cidade do Porto, no dia 28 de Outubro de 1839. A sua familia, e especialmente seu tio Jeronymo Carneiro Geraldes, figurou muito na cidade do Porto, onde foi vereador e homem de bastante influencia politica.

O Sr. Alvaro Geraldes, aos 20 annos de edade, entrou na carreira consular e por vezes esteve encarregado do consulado de Portugal em Liverpool, durante as ausencias do consul, o Sr. Antonio de Almeida Campos.

Sabem todos que durante a guerra dos confederados nos Estados-Unidos, os corsarios foram em grande numero e que um dos que mais celebridade adquiriu, o *Alabama*, foi mais tarde origem de uma questão internacional entre a Inglaterra e os Estados-Unidos. Pois entre os nomes que figuram nos documentos que esclarecem essa questão encontra-se o do Sr. Carneiro Geraldes, que n'essa época fazia ainda parte do consulado de Liverpool, e que, pelo modo como procedeu, provou a sua aptidão e intelligencia.

Por essa época foi o Sr. Carneiro Geraldes nomeado vice-consul portuguez em Chester.

Mas, sendo as suas inclinações mais tendentes á vida commercial, o Sr. Geraldes abandonou a carreira consular e empregou-se n'uma importante casa commercial de Liverpool, que mantinha relações com as praças de Portugal e Brazil.

Pouco tempo depois partiu o Sr. Geraldes para o Porto, onde se estabeleceu como agente d'aquella casa e de outras egualmente importantes de Inglaterra.

Alvaro Carneiro Gerardes

Pela sua actividade e relações, foi o Sr. Carneiro Geraldes convidado para socio da casa de C. Menéres & C., successora de Paes & Menéres.

Querendo aquella casa estabelecer agencias filiaes nas praças do Brazil, foi d'isso encarregado o socio Sr. Carneiro Geraldes, que veiu ao Rio de Janeiro, onde montou a filial e depois percorreu as praças do Rio Grande do Sul e Rio da Prata, procurando estabelecer relações commerciaes mais estreitas entre essas praças e a do Porto.

Em 1874 regressou ao Porto, e retirando-se da sociedade, retirou-se tambem do commercio.

Mas não se dando o seu genio activo com a apathia, começou novamente a negociar, mas de conta propria.

Quando se fundou a Companhia Fomentadora, o Sr. Carneiro Geraldes inscreveu-se como accionista, e foi nomeado pela gerencia representante da Companhia no norte do reino.

Começaram os trabalhos da Exposição, e o Sr. Alvaro Geraldes desenvolveu grande actividade n'esses trabalhos.

Quando se tractou de trazer os productos ao Rio de Janeiro, e de se escolherem as pessoas que aqui deviam vir por parte da Companhia, não se podia esquecer o nome de Alvaro Geraldes; e este, enthusiasmado pela nobre idéa da Exposição, abandonou esposa, filhos e patria.

Todos os que com elle teem conversado concordam em que é um cavalheiro activo, intelligente e honesto.

Agora, como da outra vez que veiu ao Brazil, ha de deixar grandes saudades, quando partir, áquelles que com elle tiveram relações.

Y.

A Exposição portugueza no Rio de Janeiro e o futuro que ella prepara a Portugal

(*Continuado de pag.* 149. — *Conclusão*)

Fecho este meu trabalho depois que é tambem já fechado o emprehendimento que o motivou; e devo declarar que, se não fôra o *continúa* posto no fim do precedente artigo, já nelle me daria por desobrigado do compromisso que aceitei.

Os motivos são immensamente compendiosos e por nada dizem respeito á redacção d'esta empreza, que muito me honra com o seu convite e com a sua camaradagem.

E' que a Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, quando eu suppunha que fosse o *copo de agua* da amizade e fraternidade, a festa solemne do trabalho e da industria d'um paiz, o primeiro elo d'uma cadeia de intimas relações de dois povos, vi eu, com bastante sorpreza e não inferior desagrado, que serviu de vitriolo para desenferrujar armas que estavam ensarilhadas, de vento rijo para decencadeiar escarceus que estavam adormecidos.

E eu, totalmente alheio como elemento e apenas conhecedor como testemunha, e eu, cheio sempre d'uma boa fé quasi evangelica, mas que no fim de contas é muito boçal, escrevi com muita sinceridade, e muito no remanso d'esse mar das tempestades.

E desde que eu sou por indole e por systema alheio a tudo que são odios individuaes ou collectivos, e que por systema e por indole procuro o justo e o honesto sem procurar pessoas nem logares, desde que me vi no meio da feira, calmo e todos irados, desejei fazer o que fazem todos os prudentes— *quem as fez que as desmanche.*

Como a minha penna muito humilde mas muito luzidia não anda acostumada a sondar os charcos da intriga, eu vou fechar o meu modesto trabalho com duas palavras sobre o resultado da Exposição Portugueza para os dois paizes mais

proximos em todos os centros da sua vida mutua que actualmente vivem no mundo.

E' fóra de toda a duvida que debaixo do ponto de vista interesseiro e monetario, devemos fazer distincção entre a companhia emprehendedora e os expositores, entre os commissarios e os vendedores. Uns perderam, outros ganharam. A companhia, que solicitou licenças nos dois paizes, que convidou os productores, que lhes conduziu os seus productos, que tomou maior ou menor responsabilidade pela sua conservação, que os ordenou e os expoz, que aqui esteve por si ou seus agentes de guarda a tudo, exposta aos risos, ao esfregar de mãos, e tambem aos abraços bons e sinceros e aos auxilios generosos e desinteressados ; a companhia perdeu. As collectas recebidas á porta, por ventura as porcentagens ou os interesses das vendas, coados pelas mãos certamente bem unidas dos vendedores não cobriram por certo, ainda que sejam ou fossem avantajadas pelo subsidio do governo portuguez que não costuma ser *lord*, e mesmo do governo imperial que foi bastante generoso, não cobriram as despezas de pessoal, de transporte, de materiaes que uma empreza de tal ordem comporta.

Os vendedores,que aqui deixaram o producto e receberam o valor, que da sala da Exposição fizeram o bazar do negocio e da vitrine o balcão, esses, certamente porque fizeram o seu negocio, e naturalmente porque não deram o que venderam ; esses que, ao grito de salve-se quem podér, podiam muito á sua vontade intrincheirar-se nas immunidades do vendedor, que, desalentados para o futuro pela realidade presente, se circumscreveram á operação immediata do genero que expuzeram ; esses deviam ganhar, e com justiça se lhes daria um mau nome, se perdessem.

Eu por mim nunca encarei a Exposição pelo seu lado material ; para lhe medir o valor nunca me lembrei da balança com que se pesa o ouro. E a companhia creio que tambem fez o mesmo, mas, se o não fez, errou. Se poz o seu fito no lucro immediato auferido pelas entradas da porta e não teve o pensamento mais alto de se fazer fornecedora e vendedora de futuro, então affirmo que andou muito pela lua para estudar o mundo cá de baixo.

E creio eu que effectivamente alguma coisa de lunatico entrou n'isto porque ouvi chocalhar que houve quem se lem-

brasse de attribuir á má vontade ou mesmo tenaz opposição d'este ou d'aquelle, de um homem ou de um grupo de homens, a falta de concurrencia ao palacio da Guarda Velha, falta de concurrencia que diminuiu d'algumas dezenas de contos de réis o producto orçamentado da receita!

Esta idéa é tão extravagante que parece vinda do mundo dos *selenitas*.

Que um homem, muitos homens, duzias de homens, de posse dos erarios de Creso, empunhando espadas de Alexandre, e tendo na boca bochechuda os raios de Jupiter, percorram gritando irados as ruas d'esta terra, a ver se conseguem, não digo já demover do firme proposito de ir algures, digo menos, obrigar a ir a uma festa paga, muitas dezenas de milhares de pessoas.

Quando eu me convencesse d'isso, iria logo deante d'esses homens, não beijar-lhes a mão de monarcha, mas incensar-lhes com toda a unção religiosa a sua face divina.

Se alguem suppôz que uma exposição de productos fabris, artisticos e industriaes de Portugal podia chamar centos de milhares de curiosos, enganou-se redondamente a respeito do Brazil. Que fim levaria este povo a tal visita? Conhecer algum invento, alguma obra pela primeira vez exposta? Não. O Brazil conhece todos os artigos vindos á Exposição, ou porque são aqui enviados por outros paizes, ou pelo proprio paiz expositor.

O passatempo? Tambem não. O Rio de Janeiro é uma das cidades do mundo onde mais se trabalha; os occiosos em regra tambem não entram nas festas que teem bilheteiro.

O tempo, aqui, passa-se no trabalho, e, quando se descansa, não falta em que o passar de modo mais distrahido do que na revista da Exposição.

O patriotismo? Esta palavra que tem sido largamente explorada, e Deus sabe, ás vezes, que o foi já de modo digno e honrado, começa a ter nesta terra uma clara significação.

Já passou o tempo em que ella tinha nos peitos portuguezes esse influxo magico que nos tempos das suas conquistas continentaes tinha o grito — *aos infieis!* Assim como a este arranco de bravura dos campos de Ourique

e de Aljubarrota, se seguiram as carnificinas das fogueiras e dos calabouços de João III, assim tambem a este brado sacratissimo do amor patrio se tem sangrado astutamente o sangue febril dos nossos martyres do trabalho e da honra, depois de por vezes se lhe ter pedido a parcella crystalina do pantheon munificente das glorias portuguezas.

O patriotismo acha-se, n'esta terra, na sua phase positiva, e já ninguem se inflamma até á loucura ao som estridulo d'essa trombeta outr'ora magica e poderosa.

E' certo, e bem alto o disse este jornal, que os mais nobres interesses portuguezes andaram presos n'esta festa, mas nem a voz d'esta publicação tinha o poder da infallibilidade, nem os negocios da Exposição foram realisados com tal aparato e publicidade que totalmente fizessem acreditar aquella verdade.

De resto, quando mesmo fosse sacramento patriotico ou ceremonia religiosa d'este culto da patria a peregrinação á Typographia Nacional, a estatistica da população d'esta terra, de origem portugueza, não abonava o tamanho da concurrencia requerida. Uns por ir, outros por vêr, alguns por comparar, uns tantos por apreçar, eis a concurrencia que se devia orçar a esta festa.

O phonographo de Edison, exposto nos baixos do hotel Ravot, com o seu realejo, se viesse para a Guarda Velha e fosse cercado da mesma protecção que teve a festa da Exposição; se obtivesse a graça das visitas imperiaes, o discurso inaugural e a concurrencia dos convidados no acto da abertura, estou certo que no mesmo tempo teria maior frequencia. O numero dos apreciadores d'este outro genero de exposições é naturalmente muito superior.

Mas ha um interesse mil vezes superior, que pertence todo por inteiro á Companhia Fomentadora, com que ella devia contar, porque era inevitavel - o interesse moral. Esse, sim, era previsto e foi certo. Falharia, se a Exposição não viesse dar ao Brazil idéa do adeantamento das artes e das industrias portuguezas. Mas deu e surprehendeu as pessoas mais conhecedoras d'estes elevados problemas da economia publica, e, por isso nem Portugal póde negar ao agente d'esta boa acção o seu justo agradecimento, nem

o Brazil deixará no futuro de tirar proveito pelas trocas vantajosas que virá a realizar em mais alta escala.

Creio que tamanho resultado não satisfaz inteiramente os interessados; mas isso não é com ninguem, senão com elles proprios.

Eu termino, deixando consignado como portuguez a parte que me pertence no agradecimento e no louvor á Companhia emprehendedora, como tambem ella terminará a sua meritoria empreza, fazendo conhecer a Portugal a maneira cavalheirosa e distincta com que o Brazil recebeu esta festa de caracter nacional.

A. Zeferino Candido.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

VII

AS SALAS DO MARQUEZ DE POMBAL E DE MOUSINHO DA SILVEIRA

(*Continuação*)

Nas duas salas que andamos visitando ainda se encontram exposições parciaes de muitos outros ramos de industria, que iremos successivamente mencionando, e que por mais de um titulo se recommendam ao interesse do publico.

Neste caso estão as vitrinas onde se encontram as variadas amostras de luvas de pellica.

Esta industria está muito adeantada em Portugal, não só em referencia ao preparo das pelles, como em relação á mão de obra, o que tudo faz com que este genero entre dignamente em concorrencia com os artefactos similhares de outras procedencias

O preço, como vamos ver, é tambem excessivamente diminuto.

As casas expositoras são;

A de Bernardino Antonio da Silva, que apresenta 35 pares de bellissimas luvas de 1ª e 2ª qualidade. Sendo os

seus preços 500, 300, 700, 1$500, 1$100, 900, 1$, 600, 400, 800, 550 réis.

Este estabelecimento póde fornecer 1,000 pares em 30 dias.

Antonio Pino, de Lisboa, expõe 27 pares de luvas de modelos diversos, sendo os seus preços 1$200, 1$, 1$500, 3$, 800, 900, 700, 600, 500, 400, 360, 300 réis fortes o par.

Justin Loubiêre, do Porto, expõe 6 duzias de pares de luvas, de 2, 3, 4 e 5 botões, sendo o seu preço por duzia 8$, 6$, 6$500 fortes.

Póde fornecer 80 a 100 duzias de pares de luvas por mez.

Diogo Jorge Scheehan, successor da antiga luvaria Baron, de Lisboa, e introductor privilegiado em Portugal das luvas systema Jouvin, e cujo estabelecimento foi fundado em 1837, e premiado nas exposições universaes de Londres, 1851, Paris 1855, e Philadelphia 1876, expõe grande quantidade de luvas, cujos preços variam entre 600 e 1$600 o par.

Hypolito Delaye, de Lisboa, expõe 27 pares de luvas de pellica para senhora e para homem, cujos preços variam na proporção dos antecedentes, segundo as luvas são de carneiro (1ª qualidade), cabrito superior ou suecia cabrito.

Entre as rendas e os bordados, notaveis todos pela sua perfeição, trabalho paciente e de artistico bom gosto, mencionaremos o quadro collectivo e chronologico exposto por José Joaquim de Azevedo, do Fayal, e cuja descripção é a seguinte:

« No centro, em campo de mais de meio metro, estão as armas brasileiras, com os tropheus, sobre velludo de seda verde, feitas de medulla de figueira, tendo em roda 10 datas de dias festivos de familia imperial; em roda e por fóra deste centro ha uma tira larga alternada de seda amarella e velludo verde, tendo 10 bordados a ouro, a penna de pavão, a froco, a fio d'escomilha, a cabello, a matiz, a branco em relevo, e de renda a agulha; um de applicação, e um outro de ouro representando uma parra de vinha, rodeando as armas da casa da camara da Horta; e entre estes bordados e nos angulos de juncção ha 14 datas, tambem de dias de grande gala do imperio; por

fóra está a moldura feita com 70 madeiras diversas produzidas no Fayal, e nesta moldura ha mais 8 datas imbutidas, tambem de dias de gala.

As costas d'este quadro são tambem de madeiras differentes, polidas e envernisadas; é para ser collocado em cima de uma mesa, e poder ser visto por todos os lados.

Nos bordados distinguem-se o gosto e a delicadesa das Exmas. Sras. D. Maria Monteiro, e D. Sophia Monteiro de Mello, que são as que melhor sabem bordar na ilha do Fayal.

Devemos ainda admirar entre os productos d'este genero os objectos expostos por Bento José de Mattos & Irmão, de Angra do Heroismo. que constam de 1 lenço de esguião de linho bordado; 1 travesseiro do mesmo, e 1 par de almofadas, 60$; 10 saias bordadas de crivo, sortidas a 2$500; 1 saia bordada de bretanha de linho, 3$600; 1 barra de bretanha de linho para saia 3$; 1 par de almofadas de esguião de linho, 1$500, um outro, 1$400; 1 par de almofadas de bretanha de linho, 1$500; 2 pares de morim branco, 1$200; 2 toalhas bordadas em toda a roda, de morim branco, 1$600; uma outra de bretanha, 2$; uma outra bordada nos cantos, 1$; uma outra bordada toda em roda, 2$; 1 lenço de cambraia bordado a ilhoses, 800; 1 lenço transparente bordado, 1$; 2 fructeiras a 8$600; 3 pares de bordados para calças de senhora a 600; uma peça com 11 metros de entremeio de esguião de linho a 200 réis; 1 bordado de cambraia para camisa de senhora, 1$; 1 bordado de esguião de linho, 1$800; 7 toalhas de rede, a 1$, 900, 800, 600, 500, 400 e 360 réis.

D. Bertha de Souza, de Lisboa, expõe egualmente bonitos trabalhos de crochet, constando de 3 pares de barras de toalhas a 1$; 2 pannos para cadeira a 1$200; 2 outros de linha crua e lan a 4$; um panno para mesa, 10$; 2 pannos para cadeiras, 5$; 1 panno para banco de piano 2$500; 1 par de barras para toalha, 8$; 2 pannos para cadeira a 1$500; 1 panno para commoda 2$500; 1 panno para mesa 2$200.

Antonio Chrisostomo da Silva Basto, de Guimarães, expõe: uma toalha de crivo e renda para altar com 5 metros e 50 centimetros de comprido, sendo o seu preço 27$ fortes

Anselmo de Andrade Sá Pereira Carneiro e D. Carlota Amalia de Sá Carneiro, de Mesão Frio, expõem 1 quadro bordado a escomilha representando Cleopetra impetrando de Cesar a restituição da corôa do Egypto, 2:000$ fortes.

Retrato de Pio IX a escomilha, 300$ fortes.

Retrato do Visconde do Rio Branco 200$000.

2 Almofadas bordadas a lan (para sophá) 150$000.

D. Rosalia Borges Leal, de Angra do Heroismo, expõe uma coberta de filó, por 27$ fortes.

D. Theresa dos Passos Lanadura, de Vianna do Castello, apresenta um livro com 67 amostras diversas de magnificas rendas. Póde fornecer em 2 mezes 1,000 metros.

D. Maria de Sá Torres Peixoto, de Braga, expõe, uma colcha de crochet.

D. Carolina Amalia Soares, de Lisboa, expõe 2 quadros de papel bordados á thesoura a 250$ fortes cada quadro.

D. Guilhermina Gonçalves Tinoco, de Vianna do Castello, apresenta 78 peças de rendas de linho, com 1,690 metros e 90 centimetros a 850 reis moeda fraca o metro, 1:450$ todas as peças expostas.

A roupa feita, exposta em uma grande vitrina, e artisticamente arrumada, não deve merecer menos interesse dos visitantes.

Dois são os expositores que ahi figuram e ambos de Lisboa; sendo um José Nunes Corrêa & C., que expõem: uma sobrecasaca, calça e collete de panno preto forrado de seda, ao preço de 32$ fortes; uma casaca, calça e collete do mesmo 32$; 1 fraque e collete de casimira 20$; 1 calça de casimira de côr 6$; 1 jaquetão, calça e collete de flanella azul 15$; fraque, calça e collete de casimira 20$; 1 fraque e collete de alpaca natté 13$; 1 calça de casimira 5$; 1 paletó e collete de lustrina 7$; 1 calça de juná 4$; 1 pardessus de melton, forrado de seda, 18$000.

O outro expositor é José da Fonseca & Filhos, cujo importante estabelecimento está montadado de modo, que, póde fornecer por mez, sem augmentar o pessoal, mil vestuarios completos.

Expõe: uma farda de capitão tenente da armada e uma calça do mesmo, ao preço de 50$ fortes; 1 casaca, calça e collete de panno preto, 36$ fortes; 1 fraque, collete e calça de côr, 18$ tambem fortes.

VIII

A SALA DE D. MANUEL

A arte ceramica é uma das mais antigas do mundo.

Se compararmos os productos rudimentares dos tempos primitivos da humanidade com os bellos artefactos que hoje nos apresenta este aperfeiçoadissimo ramo de industria, poderemos fazer idéas das transformações e aperfeiçoamentos porque tem passado atravez das civilisações esta especialidade do trabalho industrial do homem.

Não é difficil fazer esta comparação. Em todos os Museus existem especimens da industria ceramica primitiva, e ainda hoje entre as tribus selvagens do Brazil, e de outras regiões inexploradas do mundo, existem utensilios por onde se póde avaliar de todos os progressos modernamente realisados nesta especie.

Ainda na recente exposição universal de Paris este facto ficou exuberantemente comprovado. Bastam os productos da industria franceza alli apresentados para nos fazer admirar o gosto, a perfeição no trabalho, a delicadesa do desenho, e a solidez com que é manipulada a materia prima, para nos convencer que a arte ceramica moderna satisfaz todas as condições artisticas e economicas de nossa civilisação, e que a necessidade de cultival-a é uma das mais imperiosas que se impoem ás exigencias quotidianas da vida.

Sem nos remontarmos aos tempos antigos, cuja digressão seria longa e mesmo impossivel nos limites acanhados d'esta simples noticia, é de todos sabido que datam dos trabalhos de Bernardo de Palissy os aperfeiçoamentos importantes que em nossa epocha se tem introduzido no desenvolvimento desta arte industrial.

São bem conhecidos os sacrificios, e os serviços prestados por este paciente e engenhoso operario á fabricação da procellana, e ninguem desconhece que foi elle na Europa o primeiro introductor d'este processo, de que tão brilhantes resultados teem conseguido os fabricantes d'este genero de productos.

A industria privada, especialmente, como todas as que se desenvolvem ao sopro vivificante da iniciativa indivi-

dual, tem realisado progressos dignos de seria attenção e de sincero e verdadeiro applauso.

A fabricação privada, diz um escriptor francez contemporaneo, consola-nos momentaneamente da decadencia do nosso estabelecimento nacional de Sevres. Os especimens agora exhibidos, revelam trabalho vigoroso, esforço constante, impulso irresestivel, signaes de uma vitalidade artistica dos mais felizes, e ao mesmo tempo dos mais uteis e apreciaveis.

Effeito identico nos inspiram egualmente os productos d'esta natureza expostos pela industria ceramica portugueza na sala que lhe foi destinada no sumptuoso palacio da Typographia Nacional. O bom gosto, o acabamento, a qualidade, e até mesmo a modicidade do preço recommendam estes productos ao interesse dos visitantes.

A industria ceramica de Portugal é cultivada alli desde as mais remotas éras, e acha-se muito desenvolvida e aperfeiçoada n'aquelle paiz, sendo bastante para confirmal-o a seguinte estistica extrahida de documentos officiaes de 1867:

Fabricas	de telhas ou tijolos.	620
»	de louça ordinaria.	1,406
»	» » faiença	13
»	» » porcellana	1
»	» » vidros	6

Fabrica-se louça e faiença em quasi todos os districtos do reino.

As localidades, porém, que mais se distinguem neste genero de fabricação, são: Caldas da Rainha, Extremóz, Vianna do Alemtejo, Lisboa, Abrigada, onde existe uma fabrica de tubos de *drainage*, de tijolos refractarios, Molellos, afamada por sua louça preta, e Flôr de Rosa.

A fabrica de porcellanas mais notavel do paiz, é a da Vista-Alegre, no districto d'Aveiro. As porcellanas d'esta fabrica são muito conhecidas e tem seu consumo largo no mercado interno.

Este estabelecimento é muito antigo, acha-se enriquecido com todos os machinismos modernos, e produz objectos de arte, como, por exemplo, vasos, estatuetas e outros, que muito se distinguem pela belleza do desenho, matiz das

côres, assim como pela pintura e acabamento com que são fabricados.

As amostras de louça portugueza que se acham na sala da exposição, destinada a este genero de productos, são de limitado numero de fabricantes, mas produzem realmente um bello effeito e são dignos de atrahir a nossa attenção.

Ludgero José Avelino, de Lisboa, expõe um jarro de mesa (Vista-Alegre), um par de jarros antigos, uma amphora com prato, faiença de arte, pintado por A. L. de Jesus, e um prato em eguaes condições.

Pinto Bastos & Filhos, de Vista-Alegre, expoem louças de porcellana, serviços de lavatorio, de chá, de jantar, paliteiros, figuras, vidros, moringues, canecos, santos, candieiros e outros.

Wenceslau Cifka, de Lisboa, tambem apresenta uma primorosa colleção de amostras, constando de um jarro de Manjolina, no estylo italiano, uma mesa redonda com animaes e uma vista de Cintra, uma poncheira onde se acha pintada a vida de Napoleão I; uma outra com diversos retratos, bacias, jarros, peixes, gallos, cafeteiras e pratos de faiença, imitação antiga.

Eis o que a respeito d'este distincto fabricante diz a *Correspondencia de Portugal*, de 28 de Março do corrente anno:

« Um dos concurrentes á Exposição é o Sr. Wenceslau Cifka, que foi premiado na Exposição de Pariz pela sua rica collecção de louças, que alli se venderam por bons preços. Preparou agora uma pequena amostra dos seus productos, na qual se encontram jarras para flores ornadas de dragões, uma porção de pratos com figuras grotescas tiradas da fabula, outra com as tres graças, de Rubens; com a Madona, de Raphael, com a sagrada familia, de Raphael, differentes poncheiras, magnificos cysnes, gallos, perdizes, pombos, uma rica terrina com differentes quadros da vida de Napoleão I, um grande cantaro com a pintura de D. Quixote e Sancho Pança e as armas do Algarve e Castella, e muitos outros objectos de que não nos recordamos. Felicitamos o Sr. Cifka, por ser um artista de muito gosto, e que deve ser apreciado no Rio de Janeiro pelos seus bellissimos trabalhos. »

José Alves da Cunha, das Caldas da Rainha, expõe,

folhas para agua, touros, jarros, ratos, carretas, cinzeiros, bilhas, jarrões, macacos, jardineiras, moringues, bacias, assucareiros, manteigueiras, gallinhas, patos, leitões, peixes, tudo isto muito perfeito e de um gosto especial e cunho caracteristico.

Manoel Cypriano Gomes Mafra, tambem da mesma localidade, apresenta jarros, vasos, um bonito grupo com uma figura e um javali, bacias, peixes, bilhas, vaccas, touros, moringues e muitos outros objectos uteis e curiosos.

A fabrica de louça de Sacavem apresenta um meio serviço de louça de jantar com as armas portuguezas pintadas, do custo de 15,000 fortes.

Um meio serviço azul de Veneza por 13,000 fortes, devendo notar-se que cada meio serviço contém 90 peças.

Quanto a vidros e crystaes a Exposição Portugueza é tambem muito digna de admirar-se.

Neste genero sobresahem aqui os productos da Empreza da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande, de Leiria, contendo jarros, garrafas, bacias, copos, compoteiras, garrafas de toucador, calices, pratos cobertos, canecas, taças, pires, castiçaes, candieiros, galhetas, cornocopias, frascos, escarradeiras, tigellas, cabaças, etagères, leiteiras, vasos, saleiros e muitos outros artigos.

Os preços são baratissimos, pois ha copos de 80 rs. fortes, calices de 30 rs., jarras de 800 rs., garrafas de 4$500, 1$800, 1$600, 1$200, 900, 500, etc.

Todos estes productos recommendam-se pela transparencia e limpidez, assim como pelo bom gosto dos modelos e variedade das côres.

A *Correspondencia de Portugal*, de 13 de Janeiro d'este anno, exprime-se do seguinte modo, a respeito dos productos d'esta fabrica:

« Este estabelecimento, um dos mais importantes do paiz, é incontestavelmente dos primeiros na especialidade da fabricação de vidros e crystaes, concorre com um grande numero dos seus bellos productos á Exposição Portugueza no Rio de Janeiro. No genero vidraça, vidros de uso domestico, e alguns crystaes nenhuma fabrica, absolutamente fallando, apresenta productos mais baratos. O fabrico annual, successivamente aperfeiçoado, sóbe já a mais de dous milhões de peças de crystal, e 200,000

kilos de vidraça. Os operarios da fabrica, que em 1862 eram apenas 213, são hoje 700, termo médio. Ultimamente tem-se moldado alli numerosas e elegantissimas peças de crystal por moldes vindos de Inglaterra e de França.

« O deposito principal e escriptorio da fabrica é em Lisboa, no largo de S. Paulo, n. 80 a 84; tem outro de grande exposição e venda de crystaes, na praça de D. Pedro (Rocio), ns. 22 e 23, e no Porto, na rua de Sá da Bandeira, ns. 26 e 28.

« Aos compradores por grosso e aos logistas revendedores concede a empreza um desconto, sobre o preço das tabellas, de 50 % na vidraria lisa e de 30 % na lavrada ou lapidada, e vidraça, a 120 rs. o kilo. Além d'isto, sendo a prompto pagamento, isto é, dentro de um mez, segundo o uso commercial, ha mais o beneficio de 2 %. »

Adolpho Burnay, de Leiria, expõe vidraças, a 120 rs. fortes o kilo; redomas, a 400 rs.; vidraça em chapa, a 120 rs., e telhas de vidro, a 100 rs. cada uma.

A. Guimarães & C., de Lisboa, expõem redomas, chapas e garrafas de vidro.

A vidraça de 30 a 44 pollegadas portuguezas é de 120 rs. cada kilo, em Lisboa e Porto.

As garrafas portuguezas, francezas e inglezas são de 5$ o cento.

Esta fabrica produz mensalmente 35,000 kilos de vidraça e redomas, e 15,000 garrafas e frascos.

Terminando esta rapida noticia ácerca dos productos das fabricas portuguezas de louças e de crystaes, cujas excellentes amostras se acham exhibidas na sala da Exposição Industrial Portugueza, que lhe foi destinada, é grato dever nosso affirmar que se acham muito adeantados em Portugal estes ramos de industria, e que podem elles competir com vantagem com os similares de outras procedencias, tanto no fabrico como no bom gosto dos desenhos e muito especialmente na extrema modicidade dos preços.

IX

SALA DE D. JOÃO V

A industria da ourivesaria está muito adeantada em Portugal. Póde mesmo affirmar-se que em obras de filigrana, tanto de ouro como de prata, não se trabalha com melhor gosto e delicadeza em parte alguma do mundo, nem mesmo em Veneza, onde são affamados os productos d'este genero.

Por isso causou verdadeiro interesse esta parte da Exposição. Ninguem esperava realmente tanto, e todos ficaram agradavelmente impressionados ao ver os progressos que este ramo de industria tem feito naquelle paiz.

Sem uma unica eschola de artes e officios, onde o fabricante cultive as suas aptidões naturaes, sem uma eschola de desenho e chimica applicada a esta industria, desajudado de uma solida instrucção artistica, como a teem os operarios francezes e allemães, conseguiu elle o resultado mais brilhante e mais inesperado.

Consideradas as joias portuguezas debaixo do ponto de vista de sua manufactura, nada deixam a desejar ás melhores aqui importadas, quer da França, quer da Allemanha.

Os seus desenhos são correctos, revelam bom gosto e a sua execução é primorosa. Quanto a nós teem um unico senão: é a excessiva approximação, é a quasi copia dos modelos francezes. Este defeito porém é a consequencia logica, fatal da deficiencia de educação artistica, que já apontámos, e que não cria imaginações capazes de lhe darem um estylo proprio, uma feição sua. De mais, é facto averiguado, tanto aqui como em Portugal, que o consumidor não quer senão o que traz a chancella franceza, embora seja mau, e que a propria Allemanha, sobretudo em ourivesaria, se limita hoje a servir-se dos proprios modelos francezes, se com elles quizer concorrer aos mercados exportadores.

Por consequencia é evidente que se os allemães, o povo mais instruido da Europa, se não sentem com forças para

crear um estylo seu nas obras que manufacturam, antes pelo contrario são arrastados a copiarem do vizinho, não seria pois ao fabricante portuguez, muito menos instruido, que deva exigir-se uma originalidade que estamos convencidos seria a sua ruina, porque teria de cingir-se só ao mercado interno, eivado de francezismos e que seria talvez o primeiro a repellir a innovação. A Inglaterra, cujas joias teem um cunho especial, quasi nada exporta neste artigo, justamente por essa causa. Paris domina e dominará ainda por muito tempo o caprichoso campo da moda, e se Portugal quizer fabricar, e especialmente exportar, ha de necessariamente sujeitar-se a essa dominação e combater com as proprias armas do inimigo.

Ora, na sala de ourivesaria Portugal mostra-nos que sabe fabricar, e sobretudo que os preços de suas joias podem concorrer com as que nos véem de Paris. E não é isto já pequena vantagem, attendendo-se que na joia portugueza o ouro de que é fabricada contendo 812 m/m de fino, é melhor que o francez e o allemão, pois que o primeiro contém só 750 m/m e o segundo 538 m/m.

De mais a sua solidez e acabado tornam-n'a digna de uma preferencia relativa. Nas obras francezas, sobretudo em correntes e medalhas, os recheios de ferro e vidro pesam muitas vezes a terça parte nas primeiras e quasi o dobro nas segundas; pois que n'uma corrente de 16/8 a tranquilha de ferro pesa geralmente 4, e n'uma medalha de 6/8 o vidro pesa 2 ou 3/8. De modo que n'uma cadeia de 16/8 o seu valor real de ouro é de 12/8, e n'uma medalha de 6/8, unicamente de 3 ou 4/8.

Se o consumidor pagou, por exemplo, a cadeia de 16/8 a 6$ cada oitava, temos que elle perdeu já 24$ nas 4 que pesava o ferro da tranquilha, e mais 21$600 nas 12/8 de ouro, cujo valor real é de 4$200 por oitava (a cambio de 250 %) e que elle comprou ao preço convencional de 6$: logo o prejuizo total foi de 45$600.

Na corrente portugueza porém de 16/8 o seu valor real é de 72$000 (1), pois que não tendo recheio algum de ferro, o seu valor conservou-se sempre o mesmo, e

(1) Convém notar que todos as reducções são feitas ao cambio de 250 %.

suppondo que a sua mão d'obra custa o maximo 37$500, temos que o consumidor perde só 37$500, importancia da mão d'obra e nada mais.

E' verdade que a corrente franceza custará nas condições apontadas 96$000, emquanto que a de origem portugueza custa 109$500, mas é verdade que da primeira o consumidor não poderá liquidar mais do que 50$000, emquanto que da segunda liquidará sempre 72$000.

Nas obras allemans nada d'isto temos, já pelo seu valor real ser insignificante, já por não terem solidez alguma, já pela pessima qualidade do ouro de que são fabricadas. Não teem nada que as recommende, a não ser a barateza com que o consumidor se illude.

Sete expositores se apresentam na actual Exposição Portugueza, todos do Porto. São elles os seguintes :

Albino Coutinho & Filhos
Francisco Vaz Cerquinho
José Rosas
Guilherme do Couto
Lobão & Ferreira
Viuva de Innocencio Alves de Azevedo
Viuva Moreira & Filho.

As obras de ouro expostas comprehendem todos os generos de ourivesaria, desde os artigos mais ligeiros, como cordões, contas, etc., etc., até ás de cravação de brilhantes. As de prata, desde o mais ligeiro paliteiro até ás baixellas, e grandes taboleiros.

Das sete casas expositoras, seis fazem-se representar directamente, quer pelos seus socios, quer pelos seus empregados.

Albino Coutinho Junior, socio da casa A. Coutinho & Filhos, José Antonio Guimarães Junior, socio da casa Vianna Moreira & Filho, Antonio Bernardo Pereira, empregado da casa Lobão & Ferreira.

Francisco Ferreira de Souza, encarregado de representar as casas Francisco Vaz Cerquinho, José Rosas e a Viuva de Innocencio Alves de Azevedo.

E' a primeira vez que casas portuguezas enviam tão directamente seus representantes a uma exposição; e d'aqui lhes damos sinceramente os nossos parabens.

Os expositores de ourivesaria comprehenderam afinal o

que é uma exposição, e estamos convencidos de que o exemplo aberto por estas casas, contra a rotina e o deleixo, fructificará e dará bons resultados em futuros certamens.

Porquanto é preciso que o expositor portuguez se convença que é elle o unico a zelar devidamente os seus interesses, e que se é certo que as exposições servem para crear novos mercados aos paizes expositores, não se deve confiar a estranhos, geralmente incompetentes, o estudo do mercado que o industrial pretende abrir ao consumo de seus artigos.

Não basta só mostrar o que se faz, é preciso que se estudem as condições do mercado importador e que se procure o mais possivel conhecer o gosto do consumidor, para que, modificando a sua manufactura nos pontos em que d'elle discordar, possa estabelecer relações commerciaes mais efficazes e duradouras.

Concorrer a uma exposição só com o unico fim de obter uma recompensa qualquer é um absurdo que o industrial portuguez tem pago bem caro.

Que o digam todas as exposições a que elle tem concorrido. Ficou d'ellas algum resultado que não fosse ficticio? Abriu algum mercado novo? Estabeleceu relações commerciaes? Todos sabem que não e que os sacrificios da nação teem sido infructuosamente perdidos, por culpa, é forçoso dizêl-o, da incuria do proprio expositor!

Desculpe-nos o leitor esta digressão, e voltemos ao assumpto d'este artigo.

A casa Albino Coutinho & Filhos apresenta em tres elegantes vitrinas um sortimento completo de joias, e que nos parece poderia substituir com vantagem muitas das obras francezas, taes são as suas condições de preços e de bem acabado.

Modelos variados e elegantes, sem o peso excessivo que caracterisava a joia portugueza d'outros tempos, são elles de molde a arrostar toda e qualquer concurrencia, com os similares de origem franceza, que hoje inundam os mercados brazileiros.

Os meios adereços, medalhas para senhoras e para homens, brincos, collares, abotoaduras, etc., estão no gosto do mercado, como provam as vendas aqui realisadas

por esta casa, e o seu preço é na maior parte inferior ao de artigos similhantes d'outra qualquer procedencia.

Vimos meios adereços de 15 a 200$; anneis para senhoras de 3 a 25$; correntes de 50 a 150$; pulseiras de 35 a 60$000.

A casa Lobão & Ferreira expõe joias de um desenho e acabado perfeitissimo. São dous artistas honrados e laboriosos que a dirigem. Sustenta ella duas officinas que a honram; uma de fabrico e cravação, e outra de gravura, sendo esta ultima talvez a primeira de Portugal.

Quem visitar a Exposição poderá certificar-se do que dizemos, analysando minuciosamente as diversas e variadas joias expostas por esta casa.

Nada ahi falta, e vê-se que os seus proprietarios estão perfeitamente habilitados a concorrer em gosto e bem acabado com as melhores joias francezas aqui importadas.

Os seus preços são geralmente convidativos e regulam pelos da casa A. Coutinho & Filhos, de que demos já uma ligeira noticia.

A casa da Viuva de Innocencio A. de Azevedo apresenta um sortimento de joias que achamos perfeitamente acabadas, mas de gosto um pouco pesado.

Pelo que observamos concluimos que esta casa tem a especialidade de montagem de pedras de côr, taes como o topasio, amethystas, etc., etc. Os seus preços são regulares.

A casa Francisco Vaz Cerquinho torna-se notavel pela sua exposição de filigranas de ouro e prata. São realmente sorprehendentes muitos dos artigos que neste genero apresenta e os seus preços são na verdade baratissimos, pois que vimos meios adereços desde 5 até 25$, que são um verdadeiro primor de delicadeza e de paciencia; cestas de 10 a 120$; jarras de crystal guarnecidas de filigranas de 16 a 60$; cofres de 30 a 70$; bilheteiros de 15 a 40$; suspensões de 70 a 100$; porte-bouquets de 8 a 30$000.

Além d'isso o seu sortimento de obras de ourivesaria corrente é completo e os seus preços bastante razoaveis.

A casa José Rosas apresenta-se pouco regularmente, o que na verdade nos sorprende, porque nos consta dispor ella de elementos para se apresentar muito bem.

O Sr. Guilherme do Couto, fabricante de filigranas, apresenta um pequeno sortimento de filigranas de prata, que honram bastante a sua pericia e habilidade neste genero de trabalho.

A Viuva Moreira & Filho, do Porto. representada na Exposição pelo socio J. A. Guimarães Junior, expõe um brilhante e completo sortimento de obras de prata.

Esta casa importante é uma das primeiras de Portugal, não só por seus variados productos, como pela importancia commercial de que gosa. Foi ella fundada ha muitos annos e deve sua prosperidade e desenvolvimento a seu chefe Augusto Pinto Moreira da Costa e socio Guimarães Junior, que não teem poupado esforços para a elevar ao ponto a que chegou, desenvolvendo e creando novos trabalhos em ourivesaria de prata, como se vê pela esplendida exposição que apresentam.

Além da variedade das obras de prata expostas, taes como serviços para chá, bandejas, faqueiros, tinteiros, jarros e bacias, centros de mesa, filigranas e grande variedade de artigos de phantasia, notaremos uma custodia de prata dourada com bem acabados lavores, circumdando a base os doze apostolos, verdadeiro trabalho de esculptura, e que demonstra o adeantamento da arte de ourivesaria no Porto.

Admiramos tambem uma magnifica guarnição de toilette com seu competente estojo, composto de espelho, jarro e bacia, e os demais accessorios proprios para o fim a que são destinados. E' na realidade um bello presente de noivado!

Egualmente expoz um admiravel crucifixo antigo e notavel pelo Christo de marfim e a originalidade de guarnição de prata da cruz, objecto não só de verdadeiro valor artistico como tambem de valor real; e finalmente um bonito serviço para chá com chaleira grande e taboleiro, tudo guilhochado e de esmerado trabalho.

Seria necessario grande esforço para darmos a nomenclatura de toda esta collecção, e portanto apenas citaremos mais os seus crystaes com guarnições de prata, lindas cestas para flores, para serem collocadas nos centros de mesas de jantar, obra de bello e apurado gosto.

A exposição da casa da Viuva Moreira & Filho

occupa a maior parte da sala de D. João V, e torna-se recommendavel pela abundancia de obras de prata de todos os generos, e por seus preços razoaveis que de certo muito concorreram para as importantes vendas que realisaram nesta côrte.

X

A SALA DE D. DINIZ

Quem visitou a Exposição Nacional Portugueza não terá de certo esquecido a magnificencia e abundancia dos productos agricolas d'aquelle paiz, especialmente em referencia á quantidade e superior qualidade de seus vinhos. Aquelle vasto salão parecia ainda pouco para conter tão profusa e admiravel exhibição.

Os limites d'esta *revista* não nos dão espaço para entrar em considerações ácerca do desenvolvimento que tem tomado esta importante industria em Portugal, desde tanto tempo afamada, nem tão pouco fazer a necessaria comparação entre a generosidade d'estes vinhos e os de outras procedencias que abastecem tão grande numero de mercados, tanto na America, como na Europa, sendo facil concluir d'essa approximação que os productos portuguezes d'este genero excedem em superioridade e barateza aos de todos os outros paizes productores de genero analogo.

Contentar-nos-hemos portanto, em citar apenas os factos, e mencionar os algarismos, deixando a sua apreciação ao espirito esclarecido do leitor.

Assim mesmo na resenha que vamos fazer não se comprehende todos os expositores, porque muitos d'elles não mandaram os preços, tornando-se inuteis portanto as informações que dessemos a seu respeito.

Antonio Gomes Pereira, de Bemfica, nas proximidades de Lisboa, expôz vinho tinto superior, e moscatel rôxo, a 2$500, 3$500 e 6$500 a duzia de garrafas.

Antonio Nicolau Almeida Junior, expôz vinhos do Porto de 1863 e de 1860.— Donello W— Celleiros 1873.—Clarete-

Alvaralhão 1855.—Tavora n. 1 e 2.—Val de Mendis 1870.—Viseu n. 2. — Palhete, D. Diniz I, 1840. — Corôa de Ouro, 1847, e muitas outras qualidades, regulando os preços por duzia, 8$600, 7$500, 5$000, 4$200, 2$, 9$800, 16$, 13$600, 6$500, 11$200, 4$300, 3$100, 28$, 19$ e 3$750.

Antonio Ferreira Meneres, do Porto, apresentou malvasias, moscateis, velho superior, D. Pedro V, bastardo, commum e virgem, a 9$, 10$, 12$, 8$, 7$, 5$, 4$ e 8$ a duzia.

Antonio Gomes dos Santos, tambem do Porto, expôz vinhos do Douro, 1$ e 3$, 3$300, 2$600 e 12$ a duzia de garrafas.

Antonio Pedro Cardoso Junior, de Setubal, expôz moscatel de Setubal a 11$250 réis 17 litros.

Antonio Marques de Carvalho, da Chamusca, expôz vinho branco licoroso, e branco e tinto de pasto, a 150 e 80 rs. o litro.

Antonio Caetano Rodrigues & C., do Porto, expôz 56 qualidades de vinhos tintos, brancos, communs e generosos, ao preço de 90 rs. a garrafa, 100, 140, 170, 180, 280, 300, 360, 400, 120, 220, 240, 600, 720, 1$, 350, 700, 550, 500, 450, 900, 1$200, 1$500, 1$800 e 2$000.

Antonio Teixeira Cardoso, do Porto, expôz vinhos dos annos de 1878, 77, 75, 70, 63, 60 a 2$020, 2$600, 3$, 5$500, 9$800, e 12$ a duzia de garrafas.

Antonio Augusto da Silva, de Lisboa, apresenta vinhos do Porto de 1815; Duque de 1834, 1851 e 1860. — De mesa, Bastardo, Lajeirano, Malvasia, Moscatel de Setubal, por 11$, 6$800, 7$000, 4$600, 4$, 3$200, e 5$200 a duzia.

Antonio Guedes da Costa, de Amarante, expôz vinho verde de 30 a 80$000 a pipa, no Porto.

Antonio Pinto dos Santos Junior, do Porto, expôz vinhos finos e de pasto, do Douro, de 20$, 18$, 16$, 15$, 12$, 10$, 9$ e 8$ a duzia.

Albano Coutinho, de Mogofores, expôz vinhos da Bairrada de diversos annos, a 2$500, 6$, 1$ e 2$ o almude.

Augusto Pereira Brito, de Torres Novas, expôz vinhos tintos e brancos, a 250, 300, 220, 140 e 120 rs. a garrafa.

Agostinho Ornellas e Vasconcellos, da Madeira, expôz vinhos da Madeira, a 180$ a pipa de 385 litros.

Barão do Calvario, de Penafiel, apresentou vinhos de pasto, brancos e tintos, a 90 e 80 rs. o litro.

Bernardo Teixeira da Cunha Maia e Vasconcellos, de Celorico de Basto, expóz vinho verde a 3$600 a duzia de garrafas.

Bernardo Augusto Lopes & C., da freguezia da Foz, expuzeram vinhos brancos e tintos de diversos annos, a 70$, 75$, 100$ e 80$ a pipa de 500 litros.

Candido José Pereira Peixoto, do Porto, expôz vinhos do Douro e verde, a 76$, 70$, 165$ e 80$ a pipa e 4$700 e 7$100 a duzia de garrafas.

Camillo de Macedo Junior, da Regoa, expôz vinhos moscateis, brancos e tintos, a 120$, 60$ e 80$ a pipa.

Carlos Guedes de Amorim, de Santarém, expôz vinhos tintos, moscatel e bastardinho a 1$920, 6$, 2$880 a duzia de garrafas.

Candido Manoel Pereira, do Lavradio, expôz vinhos tintos, moscatel e bastardinho a 1$920, 6$ e 2$880 a duzia de garrafas.

Christiano de Carvalho, de Lisboa, expôz vinhos da Madeira, a 24$, 15$ e 12$ a duzia de garrafas.

Domingos Dias Pereira, de Carcavellos, expôz vinho tinto e branco, e Moscatel de Carcavellos, a 3$600, 5$200, 6$800, 7$600 e 8$800 a duzia de garrafas.

Eduardo Augusto dos Santos, do Porto, expoz vinho do Douro de diversas qualidades e annos a 24$, 22$800, 20$, 18$, 15$780, 13$800 e 12$ a duzia de garrafas.

F. Cabral Paes & Filho expoz vinho da Beira a 100 rs. a garrafa.

Fernando Affonso de Almeida Coutinho, de Cantanheda, expoz vinho de diversas qualidades a 1$150 e 2$ o almude.

Fialho & Irmão, do Seixal, expoz vinho do Porto a 6$ o barril de decimo.

Francisco Joaquim da Costa e Silva, de Cintra, expoz vinho de Collares, a 3$600 cada 17 litros, a 4$500 cada duzia e a 380 rs. a garrafa.

Francisco Manoel Pereira expoz vinho do Porto, a 300 rs. a garrafa.

Henrique Gomes da Silva & Comp., de Villa Nova de Gaya, expuzeram vinho do Douro a 2$400 a duzia de garrafas e a 13$ o barril de decimo.

Joaquim de Castro Silva, de Vizeu, expoz vinho do Porto a 5$500 a duzia de garrafas.

José Severino Soares, de Santarem, expoz vinho branco de diversos annos, a 300, 240 e 400 rs a garrafa.

José Lopes Guimarães, de Coimbra, expoz vinho e geropigas, a 650 e 240 rs. a garrafa.

José da Conceição Guerra, de Elvas, expoz vinho de Elvas, a 3$ a duzia e a 90 rs. a garrafa.

José de Almeida Cardoso, de Villa Nova de Gaya, expoz vinho do Douro, a 6$ a duzia de garrafas.

José Ferreira da Silva Azevedo, da Póvoa de Varzim, expoz vinho verde, a 40$ a pipa de 21 almudes.

Joaquim Monteiro Guedes de Carvalho, de Amarante, expoz vinho verde de 30 e 40$ a pipa.

José Vieira da Costa Azevedo, da Regoa, expoz vinho do Douro e virgem, a 24, 65 e 60$ a pipa.

José de Vasconcellos Carneiro e Menezes, de Marco de Canavezes, expoz vinho verde de 20 e 22$500 a pipa.

João Campello Trigueiros Martel, de Olivaes, expoz vinho do Porto de diversos annos, a 2$250 17 litros.

João Pereira Teixeira de Vasconcellos, de Amarante, expoz vinho verde, a 30$ e 50$ a pipa.

Jeronymo José Moreira, de Carcavellos, expoz vinho branco, tinto e licoroso Carcavellos, a 3$300, 2$600, 2$400, 3$100 e 3$300 a duzia de garrafas.

José Ricardo de Carvalho Figueira, de Peniche, expoz vinho branco a 280 rs. a garrafa.

José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes, de Amarante, expoz vinho verde, a 30 e 80$ a pipa de 520 litros.

José Nunes de Souza Peixoto, de Penafiel, expoz vinho de 20 e 22$ a pipa.

José Candido de Castro e Souza, de Beja, expoz vinho Ronfeiro, a 4$400 a duzia de garrafas.

José Vaz Osorio Junior, de Regoa, expoz vinho branco e tinto, a 60$ a pipa.

J. H. Hudrevek, do Porto, expoz vinho do Douro, a 9$, 7$, 6$, 4$, 3$ e 2$700 a duzia de garrafas.

José I. C. Fortes, expoz vinho branco e tinto, a 7$200 e 14$400 a duzia de garrafas.

Joaquim Ferrão de Castello Branco, de Olivares, expoz vinho de Barcellos, a 2$ o almude.

Joaquim Antonio Simões, da Figueira, expoz vinho tinto e branco de diversas qualidades e colheitas, a 110$, 105$, 103$, 95$, 90$, 88$, 85$, 80$, 78$ e 75$ a pipa.

Jeronymo Bivar, de Faro, expoz vinho de Algarve, tinto e branco, a 120, 140 e 100 rs. o litro.

Luiz Vicente Gomes de Souza, do Porto, expoz vinho do Douro, a 24$ a duzia de garrafas.

Luiz Ruivo de Figueiredo, da Mealhada, expoz vinho de Bairrada, a 100$ a pipa e a 20$ o barril de quinto.

Miguel de Souza Guedes, do Porto, expoz vinho do Douro, a 4$800, 6$, 7$200, 8$800, 9$600, 10$800, 12$, 3$600, 7$920 e 5$400 a duzia de garrafas.

Manoel Lourenço de Almeida, do Porto, expoz vinho moscatel do Douro, a 6$ a duzia de garrafas.

Manoel Borges de Magalhães, da Regoa, expoz vinho, a 9$800 cada 25 litros.

Manoel Fernandes Costa Guimarães, do Porto, expoz vinho do Douro, a 20$ o barril e 5$ a duzia de garrafas.

Manoel Antonio Francisco Cordeiro, da Regoa, expoz vinho mourisco e moscatel, a 300$ a pipa.

Manoel da Cunha Brandão, de Amarante, expoz vinho verde, a 65$ a pipa.

D. Maria Antonia da Silva Peixoto, de Penafiel, apresentou vinho verde, a 90$ a pipa.

Pedro Petropolitano Rodrigues Leitão, da ilha da Madeira, expoz vinho da Madeira, a 290, 360 e 480 rs. o litro.

Rebello Valente Allen, do Porto, expoz vinho do Porto, de 1812, 1815, 1827, 1830, 1834, 1847 e 1851, Moscatel, Douro clarete, Douro Hock, mesa claro, mesa secco, a 3$, 2$, 1$500, 800, 600, 900 rs. a garrafa e 25$ o barril de decimo.

Ricardo Julio Ferraz, de Lisboa, apresentou vinho de Bucellas, Carcavellos, imitação Jerez, de Madeira, a 4$500, 5$500 e 6$500 os 17 litros.

Rawes & Comp., do Porto, expoz vinho do Douro, a 3$400, 3$600, 4$, 4$400, 4$800, 5$200, 6$, 6$300, 6$700, 9$, 3$500, 4$200, 4$600, 8$100 e 5$400 a duzia de garrafas.

Roberto Antonio dos Santos, da Madeira, expoz vinho da Madeira, a 9$600, 5$400, 5$, 4$500 a duzia de garrafas,

Sabino José Mattos dos Anjos Galvão, de Mafra, expoz vinho Moscatel, a 4$200 a duzia de garrafas.

Por esta rapida e no emtanto minuciosa resenha podem os apreciadores avaliar o que foi a exposição de vinhos portuguezes no Rio do Janeiro, e não será difficil prever a sua natural acceitação em nosso mercado, onde tanto abundam os vinhos falsificados, e por preços exorbitantes em relação ao custo dos vinhos generosos e genuinos que foram aqui apresentados, e até apreciados por grande numero de consumidores.

CONCLUSÃO

Não é só os objectos que temos mencionado em nossos artigos precedentes, e cujos ramos especiaes de trabalho designaram os grandes e imponentes salões que acabamos de percorrer, que resumem toda a bella e utilissima variedade dos productos da industria nacional portugueza, que tanto admiraram os numerosos frequentadores do elegante edificio da rua da Guarda Velha.

Em outras muitas manifestações de actividade productiva, dignas todas de apreço e até algumas de merecida admiração, se mostrou digna de hombrear com os mais adeantados artefactos da civilisação moderna a vigorosa energia da ainda limitada, porém já aperfeiçoadissima industria de Portugal.

Quando tractámos da riqueza, diversidade e abundancia de seus vinhos expostos em um compartimento especial e vasto do edificio da Exposição, deixámos de tractar dos licores e aguardentes alli exhibidos, que tanto pelo preparo, como pelo gosto e exquisitos aromas, se mostraram na altura de competir com os productos mais agradaveis e bem manipulados d'este genero, precedentes dos paizes onde esta especialidade de bebidas alcoolicas tem conquistado indisputavel e reconhecido apreço.

No mesmo caso estão as variadas amostras de azeites portuguezes, distinguindo-se em geral pelo seu agradavel sabor e pelos processos da clarificação, que lhes dão notavel transparencia e fluidez.

Este ramo de industria não é novo em Portugal, e é bem conhecido nos mercados brazileiros.

Os doces e a confeitaria estavam representados por especimens dignos de sustentar a concurrencia com o que d'este genero nos vem de mais perfeito e appetitoso da França. Não só os doces crystalisados, como os de calda, e ainda a numerosa colleção de biscoitos contida em elegantes envolucros, convidavam a fazer-lhes as merecidas honras, e é bem de suppor que algumas das qualidades d'estes gostosos productos encontrassem facil e prompto consumo em nosso mercado, onde costumam ser tão apreciadas todas as producções assucarinas.

Os cereaes, os legumes, e as farinhas, assim como as massas e os queijos, estavam no mesmo caso, e póde affoitamente dizer-se que os portuguezes capricham em dar aos productos de suas industrias esse cunho de aperfeiçoamento que indica conhecimentos especiaes em todas as ordens de trabalho.

As massas são em geral bem preparadas. E' pena que os queijos, tão bem manipulados em Portugal, não estivessem expostos em maior abundancia, para dar idéa mais approximada das qualidades e da especialidade d'este producto, que tão largo consumo emcontra no reino, e não deixaria de ser menos apreciada no estrangeiro.

Todos estes productos se achavam expostos no grande salão dos vinhos, onde naturalmente se colleccionaram todos os que tinham mais ou menos referencia aos variados ramos da industria agricola.

Nessa mesma sala se achavam tambem as conservas de peixe, aves, legumes, tão bem acondicionadas e bem preparadas, como as que nos véem de outras procedencias.

Só esta parte da Exposição mereceria um artigo especial, se não nos escaceasse inteiramente o espaço e o tempo.

As bellas-artes, apezar de alguns trabalhos importantes exhibidos no grande salão contiguo ao da ourivesaria, não nos parece que se acharam no emtanto representadas de modo a poder fazer-se juizo seguro do adeantamento de Portugal neste genero recreativo de estudo.

A pintura em Portugal tem sido honrada por grandes mestres, e algumas das telas apresentadas neste certamen

industrial mostram que o espirito artistico ainda não arrefeceu nos discipulos do Grão-Vasco.

Algumas bellas paisagens, retratos e costumes, assim como alguns bonitos quadros de phantasia, foram devidamente apreciados, mas conhece-se que esta parte da Exposição não foi preparada com tanto esmero, como a parte propriamente industrial onde os productos se achavam escolhidos e perfeitamente classificados.

A estatuaria offerecia alguns trabalhos dignos de muita attenção. O busto de José Estevam, modelado em marmore de Carrara, e de que já houve occasião de fallar em artigo especial, dando d'elle o desenho aos leitores da Revista, é uma obra verdadeiramente primorosa. No mesmo caso está o *menino tocando tambor*, de que tambem já demos a lithographia, e bem assim a pequena estatua representando D. Pedro V, alguns outros especimens, que, se não revelam grandes traços de originalidade, pelo menos são de uma correção e de um acabado perfeitos.

Entre as gravuras, notavam-se tambem alguns desenhos muito perfeitos, e entre elles, se nos não enganamos, um magnifico retrato do grande historiador, romancista e philosopho A. Herculano, notavel pela grande semelhança.

A colleção de photographias não é menos interessante. Representa pela maior parte os velhos monumentos da architectura portugueza, e ahi nos é dado admirar, não só a fachada, como os arrendados artisticos e maravilhosos do Convento da Batalha e do Mosteiro de Belem, muitos outros edificios importantes, e algumas paizagens e sitios pittorescos, de entre os quaes naturalmente se destaca o alteroso ninho de aguias no palacio da Peninha, no meio da esplendida natureza que forma a caprichosa montanha de Cintra.

Entre estas photographias muitas reproduzem a originalidade dos costumes nacionaes, retratos, e finalmente uma das que achamos mais perfeitas reproduzindo o quadro a oleo do Sr. Metrass, Camões na gruta de Macau, cujo quadro pertence a S. M. El-rei D. Fernando.

Passando da região amena das bellas-artes a outras mais positivas, senão menos uteis, não devemos esquecer os especimens de ferragens e cutilaria, que se encontravam em diversas salas da Exposição e especialmente na que

ficava contigua á porta de sahida, e que se tornavam dignos de apreço pelo esmero, perfeição e gosto com que eram acabados.

A exposição dos objectos de cordoaria foi perfeita e completa. Alli se achavam elevadas pyramides formadas na base pelos mais grossos cabos e diminuindo progressivamente de volume até rematar em finissimos e delicados barbantes. A estopa e o linho que serviam de materia prima a estes artefactos é entrançado com a maxima perfeição, proporcional á sua força de resistencia.

Segundo ouvimos de alguns entendidos que se achavam comnosco admirando estes preciosos artefactos, é corrente que os cabos de grande calibre manufacturados em Portugal são os melhores que se conhecem para uso dos navios e nas amarrações fortes e duradouros.

Ainda na sala dos vinhos tivemos occasião de apreciar algumas mobilias e objectos de cortiça, qne se recommendam pela utilidade, bom gosto e variedades de fórma.

A colleção de marmores portuguezes que se achava na Exposição é tambem digna de attenção, e o mesmo se póde dizer das argilas e bitumes que alli se encontravam, e mostram a riqueza do solo e a abundancia dos productos naturaes d'aquelle abençoado paiz.

Muitos são os productos da pharmacia portugueza que se recommendam pelas suas qualidades especiaes e pela excellente manipulação.

Sobre este assumpto limitamo-nos a transcrever as curiosas e interessantes notas que se seguem :

« E' a secção de productos pharmaceuticos uma d'aquellas a que concorreram menor numero de expositores ; e, dizendo isto, dóe-nos não vermos alli em concurrencia os nomes de José Tedeschi, Joaquim José Alves, Albano Abilio Andrade, Candido Joaquim Xavier Cordeiro e Agostinho da Silva Vieira. Se elles houvessem concorrido, o que não patentearia esta secção !

« Assim temos de limitar a nossa analyse aos productos expostos pelo Sr. Magalhães, pharmaceutico estabelecido na rua do Principe Real em Lisboa. Vendo os productos d'este senhor fica-se deslumbrado, sem que os orgãos da visão fiquem aptos para verem mais cousa alguma !

« O seu xarope de lactucario é mais bem preparado do que o de Aubergier ; o xarope de seiva de pinheiro é superior áquelle que nos fornece Lagasse ; o seu oleo de figados de bacalhau com iodureto de ferro ; as pilulas de iodureto de ferro e manganez ; os granulos de digitalina, os granulos de arseniato de ferro e os granulos de arseniato de strychinino e todos os seus preparados são de uma perfeição tão esmerada que elles só bastam para erguer bem alto o nome da pharmacia portugueza.

« Apraz-me dar-lhe aqui este testimunho de admiração, sentindo não o conhecer. Duas casas de Lisbôa expõem um producto a que chamam mercurio doce. Esta denominação pertence aos calomelanos e eu apresentarei esta substancia debaixo do nome de mercurio precipitado branco, visto ser esta a substancia que encerram as caixinhas de madeira. Entre o producto de um e de outro expositor nada ha de novo a mencionar, visto serem estes productos ja muito conhecidos nos mercados do Brazil.

« A direcção das Matas do Reino mandou-nos alguns productos realmente soberbos. Sem fallar das resinas, nossa admiração estacou em presença da sua terebinthina que classificaremos tão bôa como a do Canadá, de Méca, de Venesa, de Strasburgo, de Chio e a de Bordeaux.

« Quanto d'essa terebinthina se não venderá por ahi com o pomposo nome de balsamos de Méca e do Canadá ? E tão superior é ella que qualquer se veria embaraçado em distinguil-a á primeira vista, quando qualquer mercador ousasse, por má fé e ganancia, confundil-a. »

Outro ramo de industria que muito se tem aperfeiçoado em Portugal é o que consiste no fabrico de objectos de ferro.

Neste genero acbavam-se expostas camas magnificas, lavatorios e seus pertences, tudo de muito gosto, assim como bellos *stores*, proprios para janellas, e que podiam ser muito aproveitados, não só pela sua utilidade, como pelo seu baixo preço, em um paiz quente como o Brazil, em que é preciso evitar a intensidade directa dos raios solares, não só temperando agradavelmente a luz, como proporcionando sombra amena e refrigerante no interior das habitações.

A nação portugueza, sejam quaes forem as difficuldades financeiras com que lucta, e a carregada prespectiva com

que se lhe apresentam certos problemas sociaes e politicos, que hoje affligem mais ou menos a todas as nações, tem em si um grande elemento de prosperidade; e este elemento consiste no aperfeiçoamento progressivo e no augmento natural de sua producção. Não é com impostos que se estabelece o equilibrio dos orçamentos, mas sim com os esforços do trabalho, unica fonte de riqueza.

Terminaremos este nosso escripto, reproduzindo as palavras com que em seu retrospecto politico do anno de 1879 o *Jornal do Commercio* desta côrte aprecia o movimento progressivo de Portugal.

Esta opinião de um jornalista imparcial honra a energia de um povo que procura pelo trabalho readquirir as suas antigas glorias.

« Em todas as exposições anteriores, Portugal obtinha infallivelmente recompensas para os seus vinhos do Porto e da Madeira e para o seu Museu Colonial, onde estavam reunidas todas as riquezas das suas vastas colonias. Taes recompensas lisongeavam mais Portugal do que os Portuguezes. Na ultima exposição universal de Paris, porém, a physionomia da secção portugueza era já outra, e se os productos d'este paiz não causaram sensação nos visitantes, attrahiram a attenção dos homens da sciencia, para quem os progressos scientificos de Portugal foram uma verdadeira revelação.

« Foi assim que, na distribuição final das recompensas, Portugal obteve a grande medalha de honra pelos seus telegraphos electricos, deixando em segundo lugar a propria França e a Allemanha. Egual recompensa alcançou pelos notaveis trabalhos da Commissão Geodesica e por outras secções scientifico-industriaes, sendo a proporção das recompensas em relação ao numero dos expositores, e ainda da população do paiz, uma das mais honrosas.

« Portugal não tem deixado ultimamente de fazer-se representar nos congressos europeus, e em todas essas reuniões os seus representantes teem desempenhado papel conspicuo.

« Na exposição de productos portuguezes, que se realizou o anno passado nesta capital, Portugal mostrou que tinha feito notaveis progressos em varias industrias, tendo já conseguido, senão abastecer os mercados estrangeiros, pelo menos supprir as suas proprias necessidades A industria de teci-

dos está muito adeantada; em outros ramos industriaes, como material typographico, cordoaria, luvas, Portugal mostrou que póde luctar com os paizes mais adeantados.

« Ainda tem filhos, como Serpa Pinto, que fazem lembrar aquelle antigo genio das descobertas e conquistas, e que, de volta da sua viagem de exploração na Africa, mereceu da França uma distincção honorifica que não costuma baratear. »

E aqui terminamos o nosso humilde trabalho em relação á Exposição Industrial Portugueza no Rio de Janeiro.

E. Z.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

NO

RIO DE JANEIRO

EM 1879

Mappa do numero de expositores e das recompensas votadas pelos jurys

	Nº DE EXPOSITORES	MEDALHAS DE HONRA	MEDALHAS DE OURO	MEDALHAS DE PRATA	MENÇÕES HONROSAS	TOTAL DAS RECOMPENSAS
1º grupo—Obras de arte, educação e ensino, material e processo das artes liberaes.....	94	4	10	15	16	45
2º » —Mobilia e accessorios.....	37	3	8	11	12	34
3º » —Tecidos, vestuario e accessorios.	84	3	18	25	28	74
4º » —Industrias extractivas, productos brutos e fabricados.....	75	2	10	21	17	50
5º » —Utensilios e processos das industrias mechanicas.....	26	3	6	6	5	20
6º » —Productos alimentares.....	172	4	34	44	52	134
	488	19	86	122	130	357

M.

Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro

(*Continuado de pag.* 128.)

4.ª PHASE. — CHEGADA DA COMMISSÃO DIRECTORA E DOS PRODUCTOS INDUSTRIAES. INSTALLAÇÃO D'ESTES E PREPARATIVOS PARA A INAUGURAÇÃO.

Emquanto o *Maria Pia* navegava directamente para o Rio de Janeiro, conduzindo os productos industriaes, zelosamente acompanhados, como dissemos, pelo Sr. Marcellino Barbosa, o *Tamar*, em que vinham os demais representantes da Companhia Fomentadora, ia fazendo a sua derrota por alguns dos portos do norte do Brazil.

Em Pernambuco, a colonia portugueza alli residente, sempre disposta a honrar as cousas da patria, vendo na tentamen da Companhia Fomentadora um serio elemento de progresso e uma fonte de proveitos para o nosso paiz, decidiu manifestar a sua franca adhesão ao util emprehendimento.

Por iniciativa do Sr. Miguel José Alves, antigo negociante no Recife e consul honorario de Portugal, os corpos deliberativos e gerentes das quatro associações portuguezas estabelecidas naquella cidade resolveram que se obsequiassem da maneira possivel os directores da Exposição, e que, convocando-se todos os portuguezes alli moradores para uma reunião, se deliberasse, sobre mais larga representação e com toda a amplitude, qual o modo practico de effectuar uma manifestação honrosa á idéa progressista da Companhia.

Em numerosa assembléa a resolução adoptada foi eleger

uma Commissão de trez membros para vir representar a colonia nas festas da Exposição. (1)

A 1 de Junho chegou ao Rio de Janeiro o vapor *Maria Pia*, e no dia seguinte o paquete *Tamar*: noticiando a sua chegada, a imprensa fluminense saudou em termos lisongeiros os Directores da Exposição.

Começaram sem demora a descarga e transporte dos volumes para o palacio da Typographia Nacional, e consecutivamente os aprestos da installação.

A Commissão Directora, para evitar grandes delongas, tivera a previdencia de trazer promptas vitrinas e armações adequadas para a conveniente exposição dos objectos, e este acertado expediente muito contribuiu para approximar o dia da inauguração.

Veiu egualmente para a direcção dos trabalhos de carpinteria um habil official, o Sr. João Martinho da Silva, já experimentado em identicos serviços na secção portugueza das exposições de Vienna e de Paris.

Da parte da Alfandega achou a Commissão todas as facilidades compativeis com os interesses do fisco, cumpridas assim as ordens terminantes do Governo Imperial no intuito de favorecer por todos modos o elevado commettimento da Companhia Fomentadora.

Dá d'isto testimunho o agradecimento que o Sr. Director Geral da Exposição endereçou ao Sr. Inspector d'essa repartição no officio transcripto em seguida:

« Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1879.

« Illm. e Exm. Sr. — A Direcção da Exposição Portugueza não póde, sem faltar ao que deve a si e á Companhia que representa, demorar a manifestação sincera do seu profundo agradecimento pelo cavalheiroso e benevolo accolhimento que V. Ex. se tem dignado dispensar-lhe.

« Conciliando na sua elevada intelligencia o cumprimento dos seus deveres de funccionario com a mais bizarra affabilidade, V. Ex. tem prestado á nossa idéa, certamente pela estima que lhe merecem a justiça d'ella e os progressos do

---

(1) A estas claras demonstrações de sympathia e applauso se refere um trecho do discurso inaugural do Sr. Luciano Cordeiro. V. *Revista* pag. 33.

nosso paiz, serviços pelos quaes a Companhia e a Direcção da Exposição Portugueza se confessam muito gratas, e que terei o gosto e a honra de levar brevemente ao conhecimento do Governo de Sua Magestade Fidelissima, como é de minha obrigação.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. L. A. Fernandes da Cunha, dignissimo Inspector da Alfandega do Rio de Janeiro.

« O Director Geral—*Luciano Cordeiro*. »

Ao Governo Imperial se confessou tambem desde logo extremamente reconhecido por este e por todos os favores concedidos á meritoria empreza, segundo se vê do officio seguinte :

« Illm. e Exm. Sr.—Chegando a esta capital para exercer as funcções de Director Geral da Exposição Portugueza, um dos primeiros e dos mais agradaveis deveres que tenho a cumprir é certamente reiterar a V. Ex. os protestos de profundo agradecimento, pelo generoso patrocinio e valiosissimo auxilio que o Governo Imperial, a que V. Ex. dignamente preside, se tem dignado dispensar á idéa que vai brevemente receber a sua definitiva realisação.

« Idéa que pretende servir as velhas e boas relações entre os dois povos irmãos, não poderia certamente deixar de encontrar no Governo Imperial o sympathico accolhimento que por parte de V. Ex. e dos seus distinctos collegas se tem traduzido em taes extremos de cavalheirosa amabilidade e favor.

« Comtudo não nos poderemos considerar dispensados de protestar publicamente e perante o Governo de Sua Magestade Fidelissima a nossa gratidão, o que terei occasião de fazer, se V. Ex. m'o permittir.

« Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1879.

« Deus guarde a V. Ex.

«Illm. e Exm. Sr. Senador Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e Obras Publicas, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú.

« O Director Geral—*Luciano Cordeiro*. »

A este officio respondeu o Sr. Presidente do Conselho nos seguintes termos :

« *Ministerio dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.—Directoria central—1.ª secção—n.º* 150.

« Tenho a satisfacção de accusar recebido o officio que V. S.ª, na qualidade de Director Geral da Exposição Portugueza, se serviu de me dirigir em data de 11 do corrente mez. Assegurando a V. S.ª que o Governo Imperial estimará poder prestar todos os auxilios conducentes á realisação do pensamento de que é V. S.ª mui digno interprete, e que se destina a estreitar ainda mais os laços que vinculam Portugal ao Brazil, aproveito com vivo prazer o ensejo para agradecer a V. S.ª as expressões de esmerada cortezia com que se refere aos meus illustres collegas e a mim, e para lhe offerecer as seguranças do meu elevado apreço e distincta consideração.

« Deus guarde a V. S.ª

« Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1879. —*João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú.*»

O digno Administrador da Typographia Nacional, o Sr. Antonio Nunes Galvão, mostrou não menos decidido empenho em coadjuvar a Commissão Directora, que nelle achou sempre a melhor vontade, a mais obsequiadora condescendencia.

Não faltaram tambem á Commissão offerecimentos de serviços gratuitos—de despachantes, para despachar na alfandega os productos ; de trapicheiros, para os armazenar ; de emprezarios de transportes, para os conduzir ao palacio ; de leiloeiros, para os vender em hasta publica no fim da Exposição, como já mencionamos nesta *Revista*. (1)

O Sr. Joaquim José Rodrigues Machado franqueou o salão da Guarda Velha, no qual se dispoz a secção da agricultura que, apezar da vastidão da parte cedida, (2) não

---

(1) Pag. 139.

(2) Media uma superficie de 1659, 30 metros quadrados.

coube na Typographia Nacional; o Sr. João Francisco Soares, vereador da Camara Municipal e proprietario da serraria a vapor da rua do Passeio, offertou toda a madeira apparelhada ou por apparelhar que fosse necessaria.

Depois de descarregados e conduzidos para a Typographia Nacional os milhares de volumes em que vieram acondicionados os productos, armadas as vitrinas e mostradores, a collocação e arranjo dos objectos foi-se fazendo tão rapidamente quanto o permittiram as exigencias de uma boa disposição, que á elegancia do aspecto reunisse a facilidade do exame.

Foi esse intento conseguido ampla e satisfactoriamente: a perspectiva dos salões era em todos excellente, em alguns graciosa e artistica, e em outros até deslumbrante.

Alem dos membros da Commissão Directora e do Sr. Jeronymo Ferreira da Silva, este particularmente, já pelo seu gosto artistico, já pela practica alcançada nas grandes exposições universaes, muito cooperaram para o effeito obtido o Sr. Francisco Maria Cordeiro de Sousa, na disposição dos quadros e estatuas; o Sr. João dos Prazeres Fonseca, na collocação das procellanas e crystaes; os Srs. José Maria dos Santos Carneiro Junior, José Moreira Freire, José Ribeiro e Arthur Adelino Dias, na perfeita exhibição dos tecidos de algodão, de linho, lan e seda; e os srs. Adelino Ferreira Balthar e J. V. de Paiva filho na symmetrica arrumação dos vinhos e productos alimentares, a qual dava ao salão um aspecto caracteristico.

A Direcção, determinando indicar as principaes salas com um nome historico e significativo, adoptou as seguintes designações:—Sala do *Infante D. Henrique*, a que alojava a cordoalha, poleame objectos de viagem; de *Luis de Camões*, a destinada a livros, papel, gravura e arte typographica; de *Marcos Portugal*, a que continha os instrumentos de musica; de *Mousinho da Silveira*, a que recebeu os tecidos de algodão, linho e lan; do *Marquez de Pombal*, a que ostentava os primorosos, estofos de seda; de *D. Manuel* aquella em que luziam os crystaes e porcellanas; de *D. Pedro V*, a em que se expuzeram os variados móveis; dos *Braganças*, a que hospedou as bellas-artes; de *D. João V*, onde pompeavam as tentadoras joias; e finalmente com o honroso nome de *D. Diniz* foi decorado o vasto salão dos productos agricolas.

Ornavam as differentes salas e compartimentos do palacio os escudos de armas das capitaes dos districtos do reino e suas possessões, os brasões das dynastias que teem reinado em Portugal, e os das casas reaes de Napoles e de Saboya, delicada attenção ás augustas Consortes dos Monarchas brazileiro e portuguez. (1)

O gaz foi canalisado com extrema profusão em todas os pontos do palacio, e pelo lado externo havia numerosos globos para illuminar a extensa frontaria do edificio.

Emfim, depois de tudo convenientemente preparado, a Commissão Directora foi solicitar de SS. MM. II. a honra da sua presença na solemnidade da inauguração; e o Imperador, deferindo a rogativa, dignou-se marcar o dia 6 de Agosto para essa festa.

Foram convidados os membros do ministerio, as mesas do parlamento, o corpo diplomatico e consular, os jornalistas, e grande numero de pessoas gradas de diversas classes de sociedade, mormente do commercio, como era natural.

Pequena como é a sala qne foi destinada para essa festividade (a das bellas-artes, unica desoccupada de vitrinas), a Commissão viu-se obrigada a restringir o numero de convidados para não occasionar uma agglomeração incommoda e desordenada.

Esta resolução, alias indispensável, sob pena de incorrer em justas censuras procedimento contrario, levantou muitos queixumes, e foi causa primaria da grande messe de dissabores que em recompensa de um trabalho insano colheram os delegados da Companhia.

Toda a gente se julgou com direito a convite, e ninguem quiz atteuder á imperiosa circumstancia que forçava a limital-os a um numero extremamente circumscripto.

Razoavelmente, imparcialmente este facto não devia suscitar a celeuma que se deu. Era uma minuscula contrariedade pessoal a olvidar ante o maximo interesse da patria.

(1) V. pag, 108 da *Revista*.

5.ª PHASE. —ABERTURA DA EXPOSIÇÃO E SUA PERMANENCIA.—OPINIÃO DA IMPRENSA E DOS VISITANTES.—FREQUENCIA.—JULGAMENTO DOS JURYS.

No dia designado por S. M. Imperador, a 6 de Agosto de 1879, o palacio da Exposição, empavesado de bandeiras brazileiras e portuguezas, abria o seu grande portão de ferro pelas 10 horas da manhan.

Por cima d'este, na sacada central, lia-se em grandes caracteres:

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

FRATERNIZAÇÃO PELO TRABALHO.

Flôres, palmeiras e outras plantas tropicaes davam uma sensação de frescura ao vestibulo, onde a Commissão Directora, em trajos de gala, recebia os convidados, vestidos de egual sorte, e chegados em carruagens.

No tôpo do primeiro lanço da escada que conduz ao pavimento superior do edificio, tres epigraphes, hauridas no farto manancial de dois grandes poetas nossos, como que saudavam os visitantes no seu ingresso e solicitavam o seu applauso.

Eram estas:

Dae vós favor ao novo atrevimento.

CAMÕES, *Lusiadas*. (1)

Que alegria não póde ser tammanha
Que achar gente vizinha em terra extranha.

CAMÕES, *Lusiadas*. (2)

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.

A. FERREIRA (3)

---

(1) Canto I, est. XVIII.

(2) Canto VII, est. XXVII.

(3) *Poemas Lusitanos*, pg. 43 do t. I. da 2.ª ed. (1771.)

Na sala dos *Braganças* (a das bellas artes), onde se devia celebrar a ceremonia da inauguração, e unica franqueada aos convidados, havia logares reservados sómente para SS. MM. II. e para os membros do ministerio. A estes foram destinados grandes espaldares de estylo antigo ; e aos augustos Imperantes cadeiras de braços collocadas em cima de pequeno estrado, e sob um docel de damasco carmezim.

Bandas de musica, tocando alternadamente, enchiam de ondas sonoras o recinto do palacio.

Postada juncto ao edificio, uma força de linha fazia a guarda de honra.

O povo, agglomerado em frente e nas vizinhanças, consagrava com a sua presença esta formosa festa do trabalho.

Cêrca das 11 horas, os sons festivos do hymno brazileiro, tocado pela banda da guarda de honra, e repetido successivamente pelas musicas estacionadas em differentes pontos do palacio, annunciaram a chegada de SS. MM., que, acompanhados de seus semanarios, foram recebidos na entrada pelos Srs. Presidente do Conselho, Ministros da Fazenda, do Imperio e dos Extrangeiros, e pelo Director Geral da Exposição, o Sr. Luciano Cordeiro, e delegados da Companhia Fomentadora, os Srs. Marcellino Barbosa, Caetano de Carvalho e Alvaro Geraldes, e pelo representante da colonia portugueza em Pernambuco, o Sr. Verissimo Chaves.

Dirigindo-se á sala dos *Braganças*, já então completamente cheia de senhoras e de cavalheiros pertencentes ao corpo diplomatico, consular, commercial e jornalistico, SS. MM. tomaram assento, bem como os convidados; e, feito o silencio e obtida a venia imperial, o Sr. Luciano Cordeiro leu com vibrante entoação o eloquente discurso inaugural publicado a pag. 32 d'esta *Revista*.

Concluida a leitura do discurso, ouvido com geral aprasimento, S. M. o Imperador, acompanhado pelo Sr. Luciano Cordeiro, e S. M. a Imperatriz, pelo Sr. Verissimo Chaves, fizeram a visita das diversas salas; e d'est'arte ficou inaugurada á Exposição.

Os augustos visitantes detiveram-se consideravel tempo, e grande numero de objectos lhes mereceu especial attenção, mostrando-se agradavelmente surprendidos ante a perfeição de muitos artefactos.

Ao retirar-se, S. M. o Imperador dignou-se manifestar a sua satisfacção, e prometteu repetir as suas visitas; o que fez, pois, reconhecendo que em uma só não se podia avaliar tammanha copia de productos, cinco vezes mais voltou á Exposição, demorando-se sempre algumas horas no exame dos objectos, inquirindo das condições de producção, do numero de operarios e seus salarios, das machinas adoptadas, dos processos usados, das materias empregadas, dos preços de venda, etc., mostrando enfim um interesse vivissimo, em flagrande contraste com a incuriosa indifferença ostentada por tantos dos nossos compatriotas que alli não foram, ou foram só de fugida.

A imprensa fluminense foi unisona nos applausos com que saudou o brilhante certamen da industria portugueza, e os principaes jornaes consagraram extensas columnas á apreciação dos objectos expostos, tecendo aos nossos industriaes justos e insuspeitos laureis, e levando ao espirito dos leitores a convicção de que muitas manufacturas do reino podem competir galharda e vantajosamente com as similares dos povos mais adeantados.

Identica opinião foi a dos numerosos extrangeiros que frequentaram a Exposição, os quaes nem sequer suspeitavam que existissem em Portugal alguns dos ramos de industria exhibidos, e muito menos que houvessem attingido o grau de perfeição a que chegaram.

Suppunha-se aqui geralmente que em materia de industria não iamos além dos chapeus de Braga, dos tamancos grossos e palitos lixados!

E esta supposição até aos nossos se estendia; e quem sabe se d'ahi não proveiu em parte a pequena frequencia da Exposição?

Como quer que seja, esta foi realmente muito menor do que era razoavel esperar do nosso alardeado patriotismo; e, quaesquer que fossem as causas, sempre nos parecerá acto desprimoroso este abandono em que deixaram a lusida arena onde se pelejavam altos interesses portuguezes.

Nem a todos os nossos compatriotas—justiça é confessar—pegou todavia a lepra do indifferentismo, symptoma funesto de decadencia das sociedades em que se produza: honrosas, posto que muito raras excepções cumpre aqui assignalar, só sentindo que, em vez de casos isolados de dedi-

cação, não tenhamos de os referir da generalidade dos portuguezes residentes n'esta capital.

Uma d'essas excepções, e certamente a mais notavel, foi o acto patriotico do Sr. Antonio de Oliveira Leite Leal, abrindo desinteressadamente avultado credito, em um dos bancos d'esta praça, a favor da Commissão Directora para que ella tivesse desde logo dinheiro ao seu dispôr, afim de occorrer ás grandes despezas que a Exposição demandava, não só com a sua installação, como as occasionadas por numeroso pessoal de guardas e escripturarios, pela illuminação despendiosa dos salões, pelas musicas para attrahir concurrencia, pelas publicações amiudadas, etc. etc.; o que tudo montava em cada semana a consideravel quantia.

O Sr. Manuel José Monteiro Braga, negociante muito relacionado nas praças portuguezas, prestou auxilios da mesma natureza, se bem que em menor escala, bastante valiosos comtudo.

Do Sr. J. J. Rodrigues Machado recebeu a Commissão favores de especie diversa, mas que, computados em dinheiro, attingiriam a somma importante. Cedeu gratuitamente o grande salão em que estiveram expostos os productos agricolas, e pagou do seu bolso toda a despeza do gaz alli consumido. Encerrada a Exposição, emprestou por tempo indeterminado outro salão para escriptorio e arrecadação das armações e resto de objectos não vendidos.

Outros serviços de menor tômo ficaram anteriormente mencionados; e são estas as excepções que chegaram ao nosso conhecimento, folgando de que a sua publicidade seja um tal ou qual galardão d'estes actos de zêlo patriotico.

Alguns dias depois de aberta a Exposição o Sr. Director Geral dirigiu aos expositores a seguinte circular que é digna de ser archivada pelas uteis idéas que aventa:

« Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1879.

« Exm.° Sr. — Por extraordinaria accumulação de serviço não tenho podido ha mais tempo informar V. Ex. de que a Exposição Portugueza, á qual V. Ex. concorreu com os productos da sua industria, foi inaugurada no dia 6 do corrente pelas 11 horas da manhan, tendo-se dignado presidir a ella SS. MM. Imperiaes e assistindo a maioria do Gabinete brazileiro, a Camara Municipal do Rio, Ministro

e Consul Geral de Portugal, varios senadores, deputados, muitos representantes diplomaticos, consulares, a imprensa fluminense, etc.

« Como V. Ex. terá visto pelos diversos periodicos que dão conta do facto, a impressão suggerida pela Exposição Portugueza foi geralmente favoravel, assumindo o caracter de uma verdadeira surpreza perante a larga e varia exhibição de productos das artes e industrias nacionaes, muitos dos quaes rivalisam vantajosamente com os melhores de procedencia estrangeira que este mercado conhece.

« Quem directamenta verifica o deploravel desconhecimento que ha no Brazil dos esforços e progressos industriaes do nosso paiz, quem presenceia como ao abrigo d'esta ignorancia quasi geral, alimentada por suggestões interesseiras e hostis ao nosso commercio, as industrias extrangeiras invadem crescentemente este mercado com productos que nós melhor lhe poderiamos fornecer, é que póde bem julgar do serviço eminente que fizeram á patria os expositores que se dignaram corresponder ao nosso appello.

« D'aquelle mal é principalmente do nosso paiz ou dos nossos governos a culpa, pois que, á parte a elevação muitas vezes exaggerada das tarifas aduaneiras do Imperio, *circumstancia que um tractado de commercio*, prudente e lealmente negociado por competencia provada, *facilmente poderia corrigir* com mutuo interesse para os dois paizes, Portugal encontra grandes e excepcionaes facilidades para collocação dos seus productos e para o exito dos esforços progressistas das suas industrias.

« Outro problema capital que se offerece ás nossas relações commerciaes com o Brazil é o da garantia das marcas de fabrica. Este problema presta-se hoje felizmente a uma facil resolução, pois que o Governo Imperial se acha auctorisado a negociar, sob a base justa da reciprocidade, a concessão d'aquella garantia.

« Depende, pois, de Portugal, até certo ponto, fazer terminar a escandalosa concurrencia que os falsificadores fazem aqui aos nossos fabricantes e commerciantes honestos, e é realmente para sentir que esta importante questão não tenha conseguido impor-se aos cuidados e á iniciativa dos governos.

« Informarei egualmente a V. Ex. que S. M. o Imperador, como o seu esclarecido Governo, accolheram e continuam honrando a Exposição Portugueza com o mais affectuoso patrocinio e particular solicitude.

« A Exposição acha-se alojada em varias salas do Palacio da Typographia Nacional, generosamente concedido pelo Governo Brazileiro, e n'um vasto salão que o nosso honrado compatriota o Sr. Joaquim José Rodrigues Machado nos offereceu no seu estabelecimento da Guarda Velha.

« Occupa a Exposição uma area de 2,438 metros.

« A distribuição dos productos é a seguinte:

« PRIMEIRO GRUPO.— OBRAS DE ARTE E EDUCAÇÃO, ENSINO, MATERIAL E PROCESSOS DAS ARTES LIBERAES.

« Classe 1.ª—*Desenho e Pintura.*— 2.ª *Esculptura*—3.ª *Gravura.*—4.ª *Photographia.*—5.ª *Typographia e Lithographia.*—6.ª *Bibliographia.*—7.ª *Papelaria, livros do commercio e encadernações.*—8.ª *Varia.*

« SEGUNDO GRUPO.—MOBILIA E ACCESSORIOS.

« Classe 1.ª—*Mobilia.*—2.ª *Tapeçaria.*— 3.ª *Ourivesaria.*—4.ª *Vidraria.*—5.ª *Ceramicas.*

« TERCEIRO GRUPO.—TECIDOS, VESTUARIOS E ACCESSORIOS.

« Classe 1.ª *Fios e tecidos, vestuarios, etc.*—2.ª *Tulles e bordados.*—3.ª *Chapeus, guarda-sóes e luvas.*—4.ª *Calçado.*—5.ª *Passamaneria.*—6.ª *Varia.*

« QUARTO GRUPO.— INDUSTRIAS EXTRACTIVAS, PRODUCTOS BRUTOS E FABRICADOS.

« Classe 1.ª— *Productos animaes, brutos e fabricados.*—2.ª *Productos chimicos e pharmaceuticos.*—3.ª *Aguas mine-*

raes.—4.ª *Productos mineraes e florestaes.*—5.ª *Ferragens e cutelaria.*—6.ª *Objectos de viagem.*—7.ª *Varia.*

« QUINTO GRUPO.—UTENSILIOS E PROCESSOS DAS INDUSTRIAS MECHANICAS.

« Classe 1.ª—*Material e processos das officinas agricolas e alimentares.*—2.ª *Material de construcção e engenharia.*—3.ª *Cordoaria.*

« SEXTO GRUPO.—PRODUCTOS ALIMENTARES.

« Classe 1.ª—*Vinhos.*—2.ª *Licores e aguardente.*—3.ª *Azeite, etc.*—4.ª *Vinagre.*—5.ª *Conservas e geléas.*—6.ª *Doçaria e confeitaria.*—7.ª *Milho, trigo, feijão, etc.*—8.ª *Farinhas, massas, queijos, etc.*

« Poucos foram os objectos deteriorados no transporte d'elles para o Rio e na sua installação. E se foram enormes os trabalhos, por bem pagos nos damos com a concurrencia dos Srs. expositores e com o exito moral do emprehendimento.

« Sendo natural e vulgar apparecerem por estas occasiões certas tentativas interesseiras menos conscienciosas, no sentido de explorar a boa fé dos expositores, devo prevenir V. Ex. que esta Direcção não se responsabilisa por pedidos, informações ou negociações que não sejam feitas por intermedio d'ella ou da Companhia que tem a honra de representar.

« Deus guarde a V. Ex.—*Luciano Cordeiro*, Director Geral.

Convindo não esperdiçar tempo, o Sr. Director Geral, por officio de 12 de Agosto, solicitou da Directoria da Associação Commercial a nomeação dos jurys, honroso encargo commettido pela Companhia Fomentadora áquella corporação; a qual, depois de muitos esforços, conseguiu o desempenho do mandato, conforme communicou no seguinte officio:

« Illm. e Exm. Sr. — A Directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, tendo recebido o officio de V. Ex., datado de 12 de Agosto proximo passado, pedindo a indicação dos jurys de apreciação para os premios e menções honrosas a conferir aos expositores da Exposição Portugueza realisada n'esta côrte, occupou-se immediatamente d'esse trabalho, e hoje tem a satisfacção de enviar a V. Ex., aqui juncta, a relação das pessoas que devem compôr cada um dos grupos respectivos.

« Esta Directoria julga ter correspondido, na escolha que fez dos membros de cada grupo, á confiança que n'ella depositou a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas Colonias.

« Na relação ora enviada vão mencionados unicamente os nomes das pessoas que declararam adherir ao convite da Directoria, abstendo-se de indicar os d'aquelles que entenderam não dever responder-lhe, sendo acceito o seu silencio como recusa.

« Tendo cumprido, pela melhor fórma que lhe foi possivel, a honrosa missão de que a encarregou a Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas Colonias, resta á Directoria congratular-se com V. Ex. e seus dignos collegas pelo brilhante exito que teve um commettimento de tanta magnitude, e que tão alto falla em louvor d'aquelles que, a despeito das maiores contrariedades, sabem honrar a patria, promovendo o seu desenvolvimento, e tornando conhecido no extrangeiro o seu incontestavel progresso.

« Deus guarde V. Ex.— Directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, aos 12 de Septembro de 1879. —Illm. e Exm. Sr. Commendador Luciano Cordeiro, dignissimo Director Geral da Exposição Portugueza.—*Visconde de Tocantins*, Presidente. — *Joaquim José Duarte*, Secretario. »

A relação dos membros dos jurys acha-se publicada a pag. 170 e 171 da *Revista*, e por isso não vai neste logar.

Começaram logo com grande actividade os trabalhos de julgamento, segundo a ordem numerica dos grupos e classes, trabalhos a que presidiu sempre e incansavelmente

o Sr. Director Geral, dando as informações e esclarecimentos essenciaes para a melhor apreciação dos objectos expostos.

Os jurados mostraram singular dedicação na sua espinhosa tarefa, e as suas decisões foram geralmente sensatas e justas.

As listas officiaes dos premios votados pelos jurys estão inseridas a pags. 181 a 193 e 221 a 223 d'esta *Revista*.

Terminados estes trabalhos, o Sr. Luciano Cordeiro regressou a Lisboa, acompanhado do seu secretario o Sr. Jeronymo Silva.

Principiaram em seguida a venda dos productos por differentes categorias; e, a não serem as joias e os vinhos, todas as outras mercadorias tiveram sahida pouco consideravel, reinando tambem neste ponto a temperatura baixa que no thermometro do enthusiasmo publico predominou quasi sempre em referencia a esta Exposição, tão bem auspiciada, e por imprevista anomalia tão pouco bafejada da aura popular.

6.ª E ULTIMA PHASE.—ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO.—LEILÕES.— RESULTADOS IMMEDIATOS E FUTUROS D'ESTE CONCURSO INDUSTRIAL.

Escasseando de dia para dia a concurrencia, não servindo já para a attrahir nem a brilhante illuminação que á noite esplendia em todas as salas, nem as bandas de musica das associações de operarios que vinham nos dias festivos saudar com seus hymnos esta victoriosa etapa do trabalho portuguez; nem tão pouco o abaixamento do preço da entrada; nada emfim conseguindo levantar, do marasmo em que cahira, o espirito dos nossos compatriotas, para os quaes este espectaculo industrial, esta affirmação das forças productoras de Portugal offerecia poucos attractivos, nenhuns ensinamentos; a Exposição, aberta durante pouco mais de 100 dias, en-

cerrou-se a 23 de Novembro (domingo), sem formalidade alguma, modestamente, encolhidamente.

Apenas na vespera o Sr. Marcellino Barbosa tivera a deferencia de ir participar o encerramento a S. M. o Imperador, que novamente se dignou congratular os homens emprehendedores aos quaes se deve a Exposição, animando-os bondosamente a não parar no caminho encetado.

Ao Sr. Ministro da Fazenda se dirigiu o Sr. Caetano de Carvalho nos seguintes termos para ainda uma vez agradecer ao Governo Imperial os favores recebidos e solicitar a concessão de outro ainda necessario :

« Illm.° e Exm.° Sr. —Tenho a honra de communicar a V. Ex. que a Exposição Portugueza, installada no edificio da Typographia Nacional, se encerra amanhan, 23 de Novembro.

« Por esta occasião não posso deixar de, por parte da Exposição Portugueza, agradecer e testimunhar a V. Ex. e ao Governo Imperial, de que V. Ex. é digno membro, os protestos do mais vivo reconhecimento pelo modo bizarro e animador com que os poderes publicos no Brazil accolheram a idéa do certamen das industrias e agricultura de Portugal na cidade do Rio de Janeiro.

« Será sempre motivo de profunda gratidão da parte da Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas Colonias, de que tenho a honra de ser gerente, a maneira distincta e protectora com que o Governo Imperial recebeu a idéa da Exposição Portugueza, deferindo a todos os pedidos que por parte da Companhia fez ao governo o seu gerente e delegado no Rio de Janeiro, o Sr. Marcellino Ribeiro Barbosa.

« Por tão animador quanto bizarro accolhimento mais uma vez ficou manifesta a franca e leal amizade que o Brazil mantem com Portugal.

« E tudo isto é motivo para que a Companhia Fomentadora se congratule por ter realisado esse emprehendimento, porque com a sua realisação mais e mais se apertam os laços qne unem aquelles paizes irmãos.

« E ao vermos que tão bem accolhidos temos sido pelo Governo Imperial, animamo-nos a dirigir-nos a V. Ex. pedindo mais uma concessão.

« Não puderam vender-se muitos objectos que se acharam expostos durante o tempo em que a Exposição esteve aberta. Desejava a Directoria da Exposição fazer venda por meio de leilão dos objectos existentes, mas não quer annuncial-o sem que primeiro o Governo Imperial conceda mais este beneficio.

« Esperando da benevolencia de V. Ex. deferimento ao pedido acima, tenho a honra de pedir a V. Ex. que seja interprete dos meus sentimentos e dos dos meus collegas os Srs. Marcellino Ribeiro Barbosa e Alvaro Carneiro Geraldes, perante o Governo de que V. Ex. muito dignamente faz parte.

« Deus guarde a V.Ex.—Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1879.—Illm.° e Exm.° Sr. Conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, Dignissimo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda.—*Caetano de Carvalho*, Gerente. »

Obtida a concessão requerida, começaram os leilões, que se prolongaram por diversos dias. Como negocio da Exposição a mesma sorte os acompanhou : pouco concorridos de compradores, estiveram frios e desanimados, e o resultado das vendas ficou áquem da mais modesta espectativa.

Segundo informações officiaes, eis o producto total das vendas, quer effectuadas particularmente, quer em hasta publica.

Particularmente cerca de.	132:000$000
Em leilão	18:000$000
Cerca de Rs	150:000$000

Desta somma Rs. 80:000$000 (ou 53 %) foram de joias, seguindo-se em importancia os vinhos, e logo depois as differentes fazendas tecidas.

Dos artigos de bellas artes nenhum se póde vender, por causa dos altos preços marcados pelos artistas, preços aggravados ainda pelos fortes direitos com que a tarifa alfandegaria do Brazil sobrecarrega esta classe de productos.

Concluidos que foram os leilões, fizeram os Gerentes encaixotar com todo o cuidado os objectos de que não se

pôde dispôr, e devolveram 298 volumes, sendo 201 para o Sul e 97 para o Norte, embarcados no patacho *Florinda*, que partiu para o Porto, com escala por Lisboa, em fins de Janeiro de 1880.

Todas as despezas de reembarque, inclusivè frete e seguro, foram pagas pela Companhia Fomentadora.

Esvasiando-se as salas do palacio, a Commissão directora, querendo devolver tudo no estado em que o recebêra, endereçou o seguinte officio ao Sr. Administrador da Typographia Nacional:

« Illm.° e Exm.° Sr.—Em nome da Directoria da Exposição Portugueza, abusando da amabilidade com que V. Ex. sempre se tem dignado tractar-nos, dirijo-me a V. Ex. rogando-lhe mais o especial obsequio—para não se perder tempo—de ordenar que, á maneira que vamos entregando a V. Ex. as salas devolutas, sejam as mesmas reparadas e concertadas por operarios da confiança de V. Ex., de forma que as diversas dependencias d'este edificio, briosamente postas á nossa disposição pelo Governo Imperial, fiquem no mesmo estado em que nos foram entregues, promptificando-se a Companhia do melhor grado, como lhe cumpre, a satisfazer a qualquer despeza que se faça com taes obras.

« Deus guarde a V. Ex. — Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1880.—Illm.° e Exm.° Sr. Antonio Nunes Galvão, dignissimo Administrador da Typographia Nacional. — *Marcellino Ribeiro Barbosa*, Gerente. »

O Sr. Administrador incumbiu á propria Commissão o trabalho de fazer repôr as cousas no primitivo estado, e assim o fez ella tão escrupulosamente como lhe cumpria.

Os resultados immediatos da Exposição Portugueza são visiveis; ninguem os poderá negar.

A Companhia Fomentadora, tentando e levando a cabo um emprehendimento inteiramente novo, qual foi o de realisar em paiz extrangeiro e longinquo uma exposição exclusivamente nacional, mostrou uma audacia fóra do commum, sem exemplo até hoje na historia do mundo.

Patenteou de um modo tangivel o estado real das nossas diversas industrias, o adeantamento de muitas, a perfeição de algumas, e tambem o atrazo de outras ; o que foi um serviço incontestavel para todas ; porque umas e outras criarão novas forças e acharão estimulos para melhorar o que é mau, e aperfeiçoar o que de tal ainda for susceptivel.

Ao commercio, rasgando mais vastos horizontes, abriu mercado novo para muitos productos aqui desconhecidos, e encetou negocios com mutua vantagem do productor e do consumidor.

O alargamento d'estas transacções dará á nossa industria um grande escoadouro aos seus productos ; e erro será obstruir este naturalissimo canal, que condições excepcionaes nos estão apontando como manancial fecundo de futura prosperidade.

Cumpre não parar. O primeiro passo foi dado, e dado convenientemente. Trouxeram as amostras ; agradaram na qualidade, convieram no preço : importa agora estabelecer o deposito, abrir o armazem.

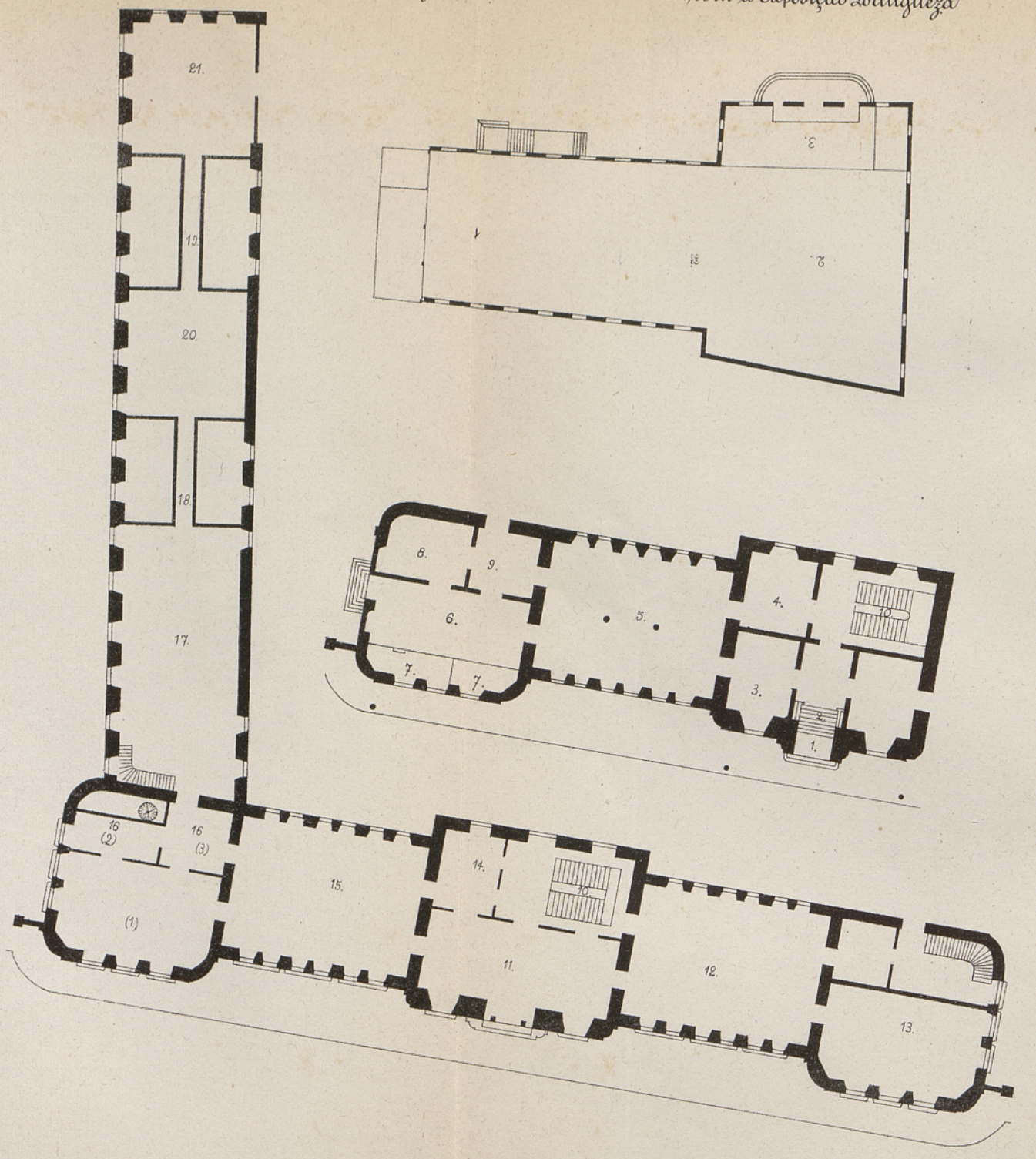
E' a missão do projectado bazar.

Não esmoreça a Companhia Fomentadora : foi benemerita ; sel-o-ha mais fundando no Brazil estabelecimentos permanentes para promover e dar a maior actividade á industria portugueza em toda a sua variada e multipla producção.

E' o complemento do seu programma, a justificação da sua existencia.

J. de M.

Planta das Salas da Typographia Nacional onde se exhibiu a Exposição Portugueza



SUPERFICIE OCCUPADA

PELA

Exposição Portugueza

Palacio da Typographia Nacional

Numeros da planta		Metros quadrados
	PRIMEIRO PAVIMENTO	
1	Entrada principal.....	31,90
2	Escada da entrada.....	54,60
3	Gabinete dos productos chimicos e pharmaceuticos.....	23,80
4	Dito dos moveis de ferro e stores.....	34,50
5	Sala do *Infante D. Henrique* (cordoalha, poleame, ferragens).....	145,00
6	Corredor de sahida (cofres de ferro, cal, cimento hydraulico).....	37,70
7	Escriptorios do Director Geral e do expediente.....	55,90
8	Quartel dos guardas (piquete da noite),.	20,20
9	Deposito e retrete.....	48,90
10	Vão da escada para o andar superior...	52,50
	PAVIMENTO SUPERIOR	
11	Sala de *D. Manuel* (louça, vidros e crystaes).....	92,40
12	Sala dos *Braganças* (bellas-artes)	152,50
13	Sala de *D. João V.* (ourivesaria).....	86,40
		836,30

Numeros da planta		Metros quadrados	
	Transporte.....	836,30	
14	Gabinete de camisaria.....	34,50	
15	Sala do *Marquez do Pombal* (sedas, telas de ouro, luvaria e chapelaria).....	141,50	
16	Salas e gabinete de *D. Pedro V.*:		
	1ª (mobilia de quarto de cama, de gabinete, sala de jantar, etc.).....	87,00	
	2º (mobilia avulsa e esteiras).....	20,10	
	3ª (mobilia em estylo antigo, etc.)...	22,80	
	Lavatorios e retretes particulares.....	13,70	
17	Sala de *Mousinho da Silveira* (tecidos de algodão, linho, lan e mixtos).....	248,00	
18	Passagem (esteiras).....	23,60	
19	Dita (esteiras).....	28,80	
20	Sala de *Marcos Portugal* (instrumentos de musica, cêra fabricada, cutelaria e objectos de electro).....	103,00	
21	Sala de *Luis de Camões* (livros, typographia, gravura, lithographia, etc)..	100,00	1,659,30
	Salão da Guarda-Velha		
22	Sala de *D. Diniz.*:		
	1ª parte (vinhos, licores, vinagres, conservas, productos agricolas e florestaes).....	401,13	
	2ª parte (farinhas, doçaria, bolachas e *gabinete de provas*).....	377,60	778,73
	SUPERFICIE TOTAL.....	.....	2,438,03

ENTRADAS

NA

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

Desde o dia 6 de Agosto a 23 de Novembro de 1879

(ESTATISTICA OFFICIAL)

			VISITANTES
Agosto	6	a 5$000	49
»	7	a 1$000	996
»	8		1.101
»	9		908
»	10		4.175
»	11		1.110
»	12		439
»	13		795
»	14		737
»	15		3.226
»	16		770
»	17		3.462
»	18		703
»	19		487
»	20		512
»	21		591
»	22		360
»	23		379
»	24		2.457
»	25		410
»	26		442
»	27		249
»	28		240
»	29		317
»	30		278
»	31		2.195
Septembro	1		285
»	2		322
»	3		321
»	4		331
»	5		239
»	6		200
»	7		1.110
»	8		900
»	9		209
»	10		184
»	11		210
»	12		123
»	13		173
»	14		1.535
»	15		230
»	16		228
»	17		239
»	18		194
»	19		107
»	20		112
»	21		992
			35.648

		Transporte.....	35.648
Septembro	22	..... a 1$000.	103
»	23	.....	58
»	24	.....	166
»	25	.....	202
»	26	.....	175
»	27	.....	160
»	28	.....	1.196
»	29	.....	124
»	30	.....	135
Outubro	1	.....	171
»	2	.....	153
»	3	.....	136
»	4	.....	102
»	5	Fechada em razão da morte do General Osorio.	
»	6	.....	140
»	7	.....	102
»	8	.....	147
»	9	.....	173
»	10	.....	146
»	11	.....	168
»	12	Beneficio do Asylo dos Invalidos da Patria....	995
»	13	.....	139
»	14	.....	203
»	15	.....	238
»	16	.....	167
»	17	.....	156
»	18	.....	124
»	19	.....	724
»	20	.....	89
»	21	.....	107
»	22	.....	97
»	23	.....	55
»	24	.....	91
»	25	.....	52
»	26	Beneficio da Sociedade Amante da Instrucção.	1.071
»	27	.....	68
»	28	.....	102
»	29	.....	45
»	30	.....	29
»	31	.....	55
Novembro	1	.....	179
»	2	.....	272
»	3	Fechada por ser a Commemoração dos Defunctos	
»	4	.....	19
»	5	.....	38
»	6	.....	30
»	7	.....	16
»	8	.....	14
»	9	..... a 500 réis.	403
»	10	.....	58
»	11	.....	58
»	12	.....	79
»	13	.....	57
»	14	.....	45
»	15	.....	59
			45.339

		Transporte.....	45.339
Novembro	16	.....	450
»	17	.....	93
»	18	.....	115
»	19	.....	83
»	20	.....	106
»	21	.....	124
»	22	.....	187
»	23	.....	1.638
		TOTAL.....	48.135

RECAPITULAÇÃO

Em	26	dias de Agosto	27.398	(*a*)
»	30	» » Setembro.....	10.569	(*b*)
»	30	» » Outubro	6.045	(*c*)
»	22	» » Novembro.....	4.123	(*d*)
»	108	»	48 135	(*e*)

49	bilhetes	de 5$000.....	245$000	
44.531	»	» 1$000.....	44:531$000	
3.555	»	» 500 réis.....	1:777$500	
48.135	»		46:553$500	(*f*)

DEDUZINDO :

Beneficio do Asylo dos Invalidos da Patria.....	995$000	
Dito da Sociedade Amante da Instrucção.....	1:254$000	2:249$000
	Rs.	44:304$500

ADVERTENCIA.— As entradas no dia em que se realisou este ultimo beneficio foram em numero de 1.071, provindo a differença que se nota entre o numero das entradas e a quantia recebida pela Sociedade do seguinte:

A Sociedade tomou sobre si a passagem de 400 bilhetes. D'esses entraram no dia do beneficio 217. Os 183 que deixaram de entrar n'esse dia foram acceitos e admittidos, por concessão da Directoria da Exposição, nos dias seguintes. D'este modo, pois, o beneficio da Sociedade rendeu 1:254$000 réis, que foi quanto ella recebeu.

(*a*)	Termo medio por dia.....	1.053	visitantes
(*b*)	» » » »	352	»
(*c*)	» » » »	201	»
(*d*)	» » » »	187	»
(*e*)	» » » »	445	»

(*f*) A ultima Exposição Nacional, effectuada no Rio de Janeiro em 1875, esteve aberta durante 46 dias (2 de Dezembro de 1875 a 16 de Janeiro de 1876) e foi frequentada por 67.568 visitantes, o que dá um termo medio diario de 1,468 pessoas. Estabeleceram-se tres preços de entrada : 1$000, 500 e 200 réis, que produziram Rs. 20:590$000 : ou 304 réis, termo medio, por pessoa.

Visitaram a mais recente Exposição Universal (a de Paris em 1878), nos seis mezes em que esteve aberta (1º de Maio a 31 de Outubro), 12,621.908 pessoas, de que resulta um termo medio diario de 68.596 visitantes. O dia de maior frequencia foi domingo 27 de Outubro, em que as entradas subiram a 209.912.

IMPRENSA BRAZILEIRA

Encerrou-se a Exposição Portugueza, essa grandiosa festa que provou á evidencia a pujança do nosso pequeno paiz e do seu povo activo e intelligente.

Essa opulenta amostra do trabalho e primeira exhibição do progresso industrial e agricola portuguez, no Brazil, ha de deixar de si recordação indelevel, e trazer proventos incalculaveis para o futuro dos dous paizes.

A imprensa acolheu-a favoravel e generosamente, e o Brazil afagou-a como o pae acaricia o filho predilecto.

O iniciador, após luctas insanas, por longos annos, realisou o seu anhelo, viu coroados de bom exito os seus esforços, e póde ufanar-se da sua obra esplendida.

Não correspondeu ella em resultados immediatos, como era de esperar, é verdade! mas que importa? A semente está lançada á terra, esta é boa, aquella ha de germinar e dar fructo sazonado.

A indifferença dos portuguezes, em geral, foi notoria, notoria pelo contraste manifesto com o nosso tão apregoado e louvado patriotismo, mas nem por isso ha de tirar-lhe o brilho esplendoroso e o resultado fecundo.

Ha males que vem para bem.

A indifferença foi attribuida a diversas causas, e se nenhuma isoladamente a explica, todas ellas reunidas são de sobra para convencer que penetraram fundo no espirito dos nossos compatriotas, contra todas as previsões dos que viram na Exposição o mais esperançoso recurso para dar impulso proficuo ás nossas industrias e á nossa agricultura, e por consequencia ao progresso da nossa patria.

Como será a ultima vez que tractaremos de tal assumpto, não podemos deixar de consignar aqui alguns acontecimentos que (ignorados por muitos) contribuiram para a indifferença que tanto nos envergonhou e será uma pagina negra nos fastos da *colonia portugueza* na capital do imperio do Brazil.

Já nesta *Revista* apontamos algumas das causas ; resta-nos fallar d'outras que sabiamos, mas que de proposito reservamos para o fim, esperançados de que o estimulo abriria os olhos aos nossos compatriotas, e os arrancaria do indifferentismo inqualificavel e não justificado de que estavam eivados, uns de proposito, muitos por insinuações falsas e malevolas, e outros por ignorancia.

Enganamo-nos, nada os demoveu ! Relevem-nos pois a ultima palavra.

Prenuncios da indifferença eram já os obices que oppozeram á ideia de Marcellino Barbosa e d'ahi veiu um numero não pequeno de adversarios da Exposição.

Foram vencidos, e os vencidos nunca perdoam aos vencedores.

Depois de ter conseguido e organisado tudo, quer dizer, organisada a Companhia com o capital, e conseguida a protecção do Governo Brazileiro, e do Portuguez a esperança de obter o subsidio, sobrevieram novos embaraços pela escolha do local.

Logo que Marcellino Barbosa acceitou de preferencia a Typographia Nacional, tão cavalheirosamente cedida pelo Governo Brazileiro, foi expedido d'aqui para Lisboa um telegramma em que se affirmava *estar a colonia portugueza indignada* por elle ter regeitado (com razão e conveniencia) o edificio novo da S. P. de Beneficencia ! Ao mesmo tempo aconselhava-se, por carta, que não deixassem voltar aqui Marcellino, e deprimia-se o seu caracter e honradez ! Custa a crêr, mas é verdade !

Chegaram os commissionados da Companhia e os objectos que deviam ser expostos, e deu-se principio aos trabalhos da installação, e já se propalava pela boca pequena que vinham fazer completo fiasco ! Sem nada terem visto, e nem ao menos reflectirem no que apregoava a imprensa portugueza !

Alguns portuguezes distinctos perguntaram-nos se era verdade o que se espalhava, isto é, que iamos fazer fiasco.

O que se passou no decurso da Exposição sabemol-o todos, e nesta *Revista* foi posto bem em relêvo.

Alguns dos inimigos d'ella, da Exposição, *estimulados*

a fallar por causa d'um violento artigo da *Correspondencia de Portugal*, começaram agora a levantar a ponta do veu.

São elles proprios que se condemnam e nos justificam! O diabo deixa sempre a ponta do .... de fóra.

Um anonymo, assignado *um taberneiro*, na *Gazeta de Noticias* de 5 de novembro, querendo justificar o procedimento dos portuguezes, estende-se, enterra-se affirmando que a indifferença não foi por fazer guerra á Exposição, nem por falta de patriotismo, mas sim por terem sido descortezes com elles! *Risum teneatis, amici.*

Para a inauguração foram convidados brazileiros e portuguezes de todas as classes sociaes, em numero superior ao que comportava a sala de pequenas dimensões.

Queriam talvez que se convidassem todos os portuguezes aqui residentes?

Não se destinou lugar *especial* senão a Suas Magestades Imperiaes e ao ministerio brazileiro, porque nós os portuguezes somos todos hospedes no paiz. Primeiro que os homens distinctos portuguezes, estavam os brazileiros; estes é que teriam direito a queixar-se.

A Companhia Fomentadora foi organisada em Portugal, lá promoveu e conseguiu realisar a Exposição aqui, a ninguem mais competia representál-a, senão a seus commissionados. Demais, era uma empreza particular, para a qual não tinhamos contribuido directa ou indirectamente; como exigirmos que nos entregassem a direcção e a administração d'ella?

E' pueril! Cáe por si mesma a tal descortezia!

Nós o que deviamos fazer era receber de braços abertos e com espontaneo regosijo, os commissionados e a Exposição, para honrarmos o nome portuguez, e provarmos mais uma vez que somos verdadeiros patriotas, incapazes de sacrificar o presente e o futuro dos nossos concidadãos por méro capricho, ou despeitados por nos imaginarmos offendidos na nossa balofa vaidade.

A imaginada descortezia é um pretexto frivolo, como vimos de provar, mas que juncto a muitas outras e mais poderosas causas contribuiu para a indifferença.

Resta-nos fallar de outra causa importante, a saber: o nosso povo ainda não está educado para os certamens do progresso moderno, prefere e acode em massa, com phrenesi,

ás festas da Penha, da Copacabana, de Paquetá, ás touradas, aos circos de cavallinhos, aos fogos de artificio, aos espectaculos onde se exhibem dramalhões ou operêtas chulas, ás luctas romanas, ás brigas de gallos, etc. porque em distracções identicas foi embalado desde a infancia, e á Exposição faltou o *Zé-Pereira*, *o foguetorio*, e outros condimentos mais apropriados aos paladares populares.

E tanto isto é verdade, que nos dias em que lá iam as sociedades particulares com musica e bandeira a frequencia augmentava visivelmente.

Terminamos declarando formalmente que não é nosso fim ferir susceptibilidades de individuos ou de classes ; somos superiores a mesquinhas intrigas, e só visamos a consignar os factos e a apreciál-os sem paixão. Somos independentes e livres, e como taes emittimos a nossa opinião franca, sem suggestões extranhas.

A imprensa diaria tem-nos acompanhado, nutrindo as mesmas idéas. Nem ella, nem esta *Revista* foi assalariada para servir este ou aquelle patrono.

Para fecharmos com chave de ouro, transcrevemos da *Gazeta de Noticias*, do *Jornal do Commercio*, de 25 e 26 de Novembro proximo passado, e do *Diario Official* de 26 de Janeiro d'este anno (1880) os artigos que vão em seguida.

A.

——

« Encerra-se hoje a Exposição Portugueza, estabelecida no edificio da Typographia Nacional.

« No periodo de quatro ou cinco mezes teve a população d'esta cidade o ensejo de apreciar o estado e desenvolvimento das industrias de Portugal.

« E' provavel que os resultados alcançados até hoje correspondam á somma de sacrificios exigidos para uma empreza de tanta importancia, e ainda que assim não seja, o que é certo é estar traduzida em facto uma tentativa muito contestada e muito contrariada no proprio paiz em que viu a luz.

«E embora aquelles que metteram hombros a uma empreza, cuja realisação se afigurava impossivel a muitos, não vejam coroados os seus esforços do exito que desejavam, podem com

tudo ufanar-se por terem concorrido para um emprehendimento nobre e alevantado.

« Diz-se que a Exposição não tem tido a concurrencia que era de esperar, visto como se tracta da exhibição de productos de um paiz que conta por milhares os seus filhos nesta terra.

« Não nos cabe averiguar, nem explicar os motivos d'esses queixumes.

« O que nos parece fóra de duvida é que a Exposição, apezar de incompleta, como não podia deixar de ser, visto tractar-se de quasi ensaio, ha de produzir o seu benefico effeito.

« Não são immediatos os resultados d'estes emprehendimentos nem para o paiz que os levanta, nem para aquelles que os aproveitam.

« Não ha, pois, razão para desanimos nem desfallecimentos. Só o tempo mostrará se foi improficua a realisação de uma idéa, que é já de ha muito um dos meios mais practicos de desenvolver as industrias.

« Fazendo votos para que se continuem emprehendimentos d'esta natureza, um facto nos é grato registrar:

« O nosso Governo por todos os meios ao seu alcance auxiliou e facilitou a realisação de tão adeantada idéa. »

(*Gazeta de Noticias*, artigo editorial.)

« Em face do Lyceu de Artes e Officios está a Exposição Portugueza que fecha hoje as suas portas.

« Se alguem ainda põe em duvida a utilidade das exposições, ahi estava para clamar contra tal idéa a Exposição portugueza.

« Foi apenas o primeiro ensaio; nem houve tempo, nem propaganda bastante para nos dar uma idéa exacta de toda a extensão e força da industria portugueza; e no entanto, revelou-nos o que nem suspeitavamos; mostrou uma riqueza de que nem faziamos idéa; deixou ver, finalmente, que aquelle pequeno paiz tem actividade e intelligencia para viver quasi exclusivamente pela sua industria, e que bem pouco tem de comprar ao estrangeiro para gosar todas as commodidades da vida.

« Da Exposição Portugueza devem resultar beneficios para os dous paizes; para Portugal, tornando aqui conhecidos os

seus productos, e entre outros os seus vinhos, tão *calumniados* aqui pelos falsificadores; para o Brazil, pelo estimulo aos nossos industriaes, e aos nossos capitalistas, que tanto fogem de empregar os seus dinheiros em industrias que, sobre serem lucrativas para elles, podem contribuir poderosamente para a prosperidade do paiz. »

(*Gazeta de Noticias*, folhetim.)

———

« **Exposição portugueza**.— Encerrou-se hontem, sem estrepito nem solemnidade, esta Exposição que teve por fim especial approximar ainda mais Portugal e o Brazil, alargar as relações commerciaes e abrir o nosso mercado a alguns productos portuguezes aqui pouco conhecidos. D'estes effectivamente muitos se apresentaram dignos de apreço e a todos os respeitos recommendaveis, podendo bem dizer-se que a Exposição concorreu poderosamente para elevar a idéa que em geral se fazia do adeantamento da industria portugueza.

« Só o tempo poderá mostrar agora o valor real dos beneficios colhidos para o commercio dos dous paizes. Que beneficio houve e continuará a haver não se póde pôr em duvida, á vista da acceitação que encontraram alguns artefactos.

« Para a sociedade que se abalançou a esta patriotica tentativa a empreza foi ruinosa. Em todo o tempo que esteve aberta, a Exposição teve uns 45,000 visitantes, algarismo redondo, e o producto das entradas, junto á commissão da venda dos objectos que encontraram compradores alli mesmo, esteve longe de cobrir as despezas feitas. Ao Governo Portuguez, pesando os beneficios colhidos, tocará avaliar até que ponto deve esta perda recahir sobre a sociedade emprehendedora.

« Por parte do Governo do Brazil folgamos de consignar que prestou elle a esta Exposição quantas facilidades e favores estavam ao seu alcance, e foram solicitados. A Commissão directora é a primeira a reconhecer-se penhoradissima pelo accolhimento e protecção que encontrou aqui. Ainda agora, desejando aquella Commissão pôr em leilão os objectos que não chegaram a ser vendidos, o Sr. Ministro da Fazenda prompta e immediatamente lhe declarou que ainda para este effeito continuava á sua disposição o edificio da Typographia Nacional em que a Exposição esteve alojada. »

(*Jornal do Commercio.*)

« Terminou ha pouco a Exposição Portugueza com os ultimos leilões a que sua solicita Directoria mandou proceder nos objectos que ficaram por vender de outra fórma.

« Se a Companhia Fomentadora das Industrias e da Agricultura de Portugal não colheu as vantagens pecuniarias que, como de razão, se promettia, nem por isso se deve dar por mal contente, attendendo a que foi um mero ensaio, uma tentativa da exhibição dos productos naturaes e do adeantamento da industria em Portugal, o que a maioria da nossa população ignorava. Teve esta primeira Exposição a sorte de tudo quanto começa, do que é novo e desconhecido; mas foi amplamente compensada pelos applausos e bom accolhimento da imprensa, e sobretudo pela animação e pelos favores do Governo Imperial, que lhe franqueou generosamente, e por tanto tempo, as vastas salas do palacio da Typogarphia Nacional, e concedeu-lhe isenção de direitos para importação dos productos expostos, etc.

« O fim moral, um dos intuitos que levavam em mira os iniciadores d'esta Exposição, esse lograram-n'o elles desde já com estreitar ainda mais as relações commerciaes que nos prendem á antiga mãe-patria, com a offerta de novos generos de permuta, e com o fazer conhecidos aqui muitos dos seus productos e o desenvolvimento industrial que vai naquelle paiz se alargando no certamen progressivo travado entre os povos europeus, no campo utilissimo e sereno do trabalho.

« São pois, benemeritos os que lidaram por levar a termo essa Exposição, cujos promettedores e vantajosos resultados vão se manifestando de dia a dia. Como quem presenciou os esforços e soube por vezes dos mallogros do primeiro iniciador e constante propugnador d'essa idéa, o Sr. Marcellino Barbosa, não podemos deixar de rememorar mais uma vez os serviços que prestou, e os esforços empregados por muitos annos até que viu realizado seu intento, não para descançar, mas continuando ainda aqui na mesma lida, coadjuvando seus collegas da direcção nos preparativos das salas, e depois na boa disposição, conservação e venda dos diversos productos da Exposição.»

(*Diario Official.*)

OFFERTAS

Eis a relação dos objectos que estiveram expostos e foram depois offerecidos a Augustos Personagens, a associações e a estabelecimentos publicos:

A S. M. o Imperador:

Um quadro a oleo representando o hiate *Syrius* de S. M. El-Rei de Portugal, offerecido pelo expositor e auctor Sr. Luis Ascencio Thomazini, de Lisboa.

Um quadro chronologico, bordado a matiz, pennas de pavão, etc, offerecido pelo expositor Sr. Dr. José Joaquim de Azevedo, do Fayal.

Uma tesoura com fechos de prata, offerecida pelo expositor e fabricante Sr. Joaquim Mendes da Silva Serqueira Guimarães, de Guimarães.

Uma estatua, em marmore de Carrara, representando «Sapho», offerecida pela Commissão da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.

A S. M. a Rainha de Portugal:

Uma pequena mesa com o escudo das armas portuguezas, offerecida pelo Sr. Albano da Graça Pires Franco, fabricante de moveis em Vianna do Castello.

A' Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro:

Um exemplar, ricamente encadernado, da *Formosa Lusitania*, obra de lady Jackson, vertida, prefaciada e annotada pelo Sr. Camillo Castello Branco, offerecido pelo Sr. Manuel Malheiro, livreiro editor do Porto.

Ao Museu Nacional do Rio de Janeiro:

Amostras de carvão, calcareo, calcareo argiloso e productos ceramicos, offerecidos pela Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego, Lisboa.

Quatro frascos e seis pães de pez louro e resina amarella, offerecidos pelo Sr. Bernardino José Gomes, director technico e administrador da Fabrica de productos resinosos da Marinha Grande.

A' Camara Municipal do Rio de Janeiro :

Seis amostras de sebo de boi fundido ; duas amostras de sebo de carneiro fundido ; uma amostra de tripa de vacca ; uma dita de pellica de manguelle ; dois exemplares da Memoria descriptiva do Matadouro de gado bovino em Lisboa ; e uma collecção de photographias representando as principaes officinas do mesmo matadouro, offerecidos pela Camara Municipal de Lisboa.

Ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro:

Um exemplar da *Formosa Lusitania*, egual ao já mencionado, offerecido pelo mesmo expositor.

Doze quadros com photographias, representando diversos camponezes de Portugal, offerecidos pelo Sr. Antonio Correia da Fonseca, photographo, do Porto.

A' Bibliotheca da Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro:

Um exemplar da *Formosa Lusitania*, identico aos mencionados e pelo mesmo expositor.

Ao Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro :

Doze frascos com licor febrifugo, offerecidos pelo Sr. Dr. Miguel Salinas de Carvalho, medico em Lisboa.

Quatro frascos de xarope de phellandrio composto de rosa, offerecidos pelos Srs. Augusto Ribeiro dos Santos Veiga e Agnello Ramos e Rosa, pharmaceuticos em Lisboa.

Vinte caixas de *pós da Viscondessa*, 71 caixas e 2 frascos de graxa lusitana, offerecidos pelo Sr. Verissimo Gomes Ferreira, pharmaceutico em Lisboa.

Onze garrafas de aguas mineraes de Cabeço de Vide, offerecidas pela Empreza das mesmas Aguas, em Lisboa.

Cem garrafas e 71 meias de aguas das fontes de Vidago, Oura, Sabrosa e Villa Vêrde, offerecidas pela Empreza das Aguas de Vidago, em Lisboa.

Duas latas de azeitonas, 3 ditas de azeite, 8 garrafas de azeite, offerecidas pelo expositor Sr. Antonio Joaquim da Silva Martins, de Elvas.

Cinco latas de peixe, 2 de azeitonas, 3 de sardinhas, 3 de ervilhas, e 15$000 rs., producto de 17 garrafas de vinho,

offerecidos pelos expositores Srs. Costa & Silva, fabricantes de conservas em Lisboa.

Quatro garrafas de vinho, offerecidas pelos expositores Srs. Fialho & Irnão, Lisboa.

Seis garrafas de azeite, offerecidas pelo expositor Sr. Francisco de Almeida Garrett, proprietario, Porto.

Vinte e sete garrafas de vinho, 5$000 rs. de 4 ditas, pelo expositor Sr. Antonio Marques de Carvalho, proprietario em Chamusca.

A' Santa Casa de Misericordia de Valença (provincia do Rio de Janeiro):

Uma caixa de sabão mescla, rosa e azul, de 1.ª qualidade; e doze garrafas de azeite de oliveira, offerecidas pelos Srs. José de Assis Vieira & C.ª, fabricantes e negociantes de sabão em Villa Nova de Gaya.

Ao Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco:

Um exemplar da *Formosa Lusitania*, egual aos mencionados e offerecido pelo mesmo expositor.

Ao Museu Terceirense (da ilha Terceira):

Cortiça em rolhas, exposta pelo Sr. Francisco Coelho da Rocha, da Villa da Feira e pelo Sr, José Alves da Silva Moutinho, do Logar da Fonte; enxofre, carvão, etc. do Sr, Francisco José Gomes, do Porto—; baga de sabugueiro do Sr. Joaquim de Almeida Soares, da Regoa—; cremor-tartaro, sarro de vinho, etc, dos Srs, Lugan, Lacom & C., de Villa Nova de Gaya—; 4 vidros de amostras de serradura de cortiça, dos Srs, Mendonça & C., de Lisboa—; diversos frascos representando a moagem, limpeza, incineração do trigo, expostos pelo Asylo de Mendicidade de Lisboa.

Todos estes objectos foram offerecidos ao mencionado Museu pela Commissão Directora da Exposição, por intermedio do Sr. Dr. Augusto Saturnino da Silva Diniz, secretario do Lyceu de Artes e Officios no Rio de Janeiro.

A primeira exposição industrial

Sem mergulhar em eras remotissimas das civilisações passadas, em que de Ptolomeu Philométor se refere ordenára aos mercadores de Memphis e de Thebas patenteassem a naturaes e a extranhos quanto de precioso houvesse no opulento Egypto, para assim tornar mais pomposa certa solemnidade publica; não nos referindo aos magnificos bazares de Tyro e de Carthago, nem ás apparatosas ostentações de artefactos esplendidos que de todos os pontos do globo affluiam á Roma cesarea, para satisfazer as requisições de um fausto apuradissimo e verdadeiramente imperial; sem fallar das grandes feiras que a edade média viu estabelecer e nós presenciâmos ainda, não obstante o grande incremento do commercio permanente, e o espantoso desenvolvimento da viação publica— d'essas feiras que alguns consideram a idéa embryonaria das actuaes exposições— sem remontar até lá, vindo aos tempos mais proximos, quasi a nossos dias, é crença admittida, e passa como ponto incontroverso que a primeira exposição industrial realisada no mundo moderno foi a que o governo de Republica Franceza decretou e levou a effeito em Paris, no anno de 1798, para festejar o VII anniversario do estabelecimento do regimen republicano.

São neste assumpto accordes tanto os jornaes como os livros, as encyclopedias como as monographias. (1)

---

(1) Escolhendo só entre os escriptos modernos, cujos auctores, como taes, devemos suppôr no dominio da mais apurada averiguação dos factos, citaremos os seguintes:

Achille de Colmont, *Histoire des Expositions des produits de l'industrie française* (Paris, 1855), pag. 7— Ponte e Horta, *Relatorio sobre a Exposição Universal de Londres. Machinas a vapor e motores hydraulicos* (Lisboa, 1861), pag. 32—Oppermann, *Visites d'un ingénieur à l'Exposition Universelle de* 1867. (Paris 1867, 2ª ed.), pag. 8.— Fonseca Benevides, *Relatorio sobre a Exposição Universal de Paris em* 1867. Instrumentos de physica e machinas de vapor (Lisboa, 1867), pag. 9—*Les Merveilles de l'Exposition de* 1878, ouvrage redigé pour des écrivains spéciaux et des ingénieurs, pag. 7— D. Angel Fernandes de los Rios, *La Exposicion Universal de* 1878 (Madrid 1878), pag 4— *Nuova Encidopedia popolare* (Torino, 1845), tom. 5º, col. 627— *Chamber's Encydopediæ* (Londres, 1868), vol. IV— palavra *exhibition*— *Haydn's Dictionary of Dates* (Londres, 1871), pag. 239.

E todavia, não em afastado periodo, senão 23 annos antes d'aquelle anniversario—em 1775—; não em longinqua região, porém, *quasi cume da cabeça da Europa toda*—em Portugal e na sua côrte—um homem extraordinario, que então enchia o mundo com a fama de seu nome e admirava todos com a energia dos seus actos, celebrava com justificado orgulho as creações do seu genio administrativo, da sua vontade poderosa e inquebrantavel.

Naquelle anno as numerosas fabricas, disseminadas por todo o reino, expunham ás vistas attonitas do publico da cidade resurgida mais bella das ruinas, como a um toque da vara magica d'esse homem prodigioso ;—naquelle anno as fabricas portuguezas realisaram, pois, a primeira exposição moderna da industria fabril.

Eis como, referindo-se ao Marquez de Pombal, um conscienciosо escriptor, Innocencio Francisco da Silva, universalmente conhecido pelo seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, assignala o facto que nos entretem :

« Não só conseguiu restituir Portugal ao lugar eminente que em outro tempo occupára entre as potencias da Europa, mas de um povo pobre e abatido fez em poucos annos uma nação industriosa, commerciante e opulenta. De suas providencias, e dos uteis estabelecimentos por elle creados resultaram as riquezas, puramente nacionaes, *de que no dia 6 de Junho de 1775 fez publica ostentação na praça do Commercio, e pelas ruas principaes da capital*, já então bordadas de palacios e edificios sumptuosos, e habitadas por uma numerosa povoação, que em novos arsenaes, novas fabricas e officinas exercitava todo o genero de industria. » (2)

Desde que lemos esta asserção do estimado escriptor, nunca a tivemos em duvida, pois sabemos quanto era escrupuloso na menção dos successos que historiava ; mas não podêmos occultar a satisfacção que sentimos quando o acaso nos deparou a sua inteira confirmação por um jornalista francez, cujo nome sentimos ignorar, mas que diligenciaremos descobrir.

O trabalho d'esse escriptor é uma serie de artigos sobre

(2) *Maravilhas do genio do homem*, por Amédée de Bast, versão portugueza de M. L. Coelho de Magalhães, annotada por Innocencio Francisco da Silva (Lisboa 1863), tomo II, pag. 121.

a nossa exposição retrospectiva na esplendida justa universal de 1867, e estampou-o a interessante publicação periodica de Paris intitulada *Revue de l'art chrétien.*

Vimol-o por ora sómente na traducção que fez a folha portugueza *O Commercio do Porto*, de 6 de Setembro de 1867. Aqui a apresentâmos aos leitores:

« Emulo de Richelieu na politica, o Marquez de Pombal seguiu as pisadas de Colbert na administração.

« A posteridade julgará talvez severamente alguns actos do ministro portuguez, mas não lhe ha de negar a honra de ter querido desenvolver o commercio e a industria do seu paiz.

« Em 1775, durante a estada annual que D. José fazia no palacio e quinta de Oeiras, proxima dos banhos de Estoril, aconselhados ao rei pela medicina, Pombal soube aproveitar-se d'esta circumstancia e transformar uma simples feira em exposição de productos da industria portugueza.

« A idéa, pelo menos, era engenhosa; outras nações se apropriaram d'ella, desenvolvendo-a, e de augmento em augmento chegou á exposição universal de 1867, que provavelmente fechará a época dos concursos internacionaes. Esta minha reflexão não vem fóra de proposito, e antes me parece que é esta a verdadeira occasião para restituir ao Marquez de Pombal o que de direito lhe pertence.

« Uma idéa fecunda, adoptada depois pelo mundo industrial, bastaria para justificar o titulo de *grande Marquez* dado pelos camponezes a um velho decahido do poder e condemnado ás amarguras do exilio.

« Antes de realizar o seu projecto de exposição, Pombal tinha creado em 1760 as manufacturas reaes do Rato, proximo de Lisboa. »

Nota-se apenas uma pequena divergencia de localidade: —Innocencio designa o centro de Lisboa como séde da exposição, e o escriptor francez estabelece-a na quinta de Oeiras, principesca residencia do Marquez, não longe da capital. No mais são em tudo concordes.

*

Para verificar a que distancia fica a villa de Oeiras da cidade de Lisboa, iamos consultar o *Diccionario Geographico de Portugal* por Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, em a nova edição correcta pelo Sr. Manuel Bernardes Branco (Porto, 1862), quando lemos no respectivo artigo o seguinte:

« Nesta villa, segundo dizem até os escriptores extrangeiros, se fez na Europa a primeira exposição, em 1775, por mandado do Marquez de Pombal, para obsequiar e surprender o Rei D. José, que ia habitar esta villa, para fazer uso dos banhos do Estoril. As lojas estavam cheias de objectos comprados em Portugal, e a côrte percorreu esta exposição durante tres dias, e alli comprou muitos artefactos.» (3)

Em tão bom caminho de exploração não era difficil seguir o veio de novos esclarecimentos, e effectivamente os encontrámos no excellente livro *Portugal antigo e moderno*, pacientemente elaborado pelo Sr. A. S. A. Barbosa de Pinho Leal.

« Ufana-se Oeiras, com razão, por ser a primeira terra de Portugal onde se effectuou uma *exposição agricola e industrial*, e, com toda probabilidade, a primeira festa d'este genero, em toda a Europa.

« O Conde de Oeiras (já Marquez do Pombal, desde 1770), aproveitando-se da estada do rei n'esta villa, e no palacio do Marquez, resolveu dar-lhe um espectaculo que, ao mesmo tempo que lisonjeava o soberano, fazendo-lhe ver em verdadeiro e minucioso quadro, os resultados praticos das sabias reformas pelo ministro emprehendidas e levadas a effeito, demonstrava a nacionaes e extrangeiros os progressos que tinha feito Portugal, e os recursos que lhe permittia a sua industria. Tambem assim respondia o Marquez ás accusações e calumnias dos seus inimigos com factos que provaram incontestavelmente a prosperidade publica.

« Determinou pois que se fizesse n'esta villa uma grande feira, á qual concorresse todo o genero de productos da industria fabril portugueza. Expediram-se circulares ás auctoridades, para todas as provincias, ordenando-lhes que fizessem intimar todos os donos de fabricas, para que viessem armar barracas no logar que lhes fosse designado, e n'ella expozessem á venda os diversos productos da sua industria.

« Ninguem faltou ao chamamento, e, portanto, esta feira foi uma verdadeira *exposição industrial* de todos os artefactos portuguezes.

« A côrte, o corpo diplomatico, os consules, e os funccionarios publicos, *convidados* pelo ministro, e Lisboa em peso,

(3) Pag. 159.

levada da curiosidade, foram ver e admirar o prodigioso desenvolvimento das nossas industrias, na immensa variedade de producções, e no singular aperfeiçoamento de muitas d'ellas.

« Os esforços do ministro, animando e auxiliando as fabricas antigas, creando novas ; mandando vir do extrangeiro mestres e operarios intelligentes ; e concebendo e fazendo promulgar leis adequadas ás necessidades da mesma industria, tiveram n'esta occasião o premio moral, conferido por todos quantos presenceáram esta verdadeira festa nacional. » (4)

*

Seriam sufficientes os quatro auctores citados para deixar estabelecido de um modo incontroverso o ponto que nos occupa : todavia, desejando desfazer as ultimas objecções que possam surgir, procurámos novas auctoridades, e, depois de examinar uma grande quantidade de livros, tivemos a fortuna de as encontrar.

Seja a primeira invocada a de um notabilissimo geographo italiano, altamente reputado no mundo litterario, o illustre Balbi, a quem o nosso paiz deve um grande reconhecimento pela verdade e justiça com que geralmente o estudou e julgou.

Ouçamol-o :

« Em 1775 e 1776 el-rei D. José veiu habitar a casa de Oeiras, para fazer uso das aguas de Estoril, e o Marquez do Pombal aproveitou a occasião de uma feira na villa para patentear ás vistas do soberano os progressos que a industria nacional havia feito sob o seu reinado.

« As lojas estavam cheias de objectos fabricados em Portugal : a côrte percorreu a feira durante tres dias, e effectuou muitas compras; e o mesmo practicaram os cortezãos para lisongear o poderoso ministro.

« Foi a primeira exposição de productos de industria que se realisou na Europa. Veja os *Annaes das Sciencias e Artes*. » (5)

A outra auctoridade é aquella para que nos remette o sabio veneziano, a interessante publicação portugueza que se elaborou e imprimiu em Paris durante os annos de 1818 a 1822.

Por falta de indicação precisa, tivemos de folhear quasi

---

(4) Tom. VI, pag. 213.

(5) *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve* por Adriano Balbi, tomo 2º, pag. 181.

toda a colleção, composta de 16 volumes, até que achámos o logar a que sem duvida se refere o conselheiro Balbi.

Transcrevemol-o por extenso, que é digno d'isso:

« Com effeito, o augmento solido da riqueza de uma nação consiste na independencia em que ella se põe das nações extranhas, ou seja para satisfazer as suas necessidades, ou o seu luxo.

« Lembrar-nos-hemos que na época feliz para Portugal da inauguração da estatua equestre do Sr. D. José 1°, quando um ministro incansavel rematou esta solemnidade publica da maneira mais digna, dando, poucos dias depois d'ella, conta ao monarcha dos progressos da industria nacional, a base firme e estavel em que assentou a sua prova foi fazendo ver a el-rei que as artes liberaes, industriosas e mechanicas tinham bastado pela primeira vez em Portugal para satisfazer todas as necessidades e caprichos do luxo em tão festiva occasião, sem que para essa concorresse elemento algum de nação extrangeira. (6)

« O zelo com que o Marquez de Pombal tinha procurado e conseguido estes progressos, e a ufania com que d'elles fallava naquella occasião, sobeja para honrar para sempre a sua memoria; mas o que distingue de um modo particular nesta materia o seu talento patriotico é ter elle sido o primeiro que applicou ao adeantamento da industria a idéa de uma exposição publica dos seus productos, idéa de que a França, desde o ministerio de Francisco de Neufchâteau, tanto se tem honrado, de

---

(6) São estas as proprias palavras do ministro:

« .....Viu-se agora quanto as manufacturas nacionaes floresceram; porque fabricaram em obras de ouro e de prata, de lan e de seda, de ferraria, de marcenaria, de corrieiria, etc., todo o necessario para os vestidos e galas de ambos os sexos; para ornato das casas e mesas, e para as ricas e numerosas carruagens de uma tão brilhante funcção, sem que viesse de fóra cousa alguma, porque até os espelhos, placas e vidros de beber foram feitos nas fabricas do reino por vassallos de Vossa Magestade.

« .....Tudo quanto se tem manifestado nas ruas, nas praças e nas janellas de Lisboa, foram productos das manufacturas das lojas dos mercadores nacionaes, e dos trabalhos de artifices portuguezes.....as fabricas e as lojas se despejaram inteiramente, até lhes não ficar cousa alguma que podessem vender, que todos os artifices não bastaram para supprirem os trabalhos de que foram encarregados, sendo o numero d'elles presentemente tal e tão extraordinario como nunca o foi.... »

« Observações secretissimas do Marquez de Pombal, na occasião da inauguração da estatua equestre no dia 6 de Junho de 1775, e entregues por elle mesmo 8 dias depois ao Senhor Rei D. José I. »—*Cartas e outras obras selectas do Marquez de Pombal* (Lisboa 1833, 2ª ed.), tomo I, pp. 17 e 21.

que a nação tem tirado tão grande proveito, e de que ultimamente acaba de recolher tammanha gloria. (7)

« Quando por effeito da sua doença o Sr. D. José foi obrigado em 1775 e 1776 a tomar os banhos do Estoril, e que para esse fim foi habitar a quinta do seu ministro em Oeiras com a Familia Real, o cuidado em El-Rei chamava áquelle sitio continuamente a côrte, e a vizinhança da capital favorecia a affluencia dos cidadãos inquietos pela molestia do pae da patria, do protector das lettras e das artes, regenerador do commercio e da gloria portugueza.

« Não perdeu o Marquez de Pombal esta occasião favoravel para expôr aos olhos do soberano e de uma parte escolhida da nação os productos da industria portugueza, fazendo concorrer alli de toda a parte, e expôr á venda em barracas arruadas, e com a melhor ordem e mais bem entendida policia, os objectos interessantes das nossas fabricas, que El-Rei e a Familia Real honraram, visitando-os, examinando-os, e que uma parte da nação animou e promoveu elogiando-os, e comprando-os.

« As tapeçarias do Algarve, estabelecidas á imitação das de Beauvais, de que ainda as salas do Senado da Camara de Lisboa e a Casa dos Vinte-e-quatro conservam armações; as rendas de Setubal, á imitação das inglezas; os pannos de Cascaes, de Portalegre, da Covilhan, do Fundão; as sedas da Real Fabrica; os tecidos de algodão e seda da fabrica de Locatelli em Aveiro; as cambraias lisas e lavradas de Alcobaça; todos os artigos manufacturados nos suburbios do Rato; relogios da fabrica de Pires; louça, vidros, panno de linho, saragoças, gorgorões de Bragança, chapeus de Braga, Lisboa e Elvas; tudo quanto era producto da industria portugueza veiu enriquecer aquelle espectaculo nacional.

« Parecia que o Genio Portuguez, escrevia o Sr. « Francisco José Maria de Brito, (8) a quem devemos as par- « ticularidades interessantes que acabámos de expôr, pre-

---

(7) Allude á Exposição dos productos da industria franceza, em Paris, no anno de 1818.

(8) Enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal em Paris, onde morreu no anno de 1825.
Passava por bom litterato e excellente philologo, segundo diz Inocencio F. da Silva. (*Dic. Bibliog.*, tomo II, pag. 411.)

« sentindo a perda irreparavel que o ameaçava, vinha ufano « render um tributo publico de gratidão ao pae da patria, « juncto da foz do Tejo, tão illustre nos fastos da gloria « e do commercio. »

« Justo é que os *Annaes das Sciencias, das Artes e das Lettras* recolham com ambição e salvem do esquecimento este aresto importante, e que o desejo da gloria da nação e o amor da patria o transmittam aos vindouros com magua e com desvanecimento, a par de exposições mais brilhantes, que talvez o não fossem, se acaso o engenho por si bastasse para conseguir os progressos rapidos da industria.

« Transportados hoje das vantagens das exposições da industria franceza, parece que os Paizes-Baixos, a Austria, a Baviera, e outros Estados de Allemanha meditam já estabelecer o mesmo meio para animar os seus artistas e os seus fabricantes; é natural que o gosto das exposições se propague entre os povos da Europa, visto que a sua utilidade é reconhecida; permitta o ceu que os portuguezes que precederam os outros nesta feliz idéa, procurando regenerar a sua industria, trabalhem ao menos por seguil-os, aproveitando-se d'ella: e que uma nação que, primeiro que as outras, soube achar em si só todos os recursos para a sua gloria, não seja a ultima em tirar do seu patriotismo e do seu engenho os meios de assegurar a sua independencia e a sua riqueza.—C. X. » (9)

*

A França, não obstante estes testimunhos e estes protestos, insiste em se attribuir uma gloria que lhe não cabe. Cumpre-nos, pois, reivindical-a energicamente para Portugal, visto que por provado direito lhe pertence.

E' mais um successo que importa rectificar na historia, reconhecendo ao nosso paiz a prioridade dos concursos industriaes, prioridade que já agora não é licito contestar-lhe, e de que tem sido até hoje indebitamente esbulhado.

JOAQUIM DA SILVA MELLO GUIMARÃES.

---

(9) Iniciaes com que subscrevia os seus artigos o conselheiro Candido José Xavier Dias da Silva, um dos fundadores e collaborador assiduo dos *Annaes*.— *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Lettras*, tom. VII, pag. 157 a 160.

PORTUGAL NAS GRANDES EXPOSIÇÕES UNIVERSAES.

Apezar da pequenez do paiz, da exiguidade dos seus recursos, dos maus governos que o hão manietado, condições que, junctas, tanto contribuem para o seu relativo atrazo, Portugal, acceitando honrosos convites, tem comparecido sempre nas grandes revistas da industria universal, e, proporcionalmente, não se deixou ficar em posição muito inferior á de outros estados mais adeantados e ricos.

Não faltaram causas deleterias e dissolventes para enfraquecer e arruinar a industria portugueza, que aliás raramente fôra florescente, e poderosa nunca.

Finda a guerra da independencia, que se prolongára por quasi trinta annos, um momento, brilhante porém rapido, se levantou a industria nacional, graças ao decidido empenho do Conde da Ericeira; mas o que devia ser elemento activo de producção e de riqueza — as minas de ouro e de diamantes do Brazil — tornou-se agente de depauperamento e de ruina.

Portugal, repleto de ouro, sentiu-se pobre; e de facto o era, desde que para se alimentar e vestir forçoso lhe foi trocar essas preciosidades pelos objectos indispensaveis á vida.

Logo em seguida o vergonhoso tratado de Methuen continuou o trabalho de anniquillação, tornando Portugal uma colonia ingleza, em tudo dependente das suas manufacturas, quando é certo, conforme assevera um conceituoso escriptor do principio do seculo XVII, que o reino « para o necessario tinha do seu districto bastante provimento. » (a)

Creadas de novo numerosas fabricas, ao nuto potente de Sebastião José de Carvalho e Mello, bastou a morte de D. José, para que a miseravel politica das retaliações as deixasse enlanguecer, pois o Marquez, seu fundador, havia cahido no desagrado da nova soberana.

(a) Luis Mendes de Vasconcellos, *Do Sitio de Lisboa, sua grandeza, povoação e commercio*, dialogo II, pag. 144. (Lisboa, 1786, 2ª. ed.)

A invasão franceza talou os campos e incendiou as fabricas tanto como o interesseiro auxilio da nossa *fiel alliada*, a astuta Inglaterra, que, a pretexto de nos defender, veiu consumar a obra de destruição começada pelos exercitos napoleonicos.

O ruinoso e degradante tractado commercial de 1810, imposto pela mesma potencia amiga, e a sua oppressora tutela no reino depois da paz, amarraram a industria nacional de pés e mãos, tornando-lhe impracticavel movimento algum.

A lucta prolongada para a conquista da liberdade, ora ludibriada pelas artimanhas de uma camarilha impudente, e já calcada aos pés por um principe despotico e sanguinario; e finalmente os successivos abalos até á definitiva consolidação do governo constitucional, impossibilitaram todo o trabalho pacifico, tolheram durante mais de meio seculo qualquer desenvolvimento vividouro da industria portugueza.

Foi só depois que, ao terminar o reinado de D. Maria II e ao alvorecer o de D. Pedro V, embainhadas as espadas e encostadas as clavinas, socegados os espiritos e desamedrontados os capitaes, principiaram de novamente a surgir as fabricas e a medrar a producção.

Começou desde ahi para a nossa industria uma phase nova; e data de então o seu periodo moderno de desenvolvimento e de progresso. Medidas economicas e administrativas, e a fundação de institutos de ensino industrial coincidem e contribuem não pouco para este movimento ascendente.

Temos já felizmente vencido grande espaço de uma estrada longa e ardua: maior é, porém, o trecho que resta a franquear. Alcançal-o-hemos certamente, havendo tino e perseverança, e se habilmente se consorciarem a iniciativa particular com a protecção do Estado.

Para medir a distancia percorrida falta-nos o instrumento preciso. Sem embargo, as nossas estatisticas, deficientes como são, demonstram de modo indestructivel a exactidão do que estamos affirmando.

De contraprova serviria para o mesmo fim um mappa completo do numero de expositores e dos premios obtidos por elles nos grandes synodos industriaes, celebrados na segunda metade d'este seculo.

Esse mappa bem o quizeramos nós organizar com o desenvolvimento a que se presta tão interessante assumpto: faltam-nos, porém, aqui os necessarios dados authenticos e insuspeitos, como os requerem trabalhos d'esta natureza. Só achámos no Rio de Janeiro relatorios geraes de duas exposições. (*b*) Requisitando para Lisboa os demais, respondeu-se-nos que nenhum existe n'aquella cidade. (*c*)

Não obstante, colhendo aqui e alli, sempre obtivemos reunir um corpo de informações que se nos figura ser util expôr nesta publicação, com a fundada esperança de que, de posse da serie não truncada de documentos, outro collector logre supprimir algumas lacunas que, mau grado nosso, apparecem n'este trabalho de agrupamento, e assim se complete um quadro que não será desprovido de interesse para o estudo d'esta secção estatistica da industria portugueza.

Primeira Exposição Universal

LONDRES—1851

D'este primeiro concilio ecumenico da industria, que a Inglaterra teve a iniciativa e a gloria de convocar para a sua enorme capital, faltam-nos quasi absolutamente os dados em relação a Portugal. Solicitando-os de Lisboa, eis o que diz uma nota que d'alli nos foi obsequiosamente communicada:

(*b*) O nosso Governo bem podia contemplar o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro (utilissima instituição que possue uma bibliotheca de 50,000 volumes) na distribuição de publicações officiaes que só por offerta se podem obter. Prefere que os continuos das secretarias aos poucos as vão levando ás tendas para embrulho de manteiga, destino que muito ha de satisfazer o amor-proprio dos auctores de taes escriptos.

(*c*) Hoje, como sempre, o perenne desmazelo, a mesma culpavel indifferença da nossa raça, incuriosa para tudo quanto interessa á historia do paiz, nos fastos de trabalho, que são os verdadeiros annaes do povo, da parte activa e productora da nação. Nem ao menos o *Diario do Governo* serve para archivar tantos escriptos e memorias importantes que jazem ignorados e com que se estão banqueteando as traças *bureaucraticas* do Terreiro do Paço.

« Existe a escripturação de modo tal que não póde haver confiança alguma n'ella, motivo porque resolvemos nada mencionar. »

Comtudo, por um documento digno de toda a fé, sabemos que n'este primeiro certamen internacional os expositores portuguezes, tendo concorrido em numero muito limitado, obtiveram :

Medalhas	14
Menções honrosas	28
Total.	42 premios (*d*)

Foi Commissario Regio n'esta Exposição por parte de Portugal o Sr. Sebastião José Ribeiro de Sá.

Segunda Exposição Universal

PARIS—1855

Está publicado e existe no Rio de Janeiro o relatorio do Commissario Regio de Portugal n'esta reunião de productos do trabalho universal. (*e*)

São portanto completas as informações que vamos dar, colhidas em tão interessante documento.

Expositores.	407
Premios	215
Proporção. . . .	53 %
Ou	
Expositores, incluindo os que concorreram em mais de uma classe.	441
Premios	218
Proporção. . . .	49 %

(*d*) *Portugal na Exposição Universal de* 1862—*Relação official dos premios obtidos pelos expositores.* (Lisboa, 1863). Discurso do Commissario Regio no dia da entrega dos premios aos expositores de Lisboa, pag. 51.

(*e*) *Relatorio do Commissario Regio juncto á Commissão Imperial da Exposição Universal de Paris.*—2 vols. (Lisboa, 1867.)

Estes 218 premios decompõem-se da seguinte maneira:

Topographia, geologia, lavras de minas e pedreiras . .	9
Productos agricolas (cereaes, legumes, fructas, lans, urzella, e casulos de bichos de seda)	32
Artes agricolas (vinho, vinagre, aguardente, licores, azeite, mel, assucar bruto, queijos, fructos seccos, farinha e tapioca). .	73
Artes chimicas (sal, rapé, charutos, sabão, curtumes e papel)	21
Conservas alimentares (conservas alimentares propriamente dictas, chouriços, toucinho, fructos em calda, azeitonas, sardinhas em azeite)	17
Materias primas (madeiras, seda em trama)	5
Artes e officios (calçado, roupa, luvas, pentes, chapeus, botões, guarda-sóes, bengalas, flôres, esteiras, palitos, enquadernações, obras de marcineiro, machinas)	45
Tecidos (de seda, lan, algodão e linho)	10
Ensaios industriaes (alumina do Sr. Sebastião Betamio de Almeida)	1
Collecções numismaticas (medalheiro do Sr. Daniel José da Silva Mello)	1
Collecções de productos pertencentes a mais de uma classe (collecção de productos da Commissão Central de Lisboa, do Conselho Ultramarino, de vinhos, licôres e doces do Sr. Rodolpho Baltresqui, de vinhos e substancias alimenticias do reino de Portugal)	4
(*f*)	218

(*f*) Pag. 46 e 47 do 1º vol.

Os premios consistiram em :

Medalha de honra (de ouro) ao Governo de Portugal pela collecção de productos agricolas. . . .	1
Medalhas de 1ª classe (de prata)	19
Medalhas de 2ª classe (de bronze)	84
Menções honrosas.	114
(*g*)	218

Portugal occupou o 7° logar quanto ao numero de expositores entre os 52 estados concurrentes. (*h*)

O espaço que a Commissão Imperial lhe concedeu media :

Na galeria do Palacio da Industria .	540,00
No *Annexo*.	105,60
Metros quadrados. . . .	645,60 (*i*)

Foi Commissario Regio o Sr. Antonio José de Avila, hoje Duque de Avila e de Bolama.

Terceira Exposição Universal

LONDRES—1862

Não sabemos se chegou a imprimir-se o relatorio do Commissario Regio, mas temos felizmente a relação official dos premios que ministra o essencial. Eil-a : (*j*)

(*g*) Pag. 79 do 2º vol.

(*h*) Pag. 55 do 1º vol.

(*i*) Pag. 20 do 1º vol.

(*j*) *Portugal na Exposição Universal de* 1862.

CLASSES	PREMIOS		
	Medalhas	Menções honrosas	Total
1ª Productos de minas e de pedreiras, e mappas geodesicos	6	8	14
2ª Productos chimicos e medicinaes	5	3	8
3ª Productos agricolas, preparações alimenticias, vinhos, aguardente, tabacos	114	181	295
4ª Substancias animaes e vegetaes empregadas nas manufacturas	22	12	34
10ª Pozzolana	.....	1	1
13ª Instrumentos de physica	1	.....	1
14ª Photographias	.....	1	1
15ª Relogio electrico	1	.....	1
17ª Instrumentos de cirurgia	.....	1	1
18ª Cobertores de algodão, e seda em bruto	1	12	13
19ª Lans e riscados de linho	1	.....	1
21ª Pannos e lans fiadas	.....	3	3
23ª Lenços e outras obras de tecelagem	1	.....	1
24ª Bordados	1	2	3
26ª Pelles	1	5	6
27ª Chapeus, roupa, calçado, etc	3	7	10
28ª Objectos typographicos, papel e enquadernações	1	3	4
29ª Obras e processos de ensino	1	1	2
34ª Mangas e placas de vidro	1	.....	1
	160	240	400

O discurso do Commissario Regio, que foi o Sr. Visconde de Villa Maior, diverge um pouco d'estes algarismos, pois diz que os expositores portuguezes colheram n'esta Exposição 163 medalhas e 243 menções honrosas, formando um todo de 406 premios. (*k*)

Segundo a nota recebida de Lisboa, o numero de expositores foi de 1363, o que, acceitando o algarismo do Sr. Commissario Regio, dá para os premios uma porcentagem de quasi 30 %.

Quarta Exposição Universal

PARIS—1867

Temos noticia de que se publicou o relatorio do Commissario Regio perante este grandioso comicio das artes industriaes, mas não se nos deparou até este momento nenhum exemplar. Apenas possuimos o *Catalogue Spécial de la Section Portugaise*, e sommando o numero dos expositores nos diversos grupos em que esta Exposição se dividiu, verificámos que o total foi de 1697, tendo concorrido :

No grupo	I	(Obras de arte)	25
» »	II	(Material e applicação das artes liberaes).	38
» »	III	(Moveis e outros objectos destinados ás habitações).	94
» »	IV	(Vestuarios, comprehendidos os tecidos e outros objectos de uso pessoal) . . .	203
» »	V	(Productos, brutos e fabricados, das industrias extractivas)	677
» »	VI	(Instrumentos e processos das artes usuaes).	61
» »	VII	(Alimentos, frescos e em conserva, em diversos graus de preparação)	545
» »	X	(Objectos especialmente expostos com o fim de melhorar a condição physica e moral da população)	26
		Expositores	1:669

(*k*) *Port. na Exp. Univ. de* 1862, pag. 52.

Transporte.	1:669
Historia do trabalho (Objectos de arte e de industria formando a historia do trabalho de Portugal)	28
Total	1:697

O espaço occupado por Portugal foi de 765,37 metros quadrados. (*l*)

A lista geral dos premios é-nos fornecida por um officio do Commissario Regio dirigido ao Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

O seu resumo é o seguinte :

Citação (na nova ordem de recompensas) (*m*).	1
Medalhas de ouro	15
» » prata.	29
» » bronze . . . . . ,	98
Menções honrosas . . . . . , . . , .	120
	263
Excluidos do concurso, o que equivale a recompensas (*n*).	2
	265

Proporção 15,61 %

Aquelle numero, relativamente pequeno, de recompensas veiu interromper a progressão em que iam os expositores portuguezes na obtenção de premios ; mas o facto acha-se explicado no mesmo officio do Commissario Regio pelo trecho que passâmos a transcrever :

(*l*) *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle*, 7.º vol, pag 1211.

(*m*) « O regulamento do jury internacional creou no seu artigo 30º uma ordem distincta de recompensas em favor das pessoas, dos estabelecimentos ou das localidades que por uma organisação ou por instituições especiaes desenvolveram a boa harmonia entre todos aquelles que cooperaram nos mesmos trabalhos e asseguraram aos operarios o bem estar material, moral e intellectual. Esta creação, de um muito grande alcance moral, é uma das maiores glorias da actual Exposição.» (Officio mencionado, transcripto no *Diario do Governo* de 11 de Julho de 1867, pag. 2212).—A citação, uma das recompensas distinctas de que aqui se tracta, foi conferida ás Associações Fraternaes de Portugal.

(*n*) Os expositores que, tendo por seus productos merecido premios, acceitaram as funções de membros do jury internacional, foram excluidos do concurso para as recompensas. (V. offic. cit.)

« Este resultado, muito lisongeiro para o nosso paiz, teria sido ainda mais completo, se o regulamento do jury lhe não tivesse prescripto que até ao dia 14 de Maio (*o*) deveriam estar terminados os seus trabalhos, prescripção que a Commissão Imperial fez cumprir, e de que resultou que os exames dos jurys foram feitos não estando ainda expostos muitos productos. Esta circumstancia devia dar origem a omissões e injustiças relativas, que felizmente não foram tantas como era de receiar, graças á illustração dos membros do jury e ao espirito de imparcialidade de qne estavam possuidos. De algumas d'essas omissões e injustiças fomos tambem victimas, nem podiamos deixar de ser. »

O Sr. Conde de Avila (Duque de Avila e de Bolama actualmente) foi o Commissario Regio n'esta Exposição.

Quinta Exposição Universal

VIENNA DE AUSTRIA — 1873

Possuimos dados completissimos d'esta Exposição, colligidos e dados á luz pelo respectivo Commissario Regio, o hoje fallecido Conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, promotor incansavel da industria fabril em Portugal e dedicado amigo dos operarios.

Graças á sua energia e extremado zelo, foi este um dos concursos em que maior numero de premios alcançou a industria portugueza, e por isso transcrevemos com summo prazer o seguinte mappa: (*p*)

(*o*) A Exposição abriu-se a 1 de Abril.

(*p*) Em confirmação do que dizemos leia-se o caloroso agradecimento que lhe dirigiu a classe industrial de Lisboa, no que foi acompanhada pelos fabricantes do Porto e da Covilhan. (V. *Relatorio do serviço do Commissariado Portuguez em Vienna de Austria na Exposição Universal de* 1873 (Lisboa, 1874), pags. 194 a 207 dos documentos.— V. tambem nos *Esboços e Recordações* do Sr. Brito Aranha o artigo *Fradesso da Silveira* (pag. 206).

GRUPOS	Numero de expositores	Diploma de honra	MEDALHAS			Diplomas de merito	Total dos premios
			Progresso	Merito	Cooperação		
1º Exploração de minas e metallurgia	22		1	3			4
2º Agricultura, horticultura, exploração e industria florestal	312	(q) 1	4	32	14	57	108
3º Artes chimicas	45		3	3		27	33
4º Substancias alimenticias, incluindo bebidas, tabaco, etc., como productos industriaes	222		14	39		57	110
5º Industria de materias textis, obras de agulha, etc	120		8	44	9	28	89
6º Industria do couro	4					2	2
7º Industria dos metaes	24		1	3		5	9
8º Manufacturas de madeira	17			2	2	3	7
9º Artefactos de pedra, vidraria e industria ceramica	21			5		3	8
11º Industria do papel	9			1		3	4
12º Artes graphicas e desenhos industriaes	12		2	4	1	3	10
13º Machinas, material de transporte, etc	8					3	3
14º Instrumentos de precisão e de medicina	8		1		5		6
18º Engenharia civil, obras publicas e architectura	18			2		6	8
21º Industria domestica nacional	15			4		10	14
23º Obras de arte pertencentes aos cultos religiosos	1						
25º Bellas-artes. Obras executadas depois da Exposição Universal de Londres em 1862	2						
26º Educação, ensino e instrucção	20			3		9	12
	875	1	34	145	31	216	427
Commercio Universal (addicionaes)	4		1	2			3
(r)	879	1	35	147	31	216	430

Porcentagem dos premios sobre o numero de expositores, 48,91 %.

Dos 26 grupos em que se classificaram os productos, Portugal foi representado em 18 e obteve premios em 16.

ESPAÇO OCCUPADO PELOS PRODUCTOS

	Metros quadrados
Palacio da Industria	508,80
Galeria da Agricultura	532,40
Annexos no Parque	234,00
Pavilhão do Commercio	44,69
	1.319,89

(q) O Museu Colonial obteve este DIPLOMA DE HONRA, a maior recompensa na Exposição de Vienna.

(r) RELAT. cit., pag. 163 dos documentos. Cp. NOTICIA DA EXPOS. UNIV. DE VIEN. DE AUST. em 1873, por J. H. Fradesso da Silveira (Bruxellas, 1873).

Sexta Exposição Universal

PHILADELPHIA—1876

Graças á obsequiosidade do Sr. Dr. Nicolau Joaquim Moreira (*s*), podêmos apresentar d'este congresso da industria internacional, commemorativo da emancipação politica da America do Norte, os seguintes dados em referencia a Portugal:

Numero de expositores 1921
Numero de recompensas. . . . . 1008 (*t*)
Porcentagem. . 52,47 %

A Exposição portugueza abrangeu 29 grupos e constou de 8383 artigos.

Das nações extrangeiras que concorreram, Portugal occupou o 3° logar quanto ao numero de expositores, e o 12° relativamente á porcentagem dos premios. Foram 28 as nações expositoras.

Na distribuição de terreno para a Exposição tocaram a Portugal 6.182 pés quadrados. (*u*)

Foi nomeado Commissario Regio d'esta Exposição o Sr. Barão de Sancta Anna, mas S. Ex. pouco tempo exerceu o cargo. O Sr. Jayme Batalha Reis e o Sr. Lourenço Malheiro, este, Commissario da secção de industria, e aquelle, da de agricultura, dirigiram e superintenderam tambem os trabalhos geraes.

Septima Exposição Universal

PARIS—1878

O relatorio do Commissario Regio ácêrca d'esta pacifica e magna campanha da civilisação e do progresso estava

---

(*s*) Um dos Commissarios do Brazil n'esta Exposição, ao qual, por seus esforços e intelligente solicitude, deve o imperio importantes serviços.

(*t*) Medalhas de bronze, unica classe de premios decretada para esta Exposição.

(*u*) Notas extrahidas pelo Sr. Dr. Moreira da obra: *Pensylvania and the Centenial Exposition, comprising the preliminary and final Reports of the Pensylvania Board of Centenial Managers.* (Philadelphia, 1878)—2 grossos vols.

em impressão em fins do anno passado (1879); mas não consta que já tenha sido dado á publicidade.

O catalogo da secção portugueza (*v*) enumera assim os expositores pelos differentes grupos:

I—Obras de arte	20
II—Educação e ensino, material e processo das artes liberaes	75
III—Mobilia e accessorios	91
IV—Tecidos, vestuarios e accessorios	239
V—Industrias extractivas, productos brutos e fabricados	371
VI—Utensilios e processos das industrias mechanicas	69
VII—Productos alimenticios	1288
VIII—Agricultura e piscicultura	3
	2,156

Do *Diario do Governo* de 22 de Outubro de 1878 colhemos a relação dos premios. Eil-a:

Grandes premios	8
Diploma de honra	1
Medalhas de ouro	43
» » prata	114
» » bronze	259
Menções honrosas	337
Total	762

Porcentagem, 35;34 %

Os grandes premios couberam:

Ao Ministerio das Obras Publicas, pelos institutos—classe 8.ª

Ao Ministerio do Reino, pelos estabelecimentos de instrucção superior — classe 8.ª

Á Direcção dos trabalhos geodesicos, pelos trabalhos photographicos — classe 12.ª

(*v*) *Catalogue Spécial de la Section Portugaise à l'Exposition Universelle de Paris en* 1878. (Paris; Imprimerie Typographique de A. Pougin, 1878.) E'enriquecido por uma valiosa introducção de 250 pags., escripta pelo Sr. Barão de Wildik, contendo a descripção physica, politica, administrativa e economica de Portugal.

Á mesma Direcção, pelos trabalhos geographicos e cartas geologicas — classe 16.ª
Á Direcção geral dos telegraphos, pelos apparelhos de telegraphia — classe 65.ª
A Direcção geral das Obras Publicas — classe 66.ª
Á região vinhateira do Douro — classe 75.ª
Á região vinhateira da Madeira — idem.
Ao Museu Colonial (*diploma de honra*) — classe 69.ª

Commissario Regio d'esta Exposição foi o Sr. Visconde de Villa Maior.

— —

RECAPITULAÇÃO

Numero dos expositores portuguezes e dos premios que obtiveram nas sete grandes Exposições Universaes

EXPOSIÇÕES — LOCALIDADE	Anno	Numero de expositores	Premios	Porcentagem
Londres	1851	.....	42	.....
Paris	1855	441	218	49,43
Londres	1862	1.363	406	29,78
Paris	1867	1.697	265	15,61
Vienna	1873	879	430	48,91
Philadelphia	1876	1.921	1.008	52,47
Paris	1878	2.156	762	35,34

Rio de Janeiro—Maio de 1880.

Joaquim da Silva Mello Guimarães.

Despezas que Portugal tem feito com as Exposições Universaes

Londres (1851)	450$000
Paris (1855)	38:631$211
Porto (1861)	74:195$380
Londres (1862)	45:628$684
Paris (1867)	(*a*) 61:737$493
Vienna (1873)	58:591$484
Londres (1874, *Vinhos*)	22:547$008
Philadelphia (1876)	81:237$888
Paris (1878)	(*b*) 114:456$942
Réis fortes	497:476$090

J. DE M.

(*a*) Algarismos officiaes, extrahidos do relatorio do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, apresentado na sessão de 1878.

(*b*) Quantia despendida até hoje, segundo uma nota recebida de Lisboa. Não se fechou ainda esta conta, restando despezas a pagar, como, entre outras, a impressão do relatorio do Commissario Regio, prestes a concluir-se.

Subsidios para a historia da primeira Exposição Portugueza no Rio de Janeiro

ADDITAMENTOS

(*Continuado de pag.* 276)

Sendo ainda de interesse publico alguns documentos vindos a lume ultimamente, aqui os addicionâmos para facilitar a tarefa dos que se propuzerem a escrever a historia d'esta Exposição.

Seja o primeiro um trecho do relatorio apresentado ao Parlamento Brazileiro, na sessão de 1879, pelo Sr. Conselheiro Sinimbú, então Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas:

« Cabe-me o prazer de communicar-vos que a Companhia Fomentadora das Industrias e da Agricultura de Portugal e das suas Colonias, no utilissimo empenho de estreitar as relações commerciaes d'aquelle paiz com o imperio do Brazil, projecta abrir periodicamente nesta côrte exposições de productos industriaes do reino e dos seus dominios, havendo a intenção de effeituar no corrente anno a primeira exposição d'esse genero.

« Ligando o mais vivo interesse a este commettimento, pelo muito que da sua realisação é para esperar a bem do desenvolvimento d'aquellas relações, o Governo Imperial fará da sua parte quanto couber nas suas attribuições e podér concorrer para facilitar á benemerita associação o cabal desempenho do seu intuito. »

O segundo é extrahido do ultimo relatorio do mesmo Ministerio (1880), ora a cargo do Sr. Conselheiro Manuel Buarque de Macedo:

« A Sociedade Fomentadora das Industrias e da Agricultura de Portugal e das suas Colonias, associação com séde em Lisboa, realisou a primeira das exposições de pro-

ductos industriaes do reino, que projecta abrir periodicamente no Brazil, effectuando-a nos vastos salões do edificio da Typographia Nacional, para este effeito cedidos pelo Ministerio dos Negocios da Fazenda. SS. MM. Imperiaes honraram com sua augusta presença o acto da inauguração, tendo-se dignado S. M. o Imperador de visitar por vezes as salas, vistosamente decoradas, onde a industria portugueza ostentou em varios dos seus ramos grande cópia de productos, alguns primorosos e pouco conhecidos entre nós.

« A ourivesaria, a ceramica, as sedas, os tecidos, os vinhos, os generos alimentares captaram a attenção publica, já pela perfeição dos productos, já pelo baixo preço por que podem ser expostos á venda, relativamente aos dos similares de outras procedencias. As bellas-artes, apezar da ausencia de exemplares de estimados artistas, acharam-se representadas por trabalhos de outros não menos distinctos.

« Foi, em summa, a primeira Exposição Portugueza um commettimento utilissimo pelo muito que de certo concorrerá para estreitar as relações commerciaes de dous paizes, que por tantos laços de fraternidade se ligam, e não teem interesses que se não conciliem. »

Os outros documentos são transcriptos do *Livro Branco* apresentado ás Côrtes Portuguezas em Maio d'este anno pelo Sr. Ministro dos Negocios Extrangeiros.

O Sr. Visconde de Borges de Castro, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade no Rio de Janeiro, ao Sr. Anselmo José Braamcamp, Ministro dos Negocios Extrangeiros.

« Agosto 15 de 1879.— Illm. e Exm. Sr.— No dia 6 do corrente mez, e na presença de Suas Magestades Imperiaes, realisou-se nesta côrte a inauguração da Exposição de productos portuguezes, promovida pela Companhia Fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas Colonias.

« Incluso remetto alguns jornaes que se pronunciaram de modo lisongeiro sobre a actual Exposição. Tem ella produzido excellente impressão em todos quantos a teem visitado, e muitos dos objectos expostos teem causado surpreza e admiração, ignorando-se aqui que alguns d'elles fossem producção portugueza.

« Os resultados de tão importante emprehendimento da iniciativa particular poderão por certo ser favoraveis a Portugal.

« Observo que uma grande parte dos objectos, sobretudo no artigo ourivesaria, está já vendida, e é de presumir que poucos serão aquelles que deverão regressar ao paiz.

« Assim se manifesta a tal respeito a opinião de bastantes pessoas.

« Não tendo esta Exposição caracter algum official, a ella tenho concorrido desde a sua inauguração como simples convidado.

« Deus guarde, etc. »

O Sr. Visconde de Borges de Castro ao Sr. Anselmo José Braamcamp

(Trecho do officio de 2 de Septembro de 1879.)

« Comquanto nenhuma ordem me foi até ao presente communicada superiormente em relação á Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, julguei sobre mim poder tomar o prestar ao Director e mais membros encarregados da mesma Exposição aquelle apoio moral que de mim carecessem para melhor desempenho do louvavel emprehendimento, bem que de iniciativa privada, em que corajosamente se lançaram. (1)

« Quero lisonjear-me de que, se não todas, muitas vantagens poderão tirar-se da apresentação de não pequeno numero de nossos productos, comtanto que se estabeleça a reciproca garantia das marcas de fabrica e de commercio entre Portugal e o Brazil, como exponho em outro logar.

« Deus guarde, etc.—*Visconde de Borges de Castro* »

O Sr. Anselmo José Braamcamp ao sr. Visconde de Borges de Castro

« Septembro 22 de 1879.—Illm. e Exm. Sr. Tenho presente o officio que V. Ex. se serviu dirigir-me com data de 2 de Septembro corrente.

« Approvo plenamente o procedimento de V. Ex. por haver prestado os seus bons officios e apoio moral á Commissão Directora da Exposição Portugueza, empresa esta

(1) Manda a verdade consignar nestas paginas que todo o apoio moral de S. Ex. consistiu em algumas visitas, poucas, que se dignou fazer á Exposição.

em que o Governo não póde deixar de tomar o interesse que lhe merecem todas as tentativas de iniciativa particular, que tenham por fim ampliar e desenvolver as nossas relações commerciaes.

« Compraz-se muito o Governo de Sua Magestade em saber o bom exito que obteve a mesma Exposição, recommendando a V. Ex. que continue a prestar-lhe o seu auxilio em tudo que julgar conveniente.

« Deus guarde, etc.—*Anselmo José Braamcamp.*»

Junho de 1880. J. DE M.

Expediente

Transcrevemos em seguida a carta que os dignos Directores da Exposição Portugueza escreveram ao fundador e redactores d'esta *Revista*, bem como a resposta :

« . . . Srs.— Esta Directoria faltaria a um sagrado dever, se em seu nome e no da Companhia Fomentadora que representa deixasse, ao terminar a sua espinhosa missão nesta côrte, de agradecer á illustrada Redacção da *Revista da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro* os relevantes serviços a favor da mesma Exposição ; o que hoje faz, prestando a todos as suas homenagens, tão respeitosas quão sinceras, de profunda gratidão, pois que, ao menos, por intermedio da mesma *Revista* os iniciadores e mais obreiros da referida Exposição vêem os seus esforços reconhecidos, e os seus trabalhos apreciados.

« Os abaixo assignados sentem devéras que, como aquella tão arrojada quão patriotica empreza, fosse a *Revista* egualmente tão pouco auxiliada, resultando a sua publicação em sensivel prejuizo pecuniario para o seu proprietario, como é assaz notorio ; mas tambem, ao menos, deve restar-lhe a elle, assim como aos cavalheiros que com grandes sacrificios a teem mantido, a consolação de ter prestado a Portugal e á Companhia Fomentadora um assignalado serviço, deixando memoria immorredoura de um acontecimento que, na linguagem de um dos orgãos mais illustrados da Imprensa Brazileira, « foi o mais importante e proveitoso para Portugal, que se tem realisado no Brazil, depois da sua independencia. » — Deus guarde a V. . .— Srs. Proprietario e Redactores da *Revista da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro.—Marcellino*

Ribeiro Barbosa.—Alvaro Carneiro Geraldes.—Rio de Janeiro, 7 deAbril de 1880. »

« Illms. e Exms. Srs.— Quando fundei a *Revista da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro* não me passou pela mente que podesse adquirir por meio d'ella interesses pecuniarios : seria desconhecer o que são publicações litterarias neste paiz. Fundei-a unica e simplesmente com o fim de perpetuar aquella esplendida festa do trabalho industrial portuguez. E' tambem verdade que não julguei que fosse tão avultada a despesa, e que os nossos compatriotas aqui fossem tão indifferentes ás coisas uteis. Não contava, pois, perder tanto ; enganei-me, paciencia ; mas nem por isso estou arrependido, porque attingi ao fim especial a que visava, graças aos meus amigos e collegas de redacção, A. Emilio Zaluar e Joaquim de Mello, os quaes com talento, trabalho insano e desinteressado, bem como, entre alguns collaboradores, o Dr. A. Zeferino Candido, elevaram a *Revista* á altura da Exposição. Elles sós é que são dignos dos encomios e louvores em queVV.EEx. me incluiram na lisongeira carta de 7 de Abril.

« Por mim e por elles agradeço as benevolas expressões com que nella nos honram, e bem assim os esclarecimentos que bondosamente nos proporcionaram e que tanto contribuiram para o bom exito da *Revista*.

« Deus guarde a VV. EEx., Illms. e Exms. Srs. Directores da Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, Marcellino Ribeiro Barbosa, Alvaro Carneiro Geraldes.—*Dr. Domingos José Bernardino de Almeida.*— Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1880. »

*

Tencionavamos, obtida a necessaria venia, dar por extenso ou em largo extracto os relatorios dos jurys d'esta Exposição ; mas, demorando-se a sua publicação muito alem do que era de esperar, resolvemos não adiar por mais tempo a já muito retardada conclusão d'esta *Revista*. Limitâmo'-nos portanto a indicar que aquelles documentos, essenciaes para conhecer o fundamento das decisões dos jurys, se acham inseridos no Relatorio da Associação Commercial do Rio de Janeiro, proximo a publicar-se.

*

ADVERTENCIA.—Com a ultima folha d'esta *Revista* se distribue outra pagina de frontispicio para substituir na enquadernação a que foi dada no 1° numero.

INDICE ALPHABETICO

	Pags.
Alforria de um escravo	164
Alvaro Carneiro Geraldes (*com retrato*)	224
Banquete dado á Commissao da Exposição Portugueza	162
Brinde do Sr. Luciano Cordeiro no banquete de 1 de Septembro	131
Caetano de Carvalho (*com retrato*)	141
Chronica	18
Despesas que Portugal tem feito com as Exposições Universaes	314
Entradas na Exposição Portugueza	279
Expediente	108, 140, 180, 318
Exposição (A) e o Club Gymnastico	208
Exposição Portugueza	8, 28, 63, 88, 118, 150, 198, 230
Exposição (A) Portugueza no Rio de Janeiro e o futuro que esta prepara a Portugal	23, 56, 110, 143, 226
Imprensa Brazileira	13, 44, 76, 104, 129, 166, 282
Industria (A) no seculo XX	196
Introducção	3
Jeronymo da Silva (*com retrato*)	194
José Estevam Coelho de Magalhães (*com retrato*)	106
Luciano Cordeiro (*com retrato*)	21
Mappa do numero de expositores e das recompensas votadas pelos jurys	257
Marcellino Ribeiro Barbosa (*com retrato*)	5
Nota official dos premios conferidos pelos jurys	181, 221
Offertas	289
Patriotismo (O) portuguez	133
Portugal nas grandes Exposições Universaes	300
Primeira (A) exposição industrial	292
Rapaz (O) a rufar tambor no fundo de uma panella velha (*com estampa*)	85
Registro de noticias	48, 78, 105, 136, 169, 211
Subsidios para a historia da primeira Exposição Portugueza no Rio de Janeiro	5, 35, 37, 70, 96, 124, 258, 317
Superficie occupada pela Exposição Portugueza (*com a planta*)	275
Visita do Imperador	54
Vista externa do Palacio da Exposição (*estampa*)	1

BIBLIOTHECA NACIONAL